



## **Projeto Serro**

---

**ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA**

**VOLUME IV**

**Serro, MG  
Abril / 2022**



**ÍNDICE**

<b>9</b>	<b>DIAGNÓSTICO AMBIENTAL – MEIO SOCIOECONÔMICO .....</b>	<b>1</b>
<b>9.1</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>1</b>
<b>9.2</b>	<b>CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SERRO .....</b>	<b>5</b>
9.2.1	Histórico de ocupação .....	5
9.2.2	Caracterização e localização .....	7
9.2.3	Inserção regional .....	8
<b>9.3</b>	<b>CARACTERIZAÇÃO DO USO E OCUPAÇÃO DO SOLO .....</b>	<b>11</b>
9.3.1	Inserção regional .....	11
9.3.2	Infraestrutura viária .....	11
9.3.3	Uso Rural .....	12
9.3.4	Uso Urbano .....	12
9.3.5	Dinâmica Populacional .....	14
9.3.6	Aspectos Econômicos .....	15
9.3.7	Setores de Atividades Econômicas .....	16
9.3.8	Setor Primário .....	17
9.3.9	Setor Secundário .....	19
9.3.10	Setor Terciário .....	20
9.3.11	Infraestruturas Básicas e de Serviços .....	20
9.3.12	Energia Elétrica .....	21
9.3.13	Condições de Moradia e Saneamento Básico .....	21
9.3.14	Esgotamento Sanitário .....	22
9.3.15	Resíduos .....	22
9.3.16	Segurança Pública .....	23
9.3.17	Transporte .....	25
9.3.18	Comunicação .....	25
9.3.19	Organizações da Sociedade Civil e demais grupos de interesse da região .....	26
9.3.20	Educação .....	26
9.3.21	Saúde .....	27
9.3.22	Patrimônio Histórico e Natural, Lazer, Turismo e Cultura .....	29
<b>9.4</b>	<b>CARACTERIZAÇÃO DAS COMUNIDADES DO ENTORNO E PERCEÇÃO AMBIENTAL .....</b>	<b>31</b>
9.4.1	Apresentação .....	31
9.4.2	Introdução .....	31
9.4.3	Caracterização da Área de Estudo Regional – AER .....	32
9.4.3.1	Comunidades Rurais .....	35
9.4.3.2	Sede do Serro .....	40
9.4.4	Referências Teóricas para a Análise da Percepção .....	43
9.4.4.1	Materiais e Métodos .....	44
9.4.4.1.1	Tipos de pesquisa .....	44
9.4.4.2	População e Amostra .....	45
9.4.4.3	Coleta de Dados .....	46
9.4.4.3.1	Questionários .....	46
9.4.4.4	Análise e tratamento dos dados .....	52
9.4.5	Percepção Ambiental - Análise dos Resultados .....	52
9.4.5.1	Bloco I: Identificação do Entrevistado .....	52
9.4.5.2	Bloco II: Vínculo Afetivo com o Lugar .....	56
9.4.5.3	Bloco III: Percepção da Paisagem e Mapas Mentais .....	60
9.4.5.3.1	Questões relativas às comunidades quilombolas e hábitos dos entrevistados .....	61
9.4.5.4	Bloco IV: Possibilidade de Instalação do Empreendimento da Mineração Conemp Ltda. na Região 68	68
9.4.6	Considerações Finais .....	71

<b>9.5</b>	<b>ARQUEOLOGIA .....</b>	<b>72</b>
9.5.1	Introdução .....	72
9.5.2	Justificativas e Aspectos Legais.....	72
9.5.3	Metodologia.....	73
9.5.4	História Regional.....	73
9.5.4.1	Serro / MG.....	73
9.5.5	Atividades Realizadas em Campo .....	76
9.5.5.1	Caminhamentos.....	76
9.5.5.2	Levantamento Oportunístico.....	83
9.5.5.3	Entrevistas.....	84
9.5.5.4	Ações de esclarecimento à comunidade .....	84
9.5.5.5	Sondagens .....	85
9.5.6	Sítios e Ocorrência Arqueológicas .....	87
9.5.6.1	Sítio Arqueológico Barragem de Pedra I .....	88
9.5.6.2	Sítio Arqueológico Barragem de Pedra II .....	91
9.5.6.3	Sítio Arqueológico Lavra Velha .....	92
9.5.6.4	Sítio Arqueológico Moinho de Milho .....	94
9.5.6.5	Sítio Arqueológico Minas de Galeria .....	97
9.5.6.6	Sítio Arqueológico Aqueduto I .....	99
9.5.6.7	Sítio Arqueológico Aqueduto II .....	101
9.5.6.8	Sítio Arqueológico Aqueduto III .....	103
9.5.6.9	Ocorrência Histórica 1 .....	104
9.5.6.10	Ocorrência Histórica 2 .....	106
9.5.6.11	Ocorrência Histórica 3 .....	108
9.5.7	Resultados e Conclusões.....	109
<b>9.6</b>	<b>DIAGNÓSTICO DOS BENS CULTURAIS MATERIAIS .....</b>	<b>111</b>
<b>9.7</b>	<b>DIAGNÓSTICO DOS BENS CULTURAIS IMATERIAIS .....</b>	<b>116</b>
9.7.1	Objetivo .....	116
9.7.2	Delimitação da Área de Pesquisa .....	117
9.7.3	Etapas da Pesquisa .....	117
9.7.4	Contextualização dos Bens Culturais Imateriais da Área de Pesquisa .....	119
9.7.4.1	Festa do Rosário - Congado: Catopês, Marujada e Caboclos do Serro.....	123
9.7.4.2	Festa do Rosário no Distrito de Milho Verde .....	124
9.7.4.3	Ofício dos Mestres de Capoeira e Roda de Capoeira .....	124
9.7.4.4	Toque dos Sinos e Ofício de Sineiro .....	125
9.7.4.5	Modo Artesanal de Fazer o Queijo .....	126
9.7.4.6	Folia de Reis.....	128
9.7.4.7	Banda Santíssimo Sacramento (BSS).....	128
9.7.5	Identificação e localização dos bens de natureza imaterial e dos principais articuladores .....	129
9.7.5.1	Roteiros das Entrevistas.....	131
9.7.5.2	Entrevistada: Leidiane dos Santos Moreira – Capoeirista do Serro .....	134
9.7.5.3	Entrevistado: Júlio César de Castro Reis - Instrutor de capoeira regional no Serro.....	136
9.7.5.4	Entrevistado: Paulo Sérgio Torres Procópio – Grupo Iúna Angoleiros do Cerrado – GIAC Capoeira de Milho Verde .....	137
9.7.5.5	Entrevistado: Flávio Augusto de Miranda Santos – Capoeira Serro.....	139
9.7.5.6	Entrevistado: Ramilton da Silva Araújo – Produtor de queijo .....	141
9.7.5.7	Entrevistado: Wânio da Conceição Moreira – Sineiro Serro.....	142
9.7.5.8	Entrevistado: Vavá – Sineiro do distrito de Milho Verde.....	144
9.7.5.9	Entrevistado: Alcides Antônio dos Santos do Grupo de Folia de Reis do Córrego da Prata no Serro .....	145
9.7.5.10	Entrevistado: Jadir Canela – Caixa de Assovio e Boi Balaio.....	146
9.7.5.11	Entrevistados: Nelson Eugênio da Silva e Nelson Eugênio da Silva Júnior– Catopê Serro .....	148
9.7.5.12	Entrevistado: Agnaldo de Oliveira Pereira (Naninho) do Grupo dos Caboclos – Serro.....	151

---

9.7.5.13	Entrevistado: Joaquim da Silva e Jerlysson da Silva- Grupo Folclórico Marujada de Nossa Senhora do Rosário do Serro. ....	152
9.7.5.14	Entrevistado: Dione Raimundo Fabiano – Marujada Milho Verde .....	155
9.7.5.15	Entrevistada: Aparecida do Rosário Ferreira Montemor, chefe da guarda de congado “Meninas do Rosário do Serro e Milho Verde” .....	157
9.7.6	Considerações Finais .....	159

## FIGURAS

Figura 9.1 – Área de Estudo Local do meio socioeconômico.....	3
Figura 9.2 – Área de Estudo Regional do meio socioeconômico.....	4
Figura 9.3 – Registros do Serro no Século XVIII.....	5
Figura 9.4 – Reprodução de um quadro de a. Schirmer, 1870, mostrando a Casa de Teófilo Ottoni e a Igreja do Bom Jesus de Matosinhos.....	6
Figura 9.5 – Registros do Serro entre 1900 e 1910.....	7
Figura 9.6 – Foto aérea do centro e parte da sede urbana do município.....	7
Figura 9.7 – Zoneamento da Sede. Plano Diretor Participativo do município do Serro.....	13
Figura 9.8 - Taxa de ocorrências de homicídios intencionais (por 100.000 habitantes) de Serro – 2010 a 2018.	23
Figura 9.9 – Taxa de crimes violentos contra o patrimônio (por 100.000 habitantes) de Serro – 2010 a 2018.....	24
Figura 9.10 – Número de habitantes por policial militar de Serro – 2010 a 2018.....	24
Figura 9.11 – Escolas do Serro.....	26
Figura 9.12 – Unidades de saúde do Serro.....	28
Figura 9.13 – Prédios históricos do Serro.....	29
Figura 9.14 – Mapa de localização da região que compreende a AEL, mostrando as localidades.....	33
Figura 9.15 – Mapa de localização da região que compreende a AEL e AER do empreendimento, mostrando as localidades.....	34
Figura 9.16 – Fotos da pesquisa de percepção ambiental (Parte 01 de 03).....	35
Figura 9.17 – Fotos da pesquisa de percepção ambiental (Parte 02 de 03).....	35
Figura 9.18 – Fotos da pesquisa de percepção ambiental (Parte 03 de 03).....	36
Figura 9.19 – Entrevistas com os membros da “Associação Quilombola de Queimadas”.....	36
Figura 9.20 – Casas da região.....	37
Figura 9.21 – A esquerda a Escola Municipal Zeca Nunes e a direita a mercearia ao lado da escola.....	37
Figura 9.22 – Região do Botafogo.....	38
Figura 9.23 – Região do Floriano.....	38
Figura 9.24 – Local onde realizam reuniões da Associação.....	38
Figura 9.25 – Da esquerda para direita: Entrevistas com os moradores; uso do pandeiro; e o forno.....	38
Figura 9.26 – A esquerda a região do córrego do criminoso e a direita a região do Mumbaça.....	39
Figura 9.27 – Escola Municipal de Botafogo.....	39
Figura 9.28 – Capela no povoado de Botafogo e o Cruzeiro na frente da Capela.....	39
Figura 9.29 – Aviso das obras de calçamento da Prefeitura de Santo Antônio do Itambé e foto do campo de futebol da Comunidade de Botafogo.....	40
Figura 9.30 – Fotos da sede do Município do Serro.....	40
Figura 9.31 – Fotos da sede do Município do Serro.....	41
Figura 9.32 – Escola Municipal Irmã Carvalho.....	41
Figura 9.33 – Escola Estadual Ministro Edmundo Lins e placas na fachada da escola.....	41

Figura 9.34 – Na foto a esquerda está a fachada do posto de saúde do centro do município e a direita o hospital Casa de Caridade Santa Tereza. ....	42
Figura 9.35 – Casarões do centro. ....	43
Figura 9.36 – Igreja de Santa Rita. ....	43
Figura 9.37 – Gráfico com o percentual de entrevistados por região de moradia. ....	52
Figura 9.38 – Gráfico com o percentual de homens e mulheres nas regiões. ....	52
Figura 9.39 – Gráfico com o percentual da faixa etária dos moradores entrevistados por região. ....	53
Figura 9.40 – Gráfico com retrato do estado civil dos entrevistados. ....	53
Figura 9.41 – Gráfico com a escolaridade dos entrevistados. ....	54
Figura 9.42 – Gráfico com a ocupação dos entrevistados. ....	54
Figura 9.43 – Gráfico com a renda mensal familiar dos entrevistados. ....	55
Figura 9.44 – Tempo de moradia dos entrevistados nas localidades. ....	56
Figura 9.45 – Motivação para viver na localidade. ....	57
Figura 9.46 – Percepção dos entrevistados acerca do esgotamento sanitário. ....	57
Figura 9.47 – Percepção dos entrevistados acerca do abastecimento de água. ....	58
Figura 9.48 – Percepção dos entrevistados acerca do destino dos resíduos sólidos. ....	58
Figura 9.49 – Uso da energia elétrica pelos entrevistados. ....	59
Figura 9.50 – Lugares mais bonitos da região destacados pelos entrevistados. ....	61
Figura 9.51 – Pertencimento a comunidade quilombola. ....	61
Figura 9.52 – Comunidade quilombola a qual o entrevistado faz parte. ....	62
Figura 9.53 – Auto declaração sobre cor de pele por parte dos entrevistados. ....	62
Figura 9.54 – Na sua família há tradições passada de geração para geração? ....	63
Figura 9.55 – Entrevistados que continuam praticando as tradições familiares. ....	63
Figura 9.56 – Conhecimento dos entrevistados quanto ao estágio de titulação da comunidade quilombola. ....	64
Figura 9.57 – O que faz o entrevistado se identificar como quilombola. ....	64
Figura 9.58 – Gráfico com as repostas sobre se há festas ou atividades tradicionais na comunidade quilombola .....	65
Figura 9.59 – Participação dos entrevistados em associação quilombola. ....	66
Figura 9.60 – Religião dos entrevistados. ....	66
Figura 9.61 – Entrevistados que participam de programas sociais. ....	67
Figura 9.62 – Respostas quanto aos pontos positivos da atividade mineradora. ....	68
Figura 9.63 – Respostas quanto aos pontos negativos da atividade mineradora. ....	69
Figura 9.64 – Opinião da população sobre a possibilidade de instalação do empreendimento. ....	69
Figura 9.65 – Justificativa dos entrevistados. ....	70
Figura 9.66 – Itens que merecerão atenção caso o empreendimento se instale na região. ....	70
Figura 9.67 – Fotografias de caminhamento da equipe pela ADA do empreendimento. ....	78
Figura 9.68 – Fotografias de caminhamento da equipe pela ADA do empreendimento. ....	78
Figura 9.69 – Fotografias de caminhamento da equipe pela ADA e AEL do empreendimento. ....	79

Figura 9.70 – Fotografias de caminhamento da equipe pela ADA e AEL do empreendimento.....	79
Figura 9.71 – Fotografias de caminhamento da equipe pela ADA e AEL do empreendimento.....	79
Figura 9.72 – Fotografias de caminhamento da equipe pela ADA do empreendimento.....	80
Figura 9.73 – Fotografias de caminhamento da equipe pela ADA e AEL do empreendimento.....	80
Figura 9.74 – Fotografias de caminhamento da equipe área do empreendimento.....	80
Figura 9.75 – Fotografias de caminhamento da equipe área do empreendimento durante a segunda etapa de campo.....	81
Figura 9.76 – Fotografias de caminhamento da equipe área do empreendimento durante a segunda etapa de campo.....	81
Figura 9.77 – Fotografias de caminhamento da equipe área do empreendimento durante a segunda etapa de campo.....	82
Figura 9.78 – Fotografias de caminhamento da equipe área do empreendimento durante a segunda etapa de campo.....	82
Figura 9.79 – Fotografias de caminhamento da equipe área do empreendimento durante a segunda etapa de campo.....	82
Figura 9.80 – Membro da equipe em pequeno abrigo sob rocha (C2), localizado na ADA no acesso norte, na média vertente com mata secundária.....	83
Figura 9.81 – Fotografias da observação oportunística pela área do empreendimento.....	83
Figura 9.82 – Fotografias da observação oportunística pela área do empreendimento.....	84
Figura 9.83 – Fotografias da realização de sondagens durante a primeira etapa de campo.....	87
Figura 9.84 – Fotografias da realização de sondagens durante a segunda etapa de campo.....	87
Figura 9.85 – Foto de integrante da equipe no sítio histórico Barragem de Pedra I, junto à barragem localizada na porção central do empreendimento.....	88
Figura 9.86 – Foto de integrante da equipe junto com o mateiro realizando limpeza da vegetação que se encontrava no interior do aqueduto para se realizar as medições e registro fotográfico.....	89
Figura 9.87 – Detalhe de trecho do aqueduto que apresenta muro de pedras constituindo sua margem direita (foto esquerda) e trecho com muro de pedras com argamassa que delimita a calha do aqueduto em sua porção inicial, próximo à barragem (foto direita).....	89
Figura 9.88 – Integrante da equipe desenhando o trecho do aqueduto escavado no solo, em que este é mais estreito e profundo (foto esquerda) e detalhe da argamassa com cascalho que foi utilizada em muro do aqueduto, indicando um provável episódio construtivo posterior à sua construção original (foto direita).....	90
Figura 9.89 – Foto de integrante da equipe junto ao sítio Barragem de Pedra II, estrutura de pedra com a finalidade de represar água para atividade de mineração de ouro.....	91
Figura 9.90 – Integrante da equipe junto a jusante de barramento (foto esquerda) e membro da equipe a montante da Barragem de Pedra (foto direita).....	91
Figura 9.91 – Foto de integrante da equipe no sítio histórico Lavra Velha, junto a conglomerado natural exposto pela atividade de ouro.....	92
Figura 9.92 – Integrante da equipe junto a conglomerado natural exposto pela mineração de ouro (foto esquerda) e membro da equipe junto de outro conglomerado de canga exposto pela lavra de ouro (foto direita).....	93
Figura 9.93 – Integrante da equipe caminhando no interior de um canal (foto esquerda) e detalhe de um agrupamento de blocos rochosos retirados manualmente durante o processo de mineração de ouro (foto direita).....	93
Figura 9.94 – Foto de integrante da equipe no sítio Moinho de Milho, junto da roda de água de ferro abandonada.....	94

Figura 9.95 – Integrante da equipe no interior do aqueduto escavado no solo (foto esquerda) e membro da equipe em outro trecho do aqueduto que fornecia água (foto direita) .....	95
Figura 9.96 – Desenhista da equipe realizando o croqui do trecho onde o aqueduto se conectava às estruturas do moinho de milho (foto a esquerda) e canaleta de alvenaria que conduzia a água para a câmara de carga (foto a direita).....	95
Figura 9.97 – Desenhista da equipe elaborando o croqui da câmara de carga (foto esquerda) e trecho com muro de pedras com argamassa que delimita a calha do aqueduto em sua porção inicial, próximo à barragem (foto direita).....	95
Figura 9.98 – Integrante da equipe junto ao tubo revestido de concreto que conduzia água em declive para mover o moinho (foto esquerda) e integrante da equipe no interior da estrutura de concreto que continha a roda de água e moinho de milho (foto direita). .....	96
Figura 9.99 – Integrante da equipe junto da roda de água de ferro (foto esquerda) e membro da equipe junto às pedras de mó, parcialmente enterradas e localizadas a cerca de 25 m de distância do moinho de milho (foto direita). .....	96
Figura 9.100 – Foto de integrante da equipe na entrada da galeria 2, uma das que constituem o sítio Minas de Galeria .....	97
Figura 9.101 – Integrante da equipe junto a entrada da galeria 1 (foto esquerda) e membro da equipe no interior da galeria 1 (foto direita).....	98
Figura 9.102 – Integrante da equipe junto a entrada da galeria 2 (foto esquerda) e detalhe a entrada da galeria 2 (foto direita).....	98
Figura 9.103 – Integrante da equipe no interior da pinta, onde se pode notar sua morfologia retangular (foto esquerda) e desenhista da equipe realizando o croqui da pinta (foto direita).....	99
Figura 9.104 – Foto de integrante da equipe junto ao sítio histórico Aqueduto I, estrutura escavada no solo com borda arrimada por pedras relacionado a atividade de mineração de ouro.....	99
Figura 9.105 – Integrante da equipe no centro da calha do aqueduto em setor que é somente escavado no solo (foto esquerda) e membro da equipe no interior do aqueduto em outro setor somente escavado no solo (foto direita).....	100
Figura 9.106 – Largura da calha do aqueduto sendo medida por integrante da equipe (foto esquerda) e extensão do arrimo de pedras sendo medida por integrante da equipe (foto direita). .....	100
Figura 9.107 – Integrante da equipe no setor em que se encontra o arrimo linear de pedras (foto esquerda) e detalhe da altura do arrimo de pedras sendo medida com trena (foto direita).....	101
Figura 9.108 – Foto de integrante da equipe junto ao sítio histórico Aqueduto II, ao lado de arrimo de pedra que constitui a estrutura hidráulica, também relacionada à mineração de ouro. ....	101
Figura 9.109 – Mateiro caminhando no centro da calha do aqueduto II em setor que é somente escavado no solo (foto esquerda) e membro da equipe ao lado de outro setor com arrimo de pedra onde a seta azul indica o provável sentido do fluxo de água do aqueduto (foto direita).....	102
Figura 9.110 – Mateiro junto a arrimo de pedra no início do curso do aqueduto (foto esquerda) e extensão do arrimo de pedras sendo medida por integrante da equipe (foto direita). .....	102
Figura 9.111 – Foto de integrante da equipe no sítio histórico Aqueduto III, no interior da calha escavada no solo, também relacionada à mineração de ouro. ....	103
Figura 9.112 – Membro da equipe medindo a calha do aqueduto com uso de trena (foto esquerda) e profundidade do aqueduto sendo medida com uso de trena (foto direita).....	103
Figura 9.113 – Integrante da equipe em outro setor do aqueduto onde sua morfologia se apresenta distinta, com calha mais estreita e profunda (foto esquerda) e trecho onde o aqueduto passa a ficar inclinado, com o caimento mais acentuado (foto direita). .....	104
Figura 9.114 – Foto de integrante da equipe junto ao alicerce de pedra que constitui a Ocorrência Histórica 1. ....	104

Figura 9.115 – Equipe realizando medição da estrutura em sua maior extensão (foto esquerda) e detalhe do método construtivo sem argamassa (foto direita).....	105
Figura 9.116 – Foto de integrante da equipe indicando o local com cimento onde foi realizado um furo de prospecção mineral, razão pela qual foi construído o alicerce de pedra.....	105
Figura 9.117 – Foto de integrante da equipe junto ao alicerce de pedra que constituía Ocorrência Histórica 2.	106
Figura 9.118 – Membro da equipe realizando medição da estrutura (foto esquerda) e detalhe do método construtivo sem argamassa (foto direita).....	107
Figura 9.119 – Foto na qual a seta amarela indica o local do furo de sondagem feito com perfuratriz no centro da estrutura.....	107
Figura 9.120 – Foto de integrante da equipe indicando o local onde inicia o canal, onde a seta azul indica o sentido do fluxo de água, que constitui parte da Ocorrência Histórica 3.....	108
Figura 9.121 – Membro da equipe ao lado do canal escavado no solo (foto esquerda) e detalhe da manilha de cerâmica onde o canal passa a ser subterrâneo (foto direita).....	108
Figura 9.122 – Primeira estrutura de alvenaria, com dois compartimentos retangulares (foto esquerda) e segunda estrutura de alvenaria, que foi denominada como caixa de água (foto direita).....	109
Figura 9.123 – Localização do município de Serro e do Projeto.....	117
Figura 9.124 – Mapa da microrregião com pontos dos bens imateriais protegidos.....	122
Figura 9.125 – Festa do Rosário no Serro.....	123
Figura 9.126 – Festa do Rosário no Distrito de Milho Verde.....	124
Figura 9.127 – Detalhes dos sinos em Milho Verde.....	126
Figura 9.128 – Queijo do Serro.....	127
Figura 9.129 – Folia de Reis.....	128
Figura 9.130 – Entrevista com Leidiane.....	135
Figura 9.131 – Ensaio de capoeira.....	135
Figura 9.132 – Roda de capoeira no galpão da Fundação de Capoeira Artes das Gerais.....	137
Figura 9.133 – Cartaz do II Festival de Capoeira no Serro e Logotipo da Fundação Internacional Capoeira Artes das Gerais.....	137
Figura 9.134 – Grupo de Capoeira Fundação Internacional Artes das Gerais a esquerda e entrevista com Júlio César a direita.....	137
Figura 9.135 – Entrevista Paulo Procópio a esquerda e cartaz do I Encontro de Capoeira Angola e Roda dos Saberes a direita.....	139
Figura 9.136 – Grupo lúna Angoleiros do Cerrado em Milho Verde.....	139
Figura 9.137 – Entrevista com Flávio Augusto.....	141
Figura 9.138 – Entrevista com Ramilton da Silva Araújo.....	142
Figura 9.139 – Entrevista com o sineiro Wânio.....	144
Figura 9.140 – Entrevista com Vavá Sineiro e a Capela do Rosário em Milho Verde.....	144
Figura 9.141 – Apresentação da folia no asilo.....	146
Figura 9.142 – Vídeo com a apresentação da Folia (Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado) e a entrevista com Sr. Alcides.....	146
Figura 9.143 – Caixa de Assobio e Boi Balaio na Festa do Rosário do Serro.....	148
Figura 9.144 – Entrevista com Sr. Jadir Canela.....	148

---

Figura 9.145 – Igrejinhas construídas com caixas de leite (Fonte: Ateliê Nelson Júnior).....	149
Figura 9.146 – Catopês do Serro.....	151
Figura 9.147 – Da esquerda para direita: Multidão na porta da Igreja de Nossa Senhora do Rosário; Apresentação do grupo de caboclos e Embaixada dos caboclos e marujos na Festa do Rosário do Serro. ....	152
Figura 9.148 - Entrevista com Agnaldo de Oliveira chefe dos caboclos.....	152
Figura 9.149 – Da esquerda para direita: Grupo de Marujos, Cartaz Festa de Nossa Senhora do Rosário do Serro - MG 2018 e Festa de Nossa Senhora do Rosário julho de 2018. ....	154
Figura 9.150 – Entrevista com Sr. Joaquim e Jerlysson da Silva. ....	155
Figura 9.151 - Entrevista Dione, chefe dos Marujos de Milho Verde.....	157
Figura 9.152 – Dona Aparecida do Rosário na festa em Milho Verde.....	159
Figura 9.153 – Dona Aparecida do Rosário em entrevista concedida para o estudo.....	159

## TABELAS

Tabela 9.1 – Distâncias rodoviárias do Serro as principais capitais do entorno de Minas Gerais.....	8
Tabela 9.2 – Municípios integrantes da microrregião geográfica de Conceição do Mato Dentro.....	9
Tabela 9.3 – Índice de Desenvolvimento Humano dos municípios da microrregião de Conceição do Mato Dentro. .....	9
Tabela 9.4 – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal e seus componentes - Serro – MG.....	10
Tabela 9.5 – Produto Interno Bruto - 2015 dos municípios da Microrregião de Conceição do Mato Dentro. ....	10
Tabela 9.6 – Renda <i>per capita</i> mensal dos municípios da Microrregião de Conceição do Mato Dentro.....	11
Tabela 9.7 – Estrutura Fundiária do Serro.....	12
Tabela 9.8 – Características da população do Serro.....	14
Tabela 9.9 – Estrutura Etária da População - Município – Serro – MG.....	14
Tabela 9.10 Pirâmide etária - Serro – MG - Distribuição por sexo, segundo os grupos de idade. ....	15
Tabela 9.11 – Distribuição do PIB por setor de atividade econômica.....	15
Tabela 9.12 – População economicamente ativa no Serro. ....	16
Tabela 9.13 – Empresas, outras organizações e população ocupada por setores econômicos em Serro.....	16
Tabela 9.14 – Caracterização da utilização das terras por estabelecimentos agropecuários no município – 2017. .....	17
Tabela 9.15 – Produtos cultivados nas lavouras permanentes no Serro – 2017.....	17
Tabela 9.16 – Produtos cultivados nas lavouras temporárias no Serro – 2017.....	18
Tabela 9.17 – Produtos da extração vegetal e silvicultura – 2017.....	18
Tabela 9.18 – Principais rebanhos criados na região em 2017. ....	18
Tabela 9.19 – Caracterização da produção da pecuária do município.....	18
Tabela 9.20 – Arrecadação CFEM por substância de Serro em 2021.....	19
Tabela 9.21 – Lista das empresas do Serro – MG. ....	19
Tabela 9.22 – Lista das empresas prestadoras de serviços do Serro – MG. ....	20
Tabela 9.23 – Número de empresas, pessoal ocupado e salários, 2016. ....	20
Tabela 9.24 – Domicílios com energia elétrica no Serro. ....	21
Tabela 9.25 – Abastecimento de água no Serro.....	21
Tabela 9.26 – Condições de ocupação dos domicílios no Serro. ....	21
Tabela 9.27 – Formas de esgotamento sanitário utilizada em Serro.....	22
Tabela 9.28 – Condições de saneamento básico no município.....	22
Tabela 9.29 – Destino do lixo. ....	23
Tabela 9.30 – Frota de veículos no município do Serro / MG.....	25
Tabela 9.31 – Meios de comunicação no município do Serro / MG. ....	25
Tabela 9.32 – Caracterização das instituições de ensino no Serro - 2017.....	26
Tabela 9.33 – Taxa de analfabetismo da população de 15 anos ou mais de idade nos anos de 2000 e 2010.....	27
Tabela 9.34 – Estabelecimentos de saúde no Serro, 2009. ....	27

---

Tabela 9.35 – Doenças e Causas de morbidade no Serro. ....	28
Tabela 9.36 – Relação de bens protegidos apresentados ao ICMS- IEPHA/MG - 2020.....	30
Tabela 9.37 – Localidades presentes na AER.....	32
Tabela 9.38 – Grau de participação dos entrevistados da sede.....	55
Tabela 9.39 – Grau de participação dos entrevistados em grupos da comunidade. ....	56
Tabela 9.40 – Regiões de nascença dos entrevistados. ....	56
Tabela 9.41 – Avaliação dos serviços públicos na Sede.....	59
Tabela 9.42 – Avaliação dos serviços públicos nas comunidades rurais. ....	60
Tabela 9.43 – Avaliação dos serviços públicos nas comunidades rurais. ....	65
Tabela 9.44 – Principais perguntas dirigidas ao empreendimento. ....	71
Tabela 9.45 – Informações sobre Bens Culturais Tombados.....	112
Tabela 9.46 – Informações sobre Bens Culturais Inventariados .....	114
Tabela 9.47 – Bens Imateriais Levantados no Município de Serro.....	119
Tabela 9.48 - Lista de contatos ligados aos Bens Imateriais no Serro. ....	129

## 9 DIAGNÓSTICO AMBIENTAL – MEIO SOCIOECONÔMICO

Esse estudo refere-se ao levantamento de dados na área de estudo do EIA/RIMA para análise do empreendimento minerário pretendido.

O meio ambiente é composto por ambientes naturais, caracterizado pela flora e fauna e pelo meio antrópico que corresponde à ação humana e elementos do seu contexto como fatores políticos, sociais e econômicos. O homem ao habitar determinado meio passa a fazer parte da dinâmica de funcionamento do ambiente estando este sujeito ou não às intervenções humanas. Assim, para compreender a potencialidade de uma região é preciso fazer uma análise na qual se considere os diferentes conhecimentos de forma a compor um estudo agregado. Para o autor Redclift (1995) citado por Corona, H.M.P.C. e Oliveira, K. A. (2008):

*...“avaliações ambientais” são orientadas por uma série de compromissos sociais e estas avaliações são utilizadas para se alcançar metas sociais específicas. (REDCLIFT apud CORONA; OLIVEIRA, 2008, p.56). Desta forma, por exemplo, ao discutirmos os problemas ambientais, não estamos nos referindo apenas a eles, mas sobre seus papéis dentro de um contexto social, muitas vezes influenciado por uma concepção econômica, política ou ambiental dominante. O entendimento destas distintas concepções sobre o meio ambiente torna-se, assim, importantes na resolução de conflitos que envolvem o planejamento ambiental e a utilização de recursos naturais. (CORONA; OLIVEIRA, 2008, p.56-57).*

Por isso, a importância de realizar-se o estudo do meio antrópico, o qual se refere à ação humana, considerada um subsistema integrante do sistema ambiental.

### 9.1 METODOLOGIA

O empreendimento minerário pertence à empresa Mineração Conemp Ltda., a qual pretende se instalar na zona rural do município de Serro. As futuras instalações ficarão a aproximadamente 6 km da sede de Serro, traçando-se uma linha reta (Centro da ADA – Centro da Sede do Município), ou cerca de 19,5 km utilizando os acessos principais (ITM até Centro da Sede do Município). Esse município, portanto, representa a Área de Estudo do presente EIA.

O estudo do meio antrópico do município de Serro teve como objetivo apresentar o modo de organização sociocultural, a economia local e a infraestrutura da área de estudo. Primeiramente, o município foi contextualizado na região em que se insere, de modo que fosse possível compreender o papel do município nesse espaço e a relação estabelecida com as demais cidades do entorno. Também foram abordados aspectos da dinâmica populacional, emprego e renda, além dos setores econômicos atuantes em Serro. Em seguida, realizou-se um mapeamento do aparato de serviços públicos disponíveis na cidade e, por fim, foram expostos os principais bens materiais e imateriais, além dos atrativos turísticos da região.

A pesquisa utilizou-se de dados secundários obtidos através de sites de órgãos oficiais como: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Atlas Brasil - Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, Acompanhamento Municipal dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio – ODM, Fundação João Pinheiro – FJP e Prefeitura Municipal de Serro.

A pesquisa do meio antrópico do município abordou aspectos relacionados à inserção no contexto regional, histórico de ocupação, dinâmica populacional, atividades econômicas, infraestrutura básica e de serviços, patrimônios naturais e culturais. Para a obtenção dos dados primários houve a pesquisa de campo onde houve a visita a órgãos públicos, associações, bens tombados e entrevistas com os moradores que serão descritas mais adiante nesse estudo.

A seguir seguem figuras com a apresentação da ADA, Área de Estudos em níveis Local e Regional para melhor compreensão dos limites das mesmas. As descrições mais detalhadas da delimitação destas áreas de estudo são apresentadas no Volume I, Item “Áreas de Estudo”.

Para o meio socioeconômico, a AEL – Área de Entorno Local, foi traçada abrangendo a sede do município e nas comunidades de Condado, Floriano, Mumbaça, Cavalcante, Botafogo, Cedro, São José das Maravilhas e Córrego da Prata (incluindo, desta maneira, a região denominada Queimadas). Os limites foram definidos tendo a oeste o limite do Rio do Peixe, a norte o limite do município de Serro, a sul a zona urbana da sede do município e a leste a Fazenda Santa Cruz, considerando-se, desta maneira, o conjunto estabelecido pela interseção destes espaços, onde a avaliação foi realizada em maior detalhe, incluindo estudos específicos de percepção ambiental, entre outros.

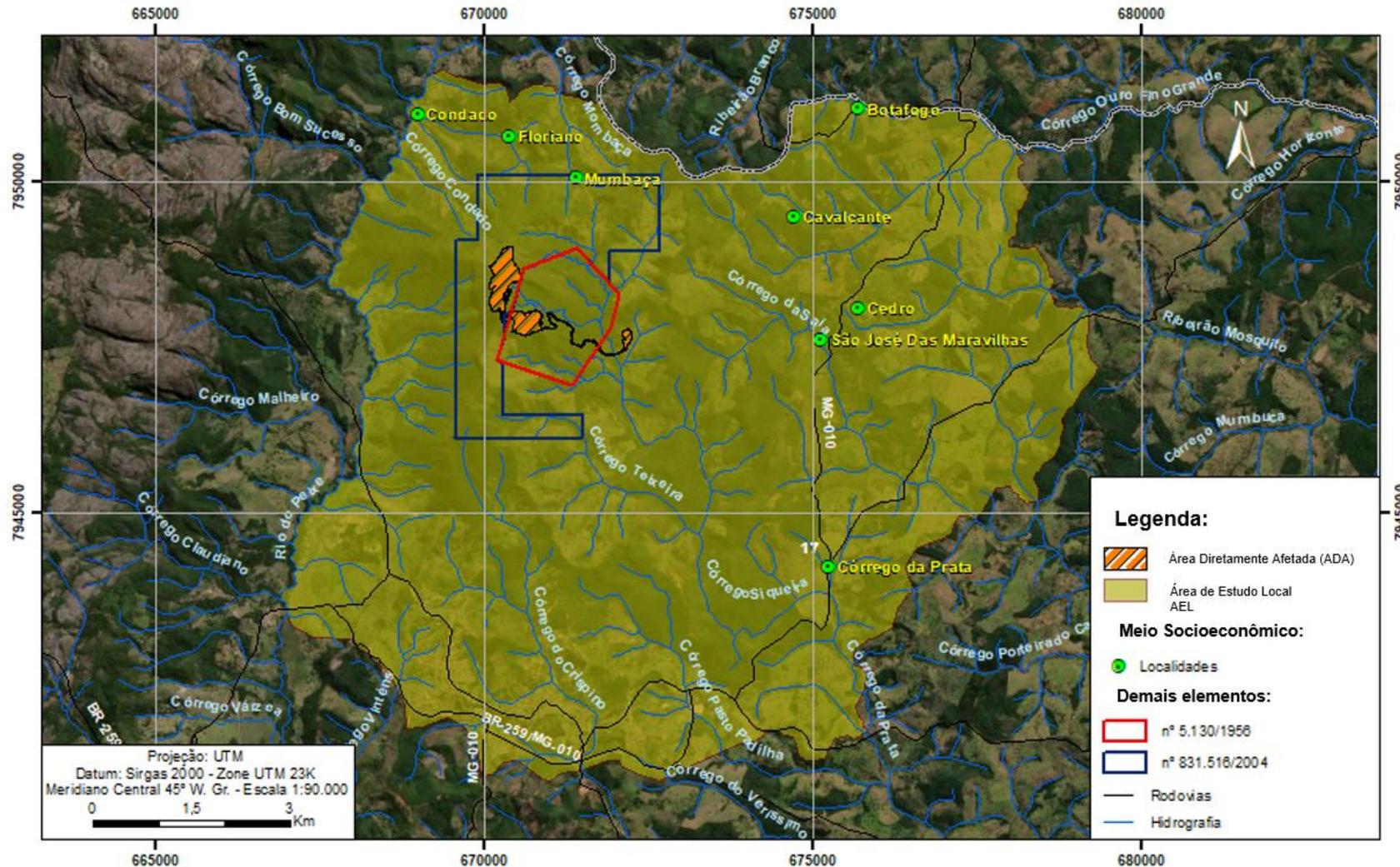


Figura 9.1 – Área de Estudo Local do meio socioeconômico.

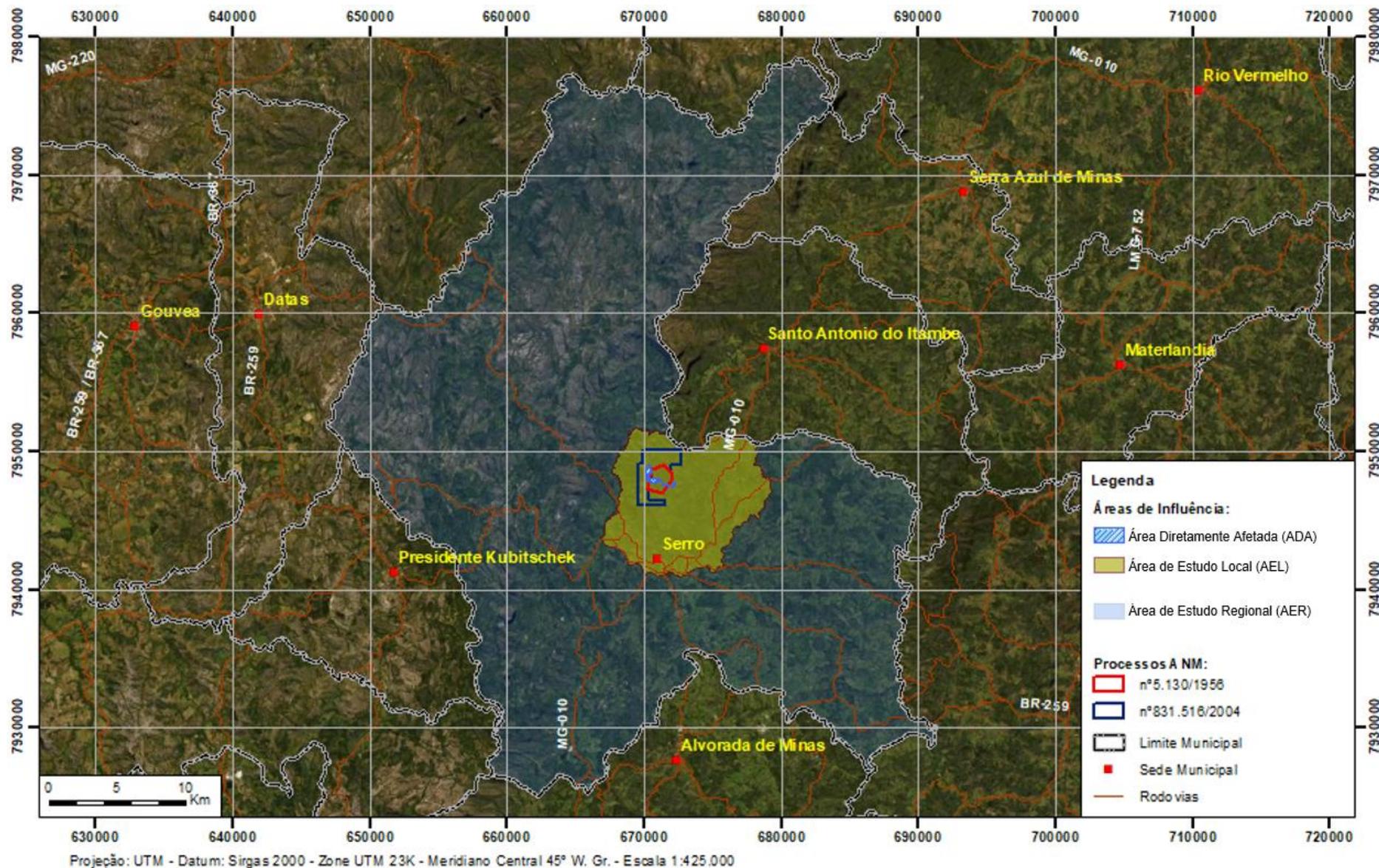


Figura 9.2 – Área de Estudo Regional do meio socioeconômico.

## 9.2 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SERRO

### 9.2.1 Histórico de ocupação

O início do povoamento do sertão dos Cataguases se deve ao espírito intrépido dos bandeirantes paulistas que, em fins do século XVII, iniciaram expedições em busca de ouro e de pedras preciosas, ou de índios para o trabalho escravo.

Segundo alguns historiadores, foi Lucas de Freitas o primeiro civilizado a penetrar em terras do atual Município de Serro. Outros atribuem o feito a Antônio Ferreira Soares, descobridor do morro que, mais tarde, se chamou Gaspar Soares. Essa versão tem base na Revista do Arquivo Público Mineiro, que menciona Antônio Soares como descobridor das minas de Serro Frio, em 1702, coadjuvado por seu filho João Soares Ferreira, pelo escrivão Manuel Correia, pelo procurador régio Baltazar Lemos de Moraes Navarro e por Lourenço Carlos Mascarenhas e Araújo, seguidos de inúmeros escravos (IBGE, 2019).

Como se pode ler, a história de Serro tem início com a chegada de bandeirantes paulistas em busca de ouro e pedras preciosas em 1702. O local era chamado de “Hiviturui” pelos índios, cujo significado é Serro Frio, que é a denominação atribuída aos nevoeiros bastante comuns na região, acompanhados por correntes de ar frio e que, geralmente, provocam baixas na temperatura, o nome é também uma alusão ao clima típico de montanha predominante no município. Na época o local era denominado Arraial do Ribeirão das Minas de Santo Antônio do Bom Retiro do Serro do Frio.

No ano de 1714, a prosperidade do arraial motivou sua elevação à vila, com o nome de Vila do Príncipe, considerada o centro da exploração do ouro na região. Os bandeirantes, a serviço da Coroa Portuguesa, se fixavam em áreas próximas às cabeceiras do Rio Jequitinhonha e às margens dos córregos Quatro Vinténs e Lucas, o que deu início à formação dos arraiais de Baixo e de Cima e que juntos formariam o povoado de Serro Frio. Foram esses arraiais que deram início aos atuais distritos de Milho Verde e São Gonçalo do Rio das Pedras.

Com o intuito de defender os interesses do império, relacionado, principalmente, com as riquezas minerais (ouro e diamantes) descobertas na região em 1720, é criada a comarca do Serro Frio, quando a vila passa a ser sede de comarca. Nessa mesma época estabeleceu-se a Casa de Fundição para a cobrança do quinto do ouro extraído das lavras.

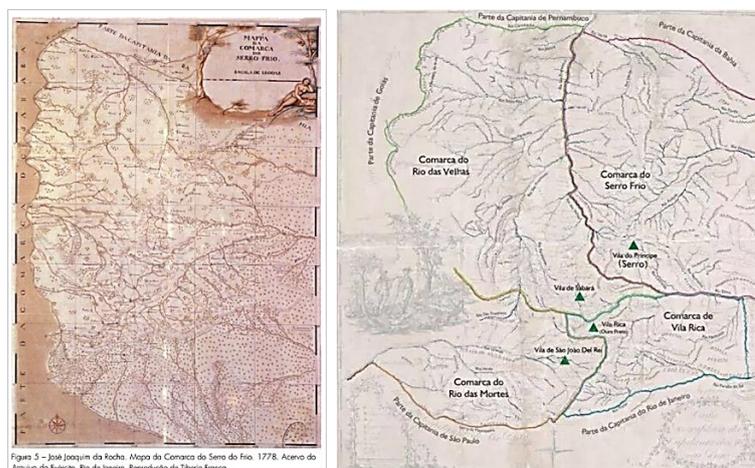


Figura 9.3 – Registros do Serro no Século XVIII.

A construção da cadeia teve lugar em 1735, seguida do calçamento das ruas. Sete anos depois, foi edificada a Igreja da Purificação. O Chafariz da Praia, construído em 1764, começou a funcionar em 1809.

Durante quase 100 anos, as minas foram exaustivamente exploradas. No começo do século XIX, inicia-se o processo de declínio do ciclo do ouro de aluvião e da mineração, que necessitava de alto investimento financeiro e técnicas inovadoras para extração do minério, fazendo com que poucos mineradores persistissem no negócio. Assim, a produção do minério passou a depender, em certa medida, de incentivos do governo. Por sua vez, a população com menores fontes de recursos passou a se dedicar ao garimpo em menor escala, desenvolvido com bateia, manualmente e em escala familiar.

Em 06 de março de 1838, a Vila do Príncipe é finalmente elevada à cidade, passando a se denominar Serro e permanece na condição de centro administrativo e jurídico da região.



Figura 9.4 – Reprodução de um quadro de a. Schirmer, 1870, mostrando a Casa de Teófilo Ottoni e a Igreja do Bom Jesus de Matosinhos<sup>1</sup>.

Com o declínio do ouro, outras atividades passam a ser desenvolvidas pela população, como a pecuária e a agricultura de subsistência, no entanto prejudicadas pela localização geográfica da vila, situada em meio à região montanhosa que compõe a Serra do Espinhaço. Tal fator impossibilitou o município de se inserir aos novos padrões de transporte e desenvolvimento, devido às péssimas condições de suas estradas e, a partir de 1890, a cidade se isolou o que acabou beneficiando a conservação do seu patrimônio histórico.

<sup>1</sup> Fonte: Programa Monumenta do IPHAN, 2010.

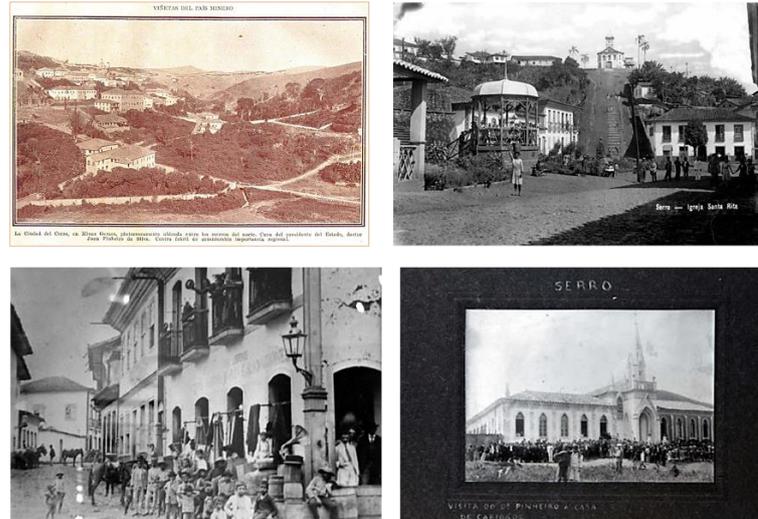


Figura 9.5 – Registros do Serro entre 1900 e 1910<sup>2</sup>.

A composição do Município é a seguinte: Serro (Distrito-Sede), Deputado Augusto Clementino Milho Verde, Pedro Lessa e São Gonçalo do Rio das Pedras. Atualmente é sede de comarca de 2ª entrância, com jurisdição sobre os Municípios de Alvorada de Minas, Rio Vermelho, Santo Antônio do Itambé e Serra Azul de Minas.

### 9.2.2 Caracterização e localização

Localizada na região centro-nordeste de Minas Gerais, o município do Serro ocupa uma área de 1.217,813 km<sup>2</sup> e faz parte da mesorregião metropolitana de Belo Horizonte e da microrregião de Conceição do Mato Dentro. A sede do município possui como coordenadas geográficas centrais a latitude Sul de 18° 36' 17" S e a longitude oeste de 43° 22' 46" W.



Figura 9.6 – Foto aérea do centro e parte da sede urbana do município.

<sup>2</sup> Fonte: <https://serromg.blogspot.com/2007/03/fotos-serro-antigo.html>

Serro está localizado a uma distância de 312 km de Belo Horizonte. Segundo o DER-MG (Departamento de Estradas e Rodagem de Minas Gerais), as principais rodovias que servem de acesso ao município são a BR-259 e a MG-010. Na tabela a seguir, são apresentadas as distâncias para as capitais dos estados da região sudeste e do Distrito Federal.

Tabela 9.1 – Distâncias rodoviárias do Serro as principais capitais do entorno de Minas Gerais.

Distância do município para algumas das principais capitais Brasileiras	
Belo Horizonte	312
Rio de Janeiro	763
São Paulo	891
Brasília	766
Vitória	577
Salvador	1.219

Fonte: DER-MG

Ao todo são 10 municípios limítrofes ao Serro: Diamantina, Couto de Magalhães de Minas, Rio Vermelho, Alvorada de Minas, Conceição do Mato Dentro, Serra Azul de Minas, Santo Antônio do Itambé, Sabinópolis, Presidente Kubitschek e Datas.

Os municípios que fazem limite a norte: Couto de Magalhães, a noroeste Diamantina e Datas. A Nordeste: Rio Vermelho, Serra Azul de Minas e Santo Antônio do Itambé. A sudeste Sabinópolis, ao sul Alvorada de Minas. A sudoeste Presidente Kubitschek e Conceição do Mato Dentro.

Atualmente o município é dividido em: Serro (Distrito-Sede), Deputado Augusto Clementino, Milho Verde, Pedro Lessa e São Gonçalo do Rio das Pedras.

Após análise de dados fornecidos pelo Instituto de Geociências Aplicadas (IGA), verifica-se que o relevo do município é caracterizado como montanhoso (70%), ondulado (20%) e plano (10%). A maior altitude é representada pelo Pico do Itambé (2.002 m) e a menor altitude (853 m) está situada na foz do Córrego Barbosa. No ponto central da cidade a altitude atinge 790 metros.

As principais redes hidrográficas que drenam o município do Serro são o Rio Jequitinhonha, Ribeirão do Lucas e Ribeirão do Peixe. Eles pertencem à bacia hidrográfica do Rio Doce e Jequitinhonha.

A temperatura média anual é de 18,1°C, tendo média máxima anual de 23,8°C e mínima de 14,1°C. O clima é tropical de altitude. O índice médio pluviométrico anual equivale a 1471 mm.

### 9.2.3 Inserção regional

O Serro está inserido na microrregião de Conceição do Mato Dentro pertencente à mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte. Esta microrregião é composta por outros 13 municípios, sendo eles: Alvorada de Minas, Conceição do Mato Dentro, Congonhas do Norte, Dom Joaquim, Itambé do Mato Dentro, Morro do Pilar, Passabém, Rio Vermelho, Santo Antônio do Itambé, Santo Antônio do Rio Abaixo, São Sebastião do Rio Preto, Serra Azul de Minas e Serro.

De acordo com dados do IBGE, a área total da microrregião é de 6.814,560 km<sup>2</sup>, com uma população de 84.607 habitantes, e densidade demográfica de 12,4 hab/km<sup>2</sup>.

Tabela 9.2 – Municípios integrantes da microrregião geográfica de Conceição do Mato Dentro.

Municípios	Área (Km <sup>2</sup> )	População em 2010 (Habitantes)	Densidade Demográfica (Habitantes/Km <sup>2</sup> )
Alvorada de Minas	374,01	3.546	9,48
Conceição do Mato Dentro	1.720,01	17.908	10,37
Congonhas do Norte	405,67	4943	12,39
Dom Joaquim	398,82	4.535	11,37
Itambé do Mato Dentro	380,34	2.283	6,00
Morro do Pilar	477,55	3399	7,12
Passabém	94,18	1766	18,75
Rio Vermelho	986,56	13.645	13,83
Santo Antônio do Itambé	305,74	4.135	13,52
Santo Antônio do Rio Abaixo	107,27	1.777	16,57
São Sebastião do Rio Preto	128,00	1613	12,60
Serra Azul de Minas	218,60	4220	19,31
<b>Serro</b>	<b>1.217,81</b>	<b>20.835</b>	<b>17,11</b>

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2010

Conceição do Mato Dentro é a segunda cidade mais populosa da microrregião depois do Serro. Já Serra Azul de Minas é a que apresenta a maior densidade demográfica da região.

Quanto ao Índice de Desenvolvimento Humano de 2010, entre os 13 municípios da microrregião de Conceição do Mato Dentro, o que apresentou o maior índice foi Santo Antônio do Rio Abaixo com um valor de 0,669 e o que apresentou o menor índice foi o município de Serra Azul de Minas com um valor de 0,557. O Serro ficou em segundo lugar com o IDH de 0,656.

Tabela 9.3 – Índice de Desenvolvimento Humano dos municípios da microrregião de Conceição do Mato Dentro.

Lugar no ranking	Município	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal IDH-2010
1º	Santo Antônio do Rio Abaixo	0,669
<b>2º</b>	<b>Serro</b>	<b>0,656</b>
3º	Passabém	0,642
4º	Conceição do Mato Dentro	0,634
5º	Itambé do Mato Dentro	0,634
6º	São Sebastião do Rio Preto	0,632
7º	Conceição do Mato Dentro	0,634
8º	Dom Joaquim	0,622
9º	Morro do Pilar	0,597
10º	Alvorada de Minas	0,572
11º	Congonhas do Norte	0,568
12º	Rio Vermelho	0,558
13º	Santo Antônio do Itambé	0,558
14º	Serra Azul de Minas	0,557

 Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano, 2010. [http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil\\_m/serro\\_mg](http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/serro_mg)

No ano de 2010, com um IDH Municipal igual a 0,656, o Serro foi considerado como um município de médio desenvolvimento humano (IDH entre 0,5 e 0,8). O Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM) – Serro, em 2010, é 0,656, o que situa esse município na faixa de Desenvolvimento Humano Médio (IDHM entre 0,600 e 0,699). A dimensão que mais contribui para o IDHM do município é Longevidade com índice de 0,834, seguida de Renda com índice de 0,650, e de Educação com índice de 0,520.

Tabela 9.4 – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal e seus componentes - Serro – MG.

IDHM e componentes	1991	2000	2010
<b>IDHM Educação</b>	0,145	0,300	0,520
% de 18 anos ou mais com fundamental completo	14,48	19,60	33,46
% de 5 a 6 anos na escola	28,59	68,90	92,68
% de 11 a 13 anos nos anos finais do fundamental regular seriado ou com fundamental completo	14,74	44,98	87,46
% de 15 a 17 anos com fundamental completo	9,16	21,68	49,39
% de 18 a 20 anos com médio completo	5,59	12,64	29,49
<b>IDHM Longevidade</b>	0,657	0,737	0,834
Esperança de vida ao nascer	64,42	69,20	75,01
<b>IDHM Renda</b>	0,499	0,543	0,650
Renda per capita	178,36	234,70	457,27

Fonte: PNUD, IPEA e FJP

Segundo o IBGE, Conceição do Mato Dentro foi o município que obteve PIBpm de R\$ 831.652,50 o que conferiu a 1º posição desse ranking como também a 1º colocação em relação ao PIB per capita da microrregião com R\$ 45.700,21.

O Serro alcançou a 2º posição quanto ao PIB total e já quanto ao PIB per capita ficou em oitavo lugar. Passabém e Serra Azul de Minas ficaram em último lugar respectivamente com PIB total e PIB per capita.

Tabela 9.5 – Produto Interno Bruto - 2015 dos municípios da Microrregião de Conceição do Mato Dentro.

Lugar no ranking	Unidade Territorial	PIBpm (1) Total (mil R\$)	Lugar no ranking	Unidade Territorial	PIB per capita (R\$)
1º	<b>Conceição do Mato Dentro</b>	<b>831.652,50</b>	1º	<b>Conceição do Mato Dentro</b>	45.700,21
2º	Serro	204.309,70	2º	Alvorada de Minas	13.749,04
3º	Rio Vermelho	103.595,03	3º	São Sebastião do Rio Preto	11.183,84
4º	Alvorada de Minas	50.403,98	4º	Santo Antônio do Rio Abaixo	11.079,14
5º	Dom Joaquim	40.681,58	5º	Passabém	10.197,29
6º	Congonhas do Norte	36.413,67	6º	Morro do Pilar	10.127,37
7º	Morro do Pilar	34.210,26	7º	Itambé do Mato Dentro	9.983,70
8º	Santo Antônio do Itambé	30.987,59	8º	Serro	9.535,15
9º	Serra Azul de Minas	29.750,90	9º	Dom Joaquim	8.813,17
10º	Itambé do Mato Dentro	22.383,45	10º	Rio Vermelho	7.618,96
11º	Santo Antônio do Rio Abaixo	20.119,71	11º	Santo Antônio do Itambé	7.570,87
12º	São Sebastião do Rio Preto	17.905,32	12º	Congonhas do Norte	7.114,82
13º	Passabém	17.875,85	13º	Serra Azul de Minas	6.818,91

Fonte: IBGE 2010.

(1) PIBpm - PIB a preços de mercado inclui o valor dos impostos indiretos e subsídios.

(2) Valores sujeitos a revisão.

Já em relação à renda mensal *per capita* dos municípios da microrregião de Conceição do Mato Dentro, segundo os últimos dados do IBGE, o município do Serro aparece em 6º lugar. Observa-se que Conceição do Mato Dentro teve maior destaque em relação ao Serro quanto à renda *per capita* e também quanto ao PIB total ocupando o 1º lugar entre os municípios da região.

Tabela 9.6 – Renda *per capita* mensal dos municípios da Microrregião de Conceição do Mato Dentro.

Lugar no ranking	Nome do município	Renda <i>per capita</i> 2000 (ago/2010)	Renda <i>per capita</i> 2010 (ago/2010)	Taxa Média Anual de Crescimento 2000 a 2010 (%)
1°	Conceição do Mato Dentro	R\$ 217.38	R\$ 469.53	8.01
2°	Dom Joaquim	R\$ 227.16	R\$ 489.51	7.98
3°	São Sebastião do Rio Preto	R\$ 270.46	R\$ 538.14	7.12
4°	Santo Antonio do Itambé	R\$ 154.12	R\$ 305.48	7.08
5°	Alvorada de Minas	R\$ 194.46	R\$ 382.19	6.99
<b>6°</b>	<b>Serro</b>	<b>R\$ 230,80</b>	<b>R\$ 445,98</b>	<b>6.81</b>
7°	Itambé do Mato Dentro	R\$ 244,58	R\$ 455,35	6.41
8°	Passabém	R\$ 274.60	R\$ 498.57	6.15
9°	Congonhas do Norte	R\$ 199.84	R\$ 359.39	6.04
10°	Santo Antônio do Rio Abaixo	R\$ 275.79	R\$ 459.14	5.23
11°	Rio Vermelho	R\$ 208.70	R\$ 336.80	4.90
12°	Morro do Pilar	R\$ 301.32	R\$ 442.60	3.92
13°	Serra Azul de Minas	R\$ 225.29	R\$ 325.98	3.76

Fonte: IBGE Elaboração: FJP

Nota: A renda de 2000 foi corrigida pelo INPC acumulado do período (fator de correção = 1,95209)

Em relação a taxa média de crescimento da renda per capita durante o período de (2000-2010), Conceição do Mato Dentro aparece em 1° lugar com 8.01%, já o Serro aparece em 6° lugar com 6,81% de crescimento. Com a menor taxa de crescimento em 13° lugar está Serra Azul de Minas.

O município do Serro também pertence à mesorregião metropolitana de Belo Horizonte. A mesorregião metropolitana de Belo Horizonte é uma das doze mesorregiões do estado de Minas Gerais. É formada pela união de 105 municípios agrupados em oito microrregiões. As microrregiões são: Belo Horizonte, Conceição do Mato Dentro, Conselheiro Lafaiete, Itabira, Itaguara, Ouro Preto, Pará de Minas e Sete Lagoas.

## 9.3 CARACTERIZAÇÃO DO USO E OCUPAÇÃO DO SOLO

### 9.3.1 Inserção regional

A análise do uso do solo na região objetiva mostrar, em primeiro lugar, a infraestrutura viária disponível e, a seguir, apresentar as questões referentes ao uso do solo rural e urbano, condicionados não só pelos recursos naturais existentes, como também pela estrutura de propriedade da terra.

### 9.3.2 Infraestrutura viária

A exploração dos recursos naturais de uma região é altamente influenciada por sua localização em relação aos principais pólos de desenvolvimento do estado ou país, determinando, muitas vezes, as facilidades de transporte para escoamento da produção e mesmo a viabilidade econômica de certas atividades produtivas.

Em termos de infraestrutura viária verifica-se que a área em estudo tem posição privilegiada em relação a um dos principais centros urbanos do país, a cidade de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais via BR-259 e Rod. Pres. Juscelino Kubitschek. Tem acesso a três outras importantes capitais do país como Brasília pela BR-259 e BR 040 ,São Paulo pela BR381 e ao Rio de Janeiro (RJ) pela Rodovia

Federal Presidente Juscelino Kubitscheck BR040. Existem ainda outras rodovias municipais, as chamadas estradas vicinais, na sua maioria em leito natural.

A região apresenta vários horários de ônibus para a capital do Estado (Belo Horizonte), que funciona como pólo rodoviário para seus moradores que ali fazem transbordo e se dirigem a outros locais do país.

### 9.3.3 Uso Rural

As principais informações utilizadas na análise do uso rural do solo foram coletadas pelo Censo Agropecuário realizado no ano de 2017 e se referem à estrutura fundiária, à condição do produtor, propriedade e utilização das terras. A estrutura fundiária prevalecente em uma região é altamente influenciada pela propriedade das terras e a condição dos produtores que nelas trabalham.

Tabela 9.7 – Estrutura Fundiária do Serro.

Condição do produtor	N.º Propriedades	Área dos estabelecimentos (em hectares)
Condomínio, consórcio ou união de pessoas	442	N.D.
Instituição de utilidade pública	N.D.	N.D.
Produtor individual	1239	38.576.027
Sociedade Anônima ou por cotas de responsabilidade limitada	2	N.D.
Não se aplica	1	N.D.

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário – 2017. \*ND – Não disponível

O Serro tem um número representativo de produtores rurais individuais (1239) que ocupam uma porção significativa de 38.576,27 hectares do território total de 47.968,23 hectares do município de Serro. A economia fica dividida entre a agricultura familiar e a fabricação e comercialização do queijo produzido no município.

### 9.3.4 Uso Urbano

O município do Serro é marcado pelas serras e rios que delineiam sua singular topografia. A área de 1.217,813 Km<sup>2</sup> é cortada longitudinalmente pela Serra do Espinhaço, o que lhe confere um relevo assinalado pelos afloramentos rochosos, onde são comuns os morros parcialmente aplainados, chapadas e "pontões" de quartzito. As ruas são de pedras e ainda mantêm a estrutura do período colonial com casarões antigos tombados.

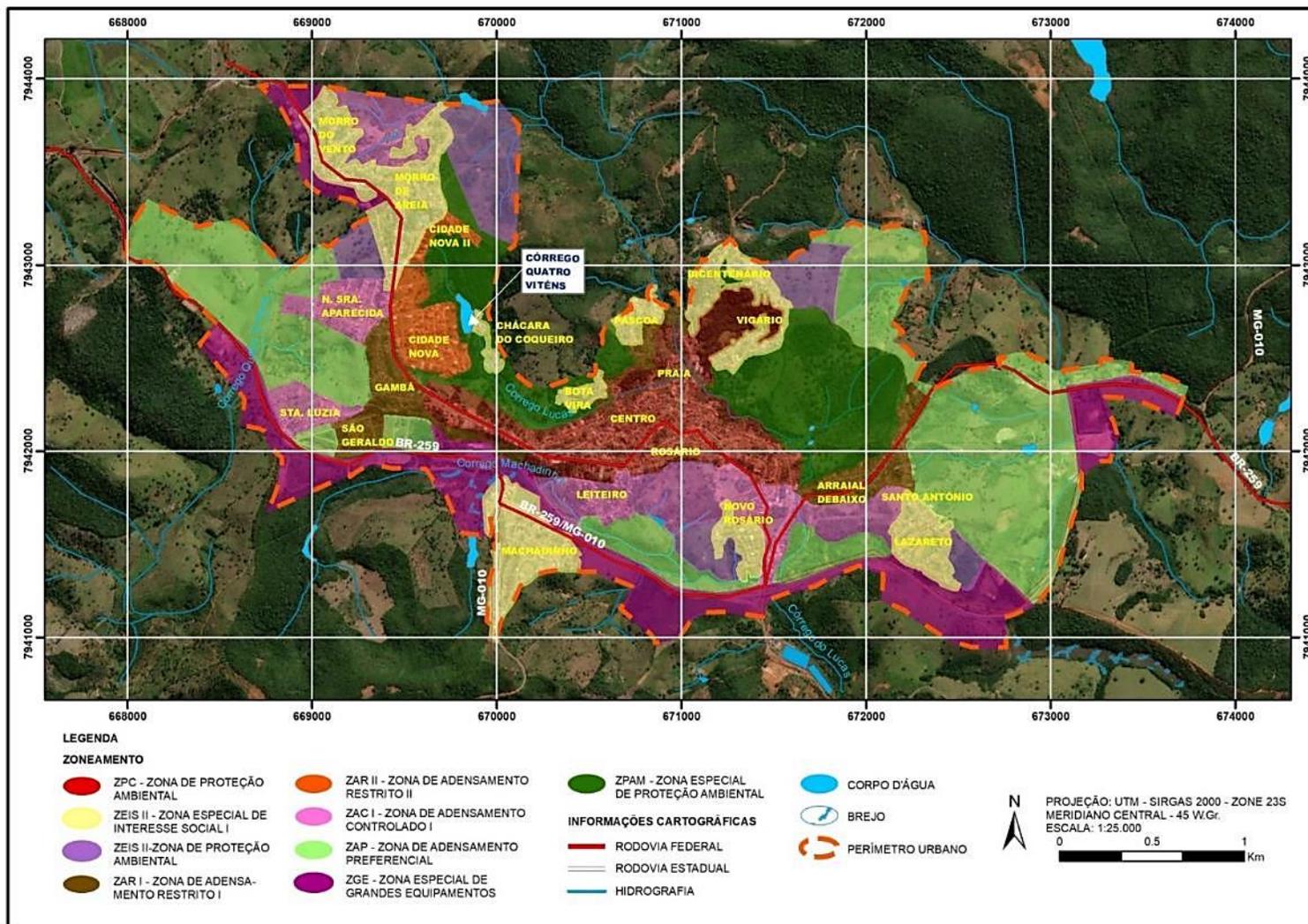


Figura 9.7 – Zoneamento da Sede. Plano Diretor Participativo do município do Serro.

### 9.3.5 Dinâmica Populacional

O município do Serro, de acordo com o último censo populacional realizado em 2010, apresentou uma população residente de 20.835 pessoas, com população estimada para 2020 de 20.940 pessoas. A maioria destas pessoas está concentrada na área urbana, como mostra a dinâmica populacional ao longo das últimas décadas. Em 2010, 49,7% da população apurada no município era do sexo masculino e 50,2% do sexo feminino.

Tabela 9.8 – Características da população do Serro.

População Total, por Gênero, Rural/Urbana - Município - Serro - MG						
População	População (1991)	% do Total (1991)	População (2000)	% do Total (2000)	População (2010)	% do Total (2010)
População total	18.861	100,00	21.012	100,00	20.835	100,00
População residente masculina	9.396	49,82	10.526	50,10	10.374	49,79
População residente feminina	9.465	50,18	10.486	49,90	10.461	50,21
População urbana	9.766	51,78	11.791	56,12	12.895	61,89
População rural	9.095	48,22	9.221	43,88	7.940	38,11

Fonte: PNUD, Ipea e FJP.

Entre 1991 e 2000, a população do município cresceu a uma taxa média anual de 1,21%. Na UF, esta taxa foi de 1,43%, enquanto no Brasil foi de 1,63%, no mesmo período. Na década, a taxa de urbanização do município passou de 51,78% para 56,12%.

Tabela 9.9 – Estrutura Etária da População - Município – Serro – MG.

Estrutura Etária	População (1991)	% do Total (1991)	População (2000)	% do Total (2000)	População (2010)	% do Total (2010)
Menos de 15 anos	7.656	40,59	7.742	36,85	6.056	29,07
15 a 64 anos	10.088	53,49	11.776	56,04	13.052	62,64
População de 65 anos ou mais	1.117	5,92	1.494	7,11	1.727	8,29
Razão de dependência	86,97	-	78,43	-	59,63	-
Taxa de envelhecimento	5,92	-	7,11	-	8,29	-

Fonte: PNUD, Ipea e FJP.

Entre 2000 e 2010, a razão de dependência no município passou de 78,43% para 59,63% e a taxa de envelhecimento, de 7,11% para 8,29%. Em 1991, esses dois indicadores eram, respectivamente, 86,97% e 5,92%. Já na UF, a razão de dependência passou de 65,43% em 1991, para 54,88% em 2000 e 45,87% em 2010; enquanto a taxa de envelhecimento passou de 4,83%, para 5,83% e para 7,36%, respectivamente.

Tabela 9.10 Pirâmide etária - Serro – MG - Distribuição por sexo, segundo os grupos de idade.

Data	Homens	Mulheres
0 a 4	4,00%	3,65%
5 a 9	4,76%	5,06%
10 a 14	6,21%	5,71%
15 a 19	5,49%	5,30%
20 a 24	4,37%	4,18%
25 a 29	3,78%	3,47%
30 a 34	3,35%	3,30%
35 a 39	2,90%	2,91%
40 a 44	2,98%	3,24%
45 a 49	2,99%	2,74%
50 a 54	2,36%	2,35%
55 a 59	1,85%	2,04%
60 a 64	1,51%	1,51%
65 a 69	1,15%	1,35%
70 a 74	0,89%	1,17%
75 a 79	0,72%	0,99%
80 e +	0,79%	1,22%

Fonte: PNUD, Ipea e FJP.

### 9.3.6 Aspectos Econômicos

Em relação aos setores de atividade econômica no município, no ano de 2015, o maior responsável pelo PIB foi o setor de serviços com R\$ 92.635 mil reais.

Tabela 9.11 – Distribuição do PIB por setor de atividade econômica.

Ano	Agropecuário (R\$ 1000)	Indústria (R\$ 1000)	Serviços (R\$ 1000)
2002	9.986	4.984	34.013
2003	12.654	5.958	37.682
2004	13.193	7.346	42.469
2005	13.748	8.218	49.333
2006	12.380	9.211	53.657
2007	15.856	10.492	59.030
2008	20.188	10.685	68.368
2009	21.830	11.770	75.124
2010	23.972	14.358	84.311
2011	22.552	16.015	94.634
2012	24.370	18.524	105.261
2013	20.181	17.783	72.765
2014	18.452	17.896	80.048
2015	18.470	11.118	92.635

Fonte: IBGE 2015

O setor agropecuário do Serro é o segundo mais importante do total produzido em 2015.

### 9.3.7 Setores de Atividades Econômicas

A economia do Serro está dividida entre agricultura familiar, a fabricação e a comercialização do queijo e na movimentação financeira gerada pelos servidores públicos. Cerca de 150 famílias vivem da renda do queijo produzido no Serro. O queijo tipo Minas artesanal contribui com 60% da renda municipal.

Entre 2000 e 2010, a taxa de atividade da população de 18 anos ou mais (ou seja, o percentual dessa população que era economicamente ativa) passou de 62,16% em 2000 para 66,58% em 2010. Ao mesmo tempo, sua taxa de desocupação (ou seja, o percentual da população economicamente ativa que estava desocupada) passou de 10,81% em 2000 para 7,08% em 2010.

**Tabela 9.12 – População economicamente ativa no Serro.**

Condição na semana de referência da pesquisa	Número de pessoas
Economicamente ativa - ocupada	8.888
Economicamente ativa - desocupada	945
Não economicamente ativa	3.516

Fonte: PNUD, Ipea e FJP

Há no município 377 empresas e outras organizações no total registradas de acordo com a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0), classificação utilizada pelo IBGE no censo 2010. Só no setor de comércio e reparação de veículos automotores e bicicletas são 46,95%, em outras atividades e serviços 11,94% e 7,96% em transporte, armazenagem e correios.

**Tabela 9.13 – Empresas, outras organizações e população ocupada por setores econômicos em Serro.**

Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0)	Número de empresas e outras organizações cadastradas (Unidades) Dados IBGE 2016
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	4
Indústrias extrativas	1
Indústrias de transformação	18
Eletricidade e gás	-
Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	2
Construção	2
Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas	177
Transporte, armazenagem e correio	30
Alojamento e alimentação	26
Informação e comunicação	6
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	-
Atividades imobiliárias	1
Atividades profissionais, científicas e técnicas	11
Atividades administrativas e serviços complementares	9
Administração pública, defesa e seguridade social	2
Educação	15
Saúde humana e serviços sociais	19
Artes, cultura, esporte e recreação	6
Outras atividades de serviços	45
Serviços domésticos	-
Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	-
Atividades mal especificadas	-

Fonte: SIDRA (<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=p&o=1&i=P&c=993>). Última coluna (IBGE cidades(<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>) tabela "Censo demográfico 2010: Resultado geral das amostras")

Segundo dados do Ipea, em 2010, das pessoas ocupadas na faixa etária de 18 anos ou mais do município, 35,35% trabalhavam no setor agropecuário, 1,51% na indústria extrativa, 2,30% na indústria

de transformação, 9,66% no setor de construção, 0,49% nos setores de utilidade pública, 9,38% no comércio e 39,95% no setor de serviços.

### 9.3.8 Setor Primário

O setor primário é de grande relevância para o município do Serro, pois a base econômica da região é a pecuária de leite. A cadeia produtiva tem valor especial na cidade. O queijo tipo Minas artesanal é uma cultura passada de geração em geração.

Segundo dados do IBGE, as queijarias do Serro produzem cerca de 380 toneladas por mês. O valor do queijo na região oscila entre R\$ 10 e 15 reais. O queijo artesanal é tombado e reconhecido como patrimônio imaterial pelo IPHAN.

Segundo estudo direcionado a fim de realizar um censo agropecuário da área do município, o IBGE constatou que há 1.508 unidades de lavouras permanentes, abrangendo 861,996 hectares de área. E 1.448 unidades de lavouras temporárias ocupando uma área de 2.533,532 (ha). A seguir apresenta-se, com mais detalhes, a utilização das terras do município por tipos de setores agropecuários:

Tabela 9.14 – Caracterização da utilização das terras por estabelecimentos agropecuários no município – 2017.

Utilização das terras	Unidade	Área(ha)
Lavouras permanentes	1.508	862,00
Lavouras temporárias	1.448	2.533,53
Área para cultivo de flores	2	N.D
Pastagens naturais	388	4.147,15
Pastagens plantadas em más condições	60	324,17
Pastagens plantadas em boas condições	620	22.656,98
Matas naturais	433	3.999,33
Matas e/ou florestas naturais destinadas à preservação permanente ou reserva legal	726	11.340,09
Sistemas agroflorestais com área cultivada com espécies florestais também usada para lavouras e pastejo por animais	72	557,47

Fonte – Censo Agropecuário 2017. Fonte - <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>

Destaca-se que o número de matas destinadas a preservação e a área de pastagens em más condições é menor do que a área de pastagem em boas condições.

Tabela 9.15 – Produtos cultivados nas lavouras permanentes no Serro – 2017.

Produto	Quantidade produzida (t)	Valor da produção (mil reais)	Área destinada à colheita (ha)	Área Colhida (ha)	Rendimento médio (Kg/ha)
Banana (cacho)	55	56,00	13	13	4.231
Café	6	45,00	7	7	857
Laranja	6	8,00	1	1	6.000
Marmelo	10	20,00	2	2	5.000
Urucum	2	8,00	1	1	2.000

Fonte: IBGE, Produção Agrícola Municipal 2017.

O rendimento médio dos principais produtos agrícolas é destacado pela produção de laranja com 6 mil kg/ha, seguido do marmelo com 5 mil kg/ha e da banana com 4.231 mil kg/ha, produtos da lavoura permanente.

**Tabela 9.16 – Produtos cultivados nas lavouras temporárias no Serro – 2017.**

Produto	Quantidade produzida (t)	Valor da produção (mil reais)	Área Plantada (ha)	Área Colhida (ha)	Rendimento médio (Kg/ha)
Arroz	12	14,00	10	10	1.200
Cana de açúcar	2.550	408,00	100	100	25.500
Feijão	61	206,00	300	235	260
Mandioca	420	546,00	35	35	12.000
Milho	1.285	989,00	650	633	2.030

Fonte: IBGE, Produção Agrícola Municipal 2017.

Quanto à lavoura temporária a cana de açúcar teve rendimento médio de 25.500 kg/ha e a mandioca de 12 mil kg/ha, assim como disposto na tabela.

Os produtos da extração vegetal e da silvicultura do município são: madeira, lenha, madeira em tora e carvão vegetal.

**Tabela 9.17 – Produtos da extração vegetal e silvicultura – 2017.**

Produtos	Quantidade produzida	Valor da produção (mil reais)
Madeira	5.452 m <sup>3</sup>	164,00
Lenha	450 m <sup>3</sup>	16,00
Madeira em tora	1.500 m <sup>3</sup>	60,00
Carvão vegetal	2.486 t	1.144,00

Fonte: IBGE, Produção da Extração Vegetal e Silvicultura 2017.

As atividades de agropecuária realizadas no município, segundo dados do IBGE no ano de 2017, estão relacionadas em sua maioria pela criação de bovinos com 32.155 cabeças e galináceos com 34.840 cabeças.

**Tabela 9.18 – Principais rebanhos criados na região em 2017.**

Rebanho	Quantidade de cabeças
Bovinos	32.155
Tilápia	1.410 Kg
Vacas ordenhadas	7.800
caprino	30
equino	1.370
Galináceos - total - efetivo de rebanhos	34.840
Galináceos - galinhas - efetivo dos rebanhos	11.500
Suíno	1.280
Ovinos	50

Fonte: IBGE, Produção da Pecuária Municipal 2017.

Em relação à aquicultura há a produção de tilápia com 1.410 kg de quantidade produzida e 14.946 mil reais de valor da produção. Quanto à produção animal, no ano de 2017, segundo dados do IBGE, o município produziu 19.962 litros de leite e 144 mil dúzias de ovos, além de 1.890 quilos de mel de abelha, como demonstra a tabela a seguir:

**Tabela 9.19 – Caracterização da produção da pecuária do município.**

Produtos da pecuária	Quantidade da Produção	Valor da Produção
Leite de vaca	19.962 mil litros	21.958 mil reais
Ovos de galinha	144 mil dúzias	864 mil reais
Mel de abelha	1.890 kg	21 mil reais

Fonte: IBGE, Censo Demográfico, Pecuária 2017.

A Compensação Financeira pela Exploração Mineral (CFEM) é devida aos Estados, ao Distrito Federal, aos Municípios, e aos órgãos da administração da União, como contraprestação pela utilização econômica dos recursos minerais em seus respectivos territórios. Do valor total 65% cabe ao município, 23% ao Estado e 12% para a União.

Os recursos originados da CFEM não podem ser aplicados em pagamento de dívida ou no quadro permanente de pessoal da União, dos Estados, Distrito Federal e dos Municípios. As receitas deverão ser aplicadas em projetos, que direta ou indiretamente revertam em prol da comunidade local, na forma de melhoria da infraestrutura, da qualidade ambiental, da saúde e educação. Abaixo estão relacionados os valores (em reais R\$) arrecadados com a mineração no ano de 2021 no Serro:

**Tabela 9.20 – Arrecadação CFEM por substância de Serro em 2021.**

Meses do ano de 2021	Minério de manganês	Quartzito	Total por mês 2021(R\$)
Janeiro	1.524,95	428,48	1.953,43
Fevereiro	2.262,59	90,47	2.353,06
Março	1.967,55	345,56	2.313,11
Abril	823,87	407,39	1.231,26
Maio	5.965,11	182,39	6.147,50
Junho	2.915,61	161,92	3.077,53
Julho	3.952,05	394,15	4.346,20
Agosto	4.347,09		4.347,09
Setembro	4.377,01	323,91	4.700,92
Outubro	4.579,81	201,33	4.781,14
Novembro	7.694,47	122,76	7.817,23
Dezembro	6.330,43	487,39	6.817,82
<b>Total por Substância</b>	<b>46.740,54</b>	<b>3.145,75</b>	<b>49.886,29</b>

Fonte: Agência Nacional de Mineração (ANM).

[https://sistemas.dnpm.gov.br/arrecadacao/extra/Relatorios/arrecadacao\\_cfem\\_substancia.aspx](https://sistemas.dnpm.gov.br/arrecadacao/extra/Relatorios/arrecadacao_cfem_substancia.aspx)

Através de informações presentes no site do ANM a Compensação Financeira pela Exploração Mineral (CFEM), pode se apurar que o município do Serro teve valor total arrecadado para a substância Minério de Manganês de R\$46.740,54 em 2021. Em comparação com o ano anterior (2020) a arrecadação foi de R\$17.925,28 para as substâncias Minério de Manganês e Quartzito.

### 9.3.9 Setor Secundário

O setor industrial inclui os processos de transformação das matérias primas. Neste setor estão as indústrias de siderurgia, indústrias químicas, mecânicas, têxteis, as de bens de consumo, entre outras. O setor secundário aparece em terceiro lugar no PIB do município, contribuindo com R\$ 11.118.000.

**Tabela 9.21 – Lista das empresas do Serro – MG.**

Empresas atuantes	Endereço
Prefacon - Pré-moldados	R Humaitá, 655 - Centro
Laticínios Millen Ltda.	Rua General Osório, 46 – loja Centro
Fábrica de blocos e tijolos	R Coronel João Lemos, 188 - CASA A - Morro de Areia

### 9.3.10 Setor Terciário

O setor terciário da região, como já mencionado, tem papel de grande relevância na economia da região, servindo principalmente ao atendimento das demandas locais. Este setor dá grande suporte ao desenvolvimento dos setores primário e secundário através do fornecimento de estruturas básicas que vão desde a alimentação até mesmo o fornecimento de serviços básicos como farmácia, bancos, hospedagem entre muitos outros.

Os principais estabelecimentos comerciais operantes no município estão ligados ao atendimento às demandas básicas da população, especialmente gêneros alimentícios, podendo-se afirmar que o comércio local atende, de modo geral, a todas elas.

Tabela 9.22 – Lista das empresas prestadoras de serviços do Serro – MG.

<b>Atividade</b>	<b>Nome das empresas</b>
Transporte, veículos automotores.	Transportes Serviços e Locações Serro Ltda.
	Posto da Mata do Serro Ltda.
	Posto Carga Pesada Ltda.
	Calabria Veículos Ltda. - Calabria Concenza Veículos
	Serrotur - Trans Expedita Ltda.
	Loca Veículos Miranda Ltda.
Cooperativas	Cooperativa dos Professores do Serro "CPSER"
Comércio	Cooper Núcleo - Cooperativa de Produtores Melhoradores de Bovinos de Serro e Região
	Supermercado Oriente - Mercearia Oriente Ltda.
	Distribuidora de Bebidas Carvalho - Distribuidora Carvalho Ltda.
	Armazém do Fazendeiro do Serro Ltda.
	Drogaria Vasconcelos

Fonte: INDI, Cadastro de Empresas do IBGE – CEMPRE.

De acordo com dados fornecidos pelo IBGE, em 2016 existiam 396 empresas atuantes, com um total de 2.210 pessoas ocupadas, destas, 1.584 eram assalariadas. Os salários e outras remunerações adquiridas durante este período foi de R\$ 34.671,00 mil reais e o salário médio mensal durante este mesmo período era de 1,6 salários mínimos.

Tabela 9.23 – Número de empresas, pessoal ocupado e salários, 2016.

<b>Ano</b>	<b>Número de empresas atuantes</b>	<b>Pessoal ocupado Total</b>	<b>Pessoal ocupado Assalariado</b>	<b>Salários e outras remunerações</b>	<b>Salário médio mensal</b>
2016	396	2.210	1.584	R\$ 34.671 mil reais	1,6 salários mínimos

Fonte: IBGE 2016, Cidades - Sinopse.

### 9.3.11 Infraestruturas Básicas e de Serviços

O nível de vida da população, aqui abordado, tem relação direta com as infraestruturas básicas e os serviços disponíveis no município. Estas variáveis se referem, neste caso, à disponibilidade de recursos como energia e água, saneamento ambiental e a oferta de bens e serviços sociais básicos, como educação, saúde, segurança pública e lazer.

### 9.3.12 Energia Elétrica

No censo IBGE 2010 foram apurados 5.340 domicílios com energia elétrica no município. Segue a tabela com o número de domicílios que possuem acesso a fontes de energia elétrica:

Tabela 9.24 – Domicílios com energia elétrica no Serro.

Fontes de energia elétrica	Número de domicílios
Companhia distribuidora - com medidor - de uso exclusivo	5.195
Companhia distribuidora - com medidor - comum a mais de um domicílio	359
Companhia distribuidora - sem medidor	94
Tinham de outra fonte	51
Não tinham	286

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010. Tabela IBGE/ Pesquisa/ Censo/ Característica da População E dos Domicílios/energia elétrica.

### 9.3.13 Condições de Moradia e Saneamento Básico

A companhia de Saneamento de Minas Gerais (COPASA) é responsável pelo tratamento e abastecimento da água no município (INDI, 2008). De acordo com o IBGE (2010) 3.637 domicílios têm acesso a rede geral.

Tabela 9.25 – Abastecimento de água no Serro.

Formas de abastecimento de água	Número de domicílios que utilizam
Rede geral	3.637
Poço ou nascente na propriedade	757
Poço ou nascente fora da propriedade	1.112
Água de chuva armazenada em cisterna	41
Rio, açude, lago ou igarapé	58
Outra forma	21

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010. FONTE: IBGE, Censo Demográfico 2010. Tabela IBGE/ Pesquisa/ Censo/ Característica da População e dos Domicílios/abastecimento de água.

No censo IBGE 2010, foram contabilizados 5.626 domicílios particulares permanentes. Quanto ao tipo de domicílio são 28 apartamentos, 5.595 são casas, casa de vila ou condomínio são duas e há apenas uma habitação em casa de cômodo, cortiço ou cabeça de porco. Quanto as condições de ocupação dos domicílios, segue a seguir a tabela:

Tabela 9.26 – Condições de ocupação dos domicílios no Serro.

Condições de ocupação	Números de domicílios
Próprio	4.736
Próprio já quitado	4.703
Próprio em aquisição	33
Alugado	496
Cedido	387
Cedido por empregador	144
Cedido de outra forma	243
Outra condição	7

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Quanto aos domicílios que possuíam banheiro de uso exclusivo foram registrados 4.788 domicílios. Outros 461 domicílios possuíam apenas sanitários. E por fim, 377 domicílios não tinham banheiro nem sanitário.

**Tabela 9.27 – Formas de esgotamento sanitário utilizada em Serro.**

Formas de Esgotamento Sanitário	Número de domicílios que utilizam
Rede geral de esgoto ou pluvial	2.082
Fossa séptica	117
Fossa rudimentar	2.346
Vala	28
Rio, lago ou mar	188
Outro	27

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010. FONTE: IBGE, Censo Demográfico 2010. FONTE: IBGE, Censo Demográfico 2010. Tabela IBGE/ Pesquisa/ Censo/ Característica da População E dos Domicílios/ESGOTAMENTO SANITÁRIO

Desse modo, pode-se verificar que do total de domicílios apurados no censo IBGE 2010, na cidade do Serro, 36% possuem formas de saneamento adequadas. Entre os domicílios urbanos, do total de 3.647 domicílios apurados, 55,7% do total de domicílios apurados utilizavam de formas adequadas de saneamento. E dos 1.979 domicílios da zona rural, 87% dos domicílios rurais estão em condições inadequadas. A próxima tabela relaciona as condições de saneamento básico presentes na área urbana e rural do Serro.

**Tabela 9.28 – Condições de saneamento básico no município.**

Tipo de saneamento	Total de domicílios no município	Domicílios urbanos	Domicílios rurais
Adequado	36,1%	55,7%	0%
Semi-adequado	31,4%	41,4%	13,0%
Inadequado	32,5%	2,9%	87,0%

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010. FONTE: IBGE, Censo Demográfico 2010. Tabela IBGE/ Pesquisa/ Censo/ universo indicadores sociais municipais/tipo de saneamento

Ressalta-se que se trata de condições de saneamento claramente adversas, reflexo de condições de correlação com outros parâmetros apresentados neste diagnóstico, tais como a disponibilidade de empregos, salários, educação e saúde.

### 9.3.14 Esgotamento Sanitário

A Companhia de Saneamento de Minas Gerais - COPASA é responsável pela coleta e tratamento do esgoto no município. As obras do sistema de esgotamento sanitário da cidade foram entregues pela COPASA em junho de 2010.

Segundo a COPASA, o conjunto contempla uma Estação de Tratamento de Esgoto (ETE), 44 quilômetros de redes coletoras (tubulações que recebem os esgotos gerados nas residências, estabelecimentos comerciais e industriais) e interceptoras (redes que possibilitam o transporte do esgoto coletado até a ETE) e três estações elevatórias (unidades que bombeiam o esgoto coletado para um ponto mais elevado, como a própria ETE ou outro posto de destinação final). Com esse sistema, todo o esgoto coletado é tratado antes de ser devolvido aos rios e córregos da região, proporcionando um grande ganho ambiental e beneficiando a população.

Antes da implantação do sistema de esgotamento sanitário apenas 28% dos esgotos gerados na cidade eram coletados. Atualmente, já são coletados 72% dos esgotos gerados, com 100% destes tratados.

### 9.3.15 Resíduos

A pesquisa do IBGE, 2010, apurou que 2.979 domicílios têm serviço de coleta de lixo por serviço de limpeza ou coletado por caçamba de serviço de limpeza. Os demais destinos do lixo podem ser verificados abaixo:

Tabela 9.29 – Destino do lixo.

Destino do lixo	Número de domicílios que tem o lixo:
Coletado por serviço de limpeza	2.810
Coletado em caçamba de serviço de limpeza	169
Queimado (na propriedade)	2.497
Enterrado (na propriedade)	48
Jogado em rio, lago ou mar	1
Jogado em terreno baldio ou logradouro	75
Outro destino	26

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010/ Censo/Universo- Características da população e domicílios.

### 9.3.16 Segurança Pública

A segurança pública é executada integralmente pela União e pelas Unidades da Federação. A Constituição Federal não faz menção direta à participação do município, excetuando-se a possibilidade de instituírem guardas municipais que exercem poder de polícia no limite das suas atribuições e destinação constitucional.

O indicador de criminalidade é mensurado pela taxa de ocorrência de homicídios intencionais registrados pelas organizações policiais. Diferente do que acontece nos roubos, onde a notificação fica sob a decisão da vítima, o crime de homicídio tem a presença de um cadáver, o que diminui a subnotificação.

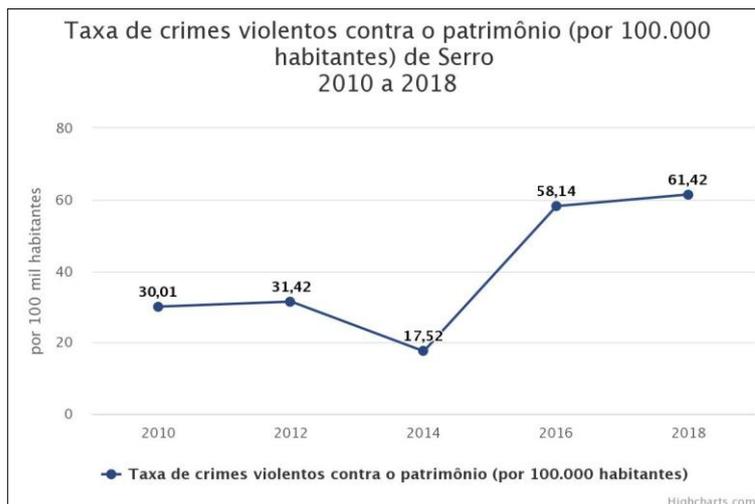
A Organização Mundial de Saúde entende que taxas acima de 10 homicídios intencionais por 100.000 habitantes configuram uma epidemia.



Fonte: Armazém de dados, SIDS, REDS, Ocorrência (PMMG) e Centro Integrado de Informações de Defesa Social (CINDS), Superintendência de Informação e Inteligência Policial (PCMG) / Elaboração: Fundação João Pinheiro. Os valores apresentados referem-se à média trienal entre os valores observados no ano de referência indicado no gráfico e nos anos adjacentes. <http://imrs.fjp.mg.gov.br/NovoPerfil?id=789#seguranca>.

Figura 9.8 - Taxa de ocorrências de homicídios intencionais (por 100.000 habitantes) de Serro – 2010 a 2018.

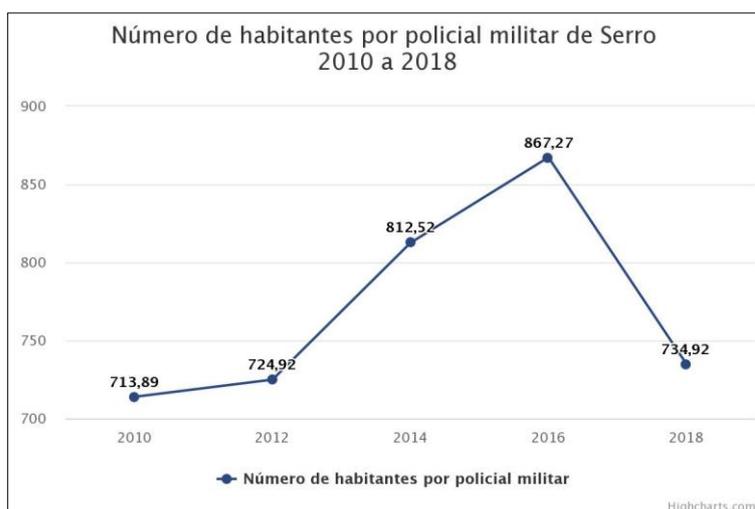
Crime violento contra o patrimônio é aquele que envolve algum tipo de violência (como agressão física) ou grave ameaça (como uso de arma de fogo) para a subtração de determinado bem. A vítima tem a opção de comunicar, ou não, a ocorrência do roubo. Esse indicador é importante porque viabiliza um retrato sobre o que acontece no município em termos de ausência de segurança pública.



Fonte: Armazém de dados, SIDS, REDS, Ocorrência (PMMG) e Centro Integrado de Informações de Defesa Social (CINDS), Superintendência de Informação e Inteligência Policial (PCMG) / Elaboração: Fundação João Pinheiro. Os valores apresentados referem-se à média trienal entre os valores observados no ano de referência indicado no gráfico e nos anos adjacentes. <http://imrs.fjp.mg.gov.br/NovoPerfil?id=789#seguranca>.

**Figura 9.9 – Taxa de crimes violentos contra o patrimônio (por 100.000 habitantes) de Serro – 2010 a 2018.**

A Polícia Militar é a única instituição do sistema de segurança pública presente em todos os municípios de Minas Gerais. O aparato policial existente é o recurso institucional mais importante para a operacionalização da política, sendo a quantidade de habitantes por policial militar um indicador importante para se avaliar a situação da segurança no município.



Fonte: Polícia Militar de Minas Gerais / Elaboração: Fundação João Pinheiro. Os valores apresentados referem-se à média trienal entre os valores observados no ano de referência indicado no gráfico e nos anos adjacentes. <http://imrs.fjp.mg.gov.br/NovoPerfil?id=789#seguranca>

**Figura 9.10 – Número de habitantes por policial militar de Serro – 2010 a 2018.**

### 9.3.17 Transporte

Segundo pesquisa sobre frota de veículos no município do Serro realizada pelo IBGE no ano de 2020, há no município 7.736 veículos. Os tipos de veículos estão relacionados na tabela abaixo.

Tabela 9.30 – Frota de veículos no município do Serro / MG.

TIPOS DE VEÍCULOS		
Automóvel	3.717	veículos
Bonde	0	veículos
Caminhão	228	veículos
Caminhão trator	8	veículos
Caminhonete	779	veículos
Camioneta	148	veículos
Chassi plataforma	0	veículos
Ciclomotor	16	veículos
Micro-ônibus	29	veículos
Motocicleta	2.549	veículos
Motoneta	54	veículos
Ônibus	89	veículos
Quadriciclo	0	veículos
Reboque	67	veículos
Semi-reboque	6	veículos
Sidecar	1	veículos
Trator de esteira	0	veículos
Trator de rodas	3	veículos
Triciclo	5	veículos
Utilitário	37	veículos
Outros	0	veículos

### 9.3.18 Comunicação

No município há o jornal - O Sentinela - Órgão informativo da Prefeitura Municipal de Serro com sede localizada na Praça João Pinheiro, 154 – Centro. Os demais meios de comunicação segundo pesquisa MUNIC - Suplemento Cultura 2014 do IBGE estão descritos a seguir na tabela:

Tabela 9.31 – Meios de comunicação no município do Serro / MG.

MEIOS DE COMUNICAÇÃO	
Jornal impresso local - existência	Sim
Revista impressa local - existência	Não
Rádio AM local - existência	Não
Rádio FM local - existência	Sim
Rádio comunitária - existência	Sim
Tv comunitária - existência	Não
Geradora de tv - existência	Não
Provedor de internet	Sim
Canais de tv aberta captados no município	Cinco

### 9.3.19 Organizações da Sociedade Civil e demais grupos de interesse da região

Há no município 43 fundações privadas e associações sem fins lucrativos e 60 entidades sem fins lucrativos. A tabela abaixo detalha cada uma por grupo de classificação.

FUNDAÇÕES PRIVADAS E ASSOCIAÇÕES SEM FINS LUCRATIVOS	
Saúde	1
Cultura e Recreação	11
Assistência Social	3
Religião	9
Associações Patronais, Profissionais e de Produtores Rurais	3
Desenvolvimento e Defesa de Direitos	12
Outras Instituições Privadas Sem Fins Lucrativos	4
ENTIDADES SEM FINS LUCRATIVOS	
Saúde	1
Cultura e Recreação	11
Educação e Pesquisa	10
Assistência Social	3
Religião	9
Partidos Políticos, Sindicatos, Associações Patronais e Profissionais	10
Desenvolvimento e Defesa de Direitos	12
Outras Instituições Privadas Sem Fins Lucrativos	4

### 9.3.20 Educação

O ensino educacional, segundo IBGE, é oferecido pelas escolas, sendo dezesseis escolas de nível pré-escolar, vinte e oito de nível fundamental e sete de nível médio.



Figura 9.11 – Escolas do Serro.

A tabela seguinte demonstra o número de escolas, matrículas e docentes quanto à relação das instituições e o nível de ensino das mesmas.

Tabela 9.32 – Caracterização das instituições de ensino no Serro - 2017.

Escola	Nível do ensino	Número de escolas	Número de matrículas	Número de docentes
Estadual	Fundamental	9	2.393	-
	Médio	6	1.083	98
Municipal	Pré-escolar	15	454	36
	Fundamental	17	457	-
Privada	Pré-escolar	1	19	2
	Fundamental	2	215	-
	Médio	1	62	12

Fonte: IBGE/pesquisa/ ensino matrícula e docentes/

A taxa de analfabetismo da população total de 15 anos ou mais de idade no Serro em 2000, foi de 26,9%, enquanto em 2010 foi de 18,7%. Quanto as taxas de analfabetismo por faixa de idade, podemos observar que houve queda significativa da taxa de analfabetismo comparando os anos de 2000 e 2010 em todos os grupos de idade.

Tabela 9.33 – Taxa de analfabetismo da população de 15 anos ou mais de idade nos anos de 2000 e 2010.

Ano	Grupos de idade	Taxa de analfabetismo
2000	15 a 24 anos	10,5%
	24 a 59 anos	28,1%
	60 anos ou mais	56,0%
2010	15 a 24 anos	3,3%
	24 a 59 anos	18,2%
	60 anos ou mais	46,7%

Fonte - [http://www.ibge.gov.br/cidadesat/ibge\\_pesquisa/censo/universo\\_indicadores\\_sociais\\_municipais](http://www.ibge.gov.br/cidadesat/ibge_pesquisa/censo/universo_indicadores_sociais_municipais)

### 9.3.21 Saúde

O sistema de saúde do município do Serro conta ao todo com 17 estabelecimentos de saúde. Destes, 13 são estabelecimentos de saúde públicos e 4 privados. A policlínica fica localizada na região central da sede urbana e conta com o apoio de nove núcleos de estratégia de saúde da família espalhados pelo município e distritos da região. Os estabelecimentos da rede pública possuem atendimento de emergência, ambulatorial e odontológico, assim, como discriminado a seguir:

Tabela 9.34 – Estabelecimentos de saúde no Serro, 2009.

Categoria dos estabelecimentos de saúde	Número de estabelecimentos
Total de estabelecimentos de saúde	17
Público municipal	13
Privado	4
Privado com fins lucrativos	3
Privado sem fins lucrativos	1
Privado SUS	1
Público com internação	1
Público sem internação	12
Privado com internação	-
Privado sem internação	-
Com atendimento de emergência	1
Com atendimento ambulatorial	12
Com atendimento odontológico	5

Fonte - <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> 2009

A policlínica municipal do Serro está localizada na Rua Luiz Advíncula Reis, n.º 50 no Centro. O horário de funcionamento é de 7h às 16h. As especialidades disponíveis no atendimento são: pediatria, ginecologia e clínica geral. Os serviços oferecidos são: realização de curativos, dispensação de medicamentos pela farmácia, coleta de citopatológico de colo uterino, aferição de pressão arterial e glicemia capilar.



Figura 9.12 – Unidades de saúde do Serro.

A estrutura principal da policlínica do Serro tem três médicos: uma pediatra, uma ginecologista e um clínico geral. Além dos médicos possui uma equipe pediátrica da qual fazem parte uma psicóloga e um enfermeiro.

A casa de Caridade Santa Tereza funciona como hospital do Serro. Ela oferece serviços nas áreas: médico hospitalar de Clínica Médica, Cirurgia Pediátrica/Neonatal, Gineco-Obstetrícia, Ortopedia, Pronto Atendimento, Serviço social, Eletrocardiograma, Endoscopia Digestiva, Laboratório de Análises e Radiologia.

Além de atender à comunidade do Serro, a Casa presta serviços hospitalares e ambulatoriais para os pacientes dos municípios de Santo Antônio do Itambé, Alvorada de Minas, Serra Azul de Minas, Presidente Kubitschek, entre outros, num total de 2.200 atendimentos ambulatoriais/mês e 170 internações/mês, dos quais 90% são realizados pelo SUS.

Houve na cidade, segundo dados do IBGE do ano de 2019, registro de 131 óbitos, sendo 74 do sexo masculino e 57 do sexo feminino. Abaixo há a listagem das doenças e causas que levaram ao óbito.

Tabela 9.35 – Doenças e Causas de morbidade no Serro.

DOENÇAS E CAUSA DE MORBIDADE	
Algumas doenças infecciosas e parasitárias	9
Neoplasmas (Tumores)	22
Doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos e alguns transtornos imunitários	2
Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas	15
Transtornos mentais e comportamentais	5
Doenças do sistema nervoso	2
Doenças do aparelho circulatório	20
Doenças do aparelho respiratório	11
Doenças do aparelho digestivo	5
Doenças da pele e do tecido subcutâneo	1
Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo	1
Doenças do aparelho geniturinário	7
Gravidez, parto e puerpério	1
Algumas afecções originadas no período perinatal	1
Sintomas, sinais e achados anormais em exames clínicos e de laboratório, não classificados em outra parte	15
Causas externas de morbidade e mortalidade	14

Fonte: IBGE | Cidades@ | Minas Gerais | Serro | Pesquisa | Morbidade | Óbitos

### 9.3.22 Patrimônio Histórico e Natural, Lazer, Turismo e Cultura



Figura 9.13 – Prédios históricos do Serro.

Localizada na Serra do Espinhaço, o que lhe confere muitas ladeiras e morros, o Serro foi o primeiro município brasileiro a ter o conjunto arquitetônico e urbanístico tombado pelo IPHAN. O lazer no Serro está em andar por suas ruas para conhecer as antigas igrejas da época colonial e observar a arquitetura dos casarões históricos preservados.

A igreja de Santa Rita está situada no alto de uma longa escadaria, onde se avista o Pico do Itambé, com seus 2.044 metros de altitude, e uma vista panorâmica do centro histórico do Serro é um dos grandes atrativos turísticos da cidade. Outras igrejas históricas que se destacam pelas construções são: a Igreja Nossa Senhora do Carmo e a de Nossa Senhora do Rosário. A festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos acontece todo final de semana do mês de julho, com missa, procissão e apresentação da tradicional congada.

A cidade proporciona diversas manifestações e festas populares com motivos religiosos, culturais e simplesmente festivos. Algumas das principais são apresentadas a seguir.

- Folia dos Reis e São Sebastião 06 e 20 de janeiro;
- Semana Santa entre março e abril;
- Festa do Cavalo acontece na primeira semana de maio;
- Festa do Divino e Exaltação da Santa Cruz em maio;
- Festa de Nossa Senhora do Rosário primeiro final de semana de julho;
- Festa do Queijo em setembro com Concurso de Queijo, torneio leiteiro, exposições, noite de vinhos e queijos, eleição da rainha do Queijo;
- Festa Nossa Senhora da Conceição do Serro padroeira da cidade dia 08 de dezembro.

Todas essas celebrações, mobilizam a cidade e modificam o cotidiano da cidade com missas, rezas, procissões e manifestações folclóricas. Entre as principais estão as apresentações dos grupos de pastorinhas, folias de reis, cavalgadas e, principalmente, o congado. Abaixo segue a Relação de Bens Culturais Protegidos no Serro apresentados ao ICMS- IEPHA-MG 2018:

Tabela 9.36 – Relação de bens protegidos apresentados ao ICMS- IEPHA/MG - 2020.

Bem cultural tombado	Nível de proteção			Categoria
	Federal	Estadual	Municipal	
Capela de N. Sra. Do Rosário			X	BI
Capela de Santo Antônio			X	BI
Capela de São Geraldo			X	BI
Capela de São Miguel do Cemitério			X	BI
Casa General Carneiro			X	BI
Chácara do Barão do Serro			X	BI
E.E Ministro Edmundo Lins			X	BI
Igreja de N. Sra. do Rosário dos Homens Pretos de Serro			X	BI
Igreja de Santa Rita			X	BI
Prefeitura Municipal			X	BI
Rancho de Tropas			X	BI
Casa dos Ottoni - Museu Regional	X			BI
Igreja do Bom Jesus de Matosinhos	X			BI
Igreja Matriz de N. Sra. da Conceição	X			BI
Igreja Matriz de N. Sra. dos Prazeres – distrito de Milho Verde		X		BI
Igreja Matriz de São Gonçalo - distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras		X		BI
Igreja N. Sra. do Carmo	X			BI
Chácara do Barão do Serro	X			BI
Imagem N. Sra. do Rosário			X	BM
Conj. Arquit da Serra da Caroula			X	CP
Conj Paisag. da bacia do rio Jequitinhonha		X		CP *1
Conj Arquit e Urbanístico da Cidade do Serro	X			NH
Banda Santíssimo Sacramento (Formas de Expressão)			X	RI
Festa de Nossa Senhora do Rosário do Serro (Celebrações)			X	RI
Modo de Fazer o Queijo Artesanal (Saberes)			X	RI
Linguagem dos Sinos	X			RI *3
Modo artesanal de fazer Queijo de Minas nas regiões do Serro; Serra da Canastra; e Salitre/Alto Paranaíba	X			RI *4
Modo de Fazer o Queijo Artesanal da Região do Serro		X		RI *5
Roda de Capoeira e/ou Ofício de Mestre da Capoeira	X			RI *7
Folias de Minas		X		RI *8
Violas de Minas		X		RI *9
Pico do Itambé		X		CP

Fonte:

<https://onedrive.live.com/view.aspx?resid=661D7B26F6C5B354!1266&ithint=file%2cpdf&app=WordPdf&authkey=!AAoZ9CiUJZl3yg>  
 NH: Núcleos Históricos, Centros Históricos; CP: Conjuntos Paisagísticos, Arquitetônicos, Naturais, Arqueológicos BI: Bens Imóveis - Estruturas Arquitetônicas isoladas BM: Bens Móveis, Bens Móveis Integrados RI: Registro Imaterial

## 9.4 CARACTERIZAÇÃO DAS COMUNIDADES DO ENTORNO E PERCEPÇÃO AMBIENTAL

### 9.4.1 Apresentação

O presente relatório de Percepção Ambiental foi elaborado para compor o Estudo de Impacto Ambiental do empreendimento Mineração Conemp Ltda. uma empresa do grupo Herculano.

Os dados apresentados neste relatório pretendem transmitir uma percepção ambiental ampla e detalhada da área considerada como área de estudo local (AEL). Desta maneira, a metodologia empregada foi a de entrevistas semiestruturadas, além da observação analítica sistemática das localidades percorridas.

A primeira parte deste trabalho apresenta a metodologia de pesquisa empregada e a caracterização da localidade do presente estudo, a segunda trata-se da análise dos dados quantitativos coletados em campo, através da realização de entrevistas com a população. Destaca-se que os trabalhos de campo apresentados foram realizados nos dias 08, 09, 10 e 11 referentes ao mês de outubro de 2018, quando 90 pessoas concederam entrevistas aos pesquisadores. A realização de novos questionários foi restrita em função das restrições sanitárias aplicáveis a partir de 2020 até a conclusão dos estudos ora apresentados.

### 9.4.2 Introdução

A percepção humana muitas vezes está condicionada por uma série de elementos, entre estes, a maneira como os indivíduos estão estruturados para receber e desta forma elaborar, os estímulos do meio ambiente. Aspectos como a motivação, emoções, valores, objetivos, interesses, expectativas, entre outros, determinam a forma com a qual o mundo é percebido pelo homem. Assim, é possível considerar que a percepção é um processo subjetivo, pois está ligada às particularidades individuais.

De acordo com Davidoff (1983), é possível definir percepção como um processo que busca organizar e interpretar sensações para o consequente desenvolvimento da consciência do ambiente que cerca o homem. O ato de perceber implica, invariavelmente, a interpretação. Para Tuan (1980), há uma complexidade de elementos que interagem na percepção. Esta é uma atividade de se estender para o mundo, o ato de perceber estímulos externos, atividade em que certos acontecimentos são registrados enquanto outros são descartados.

A relevância da pesquisa de percepção ambiental foi identificada pela UNESCO em 1973. As dificuldades encontradas para a proteção dos ambientes naturais podem ser entendidas como um resultado de diferenças nas percepções dos valores e da importância dos mesmos em grupos e culturas diferentes, que têm funções distintas, no que diz respeito ao plano social (COELHO, 2000).

Deste modo, a pesquisa realizada busca compreender os aspectos subjetivos das relações sociais estabelecidas pela população pesquisada em relação ao meio ambiente, bem como as referências, os valores e as expectativas que permeiam estas relações. Além disso, é foco do estudo a relação que a população local pode vir a estabelecer com a atividade de mineração instalada.

### 9.4.3 Caracterização da Área de Estudo Regional – AER

A totalidade da amostra que compreende o presente estudo de Percepção Ambiental está localizada nos arredores do futuro empreendimento da Conemp Mineração a ser instalado no Serro-MG. As localidades pesquisadas foram comunidades rurais próximas a área do empreendimento.

A seguir apresenta-se um mapa com a localização da região abordada nesse estudo e a caracterização de cada localidade.

Tabela 9.37 – Localidades presentes na AER.

Ponto	Nome	Tipo	Ponto	Nome	Tipo
1	Arraial de Baixo	Localidade/Bairro	29	Lazareto	Localidade/Bairro
2	Bicentenário	Localidade/Bairro	30	Limoeiro	Localidade/Bairro
3	Boa Vista de Lages	Localidade/Bairro	31	Machadinho	Localidade/Bairro
4	Bota Vira	Localidade/Bairro	32	Milho Verde	Localidade/Bairro
5	Botafogo	Localidade/Bairro	33	Morro de Areia	Localidade/Bairro
6	Capivari	Localidade/Bairro	34	Morro do Vento	Localidade/Bairro
7	Cavalcante	Localidade/Bairro	35	Motoso	Localidade/Bairro
8	Cedro	Localidade/Bairro	36	Mumbaça	Localidade/Bairro
9	Chácara do Coqueiro	Localidade/Bairro	37	N. Sra. Aparecida	Localidade/Bairro
10	Cidade Nova	Localidade/Bairro	38	Novo Rosário	Localidade/Bairro
11	Cidade Nova II	Localidade/Bairro	39	Páscoa	Localidade/Bairro
12	Condado	Localidade/Bairro	40	Pedra Lisa	Localidade/Bairro
13	Córrego da Prata	Localidade/Bairro	41	Pedra Redonda	Localidade/Bairro
14	Escola Botafogo	Escola	42	Pedro Lessa	Localidade/Bairro
15	ETE Serro	Localidade/Bairro	43	Praia	Localidade/Bairro
16	Fazenda Campo Verde	Fazenda	44	Ribeirão	Localidade/Bairro
17	Fazenda da Prata	Fazenda	45	Rosário	Localidade/Bairro
18	Fazenda Dona Tuca	Fazenda	46	Santa Luzia	Localidade/Bairro
19	Fazenda Guilis	Fazenda	47	Santo Antônio do Itambé	Localidade/Bairro
20	Fazenda Guilis 2	Fazenda	48	São Geraldo	Localidade/Bairro
21	Fazenda Santa Cruz	Fazenda	49	São Gonçalo do Rio das Pedras	Localidade/Bairro
22	Fazenda São José	Fazenda	50	São José das Maravilhas	Localidade/Bairro
23	Fazenda São Romão	Fazenda	51	Sede Municipal Serro	Localidade/Bairro
24	Fazenda Sr. Ramilton	Fazenda	52	Três Barras	Localidade/Bairro
25	Floriano	Localidade/Bairro	53	Várzea de Baixo	Localidade/Bairro
26	Gambá	Localidade/Bairro	54	Várzea do Rio do Peixe	Localidade/Bairro
27	Igreja do Carmo	Igreja	55	Vila de Capelinha	Localidade/Bairro
28	Igreja do Rosário	Igreja			

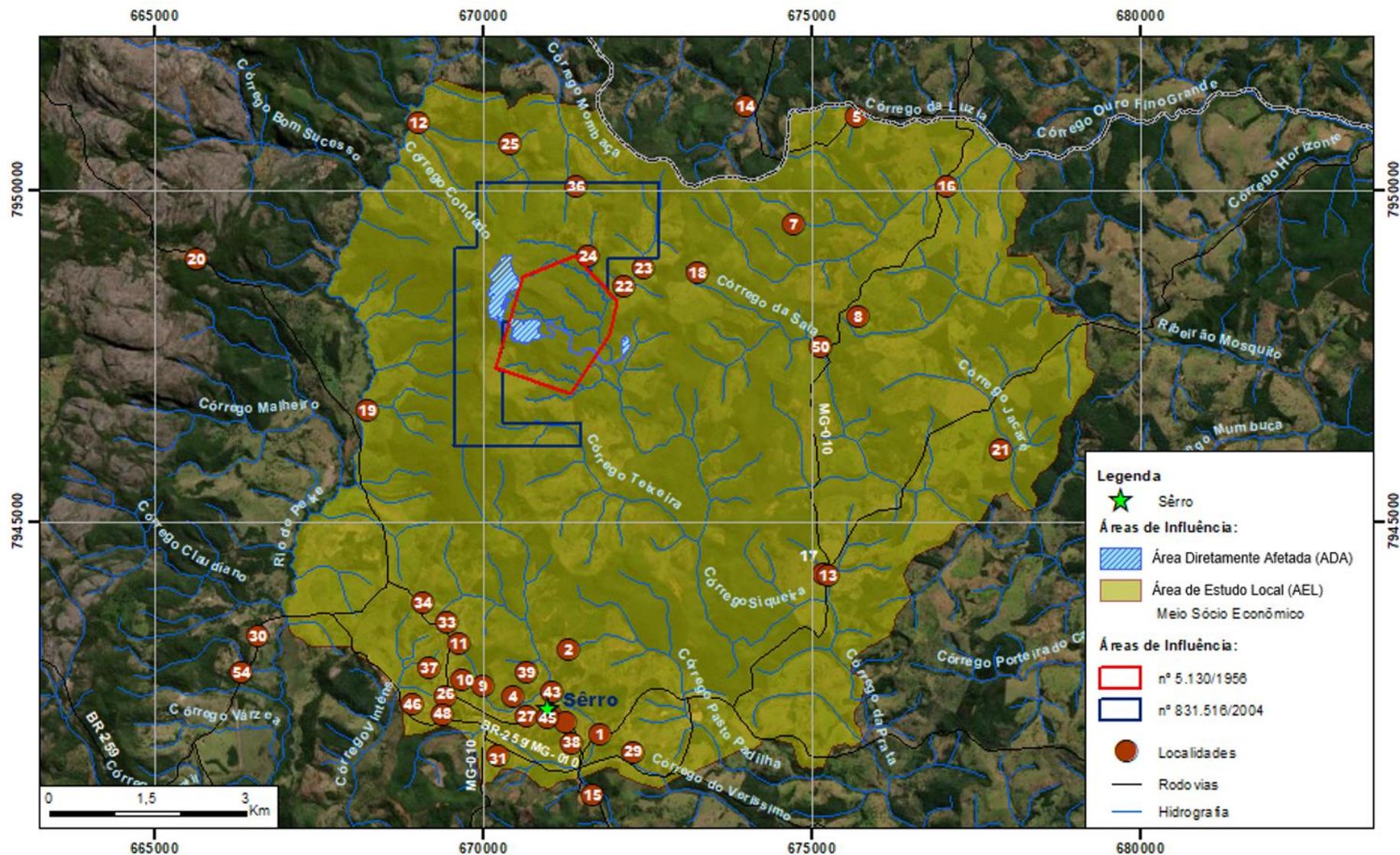


Figura 9.14 – Mapa de localização da região que compreende a AEL, mostrando as localidades.

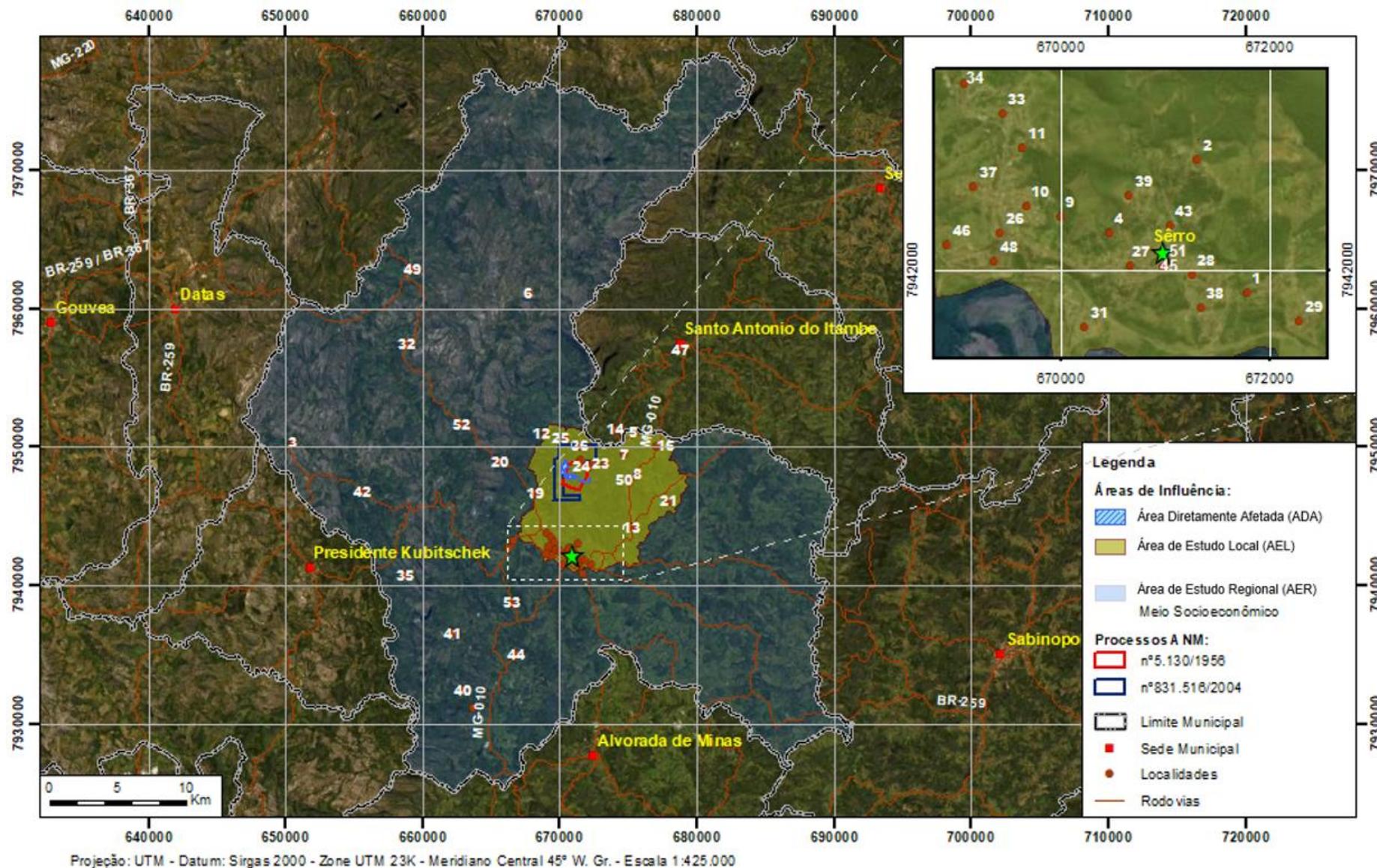


Figura 9.15 – Mapa de localização da região que compreende a AEL e AER do empreendimento, mostrando as localidades.

### 9.4.3.1 Comunidades Rurais

A seguir serão descritos aspectos das regiões rurais pesquisadas: Queimadas/Cavalcanti, Condado, Floriano, Mumbaça, e Botafogo entre estas, estão as fazendas também percorridas como: fazenda Guilis, fazenda Sr. Ramilton, fazenda São Romão, fazenda Dona Tuca e fazenda São José.

A comunidade de Queimadas está localizada na região entre a divisa dos municípios de Serro e Santo Antônio do Itambé, sendo pertencente ao Vale do Jequitinhonha. A comunidade de Queimadas subdivide-se em cinco regiões, sendo elas a Cabeceira de Mumbuca, Córrego Cavalcante, Arraial de São José das Maravilhas e Córrego do Criminoso, fazendo divisa com as comunidades de Itambé, Botafogo e Mumbuca. Segundo dados da própria prefeitura há cerca de 54 famílias residentes nas comunidades rurais de Queimadas/Cavalcanti, Condado, Floriano, Mumbaça, e Botafogo totalizando aproximadamente 245 pessoas. As crianças da comunidade se deslocam para escolas da região, já que a comunidade não possui escolas. Os moradores de Queimadas em sua grande maioria trabalham na lavoura cultivando café e mandioca, algumas mulheres da região vendem hortaliças na região.

Em todas as regiões visitadas há receio quanto aos empreendimentos minerários provocarem escassez d'água. Isso pode ser associado a experiências negativas envolvendo outros empreendimentos minerários que já causaram problemas semelhantes (no caso do projeto da Conemp Mineração o beneficiamento mineral será a seco, sem necessidade de rebaixamento de lençol para a cava). Porém, houve também entrevistados que alegaram já estarem passando pelo problema de falta d'água mesmo sem a mineração.



Figura 9.16 – Fotos da pesquisa de percepção ambiental (Parte 01 de 03).



Figura 9.17 – Fotos da pesquisa de percepção ambiental (Parte 02 de 03).



Figura 9.18 – Fotos da pesquisa de percepção ambiental (Parte 03 de 03).

Em entrevista com o presidente e secretária da associação local denominada “Associação Quilombola de Queimadas” foi informado que aproximadamente 30 famílias participam da associação, sendo muitos beneficiários do programa do governo federal Bolsa Família. Segundo eles, os principais problemas da comunidade são: falta de água, falta de manutenção de estradas, falta infraestrutura para atendimento médico, falta sede para a associação. Em Queimadas há um pequeno casebre improvisado usado para reuniões da Associação que os membros costumam chamá-la de sede.

Segundo a secretária da Associação alguns membros produzem mandioca, farinha e rapadura. Eles alegam que não há conflito de terra, nem preconceito entre os membros da comunidade. O presidente relatou que a associação não possui documento do terreno que foi doado para estabelecerem a sede.

Entre os receios dos entrevistados quanto aos impactos que a instalação de uma mineração pode causar estão: falta de água, poeira e a chegada de pessoas de fora.



Figura 9.19 – Entrevistas com os membros da “Associação Quilombola de Queimadas”.

A comunidade não conta com posto de saúde, sendo este serviço prestado em uma residência cedida para que os médicos do Programa Saúde da Família (PSF) possam atender.



Figura 9.20 – Casas da região.

A Escola Municipal Zeca Nunes, fundada em dezembro de 1987, fica no povoado do Condado e atende as comunidades rurais adjacentes. A escola oferece educação infantil pré-escola e anos iniciais do ensino fundamental até o 5º ano com turmas multiseriadas. Há atualmente 34 alunos matriculados e 3 professores. Quanto à infraestrutura há merenda escolar para os alunos, água do rio, água filtrada, energia da rede pública, fossa e o lixo é destinado a queima. A escola conta com TV, DVD, antena parabólica e aparelho de som.

Quanto às dependências são 4 salas de aulas, 8 funcionários, cozinha, banheiro dentro do prédio, despensa, pátio coberto. Os alunos não contam com serviço de transporte escolar. Uma vez por mês um médico atende nas dependências da escola.



Figura 9.21 – A esquerda a Escola Municipal Zeca Nunes e a direita a mercearia ao lado da escola.

Segundo moradores do Condado a associação de moradores da região não tem presidente, ela está apenas formalizada no papel e encontra-se parada. Há uma capela católica e três igrejas evangélicas na região do Condado.

Em todas as regiões rurais citadas a maioria das ruas não possui calçamento. Os moradores costumam queimar o lixo, utilizam água da nascente e para escoamento sanitário fossa negra. A energia provém da CEMIG. Há um campo de futebol, em Floriano e em Botafogo, e uma cachoeira chamada prainha, no Condado.

Muitos moradores possuem criação de animais e praticam agricultura de subsistência. A região é essencialmente rural, há algumas mercearias e bares, alguns moradores vendem o que cultivam e ou trocam por outra mercadoria.

No córrego da Gameleira, segundo os moradores, há 14 casas de familiares com cerca de 4 a 6 pessoas por casa, incluindo crianças e idosos. Os moradores se identificaram como romeiros, não como quilombolas. No local, há um terreiro batido supostamente usado para festas.



Figura 9.22 – Região do Botafogo.



Figura 9.23 – Região do Floriano.

Na região do Mumbaça, há produtores de queijo que participam de Cooperativa dos Produtores Rurais do Serro.



Figura 9.24 – Local onde realizam reuniões da Associação

Na região do córrego do Criminoso existe a tradição de plantar mandioca e fazer farinha para troca, alguns moradores eram tropeiros, cantavam e tocavam pandeiro no grupo de folia. Há evidências tais como instrumentos antigos para fazer a farinha e o antigo pandeiro.



Figura 9.25 – Da esquerda para direita: Entrevistas com os moradores; uso do pandeiro; e o forno.



Figura 9.26 – A esquerda a região do córrego do criminoso e a direita a região do Mumbaça.

O povoado de Botafogo fica na divisa do Serro com município de Santo Antônio do Itambé a qual o distrito pertence. A Escola Municipal do Botafogo foi instalada no povoado em 18/05/1979 e oferece os anos iniciais do ensino fundamental. A infraestrutura conta com alimentação escolar para os alunos, água filtrada, água de poço artesiano, energia da rede pública, fossa e lixo que, conforme informado, é destinado à queima. Quanto aos equipamentos, a escola possui computadores administrativos, TV, DVD e câmera fotográfica/filmadora. As dependências da escola possuem 3 salas, sendo 2 salas de aulas utilizadas, 3 funcionários, cozinha, banheiro dentro do prédio, refeitório, despensa e um pátio descoberto.



Figura 9.27 – Escola Municipal de Botafogo.

Há também próximo a escola uma capela da Padroeira Mãe do Santo Rosário e Medianeira dos Povos, onde também celebram festas em homenagem à Nossa Senhora de Fátima e Nossa Senhora Aparecida.



Figura 9.28 – Capela no povoado de Botafogo e o Cruzeiro na frente da Capela.

A Prefeitura de Santo Antônio do Itambé instalou em parceria com o governo do Estado de Minas calçamento nas vias da capela e escola da comunidade de Botafogo. Em frente à capela há um campo de futebol que é utilizado para lazer pela população local.



Figura 9.29 – Aviso das obras de calçamento da Prefeitura de Santo Antônio do Itambé e foto do campo de futebol da Comunidade de Botafogo.

Na região do Botafogo, existe uma articulação e especulação imobiliária com várias casas em construção e alguns entrevistados interessados em vender para empreendimentos interessados em se instalar na área.

#### 9.4.3.2 Sede do Serro

A sede do Serro fica a aproximadamente 5 km, em linha reta, de distância das futuras instalações do empreendimento.

A atual composição do Município é a seguinte: Serro (Sede) e os distritos: Deputado Augusto Clementino, Milho Verde, Pedro Lessa e São Gonçalo do Rio das Pedras. A população estimada pelo IBGE para 2018 é de 20.993 habitantes no município.

Segundo dados da prefeitura, a economia local possui 377 empresas atuantes em segmentos variados como construção civil, lazer, moda, gastronomia, atacado e varejo. Quatro agências bancárias: Caixa Econômica, Banco do Brasil, Itaú e CREDICEM. Um posto de atendimento do Banco Bradesco, uma unidade dos Correios e a Previdência Social. Há 2.262 agricultores cadastrados na Secretaria Municipal de Agricultura e na Emater. Na silvicultura há o plantio de eucaliptos e as demais culturas praticadas são: plantio de milho, feijão, mandioca, cana de açúcar, produção de cachaça artesanal, bovinocultura de leite e corte. Outro setor que movimenta a economia local é o turismo devido a arquitetura da cidade, as belezas naturais dos distritos de Milho Verde e São Gonçalo do Rio das Pedras.



Figura 9.30 – Fotos da sede do Município do Serro.



Figura 9.31 – Fotos da sede do Município do Serro.

A Escola Municipal Irmã Carvalho foi fundada em 1924, funciona há 10 anos na Ladeira da Matriz, n.º 100. A escola oferece creche e pré-escola do maternal 3 até 2º período e possui 228 alunos matriculados. A instituição funciona durante dois turnos: manhã e tarde. Possui 30 funcionários: uma diretora, 1 secretária, 6 serventes, 4 funcionários eventuais e os demais constituem o corpo docente. Quanto à infraestrutura: merenda escolar, água filtrada, energia da rede pública, esgoto da rede pública, lixo destinado à coleta periódica e acesso à internet. Os equipamentos disponíveis são computadores, TV, DVD, copiadora, retroprojetor, impressora, aparelho de som, projetor multimídia (*datashow*) e câmera fotográfica/filmadora.

As dependências da escola são constituídas por 7 salas de aulas, sala de diretoria, sala de professores, cozinha, parque infantil, banheiro, dependências e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, sala de secretaria, refeitório, despensa, almoxarifado, auditório, pátio coberto, pátio descoberto e área verde.



Figura 9.32 – Escola Municipal Irmã Carvalho.

A Escola Estadual Ministro Edmundo Lins foi fundada em 1965, localizada no centro do Serro, Largo do Pelourinho, 36. A instituição oferece os níveis de ensino fundamental e ensino médio, Educação de Jovens e Adultos - Supletivo. Possui 800 alunos matriculados e 37 professores. Conta com serviço de transporte escolar disponibilizado pela Prefeitura Municipal de Serro. A escola atende alunos de todas as localidades do município inclusive zona rural.



Figura 9.33 – Escola Estadual Ministro Edmundo Lins e placas na fachada da escola.

A escola conta com alimentação escolar para os alunos; água filtrada, água da rede pública, energia da rede pública, esgoto da rede pública, lixo destinado à coleta periódica, acesso à internet e banda larga. Quanto aos equipamentos há computadores administrativos, computadores para alunos, TV DVD, copiadora, retroprojeto, impressora, aparelho de som, projetor multimídia (*datashow*), fax e câmera fotográfica/filmadora. Já a infraestrutura conta com 12 salas de aulas, 75 funcionários, 01 sala de diretoria, 01 sala de professores, 01 laboratório de informática, 01 laboratório de ciências, quadra de esportes descoberta, cozinha, biblioteca, banheiro dentro do prédio, sala de secretaria, refeitório, dispensa, pátio descoberto e área verde.

Na área de saúde o Município de Serro conta com 9 unidades de saúde com Programa Saúde da Família (PSF) na sede do município mais a policlínica e o hospital. O posto de saúde do centro funciona no local há 6 anos. Segundo a coordenação de saúde da sede do município, a unidade atende cerca de 899 famílias, 2.832 habitantes. As doenças de maior incidência na região são doenças crônicas como hipertensão, diabetes e doença cardiovascular. A unidade central conta com médico clínico geral, enfermeira, técnica de enfermagem, agentes de saúde, dentista, auxiliar de saúde bucal e faxineira. Às segundas-feiras há atendimento de apoio com fonoaudiólogo, psicólogo e nutricionista. O médico atende todos os dias com exceção da quarta-feira. Os casos de urgência são encaminhados ao Hospital Casa de Caridade Santa Tereza.



Figura 9.34 – Na foto a esquerda está a fachada do posto de saúde do centro do município e a direita o hospital Casa de Caridade Santa Tereza.

Em termos de comércio e serviços a cidade é bem equipada atendendo as demandas da população. Quanto aos serviços públicos a energia provém da CEMIG, água da COPASA, calçamento das ruas e coleta de lixo pela prefeitura.

A cidade também possui uma área de esportes conhecida como Serro Tênis Clube construída em 01/01/1954. O clube é composto por três quadras poliesportivas, duas piscinas semiolímpicas, um parquinho e um campo de futebol. Essa área de lazer foi reformada e ampliada pela prefeitura municipal em setembro de 1984, localiza-se na região central da cidade e para seu usufruto é necessário fazer uma inscrição no local.

Dentre as atrações turísticas da sede estão a: Bolerata banda de música do Serro (estilo vespertina), Festa do Rosário e Congado, Museu "Casa dos Otoni", Igrejas e Barroco, Casas Históricas, Praças e Ruas, Mirantes da Cidade, Paisagem e Traçado Urbano. A Infraestrutura para o turismo local conta com hotéis, restaurantes, bares, sorveterias, hospedagem (hotéis, pousadas, pensões, campings), serviços (táxi, autopeças, mecânica, cultura, lazer).

Há ainda os produtos típicos como: Artesanato (feira, lojas, oficinas e ateliês) e o Queijo do Serro - produto típico local.



Figura 9.35 – Casarões do centro.



Figura 9.36 – Igreja de Santa Rita.

#### 9.4.4 Referências Teóricas para a Análise da Percepção

Este estudo buscou caracterizar a percepção e o comportamento socioambiental dos moradores locais pertencentes à comunidade supracitada.

O trabalho apresentado pode ser classificado, segundo a natureza de seus aportes, num grupo em que estão os trabalhos relativos às questões ambientais, onde o exercício da percepção se revela como instrumento para a interpretação da realidade e formação de valores de modo que contribua à ampliação da compreensão dessa mesma realidade que cada um de nós constrói interiormente e que configura nosso cotidiano.

Vários são os fatores que influenciam a percepção humana, e isto ocorre pela maneira como os corpos estão estruturados para receber e elaborar os estímulos provenientes do meio ambiente, pois a compreensão da experiência perceptiva é diferente de indivíduo para indivíduo no tempo e no espaço. A motivação pessoal, as emoções, os valores, os objetivos, os interesses, as expectativas e outros estados mentais influenciam o que as pessoas percebem. Em suma, a percepção é um processo muito mais subjetivo do que se crê usualmente.

Segundo VISCOTT (1982: p. 11), que relaciona a percepção aos sentimentos, “os sentimentos são nossa reação ao que percebemos e, por sua vez, eles colorem e definem nossa percepção do mundo”. Ou seja, nossos pensamentos são nosso mundo. Quando o indivíduo conhece seus sentimentos, compreende sua reação ao mundo a que pertence. Entretanto, grande parte da realidade que decorre das percepções está ligada às necessidades e expectativas da pessoa.

A experiência do conhecimento sobre o espaço contribui para o aprimoramento da compreensão das imagens ambientais. Em seu trabalho sobre a imagem da cidade, LYNCH (1960) refere-se a cinco elementos, classificados pelo grau de complexidade, que são de importância vital para o reconhecimento, locomoção e localização dentro da cidade. Esses elementos, de acordo com o grau de complexidade, são: os caminhos, as ruas, os bairros, os nós e os pontos de referência.

Portanto, através desta pesquisa, procurou-se conhecer os juízos subjetivos da população e suas imagens em relação ao ambiente local, através da localização e focalização referencial, além de apreender, desta interface individual com a realidade, o comportamento ambiental, valores e crenças, o grau de satisfação e as expectativas coletivas em relação aos lugares e paisagens. Segundo TUAN (1983), *“a experiência é constituída de sentimento e pensamento (reflexão sobre este sentimento em relação à experiência vivenciada) e compõem a memória, que é recordada através de um processo seletivo a partir de estímulos ambientais diversos.”*

#### 9.4.4.1 Materiais e Métodos

A pesquisa se classifica como descritiva, pois tem como objetivo compreender a percepção ambiental dos moradores da região delimitada como AEL e dos *stakeholders*<sup>3</sup>, no que se refere ao empreendimento tratado (VERGARA, 2004). Trata-se de uma análise de dados que abarcam aspectos objetivos e subjetivos da população de interesse que requerem um esforço interpretativo por parte da equipe.

As bases teóricas para este estudo encontram-se no trabalho de TUAN (1980), que introduz os conceitos de Topofilia e de Topofobia, e mostra a influência da percepção na construção do espaço. O autor distingue a noção de espaço e de lugar, considerando o primeiro *“como um local organizado simplesmente a partir de suas funções e o segundo como um local carregado de significados e valores afetivos.”*

A técnica de pesquisa utilizada foi a realização de entrevistas individuais, através da aplicação de questionários previamente elaborados. Os dados primários foram coletados mediante a realização das entrevistas nos locais de residência dos moradores, em estabelecimentos comerciais, e nos órgãos públicos das localidades, nas quais houve também a coleta para a complementação dos dados socioeconômicos. Este contato pessoal permitiu uma maior interação com o entrevistado, assim como a visualização do contexto local que os moradores vivenciam o seu cotidiano.

A amostragem desse estudo é “não probabilística intencional”, assim, através das entrevistas obtiveram-se informações dos formadores de opinião da comunidade e demais residentes.

##### 9.4.4.1.1 Tipos de pesquisa

Para classificação da pesquisa adotou-se a taxionomia proposta por Vergara (2004), que considera como critérios a finalidade da pesquisa e os meios de investigação.

A pesquisa bibliográfica foi realizada em publicações disponíveis ao público em geral, por meio impresso e eletrônico, caracterizando essas fontes como secundárias. Essas publicações ofereceram sustentação teórica ao tema em estudo: percepção socioambiental.

---

<sup>3</sup> O conceito de *stakeholders* propriamente surgiu no *Stanford Research Institute* (SRI), em 1963, em oposição ao de “*stakeholders*” (acionistas) e referia-se a grupos cuja ausência de atenção levaria à inviabilidade de uma organização. Para Carrol e Buchholtz (2002, p.69) o conceito tem se tornado a ideia central para entendimento dos relacionamentos entre negócios e sociedade. Estes mesmos autores definem *stake* como “interesse ou partilhamento de uma responsabilidade, uma demanda por algo devido ou, ainda, um direito”. Em síntese, *stakeholder* (interessado, grupos de interesse, agentes, atores) será referido nesta pesquisa como sendo peessoas, grupos de pessoas e outras entidades, com interesses legítimos nas ações de implantação do empreendimento em questão, que podem afetar ou ser afetados por elas.

A pesquisa de campo forneceu subsídios para a avaliação da percepção socioambiental dos habitantes da área de estudo local (AEL) do empreendimento proposto. Foi adotada a metodologia de aplicação de questionários quali-quantitativo individuais como método de pesquisa. A realização de outras formas de abordagem, como, por exemplo, a realização de reuniões comunitárias não foi realizada em função das restrições sanitárias decorrentes da pandemia da COVID-19 que alcançaram a maior parte do período de elaboração dos estudos.

#### 9.4.4.2 População e Amostra

A amostragem realizada é compreendida como “não-probabilística”, “intencional” e “por conveniência”. Supõe-se, na abordagem intencional, o bom julgamento e a estratégia adequada na escolha de casos que possam ser incluídos na amostra e, conseqüentemente, chegar a uma amostragem que seja satisfatória para a necessidade do pesquisador (SELLTIZ, 1975, p. 584). No tocante à amostragem por conveniência, a mesma aborda uma técnica não-probabilística, com a intenção de atingir elementos convenientes, deixando a cargo do pesquisador a tarefa de selecionar os pesquisados (MALHOTRA, 2001, p. 305). Isso quer dizer que de acordo com a metodologia empregada ficou a cargo dos entrevistadores escolherem os entrevistados. O critério para a escolha/seleção dos pesquisados foi, portanto, técnica não probabilística e amostra por conveniência. Esta técnica é muito comum e consiste em selecionar uma amostra da população que seja acessível, pessoas que estavam disponíveis e que concordaram em participar da pesquisa.

A população de interesse foi composta pelos moradores de Queimadas/Cavalcanti, Condado, Floriano, Mumbaça, e Botafogo, representantes do comércio local, escola, associação de moradores, posto de saúde, pessoas consideradas como formadoras de opinião, representantes da comunidade etc.

Há, segundo levantamento realizado em campo, 953 famílias residentes na área delimitada como AEL do meio socioeconômico (somando 54 famílias das comunidades rurais e 899 famílias da região central do Serro). 90 moradores concederam entrevistas respondendo ao questionário. Essa amostra se encaixa em um cálculo amostral considerando o nível de confiança de 80% e erro porcentual de 6%, como demonstra a fórmula a seguir:

$$\text{Margem de erro} = z \times \frac{\sigma}{\sqrt{n}}$$

$n$  = tamanho da amostra •  $\sigma$  = desvio padrão da população •  $z$  = escore  $z$

Obtenha o desvio padrão da população ( $\sigma$ ) e o tamanho da amostra ( $n$ ).

Pegue a raiz quadrada do tamanho da amostra e divida-a pelo desvio padrão da população.

Multiplique o resultado pelo escore  $z$  coerente com o intervalo de confiança desejado.

Para a coleta dos dados foi elaborado um questionário, contendo 46 questões semiestruturadas, dividido em cinco blocos, a saber: Bloco I – Perfil do entrevistado; Bloco II – Questões relativas à moradia e de percepção da região; Bloco III – questões relativas às comunidades quilombolas e hábitos dos entrevistados; Bloco IV – Possibilidade de instalação de mineração na região; Bloco V – Informações Finais.

As questões semiestruturadas são recomendadas por Malhotra (2006), pois reduzem a interferência do pesquisador e também facilitam o preenchimento do questionário. A coleta de dados se deu de forma voluntária, sendo os indivíduos abordados esclarecidos quanto ao objetivo da pesquisa e informados quanto ao uso das informações, sendo guardado sigilo quanto à sua identidade. A aplicação dos questionários foi realizada individualmente, em forma de entrevista face a face, permitindo que a pergunta fosse feita pelo pesquisador ao pesquisado, sendo que o primeiro preenchia o item de resposta escolhido pelo segundo.

A população de interesse integra formadores de opinião, como os participantes de grupos comunitários e programas sociais, bem como associações de moradores, setores de comércio, saúde e esporte.

Nas comunidades rurais e na sede do município de Serro foram utilizadas as técnicas de aplicação de questionários semiestruturados. Assim, a população de interesse foi composta pelos moradores das localidades, representantes do comércio local, escolas, associação de moradores, posto de saúde e igreja, enfim, pessoas consideradas como formadoras de opinião, representantes da comunidade.

#### 9.4.4.3 Coleta de Dados

A coleta de dados foi sistematizada de modo a contemplar uma amostra não probabilística intencional, significativa da realidade encontrada nas localidades consultadas.

##### 9.4.4.3.1 Questionários

Na elaboração do instrumento de coleta de dados foram observadas as recomendações de Mattar (1996), Richardson et al. (1999) e Viegas (1999) quanto à não utilização de frases longas, com múltiplas ideias, bem como o uso de expressões técnicas e/ou ambíguas. Essas recomendações visam oferecer ao entrevistado melhor compreensão das expressões utilizadas no instrumento de pesquisa e facilitar a formulação de respostas dos mesmos.

Para a aplicação dos questionários, a pesquisadora responsável contou com o auxílio de uma equipe composta por profissionais de áreas afins, os quais receberam treinamento para realizar as entrevistas juntos aos moradores. A pesquisa de campo na região foi composta pela caracterização da localidade, registro fotográfico e realização de entrevistas com os moradores. A aplicação dos questionários ocorreu nos dias 08, 09, 10 e 11 referentes ao mês de outubro de 2018. A realização de novos questionários foi restrita em função das restrições sanitárias aplicáveis a partir de 2020 até a conclusão dos estudos ora apresentados.

Durante a pesquisa de campo apenas os moradores que estavam dentro dos critérios estabelecidos foram entrevistados. Foram definidos os seguintes critérios de exclusão: idade inferior a 18 anos; residir na localidade há menos de 6 meses; não morar na região de interesse; recusa em participar da pesquisa.

As questões semiestruturadas são recomendadas por Malhotra (2006), pois reduzem a interferência do pesquisador e, também, facilitam o preenchimento do questionário.

A coleta de dados se deu de forma voluntária, sendo os indivíduos abordados esclarecidos quanto ao objetivo da pesquisa e informados quanto ao uso das informações para finalidade do licenciamento ambiental, sendo guardado sigilo quanto à sua identidade.

A aplicação dos questionários foi realizada individualmente, em forma de entrevista face a face, permitindo que a pergunta fosse feita pelo pesquisador ao pesquisado, sendo que o primeiro preenchia o item de resposta escolhido pelo segundo. A seguir é mostrado o questionário utilizado.

 	
<b>QUESTIONÁRIO DE PERCEPÇÃO AMBIENTAL SERRO. Nº do quest. _____</b> <b>Data: ____/10/2018</b>	
Bom dia/tarde/noite, meu nome é ____ estamos fazendo uma pesquisa para a CONEMP/Herculano Mineração. Gostaríamos que o (a) Sr.(a) respondesse algumas questões a respeito da localidade onde mora. Não há respostas certas ou erradas e suas respostas serão trabalhadas em conjunto com as dos demais entrevistados. O (a) Sr. (a) não será identificado(a) no relatório da pesquisa. Sua participação será importante para o bom andamento desse estudo. Agradecemos a sua colaboração.	
Entrevistador(a): ( ) Alda ( ) Haydêe ( ) Mariângela ( ) Viviane	
<b>BLOCO I – PERFIL DOS ENTREVISTADOS</b>	
Qual a sua idade? (Se menor que 18 anos ENCERRAR) 1. 18 a 21 anos    2. 22 a 30 anos    3. 31 a 40 anos 4. 41 a 50 anos    5. 51 a 60 anos    6. 61 a 70 anos 7. 71 a 80 anos    8. 81 anos ou mais	P1. [ ]
O bairro/localidade ou zona rural onde mora é? 1. _____ sede 2. _____ comunidades rurais	P2. [ ]
Há quanto tempo reside na localidade? 1. 7 meses a 5 anos    2. 6 a 10 anos    3. 11 a 20 anos 4. 21 a 30 anos    5. 31 a 40 anos    6. 41 a 50 anos 7. 51 a 60 anos    8. 61 ou mais	P3. [ ]
Sexo: [ANOTAR SEM PERGUNTAR] 1. Masculino    2. Feminino	P4. [ ]
Escolaridade: 77. Não Sabe 99. Não Respondeu 1. Não frequentou escola 2. Primário completo (4ª série do Fundamental) 3. Fundamental completo (8ª série do Fundamental) 4. Ensino médio completo (3ª série do Ensino Médio) 5. Superior Completo 6. Pós-graduação Completo 7. ensino técnico	P5. [ ]
Qual é a ocupação (profissão) principal do(a) Sr.(a)? (LER AS OPÇÕES) 77. Não Sabe 99. Não Respondeu 1. Aposentado 2. Autônomo (por conta própria/sem registro/diarista) 3. Desempregado 4. Dona de casa 5. Estudante/Estagiário 6. Funcionário com cart.ass.(empr.priv/emp. domést) 7. Func. Pub.(concursado) 8. Func. Pub.(temporário/designado/contratado) 9. Profissional liberal (registro profissional)	P6. [ ]
1	



Avalie os seguintes itens como: <b>1.Bom 2.Regular 3.Ruim</b> manutenção de estrada (obras de recapeamento, tapar buracos)	P15.[ ]
Segurança /policciamento	P16.[ ]
Educação (escolas/ensino)	P17.[ ]
Saúde (hospital /médicos)	P18.[ ]
Lazer (área p/esporte e cultura)	P19.[ ]
Oportunidades Trabalho e renda	P20.[ ]
Transporte coletivo (acesso /deslocamento)	P21.[ ]
asfalto / calçamento das ruas	P22.[ ]
Para você qual o lugar mais bonito da <b>REGLÃO/DO MUNICÍPIO</b> que você mais gosta? (UMA PAISAGEM, UMA VISTA, UM MONUMENTO por exemplo) 77. NS 99. NR	P23.[ ]
<b>BLOCO III – QUESTOES RELATIVAS A COMUNIDADES QUILOMBOLAS E HÁBITOS DOS ENTREVISTADOS</b>	
Pertence a alguma Comunidade Quilombola? 1. Sim 2. Não	P24.[ ]
Nome da comunidade quilombola:	P25.[ ]
Qual seu tom de pele? 1.Branca 2.Preta 3.Parda 4. Amarela 5.Indigena	P26.[ ]
Você sabe conhece algum saber/fazer que seus pais, avós, parentes ou antepassados te ensinaram? Algum tipo de fala, dialeto, música, cantiga, dança, reza (reza ao nascer ou ao morrer), ritual, tradição, remédio buscando cura de alguma doença, que te ensinaram. Algum costume próprio da sua família, ou da região onde mora que foi passado para você? Se sim o que é? explique:	P27.[ ]
Você, familiares ou a comunidade continuam praticando esse saber atualmente/ nos dias de hoje? 1. Sim 2. Não 88. Não se aplica 99.NR 77.NS	P28.[ ]
Em qual dos seguintes estágios do processo de titulação a comunidade quilombola a que pertence se encontra? 1.Reconhecimento 2. Identificação 3.Delimitação 4.Demarcção 5.Em Titulação 6.Titulado 88.NA 99.NR 77.NS	P29.[ ]
O que faz você se reconhecer, se identificar como quilombola?	P30.[ ]
Quais datas/festas típicas/tradicionais e ou atividades/rituais existe na comunidade quilombola que vocês participam juntos, organizam, celebram juntos? 88.Não se aplica 99.NR	P31.[ ]

Existe na comunidade: 1.sim 2.não 88.NA 99.NR Festas religiosas (congado, folia de reis)	P32.[ ]
Grupo de Capoeira	P33.[ ]
Grupo de Tamboreiros/Jongo	P34.[ ]
Grupo de Samba	P35.[ ]
Você participa da associação local de quilombolas?	P36.[ ]
Sua RELIGIÃO é: 1.Católica 2.Evangélica 3.Cardecista/ espírita 4.Umbanda 5.Candomblé 6.Outro	P37.[ ]
Você e ou a comunidade quilombola participa de algum programa social do governo? Exemplo: bolsa família, programas sociais da fundação palmares ou prefeitura?	P38.[ ]
<b>BLOCO IV- POSSIBILIDADE DE INSTALAÇÃO DE MINERAÇÃO NA REGIÃO</b>	
Quais são as vantagens/benefícios da instalação de uma empresa de mineração na região? (o que pode trazer de bom para a cidade?) Por quê? 77- NS 99-NR	P39.[ ]
Quais são as desvantagens/males da instalação de uma empresa de mineração na região? (o que pode trazer de ruim para a cidade?) Por quê? 77- NS 99- NR	P40.[ ]
Em sua opinião, a possibilidade de instalação da empresa mineração CONEMP/Herculano seria para a região: 77. NS 99.NR 1- Ótimo 2- Bom 3- Regular 4- Ruim 5- Pêssimo	P41.[ ]
Por quê?	P42.[ ]
No caso <b>SE HOVER</b> instalação da empresa de mineração CONEMP/Herculano na região, quais itens abaixo podem auxiliar o relacionamento entre o empreendimento e a comunidade? 77-NS 99-NR 1- Investimentos sociais (ex: capacitação profissional).	P43.[ ]

2- educação ambiental. 3- reflorestar áreas e preservar nascentes. 4-Cumprir com a legislação ambiental. 5- todas as alternativas anteriores. 6- Outra sugestão	
Você tem alguma pergunta/questão ou sugestão que gostaria de falar em relação à possibilidade de instalação da empresa de mineração CONEMP/Herculano na região?	P44. [ ]

### BLOCO V – INFORMAÇÕES FINAIS

Estado civil: 1-Solteiro      2- Vive junto (maritalmente, amasiado) 3-Casado      4- Viúvo 5- Separado/divorciado      77 - NS      99 - NR	P45. [ ]
A sua <b>RENDA FAMILIAR MENSAL</b> gira em torno de: 1- menos de 1 um salário mínimo 2- um salário mínimo SM (R\$ 954,00) 3- Acima de 1 até 2 SM (R\$ 954,00 a R\$1.908,00) 4- Acima de 2 até 5 SM (R\$1.908,00 a R\$4.770,00) 5- Acima de 5 SM até 8SM (R\$4.770 a R\$7.632,00) 6- Acima de 8 SM até 10 SM (R\$7.632,00a R\$9.540,00) 7- Acima de 10SM até 15SM(R\$9.540,00 a R\$14.310,00) 8- Acima de 15 SM (R\$ 14.310,00) 9- Não tem renda      77 - NS      99 - NR 10- renda provém de programas sociais ou doações.	P46. [ ]
Para terminar, eu precisaria que o (a) Sr (a) me fornecesse alguns dados que poderão ser usados para conferência do meu trabalho.	
Nome do Respondente: _____ Endereço:(Rua, Praça, Avenida) _____ n° _____ complemento: _____ Bairro: _____ Telefone: _____ Telefone cel.: _____	

**AGRADEÇA E ENCERRE A ENTREVISTA**

#### 9.4.4.4 Análise e tratamento dos dados

O levantamento e tratamento dos dados foram realizados a partir de uma abordagem quantitativa e qualitativa. Os resultados encontrados foram organizados e dispostos em tabelas, gráficos e figuras, e sua discussão foi elaborada em conformidade com a literatura específica que aborda o assunto da percepção ambiental.

#### 9.4.5 Percepção Ambiental - Análise dos Resultados

##### 9.4.5.1 Bloco I: Identificação do Entrevistado

Esta primeira parte do questionário buscou criar um perfil dos moradores das localidades pesquisadas, buscando informações a respeito de idade, escolaridade, ocupação, entre outras informações necessárias. As informações finais, contidas no bloco V dos questionários, foram incluídas na identificação dos entrevistados, extinguindo, portanto, o referido bloco. No total, 90 moradores concederam entrevistas aos pesquisadores.

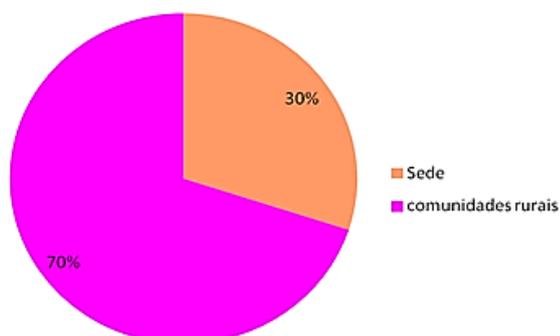


Figura 9.37 – Gráfico com o percentual de entrevistados por região de moradia.

O percentual de entrevistados por região correspondeu a 30% moradores da Sede do município do Serro e 70% moradores de comunidades rurais do Serro. Para apresentação dos resultados desse estudo, os moradores entrevistados nas comunidades rurais visitadas nesse estudo como Botafogo, Floriano, Queimadas, Condado, Mumbaça, etc., foram reunidos e serão chamados como entrevistados das comunidades rurais. Os bairros da sede e o centro do município do Serro foram todos agrupados e serão denominados ao longo dessa pesquisa como entrevistados da Sede.

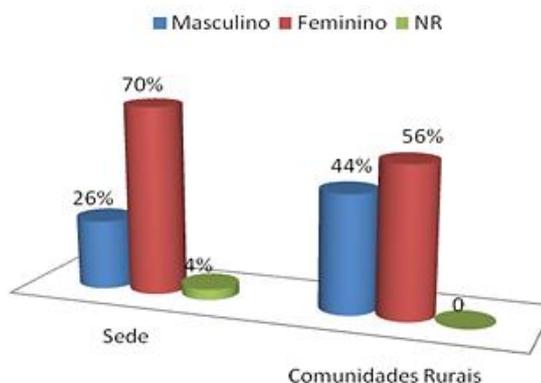


Figura 9.38 – Gráfico com o percentual de homens e mulheres nas regiões.

As entrevistas de percepção ambiental foram realizadas em dias de semana, em horário comercial. Esse fator pode influenciar quem é mais encontrado nas residências, no trabalho ou em trânsito. Nas duas localidades pesquisadas observou-se preponderância do público feminino dentre o público entrevistado.

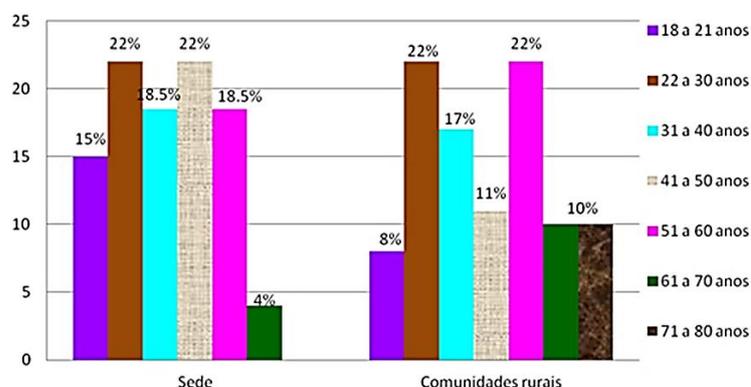


Figura 9.39 – Gráfico com o percentual da faixa etária dos moradores entrevistados por região.

Segundo critérios de exclusão pré-definidos para este estudo, não foram entrevistados, em nenhuma das localidades, indivíduos com menos de 18 anos de idade. A seguir serão apresentadas as faixas etárias com maior percentual.

No centro do Serro, a maior parte dos entrevistados pesquisados, total de 22%, estavam na faixa etária entre 22 a 30 anos de idade, tendo o mesmo percentual os moradores que se encontravam na faixa etária de 41 a 50 anos. 18,5% possuem de 31 a 40 anos e novamente 18,5% de 51 a 60 anos. 15% declararam ter de 18 a 21 anos e 4% de 61 a 70 anos.

Nas comunidades rurais 22% encaixam-se na faixa etária de 22 a 30 anos e 51 a 60 anos, respectivamente. 17% dos entrevistados de 31 a 40 anos, 11% entre 41 a 50 anos, 10% de 61 a 70 e de 71 a 80 anos e 8% entre os 18 a 21 anos.

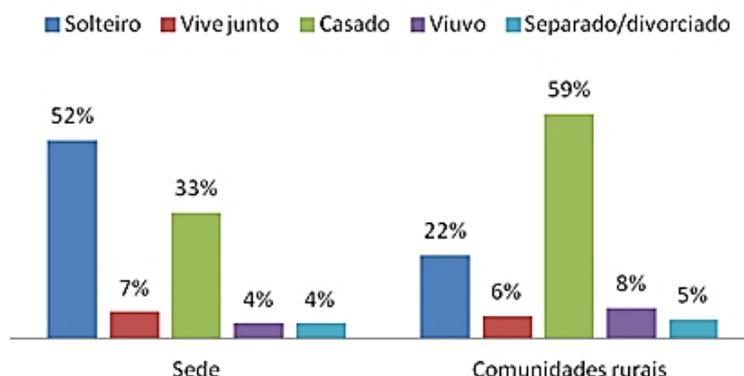


Figura 9.40 – Gráfico com retrato do estado civil dos entrevistados.

Como mostra o gráfico acima, na zona rural a maioria das pessoas que participaram são casadas - 59%; os solteiros correspondem a 22%.

Já na área urbana, a maioria dos entrevistados são solteiros 52%; os casados correspondem a 33%. Os demais percentuais ficaram abaixo de 10%.

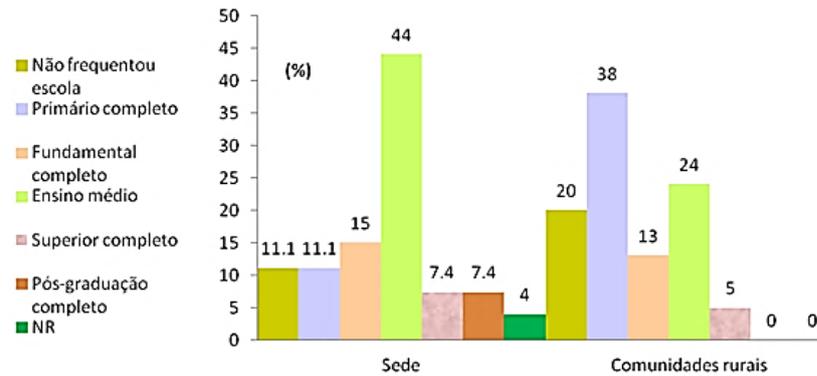


Figura 9.41 – Gráfico com a escolaridade dos entrevistados.

Com relação à escolaridade dos entrevistados na Sede, observa-se que 44% alegaram possuir ensino médio completo; 15% alegaram ter estudado até o nível fundamental, 11,1% não frequentou escola, 11,1% primário completo, 7,4% superior completo e 7,4% possui pós-graduação 4% não respondeu.

Nas comunidades rurais, 38% afirmaram ter o primário completo, 24% possuem o ensino médio; 20% não frequentaram escola e 13% estudaram até o fundamental completo.

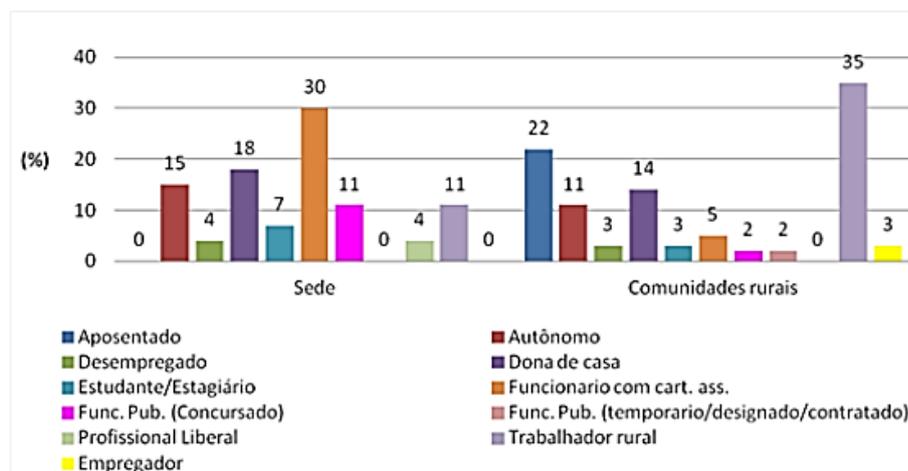


Figura 9.42 – Gráfico com a ocupação dos entrevistados.

Pelo fato de a metodologia envolver uma amostra não probabilística, ou seja, os atores chaves são escolhidos para participarem da pesquisa, buscou-se apurar a percepção dos principais formadores de opinião e lideranças locais. Assim, foram contemplados diferentes tipos de profissionais, desde funcionários públicos efetivos (que prestaram concurso) ou contratados (que desempenham determinada função de forma temporária); como profissionais liberais, autônomos, agentes de saúde, membros de associação dos moradores etc.

Nessa questão, tomamos como base a principal ocupação da pessoa, ou seja, a profissão, trabalho, da qual a pessoa extrai a maior remuneração, ou que a pessoa considera como a mais importante.

Os funcionários públicos entrevistados nas localidades pesquisadas normalmente eram funcionários ligados à administração municipal da localidade como agentes de saúde, funcionários de prefeitura ou alguma instituição municipal assim como professores da escola da região.

Com relação à principal ocupação dos entrevistados na Sede do Serro, observa-se que 30% dos entrevistados são funcionários com carteira assinada; 18% são donas de casa; seguido de 15% são autônomos; 11% são funcionários públicos concursados e 11% trabalhadores rurais. O restante pode ser acompanhado no gráfico.

Nas comunidades rurais, a maior parte 35% são trabalhadores rurais (lavradores) 22% são aposentados, 14% donas de casa, 11% autônomos e 5% funcionários com carteira assinada. Veja a disposição dos demais no gráfico.



Figura 9.43 – Gráfico com a renda mensal familiar dos entrevistados.

Dentre os pesquisados da zona rural, 41% afirmaram ter renda menor que um salário mínimo; 32% afirmaram receber um salário mínimo; 11% recebem de um até dois salários mínimos; e 8% afirmaram que não possuem nenhuma renda.

Já na Sede, 37% recebem de um até dois salários mínimos; 29% recebem um salário mínimo e 15% recebem menos de um salário.

Tabela 9.38 – Grau de participação dos entrevistados da sede.

Grupos na comunidade	Sede			
	Participa atualmente	Já participou, mas não participa mais.	Nunca participou	NR
Associações de moradores/bairros	14,8%	3,7%	77,8%	3,7%
Cooperativas	11,1%	7,4%	77,8%	3,7%

Quando perguntado aos entrevistados se esses faziam parte de algum grupo ou associação a maioria respondeu que nunca participou. 3,7% responderam que já participaram de atividades de associações de moradores/bairros e 7,4% já participaram de cooperativas, mas atualmente não participam mais. O percentual de pessoas que participam atualmente de associações e cooperativas é de 14,8% e 11,1%, respectivamente.

Tabela 9.39 – Grau de participação dos entrevistados em grupos da comunidade.

Grupos na comunidade	Comunidades rurais			
	Participa atualmente	Já participou, mas não participa mais.	Nunca participou	NR
Associações de moradores/bairros	12,7%	27%	60,3%	0%
Cooperativas	7,9%	9,5%	73%	9,5%

Já nas comunidades rurais, 12,7% participam atualmente de associações de moradores e 7,9% de cooperativas. 27% já participaram de associações e 9,5% de cooperativas, mas atualmente estão desligados das mesmas. 60,3% nunca participaram de associações e 73% nunca participou de cooperativas.

#### 9.4.5.2 Bloco II: Vínculo Afetivo com o Lugar

A segunda parte do questionário, como o título especifica, buscou compreender a respeito do vínculo afetivo dos entrevistados com o local onde residem. Desta forma, algumas perguntas essenciais foram realizadas a respeito da naturalidade dos entrevistados, assim como o tempo de residência local e a escolha deste para residir. Os resultados das pesquisas podem ser mais bem visualizados a partir das análises apresentadas a seguir:

Tabela 9.40 – Regiões de nascimento dos entrevistados.

Naturalidade	Sede	Comunidades Rurais
Serro	85%	91%
Santo Antônio do Itambé	4%	6%
Outros	11%	3%

85% dos entrevistados da sede e 91% dos entrevistados residentes em comunidades rurais nasceram no município do Serro; 4% dos entrevistados da sede e 6% das comunidades rurais são naturais de Santo Antônio do Itambé. 14% do total dos entrevistados são nativos de outros municípios.

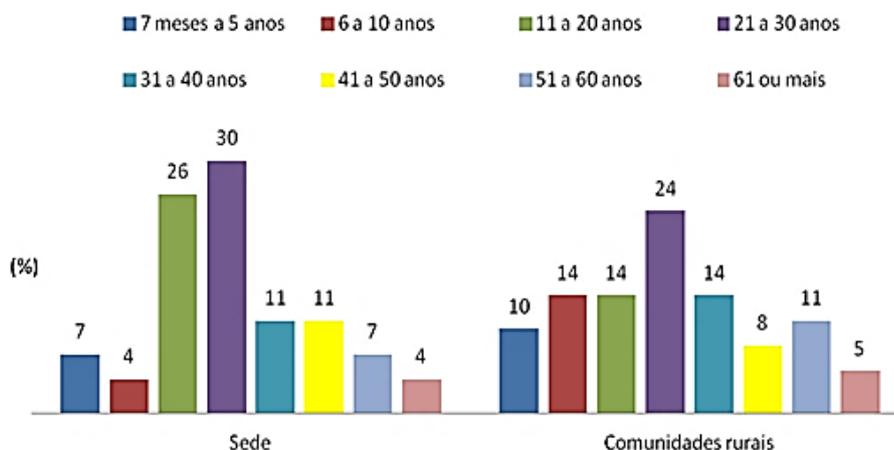


Figura 9.44 – Tempo de moradia dos entrevistados nas localidades.

Apresentam-se nesta seção os maiores índices visualizados no gráfico com relação ao tempo de residência. 30% dos entrevistados residentes na Sede afirmaram residir no município entre 21 a 30 anos; 26% de 11 a 20 anos; 11% residem de 31 a 40 anos repetindo esse percentual para os que afirmaram morar de; 41 a 50 anos.

24% dos residentes das comunidades rurais moram no local de 21 a 30 anos; 14% de 6 a 10 anos; 14% de 11 a 20 anos; 14% de 31 a 40 anos e 11% de 51 a 60 anos. As demais estatísticas estão dispostas na Figura 9.44.

### Porque escolheu esse lugar para viver:

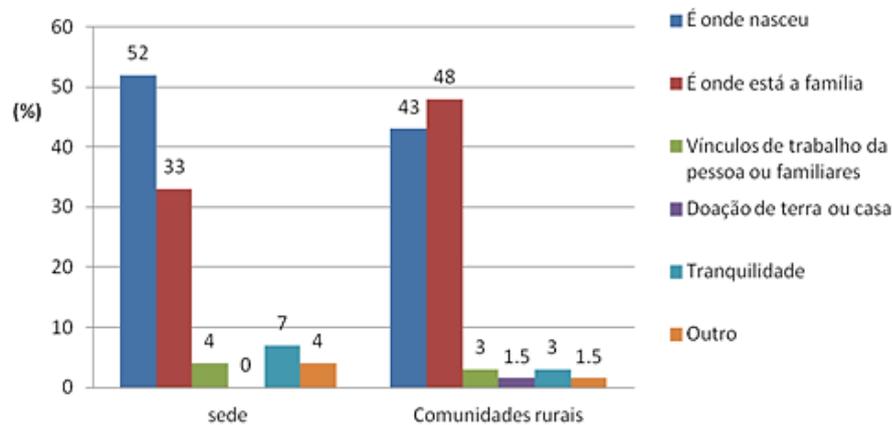


Figura 9.45 – Motivação para viver na localidade.

Um dos principais motivos que levaram 52% dos entrevistados da Sede a viver no município é o fato de terem nascido na região, 33% porque é onde está a família, 7% alegaram a tranquilidade do local.

Os 43% dos entrevistados das comunidades rurais também alegaram viver no local porque nasceram ali. Outros 48% informaram que moram no local porque a família também mora na cidade; 3% vivem no local devido aos vínculos de trabalho; 3% alegaram como motivo a tranquilidade da região. Os percentuais não citados podem ser conferidos na figura anterior.

As comunidades participantes da pesquisa foram indagadas a respeito de aspectos de saneamento básico, recursos como água e energia elétrica a seguir:

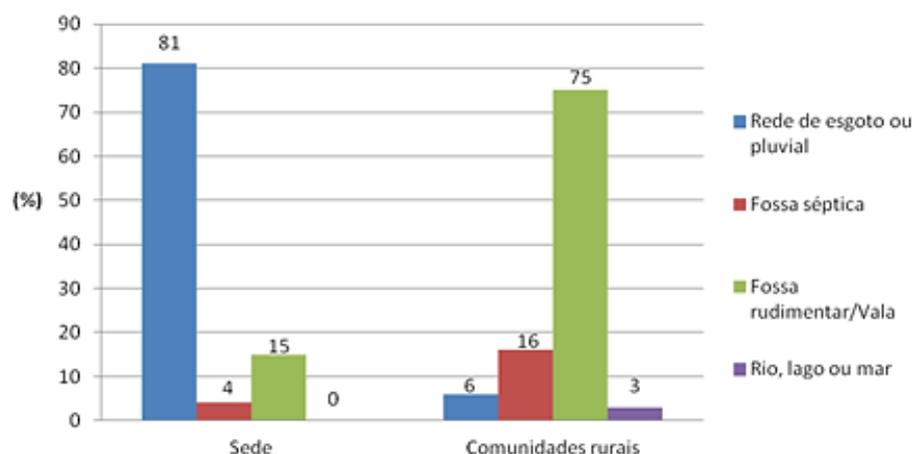


Figura 9.46 – Percepção dos entrevistados acerca do esgotamento sanitário.

Na sede 81% dos moradores entrevistados afirmaram contar com rede de esgoto geral. Outros 15% utilizam de fossa rudimentar/vala 4% de fossa séptica.

Nas comunidades rurais 75% dos pesquisados alegam usar fossa rudimentar/vala; 16% usam fossa séptica e apenas 6% contam com rede de esgoto geral.

### De onde vem a água utilizada na sua casa?

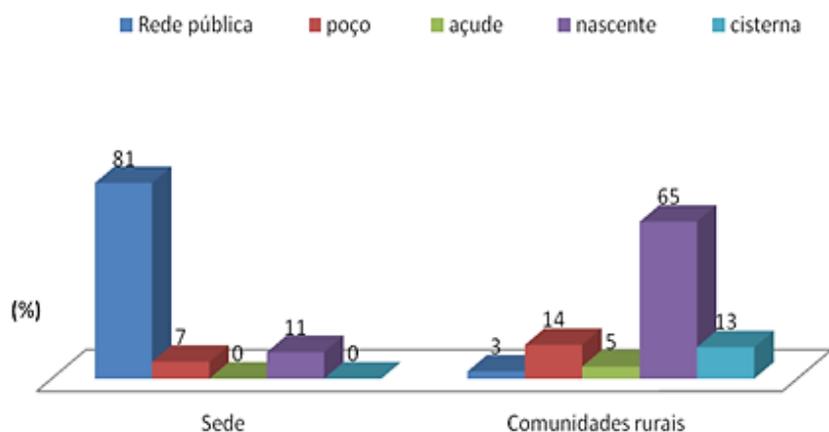


Figura 9.47 – Percepção dos entrevistados acerca do abastecimento de água.

Sobre a distribuição de água, na sede 81% dos entrevistados afirmaram que a água utilizada em casa vem de rede geral – COPASA. 11% dos pesquisados contam com água da nascente e 7% de água do poço.

Nas comunidades rurais 65% dos moradores participantes desse estudo responderam que a água vem de nascente; 14% de cacimba/poço; 13% de cisterna; 5% utilizam de água do rio e 3% contam com rede geral.

### Destino do lixo

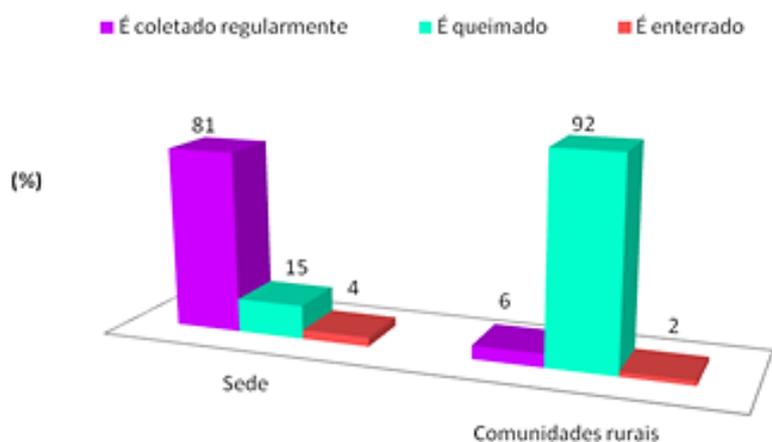


Figura 9.48 – Percepção dos entrevistados acerca do destino dos resíduos sólidos.

O lixo da maioria dos moradores pesquisados da sede é coletado pela prefeitura; 15% queimam o lixo e 4% têm como prática enterrar.

É costume para 92% da população entrevistada nas comunidades rurais queimar o lixo; 6% contam com coleta da prefeitura e 2% enterram o lixo.

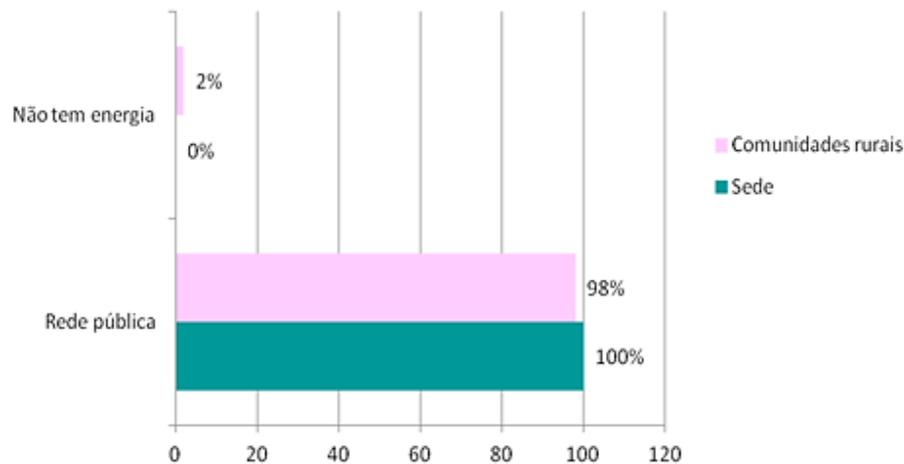


Figura 9.49 – Uso da energia elétrica pelos entrevistados.

A maioria dos pesquisados estudados das duas localidades estão ligados à rede de energia – CEMIG. Apenas 2% dos entrevistados das comunidades rurais responderam não contar com energia elétrica.

Tabela 9.41 – Avaliação dos serviços públicos na Sede.

SERVIÇOS PÚBLICOS	Bom	Regular	Ruim	Não tem	NS/NR
Transporte público	19%	11%	41%	19%	10%
Asfalto / calçamento das ruas	11,1%	26%	44,4%	11,1%	7,4%
Esporte, lazer e cultura	19%	37%	41%	3%	0%
Educação	30%	41%	26%	4%	0%
Saúde	19%	56%	26%	0%	0%
Manutenção de estradas	11%	30%	52%	0%	7%
Segurança pública	26%	41%	33%	0%	0%
Oportunidade de trabalho e renda	0%	18%	78%	4%	0%

A questão final do segundo bloco do questionário procurou relacionar alguns serviços públicos comuns nas localidades em análise. Neste caso, os entrevistados deveriam avaliar estes serviços, definindo se os mesmos são considerados: “Ruim”; “Regular”; “Bom”; “NS” (Não Sabe); “Não tem”; ou “NR” (Não Respondeu). Na tabela acima, os serviços públicos que mais se destacaram nessas avaliações foram sombreados com a cor correspondente em cada coluna.

Mesmo quando ocorrer da maioria dos entrevistados julgarem todos os serviços como “Bons” ou “Ruins” será analisada sua porcentagem em comparação com os outros serviços públicos. Por exemplo, ao verificar na tabela a coluna relativa a “bom” o serviço público mais citado e grifado foi Educação com 30% das indicações. Saúde é o serviço mais citado como “regular” na tabela de avaliação. Oportunidade de trabalho e renda é o mais citado na coluna como “ruim”. Houve também significativa incidência de entrevistados que alegaram não ter asfalto/ calçamento de ruas onde mora.

A coluna “NS/NR”, que significa - não sabe - não respondeu, refere-se aos moradores que não desejaram responder ou não souberam avaliar algum item. Para exemplificar: pessoas que não possuem filhos matriculados na rede pública de educação preferem não avaliar a categoria educação – a qual avalia escolas públicas da região (acesso, ensino etc.). O mesmo acontece com quem não soube avaliar sobre o transporte público porque não usa, por exemplo.

Tabela 9.42 – Avaliação dos serviços públicos nas comunidades rurais.

SERVIÇOS PÚBLICOS	Bom	Regular	Ruim	Não tem	NS/NR
Transporte público	19%	40%	38%	1,5%	1,5%
Asfalto / calçamento das ruas	6%	11%	33%	<b>21%</b>	<b>29%</b>
Esporte, lazer e cultura	17,4%	30,1%	32%	17,4%	3,1%
Educação	<b>44,4%</b>	41%	5%	3,1%	6.5%
Saúde	<b>43%</b>	<b>43%</b>	6,5%	3%	4.5%
Manutenção de estradas	11%	38%	48%	1.5%	1,5%
Segurança pública	9%	30%	29%	16%	16%
Oportunidade de trabalho e renda	1.5%	13%	<b>71,4%</b>	11%	3,1%

Na tabela acima os serviços que se destacaram com a maior classificação na avaliação como “bom” foram: Educação com 44,4% seguida pela Saúde com 43%. Um ponto que chama atenção é o empate na avaliação entre os que classificaram a saúde como “bom” e os que classificaram como “regular” que correspondem a 43%.

Oportunidade de trabalho e renda aparece como o mais pontuado no quesito “Ruim” pelos entrevistados com 71,4%. Na coluna “Não tem”, asfalto e calçamento das ruas foi um dos itens mais citados pela população. A coluna NS/NR que correspondem aos que não souberam avaliar ou não responderam teve a porcentagem mais alta em relação ao “asfalto e calçamento das ruas” com 29%.

#### 9.4.5.3 Bloco III: Percepção da Paisagem e Mapas Mentais

O terceiro bloco trata da percepção da paisagem e dos mapas mentais. Segundo Bley (1990), a percepção da paisagem deve ser entendida a partir de suas inter-relações com a sociedade, nas suas diferentes nuances sociais, históricas, políticas, culturais, entre outras. Cabe ressaltar que, a mesma é definida como um espaço percebido, ao contrário de outros espaços cujas imagens são construídas por meio de um sistema sociocultural como o território, ou mesmo através de aspectos científicos e simbólicos (COLLOT, 1986, p. 211).

Deste modo, identificar como os moradores locais percebem o espaço onde vivem, contribui para revelar a visão de mundo e os valores que permeiam as relações que estabelecem com o meio ambiente. De acordo com TUAN (1980, p. 91), o meio ambiente natural e a visão do mundo estão estreitamente ligados. A visão do mundo não sendo derivada de uma cultura estranha, é necessariamente, construída dos elementos do ambiente social e físico de um povo. A visão do mundo, então, reflete os ritmos e as limitações do meio ambiente natural, como meio de vida.

Para se obter uma maior compreensão sobre este aspecto foi perguntado aos pesquisados qual paisagem e ou lugar mais bonito que melhor representa a região, e as respostas encontram-se no gráfico a seguir.

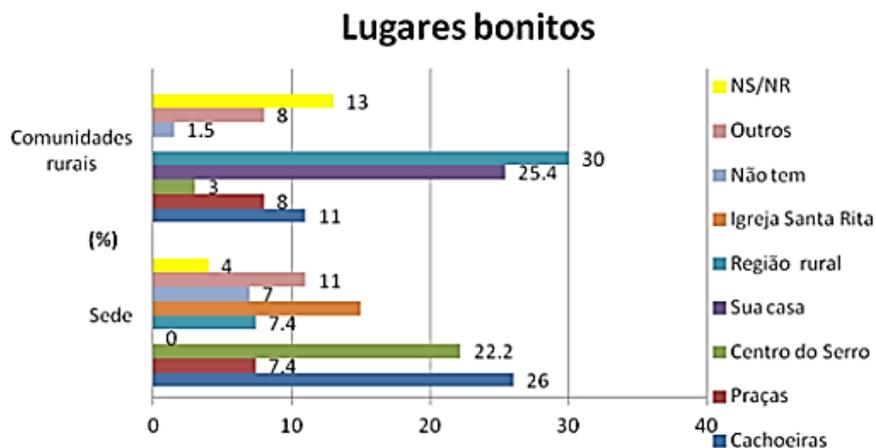


Figura 9.50 – Lugares mais bonitos da região destacados pelos entrevistados.

Do total, 30% dos entrevistados moradores das comunidades rurais afirmaram que o lugar que mais gostam é a região rural onde moram. Outros 25,4% gostam da sua própria casa; 11% citaram as cachoeiras locais; 8% apontaram as praças; 3% apontaram o centro do Serro; 1,5% não se identificam com nenhum lugar. Os demais citaram “outros lugares” que reúne respostas de diferentes lugares mencionados que não somou porcentagens significativas.

Dentre os pesquisados do centro, 22% citaram como lugar mais bonito a região do centro do Serro. 26% apontaram as cachoeiras do Serro; 7,4% responderam as praças da região e a região rural, respectivamente. Para 7% não há lugar para se identificar. Houve ainda demais itens que não somaram percentual significativo e por isso foram reunidos na opção “outros”.

#### 9.4.5.3.1 Questões relativas às comunidades quilombolas e hábitos dos entrevistados

As próximas perguntas buscaram identificar questões relativas às comunidades quilombolas e hábitos dos entrevistados. Assim, a primeira questão do bloco questionou aos entrevistados se eles pertencem a alguma comunidade quilombola.

### Pertence a alguma comunidade quilombola?

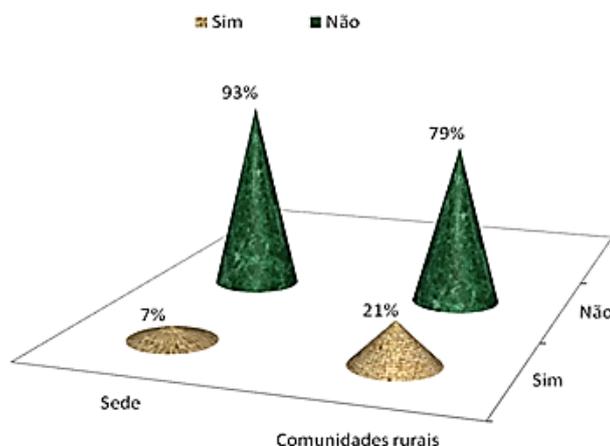


Figura 9.51 – Pertencimento a comunidade quilombola.

Ao perguntarmos aos pesquisados da sede se eles pertencem a alguma comunidade quilombola 93% deles responderam que não pertencem. Apenas 7% afirmaram participar de alguma comunidade

quilombola. Já nas comunidades rurais o percentual de pessoas que afirmaram pertencer a comunidades quilombolas é um pouco mais significativa - 21%.

A pergunta seguinte do questionário buscou levantar quais são as comunidades quilombolas as quais os entrevistados participam:

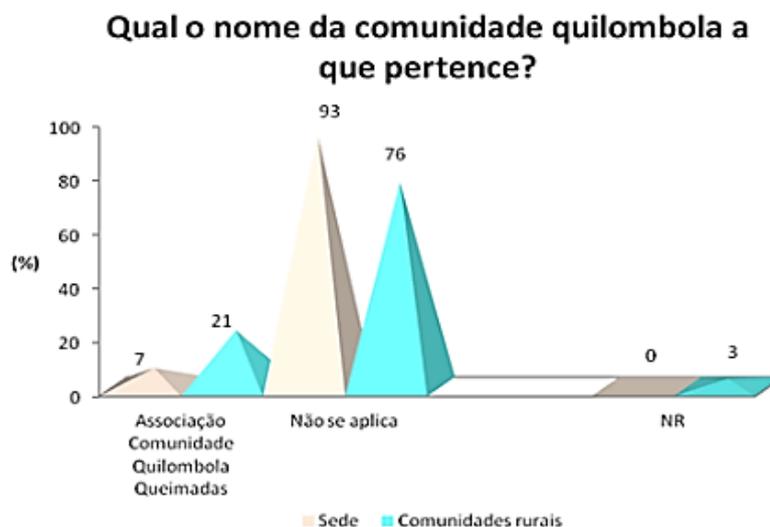


Figura 9.52 – Comunidade quilombola a qual o entrevistado faz parte.

Essa pergunta não se aplica para a maioria dos entrevistados porque a maioria respondeu na questão anterior que não pertence a nenhuma comunidade quilombola.

Dentre os que responderam que pertencem, estes alegaram participar da “Associação Quilombola de Queimadas”. Ressalta-se que o processo do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) para a Comunidade de Queimadas não teve sequência, conforme descrição apresentada no Volume I do presente EIA.

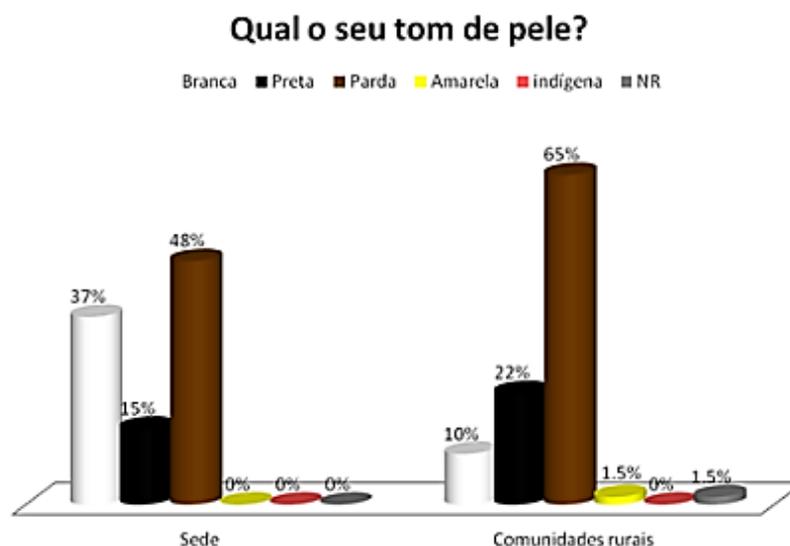


Figura 9.53 – Auto declaração sobre cor de pele por parte dos entrevistados.

Seguindo a classificação do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística para Cor ou Raça, perguntou-se aos entrevistados qual seu tom de pele buscando a característica declarada pelas pessoas de acordo com as seguintes opções: branca, preta, amarela, parda ou indígena. Na sede a maior parte

se autodeclarou pardo, 37% branco e 15% preto. Nas comunidades rurais 65% se autodeclararam pardo, 22% preto, 10% branco, 1,5% amarelo e 1,5% não respondeu essa pergunta.

**Você recebeu ensinamentos, tradições de seus familiares que passou de geração para geração?**

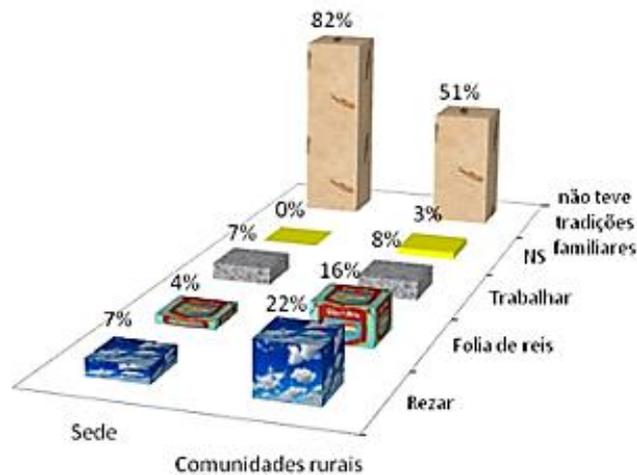


Figura 9.54 – Na sua família há tradições passada de geração para geração?

Perguntamos aos participantes desse estudo se na família deles há tradições passadas de geração para geração. Se eles conhecem algum saber/fazer que seus pais, avós, parentes ou antepassados tenham lhes ensinado. Dentre os pesquisados da sede a maioria - 82% - respondeu que não há tradições familiares na sua família. 7% comentaram que seus pais lhe ensinaram a rezar e trabalhar, respectivamente. Rezar no sentido de buscar orientação espiritual e trabalhar no sentido de fazer algo para gerar sua própria subsistência. 4% praticam folia de reis manifestação cultural exercida por algum membro da família.

Já nas comunidades rurais, 51% não tiveram conhecimentos passados de geração para geração. Outros 22% afirmaram que seus antepassados lhe ensinaram a rezar, 16% devido à tradição familiar participam de folia de reis e 8% aprenderam a trabalhar. O restante não soube responder essa pergunta.

**Você ou alguém da família continuam praticando essa tradição?**

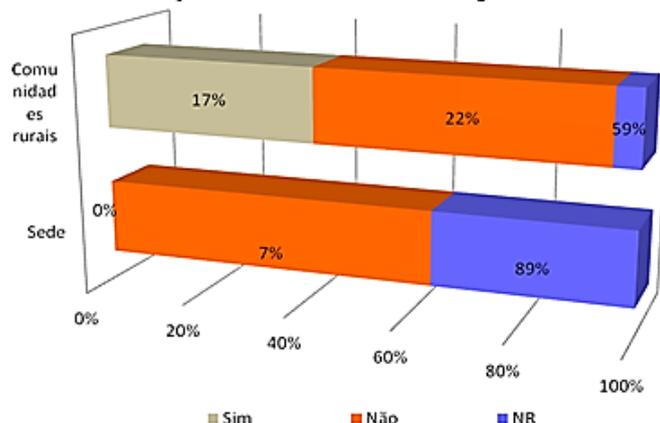


Figura 9.55 – Entrevistados que continuam praticando as tradições familiares.

Essa pergunta se refere a questão anterior indagando ao pesquisado se esse continua a praticar a tradição familiar que aprendeu com seus familiares. Para a maioria essa questão não se aplica porque

não possuem conhecimentos tradicionais na família então não responderam essa questão. 22% dos entrevistados das comunidades e 7% dos da sede não continuam a praticar as tradições familiares. Apenas 17% dos pesquisados das comunidades rurais responderam que ainda praticam tradições familiares.

### Em qual estágio de titulação a comunidade quilombola a que pertence se encontra?

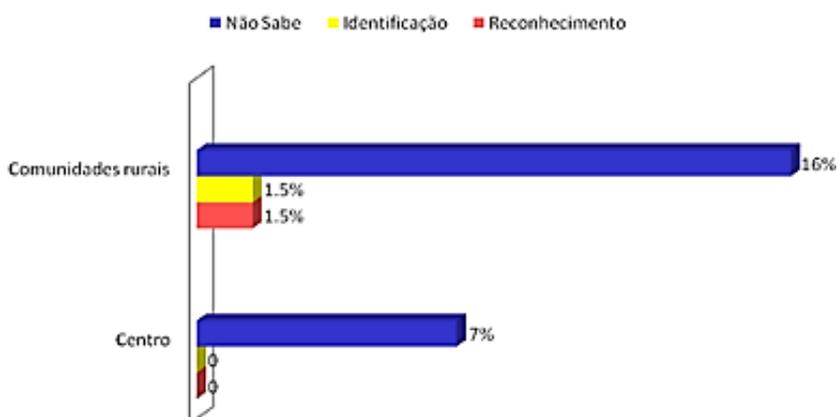


Figura 9.56 – Conhecimento dos entrevistados quanto ao estágio de titulação da comunidade quilombola.

Dentre os que responderam essa pergunta, a maioria dos entrevistados de ambas as localidades não sabem em qual estágio de titulação a comunidade quilombola a que informaram pertencer se encontra. 1,5% dos moradores das comunidades rurais entrevistadas responderam que está na fase de identificação e 1,5% na fase de reconhecimento.

### O que faz você se reconhecer como quilombola?

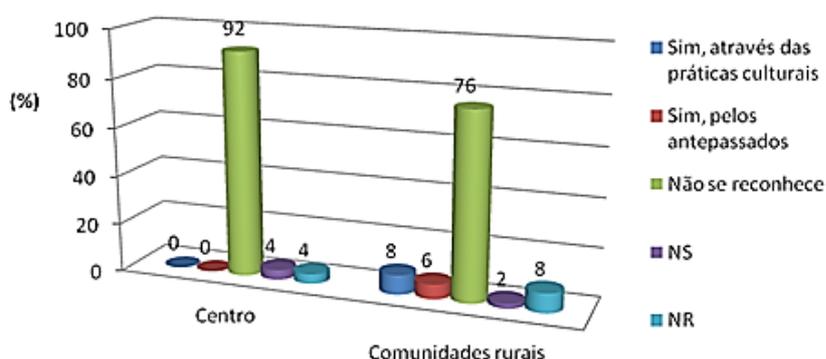


Figura 9.57 – O que faz o entrevistado se identificar como quilombola.

A maioria dos entrevistados quando perguntado o que os fazem se reconhecerem como quilombolas, novamente afirmam que não se reconhecem como quilombolas. Os que se identificam alegaram práticas culturais devido aos valores passados pelos antepassados. Outros não souberam definir o porquê, e ou, não quiseram responder essa pergunta.

### Quais festas típicas vocês celebram na comunidade?

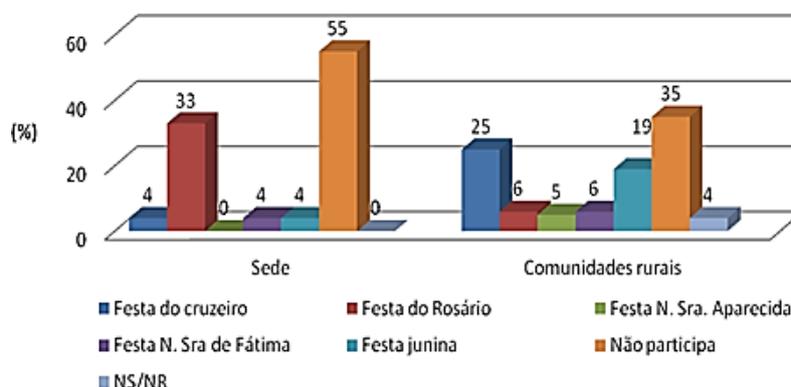


Figura 9.58 – Gráfico com as repostas sobre se há festas ou atividades tradicionais na comunidade quilombola

Perguntamos aos entrevistados quais festas tradicionais e ou atividades existem na comunidade quilombola que eles celebram, organizam e ou participam. Essa pergunta busca verificar elementos vinculados à comunidade quilombolas, como seus costumes e práticas. Devido ao fato dessa pergunta fazer referência a festas e ser mais geral mais pessoas poderão respondê-la.

55% da sede responderam que não participam; 33% participam da festa do Rosário e 4% celebram a festa do Cruzeiro, festa de Nossa Senhora de Fátima e festa Junina, respectivamente.

Na área rural, 35% não participam de festas e ou celebrações típicas tradicionais em comunidade. 25% participam da festa do cruzeiro, 19% de festa junina, 6% da festa do Rosário, 6% festa de Nossa Senhora de Fátima e 5% festa de Nossa Senhora Aparecida.

Tabela 9.43 – Avaliação dos serviços públicos nas comunidades rurais.

Existe na comunidade/região que vive:	Sede	Comunidades rurais
Congado e ou folia de reis	18.5%	20.6%
Grupo de capoeira	22.2%	3.2%
Grupo de Tamboreiros /Jongo	0%	0%
Grupo de Samba	3.7%	1.5%

A próxima pergunta procurou mapear quais grupos característicos de afrodescendentes e ou de influências de matriz africana existem na comunidade/região do entrevistado. Tanto entrevistados da zona rural como urbana falaram que existem na região grupos de congado, folia de reis, capoeira e grupos de samba na região.

### Participa de associação quilombola?

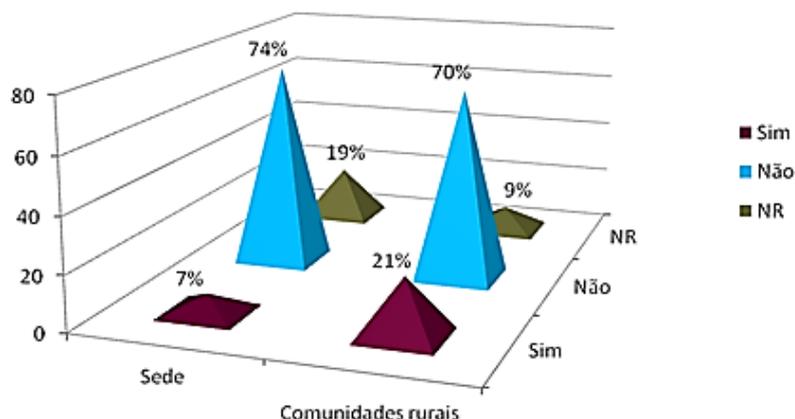


Figura 9.59 – Participação dos entrevistados em associação quilombola.

Essa questão buscou apurar quem participa da associação comunitária de comunidade quilombola como um grupo organizado da região. A maioria das pessoas pesquisadas das duas localidades não participa da associação quilombola.

### Qual a sua religião?

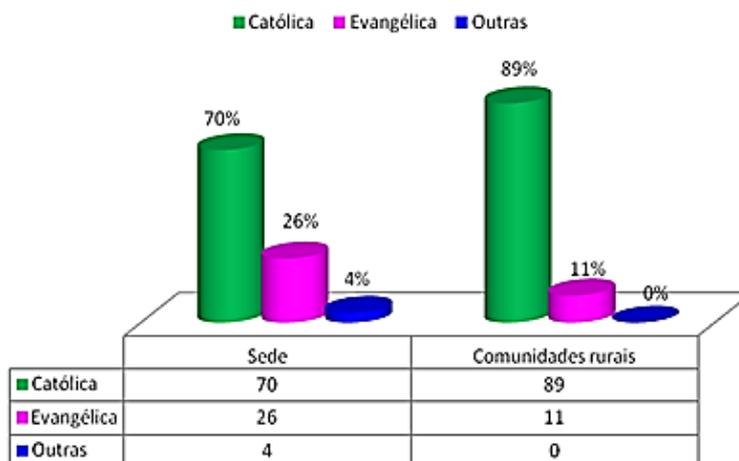


Figura 9.60 – Religião dos entrevistados.

70% das pessoas que participaram desse estudo, moradores da Sede, são católicas, 26% evangélicas e 4% de outras religiões. Dentre os pesquisados das comunidades rurais 89% se declararam católicos e 11% evangélicos.

### Participa de algum programa social de governo?

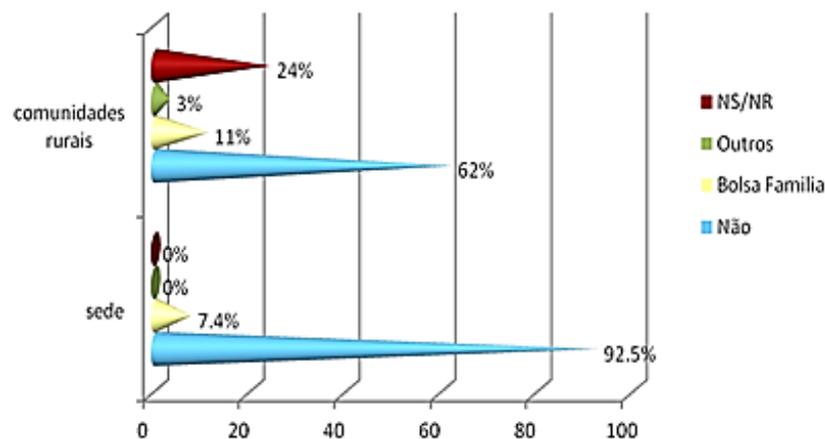


Figura 9.61 – Entrevistados que participam de programas sociais.

No ano de 2007, iniciou-se um projeto de extensão chamado “Cidadão no papel” e posteriormente o projeto denominado “A luta por reconhecimento dos direitos fundamentais das comunidades remanescentes de quilombo” - projetos de extensão da PUC Minas – Campus Serro<sup>4</sup> em parceria com a EMATER- Serro que teve como objetivo esclarecer aos moradores sobre seus direitos enquanto remanescentes dos antigos quilombos.

*“(…) buscar o reconhecimento formal pelo Estado Brasileiro, caso declarassem o auto reconhecimento como quilombolas. (...) Apenas a Emater-MG as reconhecia como tais. O que dificultava muito o acesso a outros programas específicos voltados ao atendimento dessas em programas oficiais, justo pelo fato de não possuírem o reconhecimento oficial do Estado Brasileiro.” (MOREIRA COSTA, 2017)*

“Até esse momento ainda não sabiam da importância de buscarem o reconhecimento oficial pelo Estado Brasileiro como sendo remanescentes de antigos quilombos para pleitearem políticas especiais de desenvolvimento” (MOREIRA COSTA, 2017).

Diante dessa pauta de participação em programas sociais de governo foi questionado aos entrevistados se recebem algum benefício social.

De acordo com as respostas dos entrevistados acerca dessa questão, a maioria dos entrevistados não participam de programa social de governo. Nessa pergunta havia alternativas como programas sociais da fundação palmares, prefeitura ou programas do governo federal. Dentre os exemplos, o único citado foi o Bolsa família. 11% dos entrevistados das comunidades rurais recebem o benefício e na sede 7,4%.

Nota-se que grande parte do público pesquisado que se autodeclarou pertencente a comunidade quilombola, não relataram tradições, costumes praticados na comunidade. Não apresentaram características de comunidades quilombolas. Durante as entrevistas foi observado também casos de quem não se identifica como quilombola. A pesquisa evidencia que há preconceitos e receios em torno de se identificar como quilombola. Isso pode explicar o percentual de pessoas que não se identificaram e autodeclararam (conforme prevê a norma) como quilombolas e ou não responderam determinadas perguntas etc.

<sup>4</sup> Ver dissertação de - Moreira Costa, Tiago Geisler. A comunidade de Queimadas frente à expansão minerária no alto Jequitinhonha: a defesa de um território. / Tiago Geisler Moreira Costa. Brasília - DF, 2017. f. 108. [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31323/1/2017\\_TiagoGeislerMoreiraCosta.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31323/1/2017_TiagoGeislerMoreiraCosta.pdf)

Durante a pesquisa de campo encontramos dois lugares que, inicialmente, poderiam ser caracterizados como quilombolas, de acordo com os termos de autodeclaração e sítio eletrônico da Prefeitura do Serro, mas durante a tramitação processual os moradores negaram conforme detalhado no Volume I deste EIA. A primeira na região do córrego do Criminoso, como é chamada pelos moradores entrevistados, que fica na cabeceira de Ouro Fino e, a segunda, chamada de Cavalcante ou Queimadas, que é o nome da associação local. No local há tradição de plantar mandioca e fazer farinha para troca, alguns moradores já foram tropeiros e participam de folia de reis. Isso foi evidenciado pela presença de instrumentos como pandeiro da folia e ferramentas antigas para fabricação da farinha.

Outro grupo que inicialmente se caracterizaram, mas que não se identificam são os Romeiros, localizados na região do Córrego da Gameleira. Segundo os moradores, são 14 casas sendo os residentes do mesmo tronco familiar com cerca de 4 a 6 pessoas por casa, incluindo crianças e idosos. No local identificou-se a presença de um terreiro batido usado para festas.

#### 9.4.5.4 Bloco IV: Possibilidade de Instalação do Empreendimento da Mineração Conemp Ltda. na Região

No quinto bloco, as questões tratam de assuntos que avaliam a possibilidade de instalação do empreendimento da Mineração Conemp Ltda. na região.

### Quais as vantagens da presença de mineradoras na região?

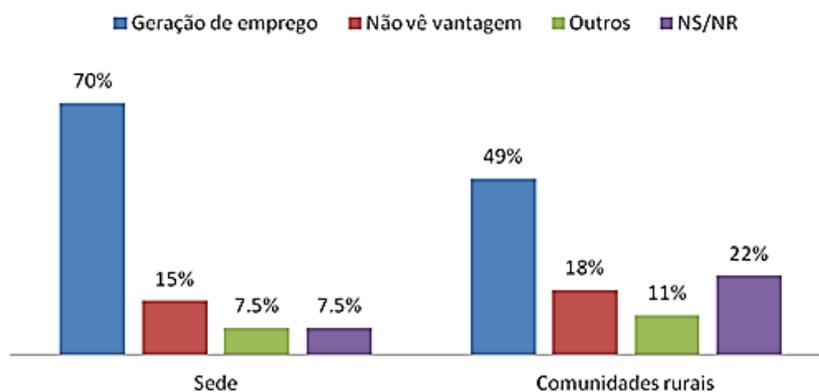


Figura 9.62 – Respostas quanto aos pontos positivos da atividade mineradora.

A maioria dos entrevistados concorda que a mineração gera empregos para a região. Para 70% da Sede, a atividade gera empregos. Já nas comunidades rurais esse percentual ficou com 49%. Enquanto 18% dos entrevistados das comunidades rurais e 15% da sede afirmaram que não veem vantagens.

## Desvantagens da presença de mineradoras

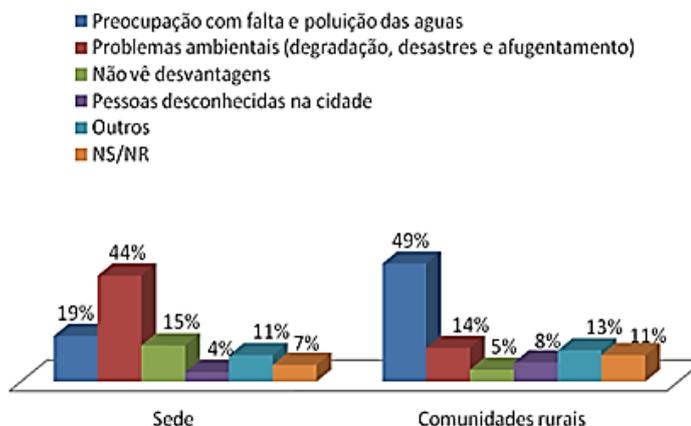


Figura 9.63 – Respostas quanto aos pontos negativos da atividade mineradora.

A maior parte dos entrevistados considera como ponto negativo da presença da mineração os problemas ambientais e a preocupação com a falta de água e poluição das mesmas. Para 44% dos entrevistados da Sede e 14% das comunidades rurais os problemas ambientais são uma desvantagem. Já 49% dos entrevistados das comunidades rurais e 19% da Sede citaram a preocupação com a falta e poluição das águas. E 15% da Sede e 5% das comunidades afirmaram não verem desvantagens. Respectivamente, 4% da Sede e 8% da zona rural apontaram a presença de pessoas desconhecidas como uma desvantagem.

A seguir perguntamos aos entrevistados se a possibilidade de instalação do empreendimento da Mineração Conemp Ltda. na região seria “Ótimo”, “Bom”, “Regular”, “Ruim” ou “Péssimo”:

## A instalação da CONEMP Mineração na região seria:

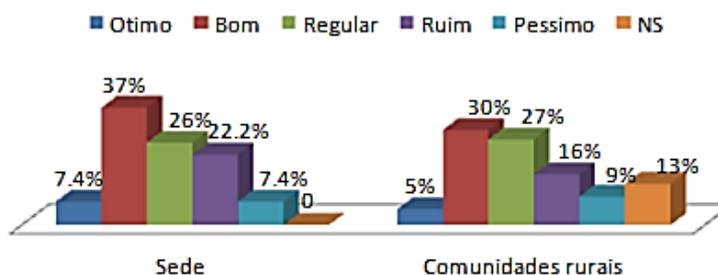


Figura 9.64 – Opinião da população sobre a possibilidade de instalação do empreendimento.

A maioria dos entrevistados respondeu favoravelmente à instalação da mineração na região, sendo 44% na Sede e 35% nas comunidades rurais. Praticamente com a mesma porcentagem, 26% na Sede e 27% nas comunidades a opção regular ficou em segundo lugar. Apenas 13% não souberam responder.

### Justificativas da avaliação

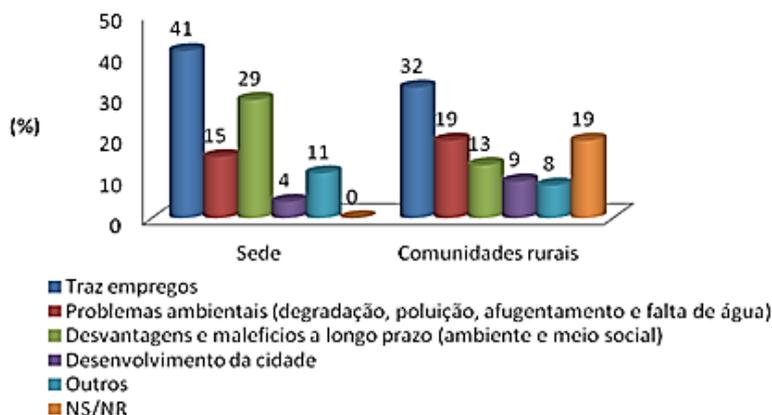


Figura 9.65 – Justificativa dos entrevistados.

Entre os principais motivos destacaram-se a geração de emprego. As oportunidades de emprego que surgem com a instalação das atividades da mineradora, irão fomentar o desenvolvimento, seja direta ou indiretamente, já que o empreendedor pode contratar fornecedores locais e também terceirizar serviços, melhorar vias públicas, etc. Em seguida a opção que traz desvantagens e malefícios a longo prazo, foi citada pelos moradores que consideraram os impactos com relação ao meio ambiente e social. Outro aspecto considerado foram os problemas ambientais como degradação e poluição respondidos por 15% na Sede e 19% nas comunidades rurais. Houve ainda os que ressaltaram como ponto positivo o desenvolvimento que a mineração traz para a cidade.

Destacamos que a escolha preferencial para a contratação da população local será medida de impacto positivo do projeto.

Ocorrendo a instalação, os entrevistados apontaram na questão seguinte quais os principais cuidados que a empresa deverá ter:

### Em caso de instalação, o que auxiliaria no relacionamento entre o empreendimento e a comunidade?

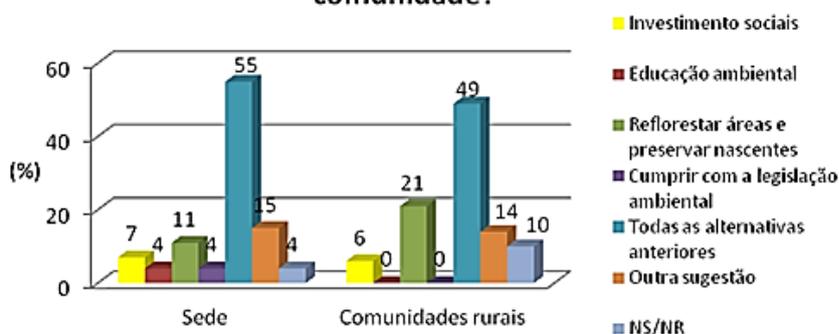


Figura 9.66 – Itens que merecerão atenção caso o empreendimento se instale na região.

A maioria da totalidade dos entrevistados apontou que caso haja instalação do empreendimento da Mineração Conemp, essa deveria cumprir todas as leis e obrigações aplicáveis à proteção do meio ambiente; proteger florestas e nascentes d'água; conscientizar sobre a atividade mineradora; promover educação ambiental e reabilitar áreas com revegetação/reflorestamento, que são todas as opções citadas nas alternativas. Logo após a opção reflorestar áreas e preservar nascentes aparece como uma

das preocupações da comunidade com 21% na zona rural e 11% na urbana. 7% dos pesquisados da Sede e 6% das Comunidades Rurais concordam que deveria haver investimentos sociais. Com relação ao tema educação ambiental apenas 4% dos entrevistados da Sede se posicionaram a favor de atividades na área.

Tabela 9.44 – Principais perguntas dirigidas ao empreendimento.

Questões e sugestões	Sede	Comunidades rurais
Captar a mão de obra local	11%	6%
Preservar o meio ambiente, as águas e a cidade	0%	8%
Investir no desenvolvimento da cidade	4%	5%
Informar a população e retirar dúvidas	11%	1.5%
Outros	4%	1.5%
NS/NR	70%	78%

Dentre as pessoas que se manifestaram, assim, como demonstra a tabela acima, a maior parte dos entrevistados da Sede ressaltou que seria importante o empreendimento priorizar o emprego para mão de obra local, os demais não responderam, não souberam ou abstiveram de responder. Nas comunidades rurais, a maior ênfase foi dada a preservação do meio ambiente e das águas, condizendo com a maior preocupação relatada por esses entrevistados ao potencial problema de falta de abastecimento de água para a região.

Para outros, os recursos advindos com a empresa devem ser investidos no desenvolvimento da cidade além de manter os moradores informados sobre o empreendimento.

Como pode ser visto, as questões e sugestões envolvem ações que podem ser desenvolvidas pelo empreendimento para minimizar os impactos sociais e ambientais negativos e maximizar os positivos. Assim, as percepções dos moradores contribuem para elaboração de medidas mitigadoras fidedignas possíveis de serem realizadas conjuntamente entre órgãos municipais, população organizada e empreendimento.

#### 9.4.6 Considerações Finais

O presente estudo teve como objetivo entender a percepção ambiental dos moradores da Área de Estudo Local – AEL do presente EIA/RIMA. Assim, procurou-se analisar junto às pessoas que se encontram na área de entorno, as formas de apropriação da região e os valores simbólicos direcionados às mesmas, as atividades econômicas desenvolvidas e seus efeitos sobre a qualidade de vida e o meio ambiente. Além do grau de satisfação ou insatisfação, em relação à situação atual e as principais expectativas em relação ao futuro.

A Área de Estudo Local – AEL consultada pela referida pesquisa de percepção ambiental compreendeu comunidades rurais como Condado, Floriano, Mumbaça, Queimadas/Cavalcanti e Botafogo e a região central localizada na sede do município de Serro. A maioria do público participante desse estudo possui renda familiar em torno de um a dois salários mínimos. Nas comunidades rurais o nível de escolaridade preponderante entre os entrevistados é o primário e na sede, o ensino médio.

Os moradores das áreas rurais pesquisadas não relataram vivência em grupo como comunidade quilombola. A maioria afirma não se identificar como quilombola e não possuir tradições, costumes característicos de comunidades quilombolas. As pessoas que participam da “Associação Quilombola de Queimadas” se autodeclararam quilombolas, mas apenas alguns afirmaram manter tradições dos antepassados. Porém não se observou vivência em comunidade dos membros da associação. Ressalta-

se que o processo do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) para a Comunidade de Queimadas não teve sequência, conforme descrição apresentada no Volume I do presente EIA.

Os entrevistados possuem a percepção que os empreendimentos minerários desenvolvem a região porque gera renda e emprego, apesar de também causar, segundo os mesmos, impactos ambientais e sociais. Dentre os impactos levantados, os mais acentuados para a população referência desse estudo são relacionados à falta de água, impactos ambientais e aumento de pessoas desconhecidas na região.

Dessa forma, sob uma avaliação geral, o discurso dos entrevistados acentuou mais o anseio da população pela instalação do empreendimento devido aos aspectos econômicos como o incentivo para priorização do emprego da mão de obra local. A atual crise econômica e o avanço do desemprego no país são aspectos que também podem ter influenciado nessa postura. É importante também considerar que cabe ao empreendimento buscar parcerias com entidades públicas e ou privadas, a fim de contribuir com projetos de melhorias para a localidade e minimizar impactos socioambientais. De tal modo, proporcionar melhores condições de qualidade de vida para aqueles que vivem na área de entorno do empreendimento minerário.

## 9.5 ARQUEOLOGIA

Em novembro de 2019 foi concluído o Relatório de Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico da área de implantação da Mineração Conemp, sob coordenação do arqueólogo Márcio Walter de Moura Castro, sendo este apresentado ao IPHAN-MG (Processo IPHAN 01514.000269/2019-87).

A equipe envolvida na execução da Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico foi constituída por:

- Me. Marcio Walter de Moura Castro/ Arqueólogo - Coordenação e redação;
- Marcos Brito Desenhista/Engenheiro - Mapas e croquis;
- Elton Marcelino - Assistente de campo.

A seguir são apresentadas informações sobre a arqueologia da região do empreendimento extraídas do supracitado relatório.

### 9.5.1 Introdução

A execução da Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico, processo nº 01514.000269/2019-87, foi autorizada pelo IPHAN através da publicação da portaria nº 47 de autorização de pesquisa, ocorrida em 15 de julho de 2019 na edição nº 134 do DOU.

### 9.5.2 Justificativas e Aspectos Legais

A realização da avaliação visa atender aos requisitos previstos na Instrução Normativa IPHAN nº 001/2015.

Esta pesquisa também atende às determinações do TRE – Termo de Referência Específico emitido pelo IPHAN (Ofício nº 248/2019/DIVAP IPHAN-MG/IPHAN-MG-IPHAN) e enviado ao empreendedor, em resposta às definições do empreendimento contidas no FCA – Ficha de Caracterização de Atividade, preenchida pelo empreendedor e protocolada no IPHAN sob o número 01514.000269/2019-87.

Segundo o TRE, o empreendimento da Mineração Conemp Ltda. a ser implantado no município de Serro é caracterizado como nível III, com alta interferência no solo.

Os empreendimentos caracterizados como nível III, segundo o Anexo I da Instrução Normativa nº 001, devem elaborar um Projeto de Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico que será analisado pelo IPHAN para posterior publicação de autorização de pesquisa no DOU. Após executada e concluída a pesquisa, deve ser elaborado um Relatório de Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico para ser avaliado pelo IPHAN. A partir da análise do relatório, o IPHAN irá se manifestar sobre a emissão da respectiva anuência ou irá solicitar ações ou estudos complementares, de acordo com o patrimônio cultural contido na Área de Estudo Local - AEL.

A execução da Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico na área do empreendimento, além de ser uma exigência legal, atende às determinações da Instrução Normativa nº 001 do IPHAN e do TRE específico, e é a única garantia de que serão realizadas pesquisas arqueológicas cujo objetivo é localizar e avaliar o patrimônio arqueológico local, visando, sobretudo, sua preservação.

### 9.5.3 Metodologia

A metodologia e os conceitos aplicados nesta pesquisa são derivados e adaptados de técnicas norte-americanas utilizadas por anos de desenvolvimento do Projeto Amazônia Central, do qual participou o arqueólogo coordenador deste projeto.

Esta metodologia vem sendo aplicada pelo arqueólogo coordenador no Estado de Minas Gerais e os resultados são satisfatórios, com a localização de sítios e ocorrências arqueológicas em quase todas as pesquisas executadas.

A corrente teórica desta pesquisa contempla conceitos e procedimentos encontrados nas escolas histórico-culturais e processuais.

### 9.5.4 História Regional

#### 9.5.4.1 Serro / MG

Parte da trajetória histórica do município mineiro do Serro está relacionada ao sistema de exploração de riquezas minerais, como ouro e diamante, que vigorou na América Portuguesa durante o período colonial. Este sistema foi impulsionado, em maior ou menor grau, pelas atividades do bandeirantismo a partir do século XVIII nos sertões das Minas Gerais.

A região do Serro presenciou tais atividades, que se caracterizavam pela incursão de bandeirantes ou sertanistas saídos quase sempre de São Paulo em busca de riquezas minerais para a Coroa Portuguesa e de indígenas a serem escravizados.

Waldemar de Almeida Barbosa, em seu Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais, assinala que "A região do Serro foi palmilhada por várias expedições: Sebastião Fernandes Tourinho, Jorge Dias, Azpilcueta Navarro, João Coelho de Souza, Antônio Dias Ardon, Marcos de Azeredo Coutinho, etc" (Barbosa, 1995, p.340).

Consta, em grande parte dos registros sobre o município que Antônio Soares Ferreira, bandeirante paulista natural de Guarulhos, foi o descobridor de ouro na região e que tal empreendimento foi realizado em associação com Manuel Rodrigues Arzão. Este último foi capitão e administrador do aldeamento de indígenas do Real Padroado de Barueri – de acordo com informações constantes na obra "Quatrocentos

anos de Vida Bandeirante" (coletânea de estudos históricos, genealógicos e biográficos, organizada para comemorar o IV centenário da fundação da cidade de São Paulo).

Históricos como os da Associação das Cidades Históricas de Minas Gerais (ACHMG) informam que nas cabeceiras do rio Jequitinhonha (onde está localizado o município do Serro) e de seus afluentes "manifestaram-se de uma considerável riqueza e logo surgiram, às suas margens, os ranchos de que se originaram os primeiros povoados".

A descoberta de ouro contribuiu para um afluxo populacional e em virtude da forma desordenada com que se organizaram ali os trabalhos de exploração registraram-se "choques entre mineradores e aventureiros que por ali afluíam em grande número".

A região onde teria sido encontrado ouro foi a das minas do Iviturú, que, na língua indígena, significava "Serro Frio" ou "morro de ventos frios". Daí a origem do topônimo atual do município.

Segundo o histórico presente no sítio eletrônico do IPHAN, Iviturú é a junção de três palavras de origem indígena: *ivi* para designar "vento", *turi*, "morro" e *huí*, que significa "frio". Ainda conforme Barbosa, citando os Relatos Sertanistas, de Alfredo d'Escagnolle Taunay, o termo Iviturú ou ainda Ibiturú "alude, 'ao muito enregelado frio que faz pelo cume daquela serra, com frigidíssimos ventos" (1995, p.340). Há informações de que a região era "antes habitat de tribos indígenas que dominavam aqueles sertões" e que "fora encontrada em 1702". Na região habitavam grupos indígenas genérica e pejorativamente classificados como botocudos ou aimorés.

Também nos informa sobre a descoberta do ouro na localidade o naturalista Auguste de Saint-Hilaire.

Há menções também no histórico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que o início do povoamento do sertão dos Cataguases, além da perspectiva de busca de riquezas mineiras, estaria também relacionado ao aprisionamento de indígenas para servirem como mão de obra escravizada. O referido histórico do IBGE estabelece Lucas de Freitas como "o primeiro civilizado a penetrar em terras do atual Município de Serro". Cumpre assinalar que tal atribuição corresponde a uma percepção etnocêntrica, que se vale do conceito de civilização aos moldes europeus.

O histórico do IBGE apresenta ainda a versão da fundação como atribuída a Antônio Ferreira Soares e assinala que "essa versão tem base na Revista do Arquivo Público Mineiro, que menciona Antônio Soares como descobridor das minas de Serro Frio, em 1702, coadjuvado por seu filho João Soares Ferreira, pelo escravo Manuel Correia, pelo procurador régio Baltazar Lemos de Moraes Navarro e por Lourenço Carlos Mascarenhas e Araújo, seguidos de inúmeros escravos". Consta ainda a informação de que os primeiros colonizadores da região, "atraídos pelas lavras do aurífero Hiviturú", ali se instalaram em 1703 e teriam sido os irmãos Corrêa Arzão, Baltazar Leme Lourenço Carlos, Gaspar Soares, Lucas de Azevedo Bartolomeu Bueno de Siqueira, Jerônimo Arzão e Pedro de Miranda.

Há menções no verbete do Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais de Waldemar Barbosa (1995, p.341) de que a existência de ouro a granel no principal córrego da localidade foi anunciada aos exploradores pela africana Jacinta Siqueira, que mandou construir a primeira igreja no lugar.

Do ponto de vista político-administrativo cumpre assinalar que em 1714 a localidade (então denominada Lavras Velhas do Serro ou Arraial do Ribeirão das Lavras Velhas) foi elevada à condição de vila. Na ocasião, 29 de janeiro de 1714, recebeu o topônimo de Vila do Príncipe, por ordem do então governador Brás Baltasar da Silveira.

Waldemar Barbosa nos informa em seu Dicionário que a localidade foi a “5ª vila de Minas, em ordem cronológica” (1995, p.341). Consta ainda que foi desmembrada de Sabará e que a Vila foi instalada em 06 de abril do mesmo ano. A Casa de Fundação para a cobrança do quinto do ouro foi estabelecida em 1720. Há divergências em alguns históricos sobre a data precisa.

Em 1729 e 1730, diamantes foram descobertos na localidade por Bernardo da Fonseca e contribuíram ainda mais para o povoamento da localidade. Em 16 de fevereiro de 1724 foi elevada à condição de distrito por meio de alvará. O distrito foi alçado à condição de cidade em 06 de março de 1838, pela lei provincial nº 93, com a denominação de Serro (conforme a ementa, lê-se que a lei “Eleva à cidades às Vilas de São João Del-Rei, do Sabará, do Príncipe e Diamantina, e determina que em cada uma delas se complete o número de nove vereadores pela maneira acima declarada”).

No começo do século XIX a mineração entra em decadência e a localidade passa por um período de estagnação econômica. A despeito disso, a vila continua a exercer peso relevante do ponto de vista político-administrativo, sobretudo por abrigar a sede da comarca.

O histórico do sítio eletrônico da ACHMG indica o peso da antiga Vila do Príncipe do ponto de vista político, ressaltando os reflexos que a localidade exercia na vida da Província de Minas Gerais e do Brasil império.

É comum indicar a figura de Teófilo Benedicto Ottoni (1807-1869) como uma das principais personalidades públicas da localidade no século XIX. Ottoni teria fundado em 1830 o jornal Sentinela do Serro, de caráter liberal e teor republicano, e exercido papel significativo no processo de abdicação de D. Pedro I e na Revolução Liberal de 1842. O historiador Leonardo Souza de Araújo Miranda informa em sua dissertação que o Sentinela do Serro desempenhou importante papel na imprensa de oposição fazendo campanha, por exemplo, contra D. Pedro I e manifestando seu descontentamento e uma respectiva crítica contundente com a situação política do país em 1831. Miranda aponta a presença de uma cultura da mobilização na antiga Vila do Príncipe.

August de Saint'Hilaire narra sua passagem pela antiga Vila do Príncipe em sua Viagem Pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. A primeira Província que Saint'Hilaire visitou em sua passagem pelo Brasil da época foi a de Minas Gerais, “em cuja viagem foi, em parte, acompanhado por Georg Heinrich Von Langsdorff; partiu a 7 de dezembro de 1816 e voltou a 16 de março de 1818”.

Nos estudos históricos/historiográficos sobre o Serro é comum a interpretação de que com o período republicano a cidade passou a uma posição de isolamento. Geralmente salientam a crise econômica ou mesmo o ostracismo diante de novos centros político-administrativos no Estado de Minas Gerais.

Em 1838, a localidade foi elevada à condição de cidade. Em 1938 foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). A data do tombamento, de seu conjunto arquitetônico, se deu em 8 de abril de 1938, de acordo com o processo nº 65-T-38, inscrição nº 25, constando do Livro de Belas-Artes, v. 1, p. 6. Convém assinalar ainda que o Serro foi o primeiro município brasileiro a ser tombado. A cidade foi tombada em virtude do expressivo acervo histórico arquitetônico que ali se presencia, representado por edificações religiosas e de sobrados.

A cidade também teve ainda o Queijo artesanal do Serro como primeiro bem cultural registrado como Patrimônio Imaterial de Minas Gerais, pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA) em 2002.

### 9.5.5 Atividades Realizadas em Campo

Entre os dias 28 de julho e 01 de agosto de 2019, uma equipe composta pelo arqueólogo coordenador e um assistente de campo percorreu a área de implantação do empreendimento da Mineração Conemp realizando caminhamentos e sondagens.

No dia 02 de agosto, o arqueólogo coordenador, um assistente e o desenhista da equipe visitaram todos os sítios arqueológicos identificados para complementação das medições físicas e elaboração de croqui em campo.

Em função da presença de patrimônio arqueológico histórico parcialmente contido na ADA, o arqueólogo coordenador apresentou ao empreendedor a possibilidade de alteração no projeto de mina para evitar e mitigar os impactos diretos sobre os sítios históricos. O empreendedor acatou a sugestão e fez alterações na ADA, com 03 acessos alternativos e duas áreas adicionais contíguas, sendo uma na área de lavra na porção norte e outra junta ao acesso leste.

O arqueólogo coordenador questionou, via e-mail, ao técnico de arqueologia do IPHAN-MG, Sr. Luis Felipe Bassi Alves, sobre a possibilidade de retornar a campo, ainda dentro do prazo vigente da portaria de pesquisa, para realizar pesquisa (sondagens e caminhamentos) nas áreas alternativas contíguas à ADA com a finalidade de evitar impactos sobre os sítios arqueológicos identificados. O Sr. Luis autorizou o retorno a campo, através de e-mail enviado ao arqueólogo coordenador em 10 de setembro de 2019, desde que aplicadas, nas áreas alternativas, as mesmas premissas metodológicas apresentadas no PAIPA.

Assim, o arqueólogo coordenador e seu assistente retornaram a campo entre os dias 23 e 25 de setembro de 2019.

Durante as etapas de campo, o arqueólogo coordenador executou ações de esclarecimento, através de entrevistas e distribuição de panfletos informativos aos funcionários, moradores e transeuntes nas áreas próximas ao empreendimento.

Os caminhamentos da equipe de arqueologia foram acompanhados por um funcionário da Mineração Conemp, do grupo Herculano, e um mateiro também fornecido pela empresa.

Durante os caminhamentos foi realizado, sempre que possível, o levantamento oportunístico, ou seja, a averiguação dos locais onde a ausência de vegetação permitiu visualizar a superfície em busca de vestígios arqueológicos.

Realizou-se, sempre que possível, a observação oportunística dos perfis, natural ou antropicamente expostos, nos quais é possível analisar a estratigrafia e a eventual presença de vestígios arqueológicos em subsuperfície, sem a necessidade de intervenções.

#### 9.5.5.1 Caminhamentos

Observou-se que o empreendimento será implantado em área com topografia ondulada e fortes declividades, desde os topos e altas vertentes das colinas até as baixadas e várzeas.

Os caminhamentos executados na ADA foram bem difíceis, principalmente em função da topografia com forte ondulação e em função da vegetação pioneira e espinhosa.

Considerando a ADA, o empreendimento é circundado por propriedades rurais esparsas em região com baixíssima densidade demográfica, com raras e esparsas edificações rurais.

Não existe nenhuma edificação residencial na ADA do empreendimento. Na ADA encontrou-se somente um britador desativado e uma pequena edificação de apoio ao britador também abandonada. Neste local nota-se que ocorreu uma significativa retirada de terra com terraplenagem e corte. Assim, a ausência de solo original no local tornou desnecessária a execução de sondagens.

De forma geral, o empreendimento encontra-se em região que apresenta topografia com forte ondulação, e em alguns pontos a topografia tornou-se escarpada, sobretudo nos setores norte e oeste. As áreas com declividade média e suave estão localizadas sobretudo na porção leste.

O empreendimento possui três compartimentos topográficos: as altas vertentes das colinas, com topografia apresentando declividade média e alta; as médias vertentes, com declividade média, forte e escarpada; e as baixas vertentes, com declividade suave e média.

Para acessar o empreendimento, foi utilizado o veículo da equipe de arqueologia, que ficava estacionado em pontos distintos do empreendimento para a execução dos caminhamentos ao longo do dia, visto que há somente uma via não pavimentada que percorre alguns setores da ADA.

Os caminhamentos ocorreram de forma sistemática na ADA, com a finalidade de se realizar observações oportunísticas e acessar as sondagens prospectivas previamente definidas em gabinete.

Somente nos locais com topografia com forte declividade ou escarpada, é que os caminhamentos foram evitados por questões de segurança. De qualquer forma, tais locais não apresentam potencial arqueológico em função da forte declividade, característica pouco atrativa às ocupações humanas pretéritas.

Os caminhamentos ocorreram principalmente na ADA, mas também ocorreram de forma pontual na AEL do empreendimento<sup>5</sup>.

Os caminhamentos foram feitos por setores de acordo com a definição da ADA. Conseqüentemente, de acordo com este método, foram percorridas todas as áreas sujeitas aos impactos diretos da implantação do empreendimento.

Neste levantamento, os pesquisadores buscaram indícios de ocupações humanas do passado, tais como: fragmentos cerâmicos, peças líticas, estruturas e vestígios históricos, considerando o patrimônio cultural presente na região. Também foram vistoriadas as camadas arqueológicas visíveis na estratigrafia de perfis expostos e em áreas sem vegetação com superfície visível sempre em busca de vestígios arqueológicos, além de alterações na paisagem que possam ser resultantes de atividades humanas, tanto históricas quanto pré-históricas.

Durante os trabalhos na primeira etapa de campo foram encontrados cinco sítios arqueológicos históricos, além de duas ocorrências históricas.

---

<sup>5</sup> Para compatibilização com os critérios aplicados no EIA de definição de área de estudo e determinação das áreas de influência a partir da análise de impacto ambiental, foi adotado nomenclatura de áreas de estudo local e regional (AEL e AER) também para apresentação dos dados de arqueologia (evitando interpretações diversas). Para documentação apresentada para o IPHAN foi seguido termo de referência específico.

Durante trabalhos na segunda etapa de campo, foram identificados mais três sítios arqueológicos históricos e uma ocorrência histórica.

As fotos abaixo apresentam registros da equipe caminhando em pontos distintos do empreendimento, em ambas as etapas de campo, tanto na ADA quanto na área de estudo.



Membro da equipe caminhando na ADA em área terraplenada com pequena edificação industrial abandonada no fundo da imagem, localizada na porção oeste do empreendimento.



Integrante da equipe caminhando na ADA junto ao britador abandonado em local com forte antropização na porção oeste do empreendimento.

Figura 9.67 – Fotografias de caminhamento da equipe pela ADA do empreendimento.



Integrante da equipe caminhando na ADA em área com vegetação pioneira, na porção oeste do empreendimento.



Membro da equipe caminhando na ADA na única via, não pavimentada, que percorre o interior do empreendimento.

Figura 9.68 – Fotografias de caminhamento da equipe pela ADA do empreendimento.



Membro da equipe caminhando na ADA, subindo a vertente com vegetação pioneira na porção oeste do empreendimento.



Integrante da equipe caminhando na AEL, na alta vertente da colina com presença de campo rupestre, na porção norte do empreendimento.

Figura 9.69 – Fotografias de caminhamento da equipe pela ADA e AEL do empreendimento.



Membro da equipe no contato entre a ADA e a AEL no limite da área de lavra, junto a borda escarpada, localizada na porção noroeste do empreendimento.



Membro da equipe e mateiro fornecido pela empresa na ADA, ao lado de marco de topografia localizado na porção noroeste do empreendimento.

Figura 9.70 – Fotografias de caminhamento da equipe pela ADA e AEL do empreendimento.



Membro da equipe caminhando na ADA, em área com capim e pioneiras, localizada na porção norte do empreendimento.



Membro da equipe caminhando em trilha na AEL, em local com mata secundária e forte declividade a sul do empreendimento.

Figura 9.71 – Fotografias de caminhamento da equipe pela ADA e área de estudo



Membro da equipe caminhando na ADA em área com vegetação fechada e espinhosa, localizada na porção central do empreendimento.



Integrante da equipe caminhando na borda da ADA, subindo a vertente com fragmento de mata secundária localizado na porção central do empreendimento.

Figura 9.72 – Fotografias de caminhamento da equipe pela ADA do empreendimento.



Membro da equipe caminhando na ADA em local com mata secundária recente e pioneiras na porção leste do empreendimento.



Membro da equipe de arqueologia, mateiro e funcionário da Herculano caminhando na ADA em via pública não pavimentada que segue a borda leste do empreendimento.

Figura 9.73 – Fotografias de caminhamento da equipe pela ADA e AEL do empreendimento.



Membro da equipe em pequeno abrigo sob rocha (C1) encontrado na canga, localizado na ADA na porção central do empreendimento.



Integrante da equipe em frente ao abrigo sob rocha.

Figura 9.74 – Fotografias de caminhamento da equipe área do empreendimento.

Durante os caminhamentos foi encontrado um pequeno abrigo sob rocha nomeado como “C1” (coordenadas 671620 - 7947660), no entanto não foram constatados quaisquer vestígios arqueológicos em seu interior. O abrigo é bem pequeno e com piso irregular rochoso e terrícola, com baixo potencial arqueológico.

As fotos a seguir são registros fotográficos realizados durante a segunda etapa de campo.



Membro da equipe caminhando na ADA com campo rupestre junto a área de lavra na porção norte do empreendimento.



Integrante da equipe mostrando o amplo afloramento de canga ferruginosa encontrado na ADA localizada na porção norte junto da área de lavra.

**Figura 9.75 – Fotografias de caminhamento da equipe área do empreendimento durante a segunda etapa de campo.**



Membro da equipe caminhando na ADA junto da área de lavra norte, no topo da colina com campo rupestre.



Membro da equipe caminhando na ADA, no acesso sul, baixa vertente com pasto na porção central do empreendimento.

**Figura 9.76 – Fotografias de caminhamento da equipe área do empreendimento durante a segunda etapa de campo.**



Membro da equipe caminhando na ADA junto da área de lavra norte, no topo da colina com campo rupestre.



Membro da equipe caminhando na ADA, no acesso sul, baixa vertente com pasto na porção central do empreendimento.

Figura 9.77 – Fotografias de caminhamento da equipe área do empreendimento durante a segunda etapa de campo.



Membro da equipe caminhando em área com mato alto na ADA, no acesso norte, na média vertente da colina na porção centro oeste do empreendimento.



Membro da equipe ao lado de pequeno curso de água localizado na ADA, no acesso norte, localizado na porção central do empreendimento.

Figura 9.78 – Fotografias de caminhamento da equipe área do empreendimento durante a segunda etapa de campo.



Membro da equipe caminhando na ADA, no acesso sul, em trilha na baixa vertente na porção central do empreendimento.



Membro da equipe caminhando na ADA, no traçado sul, sobre escombros de edificação residencial demolida há cerca de 3 anos localizada na porção central do empreendimento.

Figura 9.79 – Fotografias de caminhamento da equipe área do empreendimento durante a segunda etapa de campo.



Figura 9.80 – Membro da equipe em pequeno abrigo sob rocha (C2), localizado na ADA no acesso norte, na média vertente com mata secundária.

Durante os caminhamentos no acesso alternativo norte, foi encontrado um pequeno abrigo sob rocha na ADA, nomeado como “C2” (coordenadas 671615 - 7947897). Não se verificou quaisquer vestígios arqueológicos em seu interior. O abrigo é bem pequeno e com piso irregular terrícola, com baixo potencial arqueológico.

#### 9.5.5.2 Levantamento Oportunístico

Durante os caminhamentos na área do empreendimento e entorno foram realizados também os levantamentos oportunistas, com observação dos locais onde foi possível ao arqueólogo coordenador e sua equipe visualizar a subsuperfície do solo sem necessidade de intervenções, como nos barrancos e erosões. Nestes locais, foi possível ver o contexto estratigráfico no perfil exposto natural ou artificialmente, sempre em busca de evidências arqueológicas.

Os perfis estratigráficos encontrados para execução de levantamentos oportunistas foram expostos: pela abertura de vias não pavimentadas que cortam e circundam o empreendimento, por cortes nos barrancos e por áreas naturalmente erodidas com exposição de perfil, tanto na ADA quanto na AEL do estudo.



Membro da equipe realizando observação oportunística na ADA em perfil exposto em corte no barranco, localizado na porção oeste do empreendimento.



Observação oportunística sendo realizada na ADA em trecho com corte no barranco.

Figura 9.81 – Fotografias da observação oportunística pela área do empreendimento.



Membro da equipe na AEL observando perfil exposto em corte no barranco, localizado a sul do empreendimento.



Integrante da equipe realizando observação oportunística na ADA em perfil exposto por abertura de via não pavimentada que segue na extremidade leste do empreendimento.

Figura 9.82 – Fotografias da observação oportunística pela área do empreendimento

Também foram realizadas observações oportunísticas nos locais onde não há vegetação e o solo está exposto, encontradas, principalmente, em áreas planas e próximas a pastagens, permitindo eventualmente a visualização de vestígios arqueológicos em superfície.

Não foram encontrados quaisquer vestígios arqueológicos nas observações oportunísticas realizadas na primeira e segunda etapa de campo.

#### 9.5.5.3 Entrevistas

Durante a execução da pesquisa, na primeira etapa de campo, foram realizadas três entrevistas com moradores de propriedades vizinhas e funcionário da Mineração Conemp.

Todas as entrevistas foram conduzidas pelo arqueólogo coordenador da presente pesquisa.

- A primeira entrevista foi realizada em campo com o Sr. Robson Aparecido da Silva, 28 anos, nascido em Serro – MG, funcionário da Mineração Conemp (Grupo Herculano) há 9 meses (tempo este contabilizado na época da entrevista) com a função de vigilante patrimonial;
- A segunda entrevista foi realizada com o Sr. Ramilton da Silva Araújo, 57 anos, nascido no Serro – MG, morador e proprietário de sítio próximo ao empreendimento;
- A terceira entrevista foi realizada com o Sr. José Adilson de Miranda, 58 anos, nascido em São Sebastião do Bom Sucesso, distrito de Conceição do Mato Dentro – MG, e proprietário da fazenda Campo Grande – Céu Aberto, relativamente próxima ao empreendimento.

As três entrevistas confirmaram a presença de estruturas históricas, principalmente muros de pedra, na região. Duas entrevistas também informaram que as tentativas de execução de atividade minerária na área já ocorrem há pelo menos 40 anos.

As entrevistas não indicaram a presença de vestígios pré-coloniais na região.

#### 9.5.5.4 Ações de esclarecimento à comunidade

Em atendimento à Instrução Normativa nº 001 do IPHAN e ao Termo de Referência Específico (TRE) emitido pelo IPHAN para o empreendimento em questão, foram realizadas algumas ações de esclarecimento.

A primeira ação de esclarecimento foram as entrevistas realizadas. Nessas entrevistas, além de questionar sobre achados históricos e pré-coloniais, foram explicadas as atividades desenvolvidas na pesquisa arqueológica e a necessidade de preservação do patrimônio cultural.

Outras ações de esclarecimento foram realizadas através de conversas e distribuição de panfletos informativos contendo os conceitos de: arqueologia, arqueólogo, vestígios pré-coloniais e históricos, e licenciamento socioambiental. Todos os entrevistados receberam o panfleto informativo.

Foram entregues cerca de 40 panfletos para o único funcionário da Herculano, responsável pela segurança, para que ele distribua para os futuros funcionários da empresa.

A ausência de transeuntes nas áreas do empreendimento e a baixíssima densidade demográfica no entorno do empreendimento dificultaram a distribuição de mais panfletos informativos.

#### 9.5.5.5 Sondagens

Em função da dimensão mediana do empreendimento, o arqueólogo coordenador e o cartógrafo estabeleceram digitalmente em gabinete uma distribuição prévia de sondagens na área do empreendimento. Essa distribuição de sondagens foi registrada cartograficamente e entregue junto com o projeto de pesquisa, já aprovado via publicação no DOU.

De acordo com a metodologia pré-estabelecida na malha, foram distribuídas 175 sondagens a serem realizadas na ADA e área de estudo local do empreendimento.

As sondagens foram distribuídas prioritariamente na ADA, e de forma pontual e amostral na área de estudo. Dessa forma, todos os compartimentos topográficos contidos no empreendimento foram sondados, desde as altas vertentes até as médias e baixas vertentes.

Em campo foram descartadas as execuções de 71 sondagens previamente definidas em malha, sendo que: 13 sondagens (S65, S73, S72, S64, S107, S113, S128, S143, S136, S142, S165, S164 e S166) foram descartadas por se encontrarem em área bastante antropizada, ora por corte ou aterro e sem solo original, causadas pelas aberturas de estradas e modificações recentes na paisagem; 02 sondagens (S133 e S131) foram descartadas por se encontrarem em local alagado nas baixadas; 30 sondagens (S30, S25, S26, S38, S55, S56, S11, S1, S2, S3, S5, S4, S7, S8, S18, S13, S15, S16, S20, S9, S10, S17, S29, S35, S36, S28, S53, S43, S119 e S122) foram descartadas por se encontrarem em locais com afloramentos rochosos principalmente de canga ferruginosa, além de calhaus ou cascalhos, impenetráveis com as ferramentas de escavação arqueológica, encontradas sobretudo nas colinas; e 26 sondagens (S91, S94, S90, S45, S42, S59, S12, S67, S68, S69, S93, S95, S70, S106, S114, S116, S120, S125, S127, S132, S162, S160, S175, S170, S171 e S169) foram descartadas por estarem em áreas com topografia com forte ondulação ou escarpada.

Portanto, foram realizadas 104 sondagens na ADA e área de estudo durante a execução da primeira etapa de campo.

Dentre as 104 sondagens executadas, apenas 58 sondagens atingiram 100 cm de profundidade, e as 45 sondagens restantes foram interrompidas por camadas rochosas de canga, calhaus e cascalhos em subsuperfície antes de atingir 100 cm.

A maior parte das sondagens interrompidas pela presença de rocha em subsuperfície se encontrava nas médias e altas vertentes das colinas, quase sempre localizadas nas futuras áreas de lavra onde a presença de minério de ferro é bastante frequente.

É importante salientar que dificilmente são encontrados vestígios arqueológicos sob uma camada rochosa natural, cuja cronologia de formação geológica é quase sempre bem mais recuada do que as evidências holocênicas de ocupação humana.

Como dito anteriormente, atendendo orientação do IPHAN, foram definidas ADAs alternativas com a finalidade de evitar impactos diretos sobre os sítios históricos identificados.

Visando aplicar a mesma metodologia de intervenções arqueológicas em subsuperfície, foram distribuídas em gabinete uma malha de sondagens nas novas áreas poligonais (área contígua à lavra norte e área contígua ao acesso leste).

Desta forma, foram distribuídas 51 sondagens complementares nas ADAs alternativas. Destaca-se que os resultados dos serviços de arqueologia foram fundamentais para formatar a ADA final apresentada no presente EIA.

A equipe de arqueologia retornou a campo, ainda dentro do prazo de vigência da portaria de autorização de pesquisa publicada no DOU, para a execução das 51 sondagens.

Durante a etapa de campo foi descartada a execução de 03 sondagens complementares (S176, S177 e S178) por se encontrarem em locais com afloramentos rochosos de canga ferruginosa, impenetráveis com as ferramentas de escavação arqueológica, todas encontradas na área contígua à lavra norte.

Portanto, foram realizadas 48 sondagens nas regiões de ajuste da ADA do empreendimento durante a execução da segunda etapa de campo. Reforça-se que, estes ajustes pontuais da ADA foram fundamentais para ajustes de traçado do projeto, buscando minimizar os impactos em patrimônio arqueológico.

Dentre as 48 sondagens executadas durante a segunda etapa de campo, 33 sondagens atingiram 100 cm de profundidade, e as 15 sondagens restantes foram interrompidas por camadas rochosas de canga, calhaus e cascalhos em subsuperfície antes de atingir 100 cm.

Portanto, considerando tanto a primeira quanto a segunda etapa de campo, foram realizadas 152 sondagens nas áreas do empreendimento. Desse total, 145 sondagens foram realizadas na ADA e 7 sondagens foram realizadas na área de estudo.

Não foram encontrados vestígios arqueológicos em nenhuma das sondagens realizadas no empreendimento.

As fotos a seguir apresentam a realização de algumas das sondagens em diversos locais do empreendimento durante a primeira etapa de campo.



Sondagem S23.



Sondagem S32.

Figura 9.83 – Fotografias da realização de sondagens durante a primeira etapa de campo.



Sondagem S196.



Sondagem S199.

Figura 9.84 – Fotografias da realização de sondagens durante a segunda etapa de campo.

#### 9.5.6 Sítios e Ocorrência Arqueológicas

Durante a realização da Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico no empreendimento foram identificados, na primeira etapa de campo, cinco sítios arqueológicos históricos e duas ocorrências históricas.

Em função da presença de sítios históricos parcialmente contidos na ADA, o empreendedor decidiu, por sugestão do arqueólogo coordenador, propor novas ADAs contíguas à ADA original, cuja finalidade seria evitar os impactos diretos nos sítios históricos identificados. Por isso, foram definidas áreas e acessos alternativos e foi realizada uma segunda etapa de campo para pesquisa arqueológica interventiva nestes setores.

Nesta segunda etapa de campo, foram identificados três sítios arqueológicos históricos e uma ocorrência histórica.

Portanto, foram identificados oito sítios arqueológicos históricos e três ocorrências históricas durante a execução dessa pesquisa.

O empreendedor considerou os resultados das pesquisas de campo e a localização dos oito sítios arqueológicos históricos para reduzir a dimensão da ADA e evitar qualquer impacto direto sobre o

patrimônio histórico identificado. Por este motivo, todos os oito sítios históricos encontrados nessa pesquisa estão localizados na AEL e poderão ser integralmente preservados.

Apresentamos a seguir a descrição dos sítios e ocorrências.

#### 9.5.6.1 Sítio Arqueológico Barragem de Pedra I

23K 671730 7974655  
elev. 816 m



Figura 9.85 – Foto de integrante da equipe no sítio histórico Barragem de Pedra I, junto à barragem localizada na porção central do empreendimento.

O sítio Barragem de Pedra I é um sítio histórico composto por antiga barragem de pedra e por um aqueduto, ambas estruturas relacionadas à mineração colonial de ouro, inserido no município de Serro - MG.

A barragem de pedra está integralmente contida na AEL e poderá ser preservada. O aqueduto está contido na AEL e não será diretamente impactado pela implantação do empreendimento.

O sítio histórico foi encontrado durante os caminhamentos na ADA, quando, primeiramente, foi identificado o aqueduto e seu curso foi seguido até ser encontrada a barragem.

O aqueduto está conectado à barragem, e ficou evidente que a barragem teve a função de criar um reservatório de água para ser levada pelo aqueduto para a atividade de mineração de ouro.

A barragem possui uma grande dimensão, com cerca de 19 m de extensão, 4,3 m de altura e aproximadamente 1,2 m de espessura.

A barragem possui a base mais larga e, à medida que fica mais alta, sofre uma redução na espessura visível em sua inclinação.

A barragem foi construída com precisão e técnica apuradas, com encaixe de grandes matacões, placas e blocos rochosos. Não foi encontrada argamassa no encaixe das pedras. Por isso, se deduz que a barragem possui uma camada de sedimento junto à camada rochosa, cuja finalidade é impedir a passagem de água por entre as pedras justapostas.

Existe um ponto da barragem que desmoronou, e os blocos que o constituíam ainda estão caídos junto ao pé da barragem.

A montante da barragem há um reservatório de água, quase integralmente preenchido e assoreado por sedimento. A partir da extremidade norte da barragem, junto ao contato com o reservatório, é que se inicia o aqueduto, cuja função era conduzir água para atividade de mineração de ouro.

No setor inicial e em alguns pontos de seu curso, encontramos muros de pedra com argamassa delimitando sua margem direita.



Figura 9.86 – Foto de integrante da equipe junto com o mateiro realizando limpeza da vegetação que se encontrava no interior do aqueduto para se realizar as medições e registro fotográfico.

O aqueduto possui cerca de 198 m de extensão linear até o ponto em que é subitamente interrompido por uma grota, onde deduzimos que ocorreu atividade minerária pretérita. Sendo que os primeiros 30 m de extensão do aqueduto apresentam muro de pedra com argamassa em sua margem direita.

A técnica construtiva encontrada nos setores iniciais do aqueduto com muro de pedra apresenta uso de argamassa, cuja finalidade é dar firmeza e impermeabilidade à estrutura hidráulica.



Figura 9.87 – Detalhe de trecho do aqueduto que apresenta muro de pedras constituindo sua margem direita (foto esquerda) e trecho com muro de pedras com argamassa que delimita a calha do aqueduto em sua porção inicial, próximo à barragem (foto direita).

Foi encontrada argamassa com cascalho em alguns pontos do muro do aqueduto, e esse material parece indicar um episódio posterior de reutilização da estrutura hidráulica.



Figura 9.88 – Integrante da equipe desenhando o trecho do aqueduto escavado no solo, em que este é mais estreito e profundo (foto esquerda) e detalhe da argamassa com cascalho que foi utilizada em muro do aqueduto, indicando um provável episódio construtivo posterior à sua construção original (foto direita).

A dimensão da barragem e a técnica apurada de sua construção, assim como o aqueduto e os muros de pedra que o constituem indicam um cuidado na constituição das estruturas hidráulicas. Indicam também que tinham a função de fornecer água para a atividade de lavra de ouro, e certamente com considerável uso de mão de obra escrava.

Há também um segundo aqueduto, exclusivamente escavado no solo, que sai da porção sul da barragem. No entanto, esta estrutura está relacionada ao sítio Moinho de Milho, cuja cronologia de construção é bem posterior às estruturas de mineração.

Segundo Eschwege (1979), “nestas situações, o primeiro passo é obter água, em geral fornecida por um canal artificial.” Nesta citação o autor exemplifica o que foi encontrado no sítio Barragem de Pedra I, um aqueduto artificial cuja função era a de fornecer água para atividades minerárias.

De acordo com Reis (2007), “As grupiaras, por sua vez, encontradas nos vales de rios e nas encostas das montanhas, correspondem ao sedimento aluvional depositado quando o rio ainda cavava o seu leito e corria numa altura superior. Com o rebaixamento das águas, aqueles primeiros aluviões foram postos a seco, ficando acima do nível das águas.” E acrescenta “Nos serviços de grupiaras, a utilização da água era indispensável e exigia longos trabalhos preparatórios neste sentido.”

O local de inserção do sítio Barragem de Pedra I e as estruturas que contém parecem atender à descrição de Reis (2007), sendo, portanto, uma mineração do tipo grupiara feita em vale de rio.

O sítio Barragem de Pedra I corrobora através de suas estruturas a reconhecida atividade de mineração de ouro que ocorreu na região do Serro, sobretudo no século XVIII. Por isso, consideramos que tais estruturas foram construídas e utilizadas em meados do século XVIII.

Considerando o grau de preservação, a dimensão e a complexidade das estruturas, o sítio histórico Barragem de Pedra I foi classificado como tendo relevância arqueológica mediana.

### 9.5.6.2 Sítio Arqueológico Barragem de Pedra II

23K 671514 7947664  
elev. 870 m



Figura 9.89 – Foto de integrante da equipe junto ao sítio Barragem de Pedra II, estrutura de pedra com a finalidade de represar água para atividade de mineração de ouro.

O sítio Barragem de Pedra II é um sítio histórico constituído por antiga barragem de pedra integralmente localizada na AEL do empreendimento, inserido no município de Serro – MG.

O sítio histórico foi encontrado durante os caminhamentos na porção central do empreendimento.

A barragem é constituída por dois muros de pedra paralelos, com distância de cerca de 3,5 m entre eles, onde o vão é preenchido por sedimento. A técnica de construção dos muros é a junta seca, sem argamassa. Esse método construtivo de muro duplo com preenchimento de terra tinha como função reforçar e impermeabilizar a barragem para contenção de água em reservatório à montante.

A barragem possui 10,5 m de comprimento, e os muros possuem cerca 0,5 m de espessura cada um, com altura média de 1,3 m.

A vegetação encontrada no entorno da estrutura é constituída por fragmento de mata secundária. A topografia apresenta declividade média.



Figura 9.90 – Integrante da equipe junto a jusante de barramento (foto esquerda) e membro da equipe a montante da Barragem de Pedra (foto direita).

O setor a montante da barragem, onde se encontra o reservatório, apresenta local aplainado onde se acumulava a água. Já o setor a jusante da barragem, a declividade é mais acentuada, provavelmente para que a água fosse liberada com energia para uso em atividade minerária.

A estrutura de pedra encontrada neste sítio está relacionada às atividades de mineração colonial de ouro que ocorreram na região do Serro-MG durante o século XVIII. Deduzimos por isso que a barragem de pedra foi construída com o uso de mão de obra escrava.

Segundo as descrições do Barão de Eschwege (1979), o método de mineração é definido pelo local em que se encontra o ouro. Neste caso, o sítio Barragem de Pedra II seria classificado como “depósitos de aluvião e nas encostas das serras”.

Considerando o grau de preservação e a complexidade das estruturas, o sítio Barragem de Pedra II foi classificado como tendo baixa relevância arqueológica.

### 9.5.6.3 Sítio Arqueológico Lavra Velha

23K 672056 7947315  
elev. 806 m



Figura 9.91 – Foto de integrante da equipe no sítio histórico Lavra Velha, junto a conglomerado natural exposto pela atividade de ouro.

O sítio Lavra Velha é um sítio histórico constituído por vestígios de atividade de mineração de ouro como canais, empilhamentos de pedra e conglomerados expostos localizado na AEL do empreendimento. O sítio histórico foi encontrado durante os caminhamentos na porção sul do empreendimento.

O sítio possui diversos canais paralelos e intercomunicantes, todos escavados no solo. Foram encontrados também empilhamentos e conjuntos de blocos rochosos quase sempre jogados ao lado dos canais.

Essa ação de retirar manualmente os blocos de dentro dos canais e das áreas de mineração foi minuciosamente descrita por Eschwege (1979) “Os seixos maiores são retirados manualmente e a areia pesada é conduzida a uma canoa onde o ouro será apurado.”

Nota-se ao longo do sítio que toda a área foi modificada pela atividade minerária pretérita, seja pela diversidade e quantidade de canais, mas também pelas camadas de conglomerados expostas e pelas diferenças artificiais de nível entre o piso original mais alto a áreas minerada e escavada mais baixa.



Figura 9.92 – Integrante da equipe junto a conglomerado natural exposto pela mineração de ouro (foto esquerda) e membro da equipe junto de outro conglomerado de canga exposto pela lavra de ouro (foto direita).

Eschwege (1979) descreve essas camadas de canga ou tapanhocanga como “encontrada nas mais altas montanhas, nas encostas inferiores e nos morros arredondados (...). Composta de seixos, raramente rolados”. Segundo ele, “o ouro também se encontra nesses conglomeratos, me maior quantidade na parte inferior das mais baixas encostas.” Como parece ser o caso deste sítio.

No caso do sítio Lavra Velha ficou evidente que o ouro foi encontrado em meio aos conglomerados de canga parcialmente minerados.



Figura 9.93 – Integrante da equipe caminhando no interior de um canal (foto esquerda) e detalhe de um agrupamento de blocos rochosos retirados manualmente durante o processo de mineração de ouro (foto direita).

O sítio Lavra Velha foi medido cartograficamente e apresentou área de aproximadamente 1,7 hectares.

O sítio Lavra Velha é constituído por estruturas e modificações na paisagem resultantes de atividade minerária ocorrida no século XVIII na região do Serro – MG, utilizando considerável quantidade de mão de obra escrava.

Considerando a cronologia e a ausência de estruturas antropogênicas de pedra, o sítio Lavra Velha foi classificado como tendo baixa relevância arqueológica.

#### 9.5.6.4 Sítio Arqueológico Moinho de Milho

23K 671746 7947543  
elev. 808 m

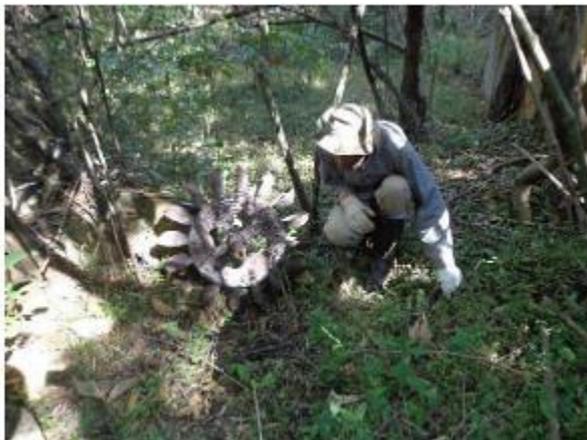


Figura 9.94 – Foto de integrante da equipe no sítio Moinho de Milho, junto da roda de água de ferro abandonada.

O sítio Moinho de Milho é um sítio histórico composto por estruturas de alvenaria que continham um moinho de milho e por um aqueduto escavado no solo que fornecia água para mover a estrutura. O sítio Moinho de Milho está contido na AEL do empreendimento.

O sítio histórico foi encontrado durante os caminhamentos na porção central do empreendimento, quando identificamos primeiramente duas pedras de mó e em seguida a estrutura do moinho abandonado.

O aqueduto, exclusivamente escavado no solo, que fornecia energia hidráulica para o funcionamento do moinho de milho, inicia seu curso junto a porção sul da Barragem de Pedra I, junto ao reservatório. Seu curso é concluído junto ao moinho de milho, quando deságua em estreito canal de alvenaria conectado o moinho.

Consideramos o aqueduto do moinho de milho como sendo parte integrante do sítio Moinho de Milho em função da sua cronologia de construção, bem posterior à da Barragem de Pedra I.

De acordo com as avaliações do presente estudo, o aqueduto foi escavado no solo no mesmo período em que a barragem foi reformada com uso de alvenaria e no mesmo período em que foram construídas as estruturas do moinho de milho, sendo em meados do século XX.

Portanto, o aqueduto está relacionado a episódio de reutilização da barragem, cuja finalidade era fornecer água para acionar o moinho de milho.



Figura 9.95 – Integrante da equipe no interior do aqueduto escavado no solo (foto esquerda) e membro da equipe em outro trecho do aqueduto que fornecia água (foto direita).

O aqueduto segue o curso com suave curvatura sentido sul, rumo ao moinho, com cerca de 70 m de extensão linear, com largura média de 1,7 m e 0,4 m de profundidade.



Figura 9.96 – Desenhista da equipe realizando o croqui do trecho onde o aqueduto se conectava às estruturas do moinho de milho (foto a esquerda) e canaleta de alvenaria que conduzia a água para a câmara de carga (foto a direita).



Figura 9.97 – Desenhista da equipe elaborando o croqui da câmara de carga (foto esquerda) e trecho com muro de pedras com argamassa que delimita a calha do aqueduto em sua porção inicial, próximo à barragem (foto direita).

A água trazida pelo aqueduto era conduzida para uma canaleta de alvenaria de tijolos e argamassa que segue linearmente até a câmara de carga. A câmara de carga é um reservatório onde a água era

acumulada para que a energia potencial pudesse ser convertida em energia mecânica para mover a roda de água à medida que descia por tubo inclinado.

A canaleta possui 8,7 m de extensão linear com 0,6 m de largura. A câmara de carga possui 1,4 m de largura por 1,4 de comprimento e cerca de 0,9 m de profundidade.

Após a água se acumular na câmara de carga, ela era despejada em um tubo inclinado de ferro revestido em concreto. O tubo seguia descendo com ângulo de 45° por 6 m até atingir a estrutura de alvenaria que continha o moinho.



Figura 9.98 – Integrante da equipe junto ao tubo revestido de concreto que conduzia água em declive para mover o moinho (foto esquerda) e integrante da equipe no interior da estrutura de concreto que continha a roda de água e moinho de milho (foto direita).

A água que descia caía diretamente sobre a roda de água que ferro, que girava e estava conectada a um eixo que movia as pedras de mó.



Figura 9.99 – Integrante da equipe junto da roda de água de ferro (foto esquerda) e membro da equipe junto às pedras de mó, parcialmente enterradas e localizadas a cerca de 25 m de distância do moinho de milho (foto direita).

O sítio Moinho de Milho foi construído e utilizado em meados do século XX, considerando os materiais construtivos, a entrevista realizada com o Sr. Ramilton e os sinais de abandono.

Classificamos o Moinho de Milho como sítio arqueológico em função de representar a produção artesanal de fubá com uso de energia hidráulica, atividade produtiva que está deixando de existir no Brasil, e em função da complexidade das estruturas de alvenaria que o constituem.

Considerando o grau de preservação e a cronologia, o sítio histórico Moinho de Milho I foi classificado como tendo baixa relevância arqueológica.

#### 9.5.6.5 Sítio Arqueológico Minas de Galeria

23K 670555 7948825  
elev. 1106 m



Figura 9.100 – Foto de integrante da equipe na entrada da galeria 2, uma das que constituem o sítio Minas de Galeria

O sítio Minas de Galeria é um sítio histórico constituído por duas galerias e uma pinta, estruturas escavadas durante atividade de mineração de ouro, localizado na AEL do empreendimento. O sítio histórico foi encontrado durante os caminhamentos na porção norte do empreendimento, e está localizado na alta vertente da colina, em área com afloramento de canga.

O sítio possui duas galerias escavadas no solo e uma pinta, local de teste para verificar a presença de ouro.

As galerias 1 e 2 são bastante semelhantes em termos morfológicos e construtivos. Ambas são aberturas escavadas na capa de canga ferruginosa, com degraus recortados na rocha para acesso. Em ambas as galerias a escavação ultrapassa a camada de canga ferruginosa, que possui cerca de 1 m de espessura, até atingir o solo.

A galeria 1 possui entrada com 1,3 m de largura e 2,2 m de comprimento e 6 degraus esculpido na canga ferruginosa. O interior da galeria 1 apresenta cerca de 1,4 m de altura e 5 m de desenvolvimento. O piso é aplainado no início da galeria e inclinado próximo às paredes.



Figura 9.101 – Integrante da equipe junto a entrada da galeria 1 (foto esquerda) e membro da equipe no interior da galeria 1 (foto direita).

A galeria 2 possui entrada com 1,4 m de largura e 2,3 m de comprimento e 7 degraus esculpidos na canga ferruginosa. O interior da galeria 1 apresenta cerca de 1,5 m de altura e 5 m de desenvolvimento. O piso é aplainado no início da galeria e inclinado próximo às paredes.



Figura 9.102 – Integrante da equipe junto a entrada da galeria 2 (foto esquerda) e detalhe a entrada da galeria 2 (foto direita).

A pinta que encontramos, estrutura escavada no solo pelos mineradores para testar a presença de ouro, apresentou morfologia retangular com 2,2 m de comprimento, 1,2 m de largura e profundidade máxima de 1,2 m. A pinta foi escavada somente na canga ferruginosa e não chegou a atingir o solo em subsuperfície.

Provavelmente, caso tivesse sido encontrado algum sinal de ouro na pinta, ela teria se desenvolvido e transformado em uma galeria.

Sobre essa técnica minerária, Eschwege (1979) comenta “nas camadas rochosas encontradas no interior das montanhas, o mineiro abre galerias sem qualquer planejamento, dificultando a exploração de outras frentes no futuro.”

Ainda sobre o método de mineração em galeria, Eschwege relata que “o material a ser lavrado é carregado em carumbés sobre a cabeça dos escravos, em trabalho penoso e prejudicial à saúde.”, para que seja beneficiado e apurado em outro local.



Figura 9.103 – Integrante da equipe no interior da pinta, onde se pode notar sua morfologia retangular (foto esquerda) e desenhista da equipe realizando o croqui da pinta (foto direita).

Segundo Reis (2007), “Quando as jazidas auríferas localizavam-se em locais para onde a água de maneira nenhuma podia ser conduzida, ou quando as camadas e veios auríferos encontravam-se em rochas compactas, nos afloramentos de quartzito e itabirito que não se desfaziam facilmente, sendo praticamente indestrutíveis pelos sistemas hidráulicos adotados, a exploração se dava por meio das minas de galeria”.

O sítio Minas de Galeria é constituído por estruturas escavadas no solo resultantes de atividade minerária ocorrida no século XVIII na região do Serro – MG, utilizando de mão de obra escrava.

Considerando a preservação e cronologia, o sítio Minas de Galeria foi classificado como tendo baixa relevância arqueológica.

#### 9.5.6.6 Sítio Arqueológico Aqueduto I

23K 671374 7947509  
elev. 894 m



Figura 9.104 – Foto de integrante da equipe junto ao sítio histórico Aqueduto I, estrutura escavada no solo com borda arrimada por pedras relacionado a atividade de mineração de ouro.

O sítio Aqueduto I é um sítio histórico constituído por antigo aqueduto localizado na AEL do empreendimento. Foi encontrado durante os caminhamentos na porção central do empreendimento durante a segunda etapa de campo, o que resultou em adequação no traçado do projeto e, portanto, redefinição da ADA.

O sítio é constituído por aqueduto escavado no solo que possui setores cuja calha é delimitada por pedras em uma das margens.

O aqueduto segue na curva de nível com pequeno caimento. Seu curso segue uma curvatura sentido norte e possui a largura da calha com cerca de 0,7 m. Sua profundidade é estimada em 0,3 m, pois foi preenchido por serapilheira. Sua extensão linear é de 118 m, medidos cartograficamente. O principal setor com arrimo de pedras possui 7 m de extensão linear. A topografia apresenta declividade suave - média.



Figura 9.105 – Integrante da equipe no centro da calha do aqueduto em setor que é somente escavado no solo (foto esquerda) e membro da equipe no interior do aqueduto em outro setor somente escavado no solo (foto direita).

O arrimo de pedra tinha a função de dar estabilidade à margem do aqueduto, que sofria pressão pelo fluxo de água que corria em sua calha.



Figura 9.106 – Largura da calha do aqueduto sendo medida por integrante da equipe (foto esquerda) e extensão do arrimo de pedras sendo medida por integrante da equipe (foto direita).



Figura 9.107 – Integrante da equipe no setor em que se encontra o arrimo linear de pedras (foto esquerda) e detalhe da altura do arrimo de pedras sendo medida com trena (foto direita).

O aqueduto que constitui este sítio está relacionado às atividades de mineração colonial de ouro que ocorreram na região do Serro-MG durante o século XVIII.

Segundo as descrições do Barão de Eschwege (1979), o método de mineração é definido pelo local em que se encontra o ouro. Neste caso, o ouro ocorre sob a camada de terra superficial, nas encostas dos morros, em meio às camadas de seixos rolados. O ouro também se deposita no alto das encostas dos morros e planaltos. Este tipo de ocorrência aurífera era denominado pelos mineiros como grupiaras. Segundo Eschwege (1979), “o primeiro passo é obter água, em geral fornecida por um canal artificial”. Exatamente a estrutura que constitui o sítio histórico Aqueduto I.

Considerando o grau de preservação e a complexidade das estruturas, o sítio Aqueduto I foi classificado como tendo baixa relevância arqueológica.

#### 9.5.6.7 Sítio Arqueológico Aqueduto II

23K 671469 7947778  
elev. 895 m



Figura 9.108 – Foto de integrante da equipe junto ao sítio histórico Aqueduto II, ao lado de arrimo de pedra que constitui a estrutura hidráulica, também relacionada à mineração de ouro.

O sítio Aqueduto II é um sítio histórico constituído por antigo aqueduto localizado na AEL do empreendimento, que foi encontrado durante os caminhamentos na porção central do empreendimento, durante a execução da segunda etapa de campo no acesso alternativo norte.

O sítio é constituído por aqueduto escavado no solo que possui setores com presença de arrimo de pedras uma de suas margens.

O aqueduto segue na curva de nível com pequeno caimento. Seu curso segue uma curvatura sentido norte. Há um canal que se inicial perpendicularmente ao aqueduto e que desce a vertente sem seguir a curva de nível.

O aqueduto possui a largura da calha com cerca de 0,4 m. Sua profundidade oscila entre 0,2 m e 0,3 m. Sua extensão linear é de 128 m, medidos cartograficamente.

Há pelo menos três setores com arrimo de pedras, sendo que em um deles, na qual a estrutura é mais robusta, o arrimo atinge 1,4 m de altura e 4 m de extensão linear. A topografia apresenta declividade média.



Figura 9.109 – Mateiro caminhando no centro da calha do aqueduto II em setor que é somente escavado no solo (foto esquerda) e membro da equipe ao lado de outro setor com arrimo de pedra onde a seta azul indica o provável sentido do fluxo de água do aqueduto (foto direita).

Como ainda não sabemos qual o sentido do curso do aqueduto, em função de seu suave caimento de difícil identificação visual, deduzimos que os arrimos de pedra estão todos na margem direita.



Figura 9.110 – Mateiro junto a arrimo de pedra no início do curso do aqueduto (foto esquerda) e extensão do arrimo de pedras sendo medida por integrante da equipe (foto direita).

O sítio histórico Aqueduto II também está relacionado às atividades de mineração colonial de ouro que ocorreram na região do Serro-MG durante o século XVIII.

O sítio Aqueduto II, de acordo com as observações feitas pela equipe de arqueologia, possuía a finalidade de fornecer água para atividades de “serviço de grupiara”.

Considerando o grau de preservação e a complexidade das estruturas, o sítio Aqueduto II foi classificado como tendo baixa relevância arqueológica.

#### 9.5.6.8 Sítio Arqueológico Aqueduto III

23K 671826 7947677  
elev. 809 m

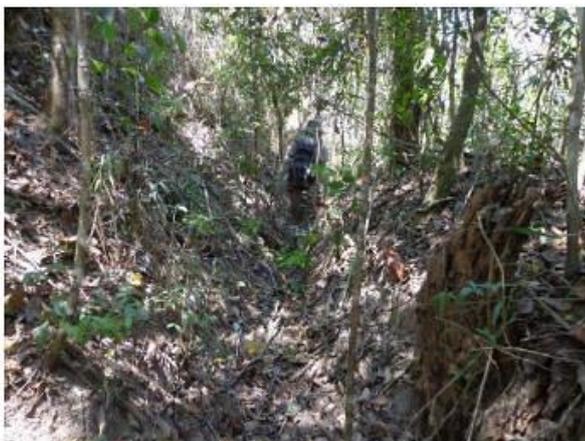


Figura 9.111 – Foto de integrante da equipe no sítio histórico Aqueduto III, no interior da calha escavada no solo, também relacionada à mineração de ouro.

O sítio Aqueduto III é um sítio histórico constituído por antigo aqueduto localizado na AEL do empreendimento. O sítio histórico, que foi encontrado durante os caminhamentos na porção central do empreendimento, durante a execução da segunda etapa de campo.

O sítio é constituído por aqueduto exclusivamente escavado no solo. O aqueduto segue na curva de nível com pequeno caimento, com exceção de seu trecho final quando fica mais inclinado e com o caimento bem mais acentuado. Seu curso linear pouco sinuoso segue sentido sul norte.

O aqueduto possui morfologia variada com a largura da calha variando entre 0,4 m e 0,7 m. Sua profundidade oscila entre 0,5 m e 1,4 m. Sua extensão linear é de 147 m, medidos cartograficamente.



Figura 9.112 – Membro da equipe medindo a calha do aqueduto com uso de trena (foto esquerda) e profundidade do aqueduto sendo medida com uso de trena (foto direita).

A topografia apresenta declividade média forte. O sítio histórico Aqueduto III também está relacionado às atividades de mineração colonial de ouro que ocorreram na região do Serro-MG durante o século XVIII.



Figura 9.113 – Integrante da equipe em outro setor do aqueduto onde sua morfologia se apresenta distinta, com calha mais estreita e profunda (foto esquerda) e trecho onde o aqueduto passa a ficar inclinado, com o caimento mais acentuado (foto direita).

Considerando o contexto dos outros sítios históricos, as características do aqueduto, a ausência de fazendas nas proximidades e as descrições das técnicas de mineração, deduzimos que o sítio Aqueduto III também está relacionado às atividades coloniais de mineração de ouro.

Considerando o grau de preservação e a complexidade das estruturas, o sítio Aqueduto III foi classificado como tendo baixa relevância arqueológica.

#### 9.5.6.9 Ocorrência Histórica 1

23K 670262 7948792  
elev. 1181 m



Figura 9.114 – Foto de integrante da equipe junto ao alicerce de pedra que constitui a Ocorrência Histórica 1.

Durante a realização dos caminhamentos na porção norte do empreendimento, encontramos um alicerce de pedra, classificado como Ocorrência Histórica 1. Esta ocorrência é composta por uma estrutura retangular com alicerce de pedra localizado na ADA do empreendimento.

O alicerce de pedra está localizado na alta vertente da colina com declividade média. O alicerce possui 4,4 m de comprimento medido em sua maior extensão, e 3 m de largura nas suas laterais. O alicerce de pedra tem todo o seu interior preenchido por sedimento.

O método construtivo foi a junta seca, com encaixe de blocos rochosos sem argamassa. Foi encontrada exatamente no centro da estrutura uma bacia feita de cimento onde há um furo de sondagem mineral. O furo é profundo e com o diâmetro perfeito, indicando que foi feito por uma perfuratriz. Conseqüentemente, apesar de feito de pedras, o alicerce foi construído com a finalidade de estabilizar e apoiar a perfuratriz.

Portanto, tanto o alicerce de pedra quanto a atividade de sondagem mineral ocorreram, com base no conhecimento da equipe, na segunda metade do século XX. A cronologia recente da estrutura e a sua finalidade fizeram a equipe o classificar como Ocorrência Histórica.



Figura 9.115 – Equipe realizando medição da estrutura em sua maior extensão (foto esquerda) e detalhe do método construtivo sem argamassa (foto direita).

A utilização de pedras encaixadas em método construtivo, similar ao que era feito historicamente, para a pesquisa mineral se justifica pela dificuldade de acesso ao local, sem estradas, para que um veículo pudesse trazer cimento e tijolos para construção de apoio para a perfuratriz.

Na foto a seguir é possível verificar a presença de furo de prospecção mineral feito com perfuratriz bem no centro do alicerce de pedra.



Figura 9.116 – Foto de integrante da equipe indicando o local com cimento onde foi realizado um furo de prospecção mineral, razão pela qual foi construído o alicerce de pedra.

Apesar de ser uma estrutura rara de se encontrar, feita de pedras para atividades recentes, encontramos outra estrutura bastante semelhante e com a mesma função, classificada como Ocorrência Histórica 2, cuja descrição será apresentada a seguir.

A presença de duas estruturas quase idênticas, e ambas com furos de sondagem feitos por perfuratriz, corroboram nossa interpretação de que os alicerces de pedra possuem pouco recuo cronológico e, por isso, baixa relevância histórica.

A Ocorrência Histórica 1 está na ADA integral e diretamente impactada pelas obras de implantação do empreendimento. Contudo, a Ocorrência Histórica 1 não apresenta atributos históricos ou arqueológicos que justifiquem sua classificação como sítio arqueológico ou sua preservação.

#### 9.5.6.10 Ocorrência Histórica 2

23K 670360 7948892

elev. 1148 m



Figura 9.117 – Foto de integrante da equipe junto ao alicerce de pedra que constituía Ocorrência Histórica 2.

Durante a realização dos caminhamentos na porção norte do empreendimento, encontramos um segundo alicerce de pedra, classificado como Ocorrência Histórica 2. Esta ocorrência é constituída por uma estrutura retangular com alicerce de pedra localizado na ADA do empreendimento, bastante semelhante e próxima da Ocorrência Histórica 1.

O alicerce de pedra está localizado na alta vertente da colina com declividade média. Possui 4,6 m de comprimento medido em sua maior extensão e 2,2 m de largura nas suas laterais. O alicerce de pedra tem todo o seu interior preenchido por sedimento.

O método construtivo da estrutura foi a junta seca, com justaposição de blocos rochosos sem argamassa.

Foi verificada no centro da estrutura uma bacia feita de cimento onde há um furo de sondagem mineral. O furo foi feito por uma perfuratriz. Por isso, apesar de feito de pedras, o alicerce foi construído com a finalidade de estabilizar e apoiar a perfuratriz.

A ver da equipe de arqueologia o alicerce de pedra foi construído em meados do século XX. A cronologia recente da estrutura e a sua finalidade fizeram a equipe o classificar como Ocorrência Histórica.



Figura 9.118 – Membro da equipe realizando medição da estrutura (foto esquerda) e detalhe do método construtivo sem argamassa (foto direita).

A utilização de método construtivo, similar ao que era feito historicamente, para a estrutura de apoio à perfuratriz se justifica pela dificuldade de acesso ao local para trazer materiais construtivos modernos e pela facilidade em utilizar os blocos rochosos abundantes no local.



Figura 9.119 – Foto na qual a seta amarela indica o local do furo de sondagem feito com perfuratriz no centro da estrutura.

A enorme semelhança e a mesma função identificadas nos alicerces de pedra, Ocorrências Históricas 1 e 2, corroboram a interpretação de que possuem pouco recuo cronológico e, por isso, baixa relevância histórica.

A Ocorrência Histórica 2 está contida na ADA e será diretamente impactada pelas obras de implantação do empreendimento. Contudo, a Ocorrência Histórica 2 não apresenta atributos históricos ou arqueológicos que justifiquem sua classificação como sítio arqueológico ou sua preservação.

### 9.5.6.11 Ocorrência Histórica 3

23K 671586 7947587  
elev. 852 m



Figura 9.120 – Foto de integrante da equipe indicando o local onde inicia o canal, onde a seta azul indica o sentido do fluxo de água, que constitui parte da Ocorrência Histórica 3.

Durante a realização dos caminhamentos na porção sul do empreendimento, na segunda etapa de campo, foi encontrado um pequeno canal escavado no solo e estruturas de alvenaria, classificados como Ocorrência Histórica 3.

Esta ocorrência é constituída por um pequeno canal escavado no solo, no qual ainda há alguns setores com manilha de cerâmica, que conduzia água para duas estruturas recentes de alvenaria de tijolos. A Ocorrência Histórica 3 está contida na AEL do empreendimento.

O canal começa junto de drenagem natural intermitente pluvial e segue descendo a vertente escavado no solo, até um ponto que em passa a ser enterrado passando por manilhas de cerâmica. Em seguida o canal volta a ser escavado e segue até atingir duas estruturas retangulares de alvenaria de tijolos. Aparentemente a primeira estrutura retangular menor redirecionada a água para a segunda estrutura retangular, que seria uma caixa de água.

A Ocorrência histórica está localizada na baixa vertente com suave declividade.



Figura 9.121 – Membro da equipe ao lado do canal escavado no solo (foto esquerda) e detalhe da manilha de cerâmica onde o canal passa a ser subterrâneo (foto direita).

O canal segue seu curso linear até atingir a primeira estrutura retangular de tijolos que possui 0,6 m de largura por 1,0 m de comprimento, composta por dois compartimentos retangulares. Essa primeira estrutura era conectada a segunda estrutura por um cano, do qual só resta o orifício de saída. A segunda estrutura retangular, denominada aqui como caixa de água, possui 1,8 m de largura por 1,8 m de comprimento, com 0,95 m de profundidade. A extensão linear total da Ocorrência Histórica 3 é de 90 m.

O método construtivo das estruturas é a alvenaria com tijolos e cimento, indicando uma cronologia recente para ambas.



Figura 9.122 – Primeira estrutura de alvenaria, com dois compartimentos retangulares (foto esquerda) e segunda estrutura de alvenaria, que foi denominada como caixa de água (foto direita).

A nosso ver, tanto o canal quanto as estruturas foram construídos na segunda metade do século XX e tinham como função levar água para edificação residencial que foi demolida há três anos. Provavelmente a água era usada para o gado, pois foi encontrada uma estrutura recente de alvenaria que tinha como função servir de rampa para o gado subir nos caminhões.

A Ocorrência Histórica 3 está contida na AEL e não será diretamente impactada pelas obras de implantação do empreendimento. E não apresenta atributos históricos ou arqueológicos que justifiquem sua classificação como sítio arqueológico ou sua preservação.

#### 9.5.7 Resultados e Conclusões

A execução da Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico na área do empreendimento identificou oito sítios arqueológicos históricos e três ocorrências históricas.

Com a finalidade de evitar qualquer impacto direto do empreendimento sobre o patrimônio histórico identificado, o empreendedor refez e reduziu a ADA, evitando e contornando todos locais nos quais foi encontrado patrimônio histórico. Desta forma, todos os oito sítios históricos identificados nessa pesquisa agora estão localizados na AEL e por isso não sofrerão impacto direto causados pelas obras e poderão ser integralmente preservados.

Cabe frisar que as Ocorrências Históricas não apresentam relevância arqueológica ou histórica que justifiquem sua classificação como sítios arqueológicos e sua preservação.

A topografia em que se encontra o empreendimento apresenta forte ondulação, sobretudo nas porções central, oeste e norte; e se torna menos ondulada no setor leste.

O empreendimento possui três compartimentos topográficos: as altas vertentes das colinas, com topografia apresentando declividade média e alta; e as médias vertentes, com declividade média, forte e escarpada; e as baixas vertentes, com declividade suave e média.

Para acessar o empreendimento, utilizamos o veículo da equipe de arqueologia, que ficava estacionado em pontos distintos do empreendimento para a execução dos caminhamentos ao longo do dia, visto que há somente uma via não pavimentada que percorre alguns setores da ADA.

Os caminhamentos ocorreram de forma sistemática na ADA, com a finalidade de se realizar observações oportunísticas e acessarmos as sondagens prospectivas previamente definidas em gabinete.

Somente nos locais com topografia com forte declividade ou escarpada, é que os caminhamentos foram evitados por questões de segurança. De qualquer forma, tais locais não apresentam potencial arqueológico em função da forte declividade, característica pouco atrativa às ocupações humanas pretéritas.

Os caminhamentos ocorreram principalmente na ADA, mas também ocorreram de forma pontual na AEL do empreendimento.

Durante as duas etapas de campo executadas no empreendimento foram executadas 152 sondagens. Desse total, 145 sondagens foram realizadas na ADA e 7 sondagens foram realizadas na AEL (área de estudo).

Dentre as 152 sondagem executadas, 91 sondagens atingiram 100 cm de profundidade, e as 61 sondagens restantes foram interrompidas pela presença de canga ferruginosa e camadas de calhaus e cascalhos em subsuperfície antes de atingir 100 cm.

A maior parte das sondagens interrompidas pela presença de rocha em subsuperfície, principalmente a canga ferruginosa, se encontrava nas médias e altas vertentes das colinas. Não foram encontrados quaisquer vestígios arqueológicos nessas sondagens realizadas.

A execução da Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico identificou a presença de patrimônio arqueológico histórico na ADA e AEL do empreendimento, relacionado às atividades coloniais de mineração de ouro.

O patrimônio histórico identificado traduz, sobretudo através de suas estruturas hidráulicas, a intensa atividade de mineração colonial de ouro que ocorreu no local, com farto uso de água nas lavras de grupiara. Esse método minerário era aplicado quando o ouro se encontrava nos “depósitos de aluvião e nas encostas das serras” (Eschwege, 1979).

Em função da topografia com forte ondulação e da escassez de cursos de água, a área em questão é pouco atrativa às ocupações humanas pré-coloniais.

## 9.6 DIAGNÓSTICO DOS BENS CULTURAIS MATERIAIS

O patrimônio cultural é a herança de uma comunidade ou população deixada pelos seus ascendentes, a maneira de falar e agir, as festas tradicionais, os monumentos, as imagens, os documentos dos arquivos, as casas antigas e as novas que têm uma importância para nossa história.

O presente trabalho, assim intitulado Diagnóstico dos Bens Culturais de Natureza Material do Município de Serro, se insere na fase de obtenção de licença prévia e licença de instalação (LAC2) do processo de licenciamento ambiental e tem por objetivo cumprir as determinações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Estado de Minas Gerais, de modo a analisar a viabilidade do empreendimento minerador, processos ANM n.º 005.130/1956 e n.º 831.516/2004, sob responsabilidade da empresa Mineração Conemp Ltda., em relação aos bens culturais de natureza material identificados em seu entorno, objeto de estudo.

Para a análise, as áreas de estudo do empreendimento foram divididas em: Área de Estudo Regional (AER) e Área de Estudo Local (AEL), especificamente em relação ao meio socioeconômico. A AER corresponde ao município de Serro, haja vista a área em que se insere o empreendimento em questão encontrar-se dentro de seus limites. Já a AEL irá abranger especificamente a área que compreende a oeste o limite do Rio do Peixe, a norte o limite do município de Serro, a sul a zona urbana da sede do município e a leste a Fazenda Santa Cruz, onde serão catalogados os possíveis bens de importância cultural e/ou histórica situados nas adjacências da área do empreendimento.

Partindo deste pressuposto, a equipe multidisciplinar procurou *in loco* e por meio de documentação existente, as informações necessárias que pudessem pautar o diagnóstico aqui realizado, cruzando-as com os dados colhidos e relativos ao empreendimento minerador em questão.

No diagnóstico dos bens culturais materiais foram levantados/inventariados os patrimônios tombados no município de Serro, que serão informados a seguir e a descrição dos bens culturais está detalhado no item Bens Culturais Tombados, no Volume I deste EIA.

Tabela 9.45 – Informações sobre Bens Culturais Tombados.

Tipo de Patrimônio	Nível	Bem	Localização	Documento oficial	Distância para Empreendimento (Km linha reta)
<b>CONJUNTO URBANO</b> (IPHAN)	Nacional	Conjunto arquitetônico e urbanístico na sede do município	Sede Municipal de Serro	Processo n.º 65-T-38, inscrição n.º 25, constando do Livro de Belas-Artes, v. 1, p. 6 Em 8 de abril de 1938	6,2 km
<b>EDIFICAÇÃO E ACERVO</b> (IPHAN)	Nacional	Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição	Sede Municipal de Serro	Processo n.º 263-T-41, inscrição n.º 233-A, constando do Livro de Belas-Artes Em 22 de julho de 1941	5,8 km
<b>EDIFICAÇÃO E ACERVO</b> (IPHAN)	Nacional	Igreja de Nossa Senhora do Carmo	Largo do Carmo - Sede Municipal de Serro	Processo n.º 318-T-42, inscrição n.º 262, constando do Livro do Tombo Histórico Em 24 de maio de 1949	6,0 km
<b>EDIFICAÇÃO E ACERVO</b> (IPHAN)	Nacional	Igreja do Bom Jesus de Matozinhos	Largo de Matozinhos – Sede Municipal de Serro	Processo n.º 319-T-44, inscrição n.º 269-A, constando do de Belas-Artes Em 14 de janeiro de 1944	5,5 km
<b>EDIFICAÇÃO</b> (IPHAN)	Nacional	Casa dos Ottoni	Sede Municipal de Serro	Processo n.º 425-T-50, inscrição n.º 270, constando do Livro do Tombo Histórico Em 28 de abril de 1950	5,5 km
<b>CONJUNTO URBANO</b> (IPHAN)	Nacional	Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico do Distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras	Distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras	Processo n.º 1.134-T-84 Em Instrução	18 km
<b>EDIFICAÇÃO E ACERVO</b> (IEPHA)	Estadual	Igreja Matriz de São Gonçalo	Distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras	Decreto Estadual n.º 20.581, de 26 de maio de 1980	18,1 km
<b>EDIFICAÇÃO E ACERVO</b> (IEPHA)	Estadual	Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Prazeres	Distrito de Milho Verde	Decreto Estadual n.º 20.581, de 26 de maio de 1980	15,1 km
<b>MONUMENTO NATURAL</b> (IEPHA)	Estadual	Pico do Itambé	-	Art. 84 dos Atos das Disposições Transitórias da Constituição do Estado de Minas Gerais de 1989	17,3 km
<b>ESTRUTURA ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA</b> (Prefeitura de Serro)	Municipal	Capela de Nossa Senhora do Rosário	Distrito de Milho Verde	Decreto Municipal n.º 5.609, de 13 de outubro de 2015 que alterou o Decreto Municipal nº 1.254, de 25 de novembro de 2003	15 km
<b>ESTRUTURA ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA</b> (Prefeitura de Serro)	Municipal	Rancho de Tropas	Distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras	Decreto Municipal nº 839, de 31 de março de 2000	18 km

Tipo de Patrimônio	Nível	Bem	Localização	Documento oficial	Distância para Empreendimento (Km linha reta)
<b>ESTRUTURA ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA</b> (Prefeitura de Serro)	Municipal	Capela de Santa Rita	Largo de Santa Rita – Sede Municipal de Serro	Decreto Municipal nº 783, de 27 de abril de 1999	6 km
<b>ESTRUTURA ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA</b> (Prefeitura de Serro)	Municipal	Prédio da Prefeitura Municipal de Serro	Sede Municipal de Serro	Decreto Municipal nº 1.197, de 03 de abril de 2003	6 km
<b>ESTRUTURA ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA</b> (Prefeitura de Serro)	Municipal	Casa General Carneiro (Sede do IPHAN)	Sede Municipal de Serro	Decreto Municipal nº 1.198, de 03 de abril de 2003	5,7 km
<b>ESTRUTURA ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA</b> (Prefeitura de Serro)	Municipal	Escola Estadual Ministro Edmundo Lins	Sede Municipal de Serro	Decreto Municipal nº 1.199, de 03 de abril de 2003	5,7 km
<b>ESTRUTURA ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA</b> (Prefeitura de Serro)	Municipal	Capela de São Miguel	Sede Municipal de Serro	Decreto Municipal nº 1.200, de 07 de abril de 2003	6 km
<b>ESTRUTURA ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA</b> (Prefeitura de Serro)	Municipal	Capela de São Geraldo	Distrito de Três Barras	Decreto Municipal nº 5.608, de 13 de outubro de 2015, que alterou o Decreto Municipal nº 1.170, de 22 de janeiro de 1996	8,9 km
<b>ESTRUTURA ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA</b> (Prefeitura de Serro)	Municipal	Capela de Santo Antônio (Capela do Menino Antônio)	Povoado de Pasto do Padilha (BR-259)	Decreto Municipal nº 5.610, de 13 de outubro de 2015, que alterou o Decreto Municipal n.º 2.131, de 14 de agosto de 2007.	6,0 km
<b>BENS MÓVEIS E INTEGRADOS</b> (Prefeitura de Serro)	Municipal	Imagem de Nossa Senhora do Rosário	Igreja de Nossa Senhora do Rosário (Sede Municipal de Serro)	Dossiê enviado ao IEPHA/MG e aprovado em 2006, segundo site da Prefeitura de Serro ( <a href="https://www.serro.mg.gov.br/arquivos/54_ser_2018.pdf">https://www.serro.mg.gov.br/arquivos/54_ser_2018.pdf</a> )	5,4 km
<b>ESTRUTURA ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA</b> (Prefeitura de Serro)	Municipal	Chácara do Barão do Serro	Sede Municipal de Serro	Decreto Municipal nº 1.201, de 07 de abril de 2003	5,1 km

Tipo de Patrimônio	Nível	Bem	Localização	Documento oficial	Distância para Empreendimento (Km linha reta)
<b>ESTRUTURA ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA</b> (Prefeitura de Serro)	Municipal	Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Serro	Sede Municipal de Serro	Decreto Municipal nº 5.611, de 13 de outubro de 2015, que alterou o Decreto Municipal n.º 2.673, de 02 de fevereiro de 2009.	5,4 km
<b>CONJUNTO PAISAGÍSTICO</b> (Prefeitura de Serro)	Municipal	Conjunto Arquitetônico da Serra da Caroula e Capela de Nossa Senhora das Dores	Distrito de Vila Deputado Augusto Clementino	Decreto Municipal n.º 2.188, de 07 de novembro de 2007	18,1 km
<b>MONUMENTO NATURAL</b> (IEPHA)	Estadual	Conjunto Paisagístico da Bacia do Rio Jequitinhonha	Trecho do Serro	Art. 84 dos Atos das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição do Estado de Minas Gerais de 1989	8 km (ponto mais próximo)

Tabela 9.46 – Informações sobre Bens Culturais Inventariados

Tipo de Patrimônio	Nível	Bem	Localização	Período de inventariado	Distância para Empreendimento (Km linha reta)
<b>ESTRUTURA ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA</b> (Prefeitura de Serro)	Municipal	24 edificações residenciais e comerciais	Distrito de Milho Verde	Bens inventariados entre 2007 e 2010	14 km
<b>ESTRUTURA ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA</b> (Prefeitura de Serro)	Municipal	01 Chafariz	Largo do Chafariz - Distrito de Milho Verde	Bem inventariado em 2009	14,2 km
<b>BENS MÓVEIS E INTEGRADOS</b> (Prefeitura de Serro)	Municipal	09 peças sacras	Distrito de Milho Verde	Bem inventariado em 2007	14 km
<b>ACERVOS</b> (Prefeitura de Serro)	Municipal	Arquivo do Instituto Milho Verde	Distrito de Milho Verde	Bem inventariado em 2007	14 km
<b>ACERVOS</b> (Prefeitura de Serro)	Municipal	Livros do Tombo da Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Prazeres	Distrito de Milho Verde	Bem inventariado em 2007	15 km
<b>ESTRUTURA ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA</b> (Prefeitura de Serro)	Municipal	32 edificações residenciais e comerciais	Distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras	Bens inventariados entre 2010 e 2013	14 km
<b>BENS MÓVEIS E INTEGRADOS</b> (Prefeitura de Serro)	Municipal	Imagem de São Gonçalo da Igreja Matriz de São Gonçalo	Distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras	Bem inventariado em 2007	18,1 km
<b>ACERVOS</b> (Prefeitura de Serro)	Municipal	Cartório de Registro Civil e Notas	Distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras	Bem inventariado em 2007	18 km
<b>ACERVOS</b> (Prefeitura de Serro)	Municipal	Arquivo da Igreja Matriz de São Gonçalo	Distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras	Bem inventariado em 2010	18,1 km

Tipo de Patrimônio	Nível	Bem	Localização	Período de inventariado	Distância para Empreendimento (Km linha reta)
<b>ACERVOS</b> (Prefeitura de Serro)	Municipal	Arquivo da Capela Nossa do Rosário	Distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras	Bem inventariado em 2010	18 km
<b>ESTRUTURA ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA</b> (Prefeitura de Serro)	Municipal	Capela de Nossa Senhora das Dores	Distrito Deputado Augusto Clementino	Bem inventariado em 2014	18,1 km
<b>ESTRUTURA ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA</b> (Prefeitura de Serro)	Municipal	Capela de São José	Distrito Deputado Augusto Clementino	Bem inventariado em 2014	18 km
<b>ESTRUTURA ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA</b> (Prefeitura de Serro)	Municipal	Igreja de São Sebastião	Distrito Deputado Augusto Clementino	Bem inventariado em 2014	16,7 km
<b>ESTRUTURA ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA</b> (Prefeitura de Serro)	Municipal	02 edificações residenciais e comerciais	Distrito Deputado Augusto Clementino	Bem inventariado em 2014	18 km
<b>BENS MÓVEIS E INTEGRADOS</b> (Prefeitura de Serro)	Municipal	18 peças sacras	Distrito Deputado Augusto Clementino	Bens inventariados em 2014	18 km
<b>ESTRUTURA ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA</b> (Prefeitura de Serro)	Municipal	Casa da Música Escola Municipal de Música Maestro	Sede Municipal de Serro	Bem inventariado em 2015	5,3 km
<b>ACERVOS</b> (Prefeitura de Serro)	Municipal	Acervo de achados arqueológicos da Casa General Carneiro	Sede Municipal de Serro	Bem inventariado em 2016	5,7 km
<b>ACERVOS</b> (Prefeitura de Serro)	Municipal	Acervo de fotos históricas da Câmara Municipal de Serro	Sede Municipal de Serro	Bem inventariado em 2016	6 km
<b>ACERVOS</b> (Prefeitura de Serro)	Municipal	Acervo particular de informações diversas sobre Serro (Joyce Costa)	Sede Municipal de Serro	Bem inventariado em 2016	6 km
<b>ACERVOS</b> (Prefeitura de Serro)	Municipal	Acervo de Livros da Sra. Maria Eremita de Souza - Biblioteca Pública Municipal Doutor Coelho Júnior	Sede Municipal de Serro	Bem inventariado em 2016	6 km

Fonte: site da Prefeitura de Serro ([https://www.serro.mg.gov.br/arquivos/54\\_ser\\_2018.pdf](https://www.serro.mg.gov.br/arquivos/54_ser_2018.pdf))

## 9.7 DIAGNÓSTICO DOS BENS CULTURAIS IMATERIAIS

Em março de 2019 foi elaborado um estudo sobre o diagnóstico dos bens culturais imateriais do município do Serro pela empresa Geomil Serviço de Mineração, contratada pela Mineração Conemp. Além do diagnóstico foi elaborado o Relatório de Avaliação de Impacto ao Patrimônio Imaterial (RAIPI).

Para a elaboração deste estudo adotou-se como base o Termo de Referência Específico - TRE - de acordo com as normas estabelecidas pela Instrução Normativa IPHAN n.º 001/2015 número do processo n.º 01514.000269/2019-87 - Mineração Conemp.

O atual estudo exhibe dados referentes ao resultado dos trabalhos de campo realizados no final do mês de março de 2019. Foram realizadas, entre os dias 20 a 23 de março, entrevistas com moradores da cidade, organizadores e participantes de manifestações culturais classificados como bens de natureza imaterial. Através das entrevistas foi possível abordar a importância do patrimônio imaterial da cidade do Serro e do lugar social de alguns de seus habitantes. O foco do estudo foi mostrar a importância dessas pessoas por meio de suas falas na promoção e preservação de práticas culturais expressivas, em maior e menor grau na manutenção e preservação do bem cultural.

O estudo combina pesquisa histórica com olhar característico da etnografia. A perspectiva histórica fica mais evidente no trato com a cultura material – ao se levantar e descrever, dentro de balizas que consideram a passagem do tempo, os bens culturais da área de abrangência –, mas se articula também na dimensão da etnografia, quando inserido no universo particular das práticas simbólicas e aos modos de entendimento da realidade qualificados como expressões da cultura imaterial. Para tanto, lançou-se, em maior e em menor grau e sempre que possível, um olhar sobre os sujeitos nos seus ambientes e no contexto de suas práticas. Ao estabelecer um contato com a etnografia, procurou-se pensar nas condições de produção de expressões, comportamentos, sentimentos etc. Apoiando-se em uma tendência etnográfica buscou-se uma vista panorâmica sobre os bens culturais de ordem imaterial, de modo a interpretá-los dentro do contexto das práticas simbólicas expressivas do município de Serro. Para a execução desse trabalho, as orientações se deram pelas prescrições do Artigo 216 da Constituição Federal Brasileira<sup>6</sup> “*que estabelece e qualifica como patrimônio imaterial os bens culturais que, tomados individualmente ou em conjunto, são portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem as formas de expressão e os modos de criar, fazer e viver ao lado das obras de arte, arquitetura e demais bens tradicionalmente consagrados*”. Cumpre assinalar que a mesma noção é aplicada ao patrimônio de natureza tangível. Em outras palavras, da cultura material. Para tanto, foram utilizadas ainda as determinações do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), particularmente as orientações do Inventário Nacional de Referências Culturais<sup>7</sup>, e as Normas Gerais de Segurança do Trabalho e Meio Ambiente.

### 9.7.1 Objetivo

O referido estudo teve como objetivos diagnosticar a área do Projeto Serro e seu entorno no que diz respeito aos Bens Imateriais, avaliar o impacto do empreendimento em tela sobre os bens culturais acutelados, além de cumprir uma condicionante para obter a anuência do Instituto do Patrimônio

---

<sup>6</sup> BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

<sup>7</sup> INVENTÁRIO nacional de referências culturais: manual de aplicação. Apresentação de Célia Maria Corsino. Introdução de Antônio Augusto Arantes Neto. – Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000. 156 p.: il

Histórico e Artístico Nacional (IPHAN/MG), constituindo-se como uma compensação à comunidade local pelos eventuais impactos causados oriundos da instalação do referido empreendimento.

### 9.7.2 Delimitação da Área de Pesquisa

Os estudos relativos ao patrimônio cultural relacionam-se ao meio socioeconômico, que tem como objetivo compreender as interações entre o futuro empreendimento e o meio sociocultural onde o empreendimento em questão irá se instalar, levando em consideração os efeitos para as populações a serem afetadas com tal atividade na região. Com isto, considerar-se-á a análise de elementos da dinâmica econômica e populacional, da organização social e política, do uso e ocupação do solo, assim como as condições de infraestrutura econômica e social da área de estudo local (AEL).

Para o presente projeto, optou-se por manter a divisão de áreas de estudo estabelecida pelos estudos da socioeconomia realizados para compor o EIA do empreendimento em questão, para identificar as áreas de aplicabilidade de estudos relativos aos bens de natureza cultural na área ser afetada pelo empreendimento. Ou seja, foram estabelecidas, três dimensões de estudo do empreendimento minerário, os quais correspondem a Área de Estudo Regional (AER), Área de Estudo Local (AEL) e a Área Diretamente Afetada (ADA), do Projeto Serro.

Deve-se registrar que como em qualquer análise de impactos sociais, alguns efeitos se difundem por dimensões mais amplas de espaços abstratos, normalmente associados aos espaços econômicos e sociais em níveis municipais e estaduais, relativos aos alcances comerciais que o mercado atinge.

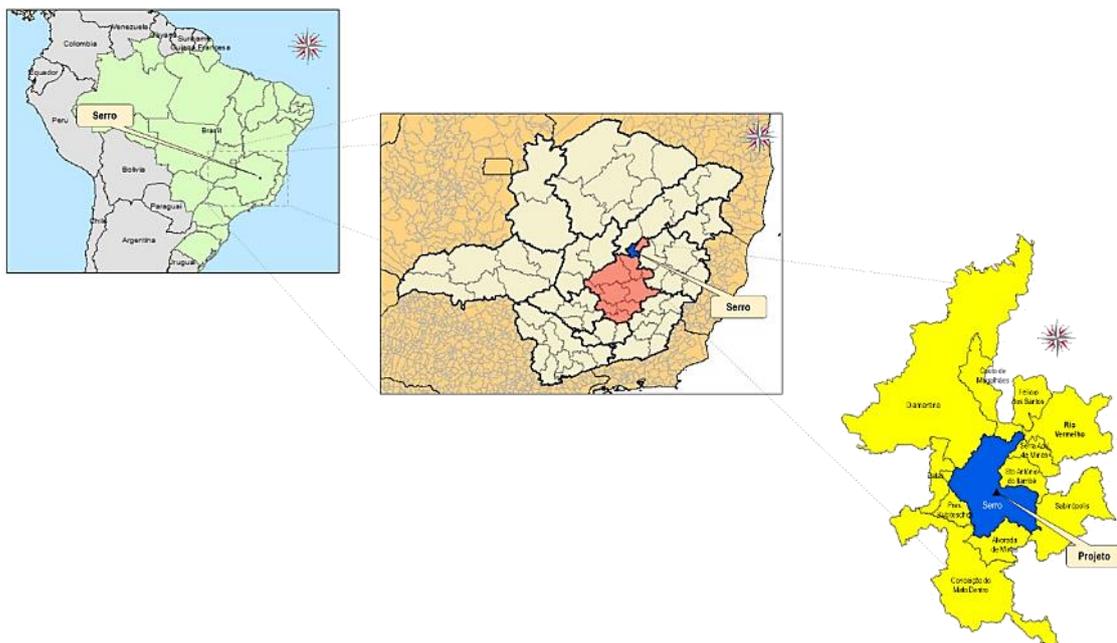


Figura 9.123 – Localização do município de Serro e do Projeto.

### 9.7.3 Etapas da Pesquisa

A primeira etapa de pesquisa de identificação dos bens de natureza imaterial consistiu na elaboração de um cronograma, com o estabelecimento de prazos para a execução dos serviços aqui prestados. Para a elaboração do cronograma considerou-se primeiramente as indicações/prescrições do Termo de Referência Específico - TRE - de acordo com as normas estabelecidas pela Instrução Normativa IPHAN n.º 001/2015, que estabelece procedimentos administrativos a serem observados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nos processos de licenciamento ambiental.

Em seguida, dentro desse cronograma, buscou-se em uma segunda etapa identificar os bens de natureza imaterial nas áreas de estudo do empreendimento. Dentro dessa etapa, que poderia ser denominada como Levantamentos Preliminares foram identificadas as principais expressões culturais da localidade tombadas, registradas, inventariadas e de interesse de preservação acautelados pela União, Estado e Município. Como se tratou de levantar os bens imateriais acabou-se buscando também levar em conta os interlocutores e as comunidades, em seu entorno, afetadas (ou não) pelo empreendimento, nos limites do município, que encabeçam essas expressões culturais. Foram consultados os dados de órgãos oficiais, referências acadêmicas, fontes secundárias e documentos históricos a respeito do município do Serro e informações disponíveis a respeito dos mesmos bens na rede mundial de computadores (levantamento bibliográfico e arquivístico).

A Prefeitura Municipal do Serro, a Secretaria de Turismo e Patrimônio e a Associação dos Congadeiros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Serro foram consultadas sobre os bens culturais existentes no município. Os mencionados órgãos forneceram os contatos das pessoas envolvidas com as manifestações culturais da cidade. Isso serviu para nortear os trabalhos de maneira a contribuir para a localização dos principais interlocutores no campo, ou seja, de pessoas responsáveis pela condução de manifestações culturais e assim agendar uma conversa com os mesmos. Essa etapa pode ser nomeada como Identificação dos Principais Interlocutores no Campo.

Durante a pesquisa preliminar constatou-se que na cidade há elementos que caracterizam a roda de capoeira, produtores de queijo, sineiro e congado.

Foram acionados os principais interlocutores, porém não foi possível ter contato alguns dos acionados de uma maneira mais direta, o que impactou na exploração das perspectivas e formas como interpretam e classificam suas práticas culturais. Cabe salientar que a falta de alguns contatos diretos não prejudicou a condução e conclusão dos trabalhos. Gratidão e reconhecimento àqueles que tiveram a gentileza e o interesse de dialogar com a equipe de trabalho a respeito das expressões culturais que encabeçam.

Foi solicitado aos entrevistados que assinassem um termo de consentimento, atestando a concordância com os trâmites dessa pesquisa, bem como a concessão das entrevistas (termos apresentados em anexo). Excepcionalmente, não foi possível entrevistar todos os envolvidos nas manifestações culturais classificadas como patrimônios imateriais, em decorrência de muitas entrevistas ocorrerem em momentos distintos ou pelo fato de os participantes não cederem entrevistas, porém as manifestações dos interlocutores entrevistados foram registradas neste relatório e consideradas suficientes para a devida tramitação.

Na etapa de campo, levou-se em conta que, no caso do patrimônio imaterial, o conceito de sítio não é fixo, mas compreendido como uma configuração socioespacial, como algo que pode variar. Sendo assim, foi considerado não apenas a especificidade da manifestação cultural em termos históricos, mas também a apropriação prática e simbólica do espaço que cada uma delas promove.

Após a coleta das informações sobre os bens culturais no trabalho de campo iniciaram-se os trabalhos de gabinete. Os dados coletados foram processados para a etapa de elaboração das representações cartográficas. Coube à equipe elaboradora do EIA/RIMA a delimitação das Áreas de Estudo. Coube à equipe de trabalho sistematizar as informações coletadas sobre os bens imateriais da localidade e verificar se eles estavam inseridos geograficamente ou não nas áreas de influência do empreendimento. Após a elaboração das representações cartográficas deu-se início à escrita do presente relatório.

#### 9.7.4 Contextualização dos Bens Culturais Imateriais da Área de Pesquisa

O levantamento bibliográfico dos Bens Culturais Imateriais do município do Serro foi realizado durante o mês de fevereiro de 2019 e as entrevistas foram realizadas entre os dias 20 a 23 de março do mesmo ano. O estudo levou em consideração a existência de Bens Culturais Imateriais registrados como Patrimônio Imaterial do Brasil, a exemplo:

- Da Capoeira - forma de expressão da roda e o ofício de mestre;
- A Festa do Rosário;
- O modo Artesanal de fazer o Queijo do Serro;
- O Toque dos Sinos; e
- A Folia de Reis.

As demais manifestações culturais imateriais do município também foram objeto do levantamento, uma vez que integram o rol das manifestações da cultura popular do município e estão passíveis de serem afetadas com a implantação e operação do empreendimento.

O município de Serro está inserido em uma área de manifestações culturais, especialmente aquelas que dizem respeito às celebrações, formas de expressão, saberes e ofícios derivadas das matrizes e tradições sociais, culturais e religiosas de grupos sociais ao longo da história, principalmente bens afro-religiosos relacionados à presença de comunidades negras no território, tais como o congado, e capoeira, assim como manifestações regionais pertinentes ao modo de fazer o queijo e o toque dos sinos.

A metodologia foi constituída pela pesquisa bibliográfica, seguida do trabalho de campo com as entrevistas, o georreferenciamento dos pontos importantes da produção e reprodução dos bens culturais imateriais, e a produção deste relatório.

As informações relativas aos bens imateriais foram levantadas através de publicações do IPHAN e IEPHA e a listagem de bens culturais imateriais da Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Patrimônio do Serro, Seção de Patrimônio. Foram levantados os bens culturais de natureza imaterial no município de Serro, conforme apresentados na tabela a seguir.

Tabela 9.47 – Bens Imateriais Levantados no Município de Serro.

Bens Imateriais do Serro		
Esfera	Bem Cultural	Situação
Federal	O Toque dos Sinos em Minas Gerais – Serro	Livro de Registro das Formas de Expressão - Bens Culturais Imateriais
Federal	Roda de Capoeira	Livro de Registro das Formas de Expressão - Bens Culturais Imateriais
Federal	Modo Artesanal de Fazer Queijo de Minas, nas Regiões do Serro e das Serras da Canastra e do Salitre	Livro de Registro dos Saberes - Bens Culturais Imateriais
Federal	Ofício de Sineiro	Livro de Registro dos Saberes - Bens Culturais Imateriais
Federal	Ofício dos Mestres de Capoeira	Livro de Registro dos Saberes - Bens Culturais Imateriais
Federal	Congadas de Minas	Bens Imateriais em Processo de Instrução para Registro
Estadual	Modo Artesanal de Fazer o Queijo da Região do Serro	Registrado como Patrimônio Imaterial de Minas Gerais
Estadual	Folia de Reis	Registrado como Patrimônio Imaterial de Minas Gerais
Municipal	Banda Santíssimo Sacramento	Registro do Patrimônio Imaterial pelo Município

Bens Imateriais do Serro		
Esfera	Bem Cultural	Situação
Municipal	Festa de Nossa Senhora do Rosário	Registro do Patrimônio Imaterial pelo Município
Municipal	Festa do Cruzeiro Morro do Cruzeiro Bairro Bicentenário	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Festa do Cruzeiro Bairro Machadinho	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Festa do Cruzeiro Bairro Morro de Areia	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Festa do Cruzeiro Bairro Nova Vista	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Quadrilha Augustina Tv. N. Sra. das Graças, s/n.º Morro do Vigário	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Festa de Santo Antônio do Pasto Padilha Capela de Santo Antônio do Pasto Padilha	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Caixa de Assovio da Igreja de Nossa Senhora do Rosário	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Queima do Judas Distrito Sede	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Boi Formoso (Boi de Balaio) Bairros do Serro Distrito Sede	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Artesanato em Carpintaria Rua Minas Gerais, n.º 217 Bairro Machadinho	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Artesanato em Pedra Rua Vânia Tolentino, n.º 65 Morro do Vigário	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Rito de Benzeção Rua Sabará, n.º 40 A, Distrito Sede	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Estádio Machado Rua Pará Bairro Machadinho	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Patronato Rural Fazenda Patronato Bairro Bicentenário	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Festa de Nossa Senhora do Rosário Largo do Rosário Distrito Milho Verde	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Festa de São Sebastião Rua do Campo e no Largo da Alegria Distrito Milho Verde	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Festa de São Sebastião Rua do Campo e ao pé do Cruzeiro e da caixa d'água Distrito de Milho Verde	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Doce de Leite Residência das moradoras do Distrito de Milho Verde	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Festa de Nossa Senhora dos Prazeres Igreja de N. Sra dos Prazeres Distrito Milho Verde	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Artesanato Local Rua Direita n.º 10, Distrito de Milho Verde	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Folia de Reis Ruas de Milho Verde, visitando as casas que têm presépios Distrito de Milho Verde	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Festa de Nossa Senhora do Rosário Largo do Rosário Distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Festa de Nossa Senhora do Rosário Igreja do Rosário Distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Tapetes de Retalhos Ateliê Sra. Nilma Duarte Distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Grupo de Flautas Teatros, Praças etc. Distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Festa Junina E. E. Mestra Virgínia Reis e Largo do Comércio Distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município

Bens Imateriais do Serro		
Esfera	Bem Cultural	Situação
Municipal	Folia de Reis Distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Festa de São Gonçalo do Rio das Pedras Distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Jubileu de N. Sra. das Dores Santuário (Romaria) Distrito Deputado Augusto Clementino (Mato Grosso)	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Reza do Cruzeiro Santuário Distrito Deputado Augusto Clementino (Mato Grosso)	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Festa de São José Povoado de Pedra Redonda Distrito Deputado Augusto Clementino (Mato Grosso)	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Festa de São José Povoado de Pedra Redonda Distrito. Deputado Augusto Clementino (Mato Grosso)	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Festa de São Sebastião Igreja de São Sebastião Distrito Deputado Augusto Clementino (Mato Grosso)	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Festa de N. Sra. do Rosário – Reinado Igreja de São Sebastião Distrito Deputado Augusto Clementino (Mato Grosso)	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Rito de Benzeção Sra. Rosa de Modesto Distrito Deputado Augusto Clementino (Mato Grosso)	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Modo de Fazer a Cachaça Alambique do Carlinhos Distrito Deputado Augusto Clementino (Mato Grosso)	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Modo de Fazer o Queijo Artesanal Sr. Adilson Cunha – Boa Vista Distrito Deputado Augusto Clementino (Mato Grosso)	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Modo de Fazer o Requeijão Sr. Laércio / neném de Didi, Distrito Deputado Augusto Clementino (Mato Grosso)	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Modo de Fazer a Rapadura Tio de Neco – Argemiro Distrito Deputado Augusto Clementino (Mato Grosso)	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Modo de Fazer Geléia de Mocotó Sr. Quito Manezinho Distrito Deputado Augusto Clementino (Mato Grosso)	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município
Municipal	Modo de Fazer Doces Caseiros (Goiabada, Figo, Laranja, mamão) Sr. Quito Manezinho, Distrito Deputado Augusto Clementino (Mato Grosso).	Bens Imateriais Inventariados para registro documental pelo Município

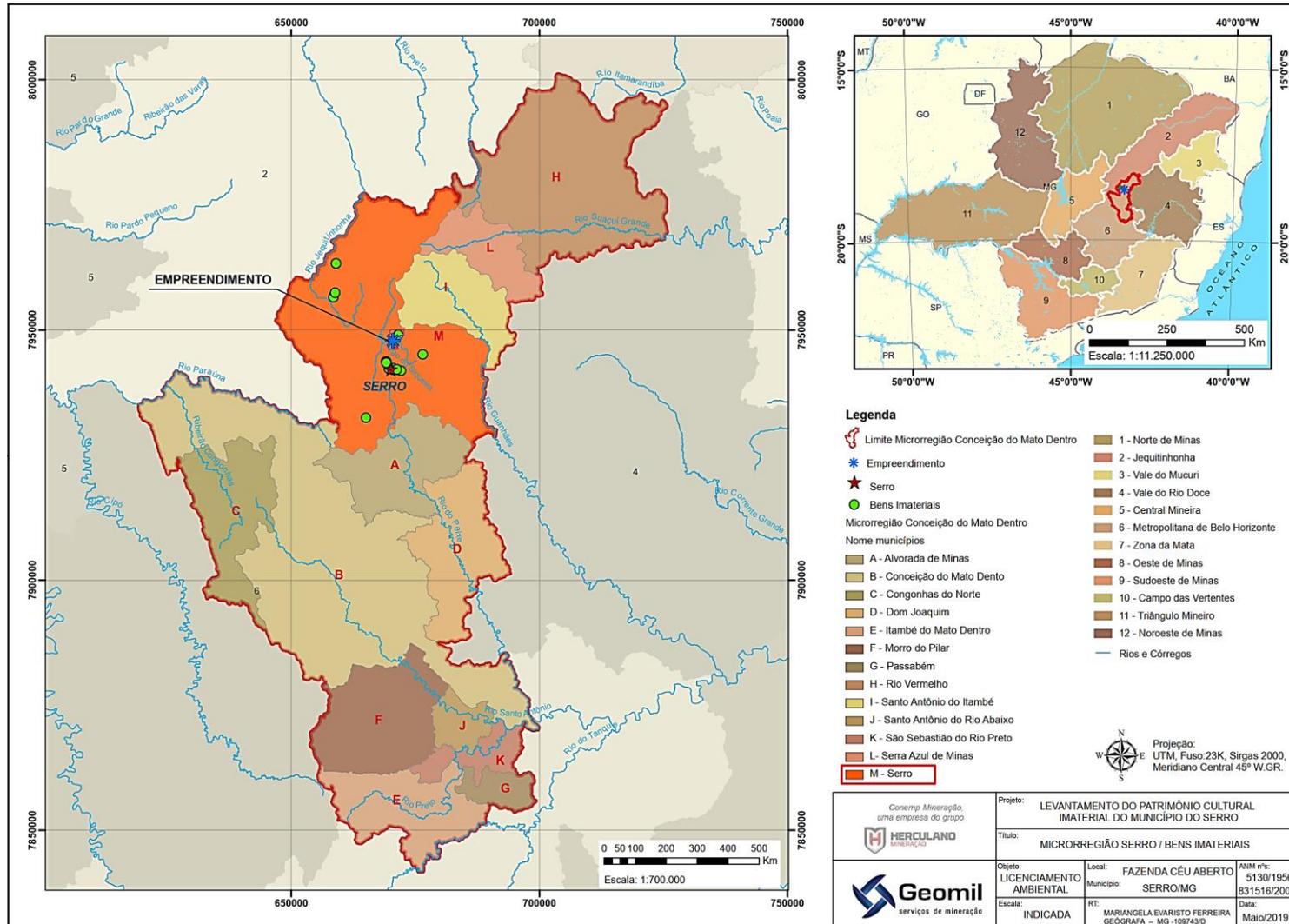


Figura 9.124 – Mapa da microrregião com pontos dos bens imateriais protegidos.

#### 9.7.4.1 Festa do Rosário - Congado: Catopês, Marujada e Caboclos do Serro

A festa tem registro desde 1728, data da criação da Irmandade do Rosário, ocorre sempre no primeiro final de semana de julho, começando no sábado e terminando na segunda. Sendo organizada pela Irmandade do Rosário e marcada pelos três grupos de Congados da Cidade: os Catopês que representam os negros, os Marujos, os brancos, e os Caboclos que representam os índios.

No sábado às 05h00m da manhã, após o repique dos sinos, sai à rua um grupo que leva a Caixa de Assovio, composta por três flautas de bambu e duas caixas de couro. A caixa de assovio reproduz o som que representa o gemido dos escravos nas senzalas. Esse grupo passa de casa em casa reunindo os festeiros e mordomos. Ao meio dia ocorre de novo o toque dos sinos e fogos de artifício, sinal que a cidade toda está em festa. À noite um cortejo com os grupos dançantes de caboclos, marujos e catopês e a caixa de assovio vão até a casa do mordomo, onde buscam a bandeira de Nossa Senhora do Rosário e levam até a igreja para o hasteamento do mastro com a presença do boi balaio e queima de fogos.

Domingo é considerado o grande dia da festa. Às 06h00m da manhã, os catopês convidam os festeiros para a formação do reinado. O reinado é composto pelo: primeiro juiz, primeira juíza, segundo juiz, segunda juíza, rei e rainha. A procissão segue até a igreja para a missa festiva. Os desfiles começam cedo e vão até meia noite. Os primeiros a desfilar são os marujos com o uniforme branco e azul, em seguida desfilam os caboclos, com fantasias de índios e ornamentos. Além de instrumentos como arcos, flechas, caixas, sanfonas, etc. E por último, é a vez dos catopês que levam o rei e a rainha acompanhados dos juizes e das autoridades do reinado. Com um ritmo mais lento, flautas e caixas são usadas para abrir a passagem dos reis. As celebrações encerram com um jantar oferecido na casa da rainha.

Na segunda feira, ocorrem desfiles novamente para dar posse aos novos festeiros do próximo ano: rainha, reis, juizes e mordomos. As tradições e costumes são passados de geração em geração.

A devoção ao Rosário remonta ao ano de 1096, proposto por Pedro, conhecido como o eremita, organizador da primeira Cruzada. O culto a Nossa Senhora do Rosário ficou conhecido com a Batalha de Lepanto. Nessa batalha, os navios católicos em menor número venceram os navios dos mouros muçulmanos que tentavam invadir a Europa. A seguir foto da festa.



Figura 9.125 – Festa do Rosário no Serro<sup>8</sup>.

Já a lenda narrada na Festa do Rosário no Serro relata o aparecimento milagroso de Nossa Senhora do Rosário sobre as águas do mar. Os portugueses, representados pelos Marujos, pediram à Rainha dos Mares que viesse à terra firme, mas não foram atendidos. Os índios, representados pelos caboclos,

<sup>8</sup> Fonte: Site da Prefeitura do Serro - <https://www.serro.mg.gov.br/portal/noticias/0/3/879/Serro-se-mobiliza-para-a-tradicional-Festa-do-Ros%C3%A1rio>

também rogaram à Virgem do Rosário que ela chegasse a eles, mas sem sucesso. Somente quando os catopês, que são os negros trazidos escravos da África, tocaram seus instrumentos, dançaram e rezaram, a Virgem aportou em terra. Por esta razão, a soberana senhora se tornou a protetora dos negros passando a ser chamada de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.

#### 9.7.4.2 Festa do Rosário no Distrito de Milho Verde

A tradicional Festa do Rosário de Milho Verde acontece no final do mês de setembro ou início de outubro, juntamente com o clássico cortejo. Assim como no Serro, o congado é representado pelos três estilos: Marujos, Catopês e Caboclos.

O grupo de Caboclos é representado pelas Meninas de Nossa Senhora do Rosário de Milho Verde e Serro. Fundado pela Sra. Aparecida do Rosário Ferreira Montemor em 2006. Até 2012, o grupo era conhecido como “caboclinhas” porque usavam penas nas vestimentas, mas devido a alergias e aos custos gastos para montar os trajes, Dona Aparecida mudou o nome do grupo para “Meninas de Nossa Senhora do Rosário” e passou a utilizar chapéu e tiara para compor as vestes. No total, 44 meninas participam do grupo. Até a data da pesquisa, o grupo estava parado devido à falta de estrutura e recursos para dar continuidade as celebrações.

Quanto aos catopês, foi feito um contato com o Sr. Ivo, chefe do Grupo, no entanto, ele não quis conceder entrevista, alegando estar passando por problemas de saúde. Infelizmente, não existe outro representante local que conheça a história do grupo dos Catopês e que pudesse fornecer maiores informações.

Em relação aos Marujos, o representante Dione respondeu à entrevista e relatou que o grupo sofre com a falta de incentivo financeiro, devido aos problemas ocorridos na Associação de Catopês e Marujos de Milho Verde, e hoje a principal queixa é relacionada à falta de fardas.



Figura 9.126 – Festa do Rosário no Distrito de Milho Verde <sup>9</sup>.

#### 9.7.4.3 Ofício dos Mestres de Capoeira e Roda de Capoeira

No município foram entrevistados 04 grupos de capoeira sendo eles:

- Grupo Iúna Angoleiros do Cerrado – GIAC de Milho Verde, mestre Primo;
- Fundação Internacional Capoeira Artes das Gerais, Mestre Museu;
- Uma roda sem mestre; e
- Grupo Cais da Bahia, Mestre Chocolate.

A Associação Iúna Angoleiros do Cerrado foi formada em 2013, sendo uma continuação da antiga Associação Educação e Cultura, fundada por Danilo em Belo Horizonte. O grupo mudou o endereço e o local de atuação, passando a desenvolver suas atividades em Milho Verde. Como referência de mestre,

<sup>9</sup> Fonte: Arquivo Pessoal Aparecida

eles seguem os ensinamentos do Mestre Primo, de Belo Horizonte, que esporadicamente visita o distrito para as rodas de capoeira e eventos.

Já a Fundação Internacional Capoeira Artes das Gerais é uma filial do grupo de BH. O trabalho é desenvolvido por Júlio César, instrutor de capoeira que dá aulas de capoeira regional para crianças e adolescentes. Além do Serro, Júlio também dá aulas nos distritos vizinhos como em Pedro Lessa, Deputado Augusto Clementino, São Gonçalo do Rio das Pedras e em Presidente Juscelino Kubitschek. Atualmente 150 crianças participam das atividades.

Outro grupo de capoeira que também segue o estilo regional é o Cais da Bahia. O Grupo é filial do que existe em Betim coordenado pelo mestre Chocolate. Flávio Augusto de Miranda é o monitor que ministra as aulas de capoeira no Clube Iviturui, no centro da cidade.

Em paralelo às atividades desenvolvidas por esses grupos, percebe-se o surgimento de uma nova representação que leva a bandeira da capoeira, mas que ainda não se consolidou como um grupo oficial. Essa nova formação tem como representante a capoeirista Leidiane dos Santos Moreira que atua como monitora. O grupo desenvolve um estilo contemporâneo que mistura a capoeira benguela com a regional. Atualmente, as atividades acontecem no espaço da creche do bairro.

Observa-se que no Serro não existe a presença de mestres de capoeira, mas sim de monitores e instrutores que seguindo os ensinamentos passados pelos mestres ministram aulas e conduzem as rodas de capoeira.

#### 9.7.4.4 Toque dos Sinos e Ofício de Sineiro

A tradição dos toques dos sinos nas cidades históricas de Minas Gerais para comunicar a população sobre os fatos da vida cotidiana como chamar para a missa, nascimento ou morte de uma pessoa, vem perdendo força com o passar dos anos e o surgimento de novas tecnologias do mundo moderno.

Em Minas Gerais, de acordo com o levantamento de pesquisa do IPHAN (2016) é possível identificar o toque dos sinos e referência aos sineiros em nove cidades: São João Del Rei, Ouro Preto, Mariana, Catas Altas, Congonhas, Diamantina, Sabará, Serro e Tiradentes. Dessas cidades, São João Del Rei é o lugar em que essa tradição ainda se mantém forte, com a famosa competição de sinos e o toque nas festividades como Semana Santa, Quaresma, etc.

No Serro, através do trabalho de campo foi possível identificar alguns problemas como a falta de manutenção, a exemplos dos sinos danificados com trinchas e rachaduras. Ademais, o desinteresse dos jovens em aprenderem a tocar o sino e a falta de incentivo para perpetuar o ofício tem contribuído para que essa tradição acabe.

O ofício de sineiro é considerado uma prática essencialmente masculina, já que existem boatos de que mulher que toca sino não casa. A transmissão do saber é passada de forma oral de geração em geração e requer observação, dedicação e habilidade. Existem mais de 40 toques que possibilitam identificar ritos litúrgicos, mortes, tipos de missas, partos, incêndios, horários sacros.

No Serro foram encontrados apenas dois sineiros: o Sr. Wânio na cidade e o Sr. Vavá no distrito de Milho Verde. Os dois tocam o sino voluntariamente em ocasiões esporádicas.



Figura 9.127 – Detalhes dos sinos em Milho Verde <sup>10</sup>.

#### 9.7.4.5 Modo Artesanal de Fazer o Queijo

A técnica de produção do queijo artesanal chegou ao Brasil com os colonizadores portugueses com a introdução da criação do gado bovino e com a receita do queijo português de Serra da Estrela, que posteriormente deu origem aos famosos queijos artesanais.

O queijo Minas foi desenvolvido a partir da técnica usada pelos portugueses em Serra da Estrela, no entanto com uma variante no coagulante: no lugar da aplicação de extrato de flores e brotos de cardos, no queijo Minas utilizava o coagulante a partir de estômago seco e salgado de bezerro ou cabrito.

Embora esteja presente na cultura serrana, desde a época do Brasil colônia, a consagração do queijo do Serro só ocorreu no final da década de 20 com a abertura da estrada de rodagem ligando o Serro à capital mineira.

O sabor especial e inconfundível do queijo do Serro envolve alguns fatores como adequada pastagem, cuidado com a criação, preparação da massa, do coalho e principalmente do pingo, considerado o elemento diferencial que confere a essência do sabor.

Inicialmente o processo de produção começa com a retirada do leite da vaca. Depois da ordenha, o leite segue para o ritual de coagulação, adicionando-lhe coalho de qualidade e o pingo. O coalho natural é preparado com receitas tradicionais de queijeiros a partir de retículo de boi. Em alguns casos, são utilizados os coalhos industriais, em pó ou líquido, na proporção de 30 ml para 100 litros de leite.

Então, o coalho sofre adição do pingo que é uma espécie de soro colhido na banca de queijo, durante a noite quando os queijos passam por um desassoreamento espontâneo, que gera uma cultura natural e serve para atuar na massa.

A medida da proporção entre coalho, pingo e leite é importante para uma adequada coagulação. O tempo médio de coagulação é uma hora. Em seguida ele faz cortes fundos na massa, deixando todo o volume em repouso por alguns minutos para que o soro ralo se precipite e possa ser colhido. Ocorre assim à primeira dessoragem da massa.

Após isso, um balde é usado para distribuir a primeira metade de massa nas formas. Ao encher a última forma, o queijeiro começa a espremedura do primeiro queijo para retirar o excesso de líquido.

O queijeiro limpa o excesso de soro da banca e vira os queijos, afrouxando-os nas fôrmas para evitar que quebrem. Virados todos os queijos, o queijeiro esmigalha a face lisa do produto, preparando-o para a liga com a segunda porção de massa. Adiciona-se, então, a cada forma a massa e procede como da primeira vez, espremendo-a até ficar alisada. Este é o processo da vira.

<sup>10</sup> Fonte: Dossiê IPHAN - Toque dos Sinos e o Ofício de Sineiro em Minas.

Os queijos são lavados com água e depois são virados para salga. Mais tarde os queijos são virados novamente para retirar o excesso de sal de um dos lados e salgar o outro lado. Essa etapa é chamada de “Tomba dos queijos”.

A partir da tomba, enquanto o queijo se firma, colhe-se o pingo em balde. O líquido que escorre do queijo pela canaleta da banca será usado no próximo processo de coagulação. No dia seguinte, transferem-se os queijos para fôrmas e bancas de enformar. Nesta fase, os queijos são tombados novamente recebendo mais sal grosso.

No terceiro dia, eles são desenformados, lavados em água e guardados nas prateleiras de madeira, local em que aguardam a fase da ralação. Já firmes, os queijos são colocados na banca para o acabamento ou ralação, tira-se a rala, sobra que é utilizada em pratos típicos da cozinha como biscoitos, pão de queijo e broas.

A acidez, o aroma e o sabor do queijo do Serro são atribuídos as duas espécies de bactérias lácticas presentes no pingo são elas: *Lactococcus* e *Streptococcus*. O sabor é considerado inconfundível e peculiar:

*“Não é um queijo frescal nem o curado, apresenta consistência firme e sabor característico, com pouca acidez. O queijo possui formato cilíndrico, com aproximadamente 14 cm de diâmetro e altura variando de 4 a 6 cm. Sua casca é normalmente esbranquiçada, tendendo a se transformar numa crosta fina e amarelada quando o queijo é curado por alguns dias. Internamente, a massa é branca e consistente, às vezes ligeiramente quebradiça” (Reis, 1998: 12-13).*

Segundo dados da prefeitura do Serro, cerca de 150 famílias vivem da renda do queijo produzido na cidade. O Queijo Minas Artesanal contribui com 60% da renda municipal.

No total são produzidas cerca de 10 toneladas por dia, gerando um valor de aproximadamente R\$ 120 mil reais por dia. Isso é possível através do sistema de Cooperativa de Produtores Rurais do Serro.

A relevância socioeconômica da produção do queijo artesanal do Serro vai além das fronteiras do município, tendo sido estimado na região do Serro e da Serra da Canastra uma média de 5.450 toneladas por ano.



Figura 9.128 – Queijo do Serro.

O queijo fabricado no Serro vem ultrapassando as fronteiras regionais para ser reconhecido internacionalmente pela sua qualidade e sabor, ganhando prêmios no 4º concurso “*Mondial du Fromage et des Produits Laitiers*” (Mundial de Queijos), realizado entre os dias 2 e 4 de junho na cidade de Tours, na França.

O Brasil conquistou 56 medalhas, os produtores mineiros conquistaram 50 medalhas neste concurso, dos quais 11 prêmios foram para produtores do Serro:

- Sertanejo - Queijo Minas Artesanal do Serro;

- Maria Nunes - Queijo Minas Artesanal do Serro;
- Turvo Grande - Queijo Minas Artesanal do Serro;
- Santana - Queijo Minas Artesanal do Serro;
- Dona Iaiá - Queijo Minas Artesanal do Serro;
- Curupira - Queijo Minas Artesanal do Serro;
- Paixão - Queijo Minas Artesanal do Serro;
- Rio das Pedras - Queijo Minas Artesanal do Serro;
- Quilombo - Queijo Minas Artesanal do Serro;
- Cooperativa do Serro - Queijo Minas Artesanal do Serro;
- Queijaria Datas - Fazenda Vitória (Serro).

Segundo os especialistas em gastronomia do Brasil o Serro tem potencial para conseguir muito mais, pois ainda existem queijos da região que não tem condições de participar de concursos internacionais, porém fabricam produtos de excelentíssima qualidade.

#### 9.7.4.6 Folia de Reis

A Folia de Reis é uma expressão do catolicismo popular que veio para o Brasil no final do período colonial pelos portugueses. Está vinculada aos festejos do ciclo do nascimento de Cristo, a partir dos Três Reis Magos e na louvação ao Menino Jesus na manjedoura com manifestações entre os dias 25/12 a 06/01 dia dos Reis Magos.

Na Folia de Reis, os grupos organizados por pessoas saem pelas localidades visitando as casas e tocando músicas populares próprias de cada região em homenagem aos reis magos e ao nascimento de Jesus.

No município encontramos dois grupos sendo: um na zona rural do Serro, na região do Córrego da Prata, representado pelo Sr. Alcides e outro em Milho Verde representado pela Dona Geralda. Não foi possível contatar Dona Geralda em Milho Verde, pois ela estava viajando. Houve tentativas de falar com ela novamente via telefone, porém sem sucesso.

Conforme relatos existiam outros grupos de foliões na cidade, porém os mesmos se reúnem mais durante as festividades, ficando representados neste relatório apenas estes dois grupos.



Figura 9.129 – Folia de Reis<sup>11</sup>.

#### 9.7.4.7 Banda Santíssimo Sacramento (BSS)

Segundo informações do site da banda, ela foi fundada em 21 de abril de 1909. E surgiu da junção entre duas bandas, uma pertencente à Liga Operária Beneficente, dirigida pelo Maestro Virgílio Mamede Alves

<sup>11</sup> Fonte: site <https://serromg.blogspot.com/2009/02/folia-de-reis.html> - Fotos: Ayslan Santos Santos, face, 2016.

Pereira, e outra dirigida pelo Sr. Fernando Victor Forreaux, ficando sob a direção do Sr. José Martins de Almeida e Silva que esteve à sua frente até 1940 ou 1941.

A Banda Santíssimo Sacramento no decorrer de sua história luta para se manter em atividade. Na década de 90, a banda ficou desativada por falta de apoio e enfrentou diversas dificuldades como a falta de material de manutenção, instrumentos estragados, uniformes e pessoas para tocar. O que mudou após ser reconhecida como bem imaterial do Serro.

Waldney Morais (Diney Morais) já foi músico da banda e é o atual Maestro da corporação, tendo assumido essa ocupação no primeiro semestre de 2013. Segundo Diney, atualmente a corporação conta com 36 membros com idades variadas e se apresenta em toda Minas Gerais.

Em 2017, a Banda Santíssimo Sacramento foi registrada como Patrimônio Imaterial Municipal e esse registro foi algo muito benéfico, pois com isso a Banda teve condições de melhorar sua estrutura para dar continuidade nas atividades, e com isso levar o nome do Serro para onde forem se apresentar. Inclusive com o primeiro benefício do registro como patrimônio imaterial, fizeram dois novos uniformes para os componentes da Banda e adquiriram materiais para os instrumentos de percussão. Ainda existem muitos instrumentos danificados e recuperá-los será a próxima meta. Consertá-los para que novos integrantes possam ingressar na corporação e assim dar seguimento a história da BSS. A sede da Banda pertence à prefeitura que proporciona a banda: água, luz, internet, telefone e faxineira. Em agradecimento ao apoio, em todos os eventos da prefeitura, não é cobrado valor algum para se apresentarem.

Com 110 anos, a corporação musical enriquece de sobremaneira a cultura serrana. A BSS leva sua música, a história e o nome do Serro por onde passa. Participam de vários eventos: civis, culturais, religiosos, encontros de bandas, casamentos e aniversários, representando e divulgando a cultura serrana. Além de todo zelo com a formação do músico, para que esse se sinta verdadeiramente representante dessa valorosa tradição. A Escola de Música do Serro localiza-se na Casa da Música, na Escola Municipal de Música Maestro José Maria de Oliveira, Rua Adelardo Miranda, 159 – Centro – Serro – MG.

#### 9.7.5 Identificação e localização dos bens de natureza imaterial e dos principais articuladores

Após a identificação dos grupos e manifestações foram elaborados os roteiros de entrevistas, que se encontram no item 9.7.5.1. As entrevistas foram realizadas de acordo com cada roteiro, porém conforme a postura de cada entrevistado outras informações também foram levantadas.

Vale ressaltar que o representante do Catopês, do distrito de Milho Verde preferiu não conceder entrevista, todavia, a manifestação do grupo acontece junto com a Festa do Rosário do Serro. Quanto à existência do grupo de folia em Milho Verde, cabe lembrar que a representante Dona Geralda não estava no distrito. Houve várias tentativas de contato posterior por telefone, porém sem sucesso.

Nos Distritos de São Gonçalo do Rio das Pedras e Deputado Augusto Clementino (Mato Grosso) as manifestações estão inventariadas e devido à distância da área do empreendimento não foram realizadas entrevistas no local. Abaixo segue o relato das entrevistas.

Tabela 9.48 - Lista de contatos ligados aos Bens Imateriais no Serro.

Bens Imateriais do Serro		
Bens	Local (endereço)	Tel.
Capoeira do Serro	Rua Manaus, 40A Morro do Vento Serro	Leidiane (38) 98811-8161
Capoeira Artes das Gerais	Rua Vitória 232 Nova Vista Serro	Júlio (38) 99860-4826

<b>Bens Imateriais do Serro</b>		
<b>Bens</b>	<b>Local (endereço)</b>	<b>Tel.</b>
Capoeira Grupo Iúna Milho Verde	Distrito de Milho verde	Paulo (38) 98808-8630
Capoeira Cais da Bahia Serro	Clube Ivituruí Rua Fernando Vasconcelos 142 Centro Serro	Flávio (38) 99969-8609
Ramilton – Produtor de Queijo	Fazenda Olhos d'água	Ramilton (38) 99963-1009
Sineiro Serro	Travessa da Saudade n.º 302 Serro	Wânio (38) 999801-2399 ou 98806-0897
Sineiro Milho Verde	Pousada Milho Verde	Vavá (38) 998802-1019
Grupo de Folia de Reis do Córrego da Prata	Córrego da Prata, zona rural do Serro	Alcides (38) 99943-6092.
Caixa de Assobio e Boi Balaio	Rua Adelardo Miranda no bairro Bota Vira	Jadir Canela- sem telefone
Catopê Serro	Beco do Cesário Serro	Nelson (38) 99820-5285
Caboclos Serro	Rua Dr. Simão s/n próximo ao depósito primavera	Naninho (38) 99883-0099
Marujada Serro	Rua Pouso Alto 219 Gama Serro	Jerlysson e Joaquim (38) 98814-4443
Marujada Milho Verde	Rua do Campo Milho Verde	Dione (38) 98817-3964
Meninas do Rosário Serro e Milho Verde	Rua Cel. João Lemos – Morro do vento	Aparecida (38) 98809-6663
Associação dos congados da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Serro	Praça do Rosário n.º 15	Rubens (38) 99935-6505 acrosarioserro@outlook.com.br
Associação dos produtores de Queijo Cooper Serro	Praça Ângelo Miranda n.º 26 Serro.	Túlio Madureira (38) 99960-4207
Banda Santíssimo Sacramento - Serro	Casa da Música Escola Municipal de Música Maestro José Maria de Oliveira Rua Adelardo Miranda, 159 – Centro	Diney (38) 99943-4472 Sede (38) 3541-2120

### 9.7.5.1 Roteiros das Entrevistas

#### ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM OS CONGADEIROS:

1. Apresentação dos entrevistadores.
2. Solicitar que o entrevistado se apresente: Nome, idade, profissão, religião, etc.
3. Descrição das relações para com o congado
  - 3.1. Faz parte de algum grupo?
  - 3.2. Se sim, quando começou?
  - 3.3. Desde quando faz parte do grupo de congado e o porquê de fazer parte dele?
  - 3.4. Qual é a sua função dentro do grupo de congado? Qual é o significado dessa função dentro do grupo e para com o congado?
4. No caso de o entrevistado fazer parte de algum grupo:
  - 4.1. Desde quando o grupo existe (tempo de atividade) e quem fundou o grupo (esse ponto 3.1. corresponde ao histórico da comunidade)
  - 4.2. O porquê do nome do grupo.
  - 4.3. O grupo tem um logotipo? O porquê de o logotipo ser assim (qual é o significado de cada elemento que aparece no logotipo?)
5. Solicitar ao entrevistado para que faça um resumo sobre o grupo de congado do qual faz parte, sobre sua participação no grupo ou seu envolvimento no congado.
  - 5.1. Quais são as principais referências religiosas que vocês recorrem? Como elas se manifestam no congado?
  - 5.2. Como são e quais são as festas que ele e o grupo de congado participam
  - 5.3. Como o grupo faz para manter e perpetuar a tradição do congado?
  - 5.4. Há um envolvimento dos mais jovens para preservar e perpetuar a tradição do congado?
  - 5.5. A guarda costuma se apresentar em eventos culturais públicos e privados? Quais? Onde? Com que frequência participam de festividades?
6. O que o congado significa para você?
  - 6.1. Se houver a menção da palavra "música" perguntar qual o sentimento que ela provoca no entrevistado e perguntar se essa música está relacionada com a "fé"? Se o entrevistado mencionar elementos da cultura africana perguntar quais elementos são esses e que sentimentos despertam?

### ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM OS MESTRES DE RODA DE CAPOEIRA:

1. Apresentação dos entrevistadores.
2. Solicitar que o entrevistado se apresente: Nome, idade, profissão.
3. Descrição das relações do entrevistado para com a capoeira:
  - 3.1. Desde quando pratica (luta, joga ou dança?) capoeira (há quanto tempo “está na capoeira”)?
  - 3.2. O porquê de estar na capoeira? o que te motiva ser capoeirista?
  - 3.3. Já sofreu em alguma ocasião preconceito por estar na capoeira?
  - 3.4. É mestre de capoeira? Sem sim, o que significa ser mestre de capoeira? Se não é mestre de capoeira, qual é a importância do mestre de capoeira na sua forma de pensar a capoeira/formação como capoeirista?
  - 3.5. Faz parte de algum grupo? Qual?
4. Qual é o seu estilo de capoeira? Qual é a principal diferença do seu estilo para com os outros existentes? No caso de haver uma fusão de estilos como os da capoeira angola e da capoeira regional, perguntar no que consiste essa junção/união de formas de pensar capoeira
  - 4.1. Como se dá o ensinamento da capoeira dentro desse estilo?
  - 4.2. Como se organiza a “roda de capoeira” dentro desse estilo/forma de pensar a capoeira? Como funciona? Quais são as regras?
  - 4.3. Solicitar que fale brevemente sobre o significado de elementos como os cantos, a ginga, vadiagem e mandinga.
5. Considerando que o entrevistado faz parte de um grupo de capoeira:
  - 5.1. Desde quando o grupo existe (tempo de atividade) e quem fundou o grupo?
  - 5.2. O porquê de o nome do grupo ser esse? Quem batizou?
  - 5.3. O grupo tem um logotipo? O porquê de o logotipo ser assim? (O que significa cada elemento do logotipo?)
  - 5.4. Como fazem para divulgar as atividades do grupo? Como fazem para manter o grupo? Há incentivo ou mesmo patrocínio da Prefeitura municipal e de pessoas da localidade?
  - 5.5. O grupo costuma se apresentar em eventos culturais públicos e privados? Como se dá a participação do grupo? Mediante convite? Há convite de alguma instância pública?
  - 5.6. Já fez parte de outro grupo? Se sim, qual? Esse outro grupo existe ainda e atua na cidade? O porquê de ter deixado de existir ou o porquê de ter saído do grupo.
6. Quais são as principais referências culturais e estilos musicais que vocês recorrem? Qual é o significado da música/do ritmo na capoeira? Que instrumentos musicais vocês utilizam no grupo?
7. Qual é a contribuição do grupo para a manutenção e perpetuação da tradição da capoeira? Considerando as origens da capoeira, qual é a contribuição do grupo para evocar/valorizar a cultura africana?
8. Que contribuição a capoeira deu para sua maneira de pensar o mundo?
9. O que a capoeira significa para você? Luta, dança ou jogo? Arte ou técnica?

<sup>1</sup> O entrevistado pode, em algum momento, estabelecer distinções sobre a respeito da capoeira. Seria interessante apreender os significados culturais que ele atribui a capoeira. Há uma série de debates sobre a especificidade da capoeira como manifestação cultural, se é uma luta ou jogo ou dança.

### ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM OS PRODUTORES DE QUEIJO

1. Apresentação dos entrevistadores.
2. Solicitar que o entrevistado se apresente: Nome, idade, profissão.
3. Como e quando você começou a produzir queijo?
4. O modo artesanal de fazer queijo normalmente é uma tradição herança passada de pai para filho, foi seu pai que te ensinou a fazer queijo ou alguma outra pessoa da família?
5. Como é o processo de produção do queijo? Descreva
6. Como é feito o armazenamento do queijo produzido?
7. Você utiliza o pingo do queijo?
8. Qual o segredo do sabor do queijo do Serro?
9. O que mudou na produção de queijo após a legislação do queijo Minas Artesanal?
10. Qual a sua opinião sobre essa legislação? Ela é coerente com a produção do Queijo Minas Artesanal?
11. Em média quantos queijos você produz por dia?
12. Por qual preço o queijo é vendido?
13. Esse queijo é distribuído para quais cidades e regiões?
14. Em média qual seu faturamento com a produção e venda de queijos?
15. Seu queijo possui registro?
16. Você participa da cooperativa de produtores rurais do Serro?
17. Você faz controle de qualidade do seu queijo?
18. No mês de maio acontece no Serro a Festa Agropecuária você participa dessa festividade?
19. O que acontece na Festa Agropecuária? Tem barraquinhas, atrações?
20. Tem o concurso do melhor queijo? Como é feita a escolha do melhor queijo?
21. Quantos produtores de queijo participam?

**ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM OS SINEIROS**

1. Apresentação dos entrevistadores.
2. Solicitar que o entrevistado se apresente: Nome, idade, profissão.
3. Quando e como você começou a tocar o sino?
4. Com quem aprendeu o ofício de sineiro?
5. Você foi contratado para tocar o sino ou é apenas um voluntário da igreja?
6. Você é o único responsável pelo toque dos sinos ou tem alguém que te ajuda?
7. A igreja realiza o toque de Ângelus que é o famoso toque que marca os horários das seis horas, meio-dia e seis da tarde, que servem como guia para a população?
8. Existe diferenciação no toque fúnebre quando se trata de homens, mulheres ou crianças?
9. Quais os tipos de toques de sino existentes e como executá-los?
10. É verdade que para uma boa expressão diferenciação de toques, as torres geralmente têm três sinos: um maior, um médio e um grande?
11. Existe algum tipo de competição de toques entre sineiros? Como isso acontece?
12. As pessoas daqui ainda se guiam pelo barulho dos sinos, isto é, sabem o significado dos toques?
13. Como reza a tradição, quando o sino toca Deus escuta a prece com mais atenção. Para você o que representa o toque do sino?
14. Havia uma torre na igreja do Rosário que foi desmanchada pelo IPHAN por descaracterizar o patrimônio e o sino ficou sem torre, sendo colocado no piso da igreja. Essa história é verdade? O que aconteceu com o sino?
15. Atualmente a confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) se manifestou sobre a dificuldade de manter viva a tradição de tocar o sino, e vem aderindo ao uso de equipamentos eletrônicos que reproduzem o som dos sinos. Aqui no Serro quais são as igrejas que ainda tocam o sino?
16. Já tem igrejas aqui que substituíram o uso do sino pelos eletrônicos?
17. Como essa tradição do ofício de sineiro é passada de geração em geração?

**9.7.5.2 Entrevistada: Leidiane dos Santos Moreira – Capoeirista do Serro**

A entrevista foi realizada no dia 20 de março de 2019, na casa da capoeirista. Leidiane dos Santos Moreira, 21 anos, é monitora de capoeira. Ela conta que começou na capoeira há seis anos, treinando com o Arley e Júlio, conhecido por praticar a capoeira regional. Ela explica que começou porque sempre teve vontade de praticar uma luta ou judô. No início, ela levava mais na brincadeira, como um hobby para passar o tempo.

Depois passou a frequentar o grupo Cais da Bahia, mas devido a um desentendimento saiu do grupo. Hoje em dia, ela faz parte de um grupo que leva a bandeira da capoeira, porém que ainda está em formação, não tem nome e nem logotipo. Quem comanda o grupo é o professor Arley. Acima do professor Arley está o mestre Chocolate de Betim.

Com relação ao estilo de capoeira praticado, ela destaca que é um estilo contemporâneo, uma mistura de benguela com regional. A benguela é um movimento mais cabeceado, mais tranquilo, lento e suave. Já no estilo regional é mais agitado, os movimentos são mais rápidos e explosivos.

Para Leidiane, a capoeira mudou o seu modo de ser, trazendo mais paciência e tranquilidade:

*“Para mim traz muitos benefícios, calma, tranquilidade, às vezes, a gente pode tá num dia estressado, a gente chega lá a gente fica mais tranquilo, já esquece os problemas. As músicas mesmo têm algumas que parece que está contando a história da gente, entendeu. Tem hora que a gente está meio desesperado a gente escuta algumas músicas de capoeira e a gente vai refletindo alguma coisa e isso ajuda a gente bastante” (ENTREVISTADA LEIDIANE MOREIRA).*

Além disso, ela reflete que contribuiu também para sua maneira de ver o mundo e pensar.

*“Mudou o jeito de eu ver o mundo porque abriu mais a mente da gente, porque a gente fica com a cabeça fechada. Ah, igual mulher não pode fazer isso, mulher não pode fazer aquilo, questão de cor mesmo, tem muita gente que tem preconceito. E eu pelo menos quando eu comecei a gente vai abrindo a mente porque cada um tem seu jeito de ser, não adianta eu querer fazer a pessoa ser do meu jeito, entendeu?” (ENTREVISTADA LEIDIANE MOREIRA).*

Ela considera a capoeira como uma arte completa que engloba tudo: é uma luta disfarçada de dança.

Atualmente Leidiane é monitora de capoeira e dá aulas para crianças. Os treinos acontecem segunda, quarta e quinta de 19h00m as 20h30m e aos sábados para quem não pode comparecer durante a semana. Em média, 20 pessoas participam das atividades.

Como o grupo não tem sede própria, os treinos acontecem na creche do bairro, espaço cedido pela prefeitura. Fora o espaço cedido, o grupo não recebe nenhum apoio financeiro. Ela destaca que se recebessem um tatame ou alguma ajuda que seria bem-vinda.

O grupo já se apresentou em escolas, nas praças da cidade e até mesmo nas cidades vizinhas como Datas e Sabinópolis. Com relação à divulgação, o grupo utiliza as redes sociais como Facebook para divulgar suas atividades. A entrevistada pode ser encontrada no endereço: Rua Manaus, n.º 40, Bairro Morro do Vento. O telefone para contato de Leidiane é cel.: (38) 98811-8161.



Figura 9.130 – Entrevista com Leidiane.



Figura 9.131 – Ensaio de capoeira.  
(Fonte: Arquivo pessoal da capoeirista)

### 9.7.5.3 Entrevistado: Júlio César de Castro Reis - Instrutor de capoeira regional no Serro

Júlio César tem 42 anos é mestre de obras e instrutor de capoeira. Ele é instrutor de capoeira do grupo Fundação Internacional da Capoeira Artes das Gerais, que é, na verdade, um grupo de BH que tem filial no Serro e em outras cidades. Concedeu-nos entrevista no dia 20/03/2019 no local onde treina com o grupo no bairro Nova Vista, no Serro - Minas Gerais.

Ele pratica capoeira há dezesseis anos. Foi na capoeira que encontrou um modo de ajudar crianças e adolescentes a encontrarem um caminho para seguir, evitando assim que muitos enveredassem para o mundo das drogas. Ele conta que já sofreu vários tipos de preconceito, principalmente porque muitas pessoas associam a capoeira com malandragem, coisa de vagabundo, sem saber o que é a capoeira.

Júlio foi precursor da capoeira do estilo regional na cidade. Ele explica que se filiou ao grupo de BH para poder buscar ensinamentos para se orientar. Há quatro anos, ele desenvolve o trabalho de forma independente dando aulas no Serro e também em outras localidades como Pedro Lessa, Mato Grosso, Tijucal e São Gonçalo das Pedras.

Há um ano, a prefeitura fez uma licitação e ele se tornou monitor esportivo recebendo, portanto, um salário que ele utiliza para pagar as despesas com água e luz, já que o espaço do galpão é seu e localiza-se ao lado de sua casa. Na região Júlio é considerado como mestre, já que o mestre do grupo Jamil Raimundo, conhecido como Mestre Museu, reside em Belo Horizonte.

Ele explica como funciona a roda quanto aos instrumentos utilizados:

*“Na roda de capoeira tem a ginga, são três instrumentos berimbaus tem os três berimbaus depois vem pandeiro, atabaque e agogô, o primeiro berimbau da roda é o gunga que comanda a roda, depois vem o médio, depois a viola menorzinha, pandeiro, atabaque e agogô” (ENTREVISTADO JÚLIO CÉSAR).*

Quanto ao estilo, o grupo segue o regional que é a capoeira mais rápida, mais jogada para cima, como detalha Júlio. Já com relação as músicas, ele usa as mais tocadas pelo mestre que são a da benguela e a de São Bento. Sobre as influências e referências culturais que a capoeira traz ele ressalta que:

*“Na verdade, uma criança quando começa na capoeira ela já volta logo no passado quando foi que começou e como começou, por quê. E aí começa a falar da escravidão que começou como uma luta que quando os feitores estavam longe os escravos estavam lutando, aí quando eles vinham mudavam o toque e começavam a dançar pra disfarçar” (ENTREVISTADO JÚLIO CÉSAR).*

Indagado sobre o que a capoeira significa, ele destaca que ela é tudo na sua vida.

*“É tudo que um ser humano precisa quem conhece realmente, quem tem capoeira tem tudo, tem disciplina, tem educação. Eu para falar a verdade, quando comecei a capoeira, se fosse para eu está falando igual eu estou aqui, eu não falava não, eu tinha vergonha. A capoeira que me ensinou isso. Então para mim a capoeira é tudo” (ENTREVISTADO JÚLIO CÉSAR).*

Atualmente, Júlio dá aulas para cerca de 150 crianças, a sede do grupo é no Bairro Nova Vista, no Serro. Mas além do Serro, ele atende os distritos de Pedro Lessa através da escola no sábado, em São Gonçalo das Pedras, Deputado Augusto Clementino e Presidente Juscelino, apelidado de Tijucal, as atividades são feitas pela associação.

A divulgação da associação e eventos é feita de boca a boca, redes sociais como Whatsapp e Facebook. O grupo já se apresentou em diversos locais como a PUC Minas em Belo Horizonte e outros. A respeito da continuação do grupo, Júlio já treina alguns alunos para atuarem como instrutores. O galpão da Fundação Internacional Artes das Gerais fica na Rua Vitória 232, bairro Nova Vista, no Serro - MG. O contato do monitor Júlio César é (38) 99860-4826. A seguir fotos do grupo.



Figura 9.132 – Roda de capoeira no galpão da Fundação de Capoeira Artes das Gerais.

(Fonte: Arquivo da Fundação Internacional Capoeira Artes das Gerais)



Figura 9.133 – Cartaz do II Festival de Capoeira no Serro e Logotipo da Fundação Internacional Capoeira Artes das Gerais.

(Fonte: Arquivo da Fundação Internacional Artes das Gerais.)



Figura 9.134 – Grupo de Capoeira Fundação Internacional Artes das Gerais a esquerda e entrevista com Júlio César a direita.

#### 9.7.5.4 Entrevistado: Paulo Sérgio Torres Procópio – Grupo Iúna Angoleiros do Cerrado – GIAC Capoeira de Milho Verde

Paulo Sérgio Torres Procópio é engenheiro no Serro e professor de física do Ensino Médio. Ele relembra que aprendeu capoeira em 1977, com Paulo Brasa, em Ouro Preto. Brasa ficou em Ouro Preto por cinco anos e ensinava capoeira lá. Naquela época, observa Procópio, não existia assim uma diferença tão forte entre o estilo da capoeira angola e regional. Depois Brasa mudou de Ouro Preto, mas o grupo que tinha formado continuou e o grupo foi aos poucos diminuindo até parar.

Essa época coincidiu quando Procópio se formou em engenharia e logo após formar ele mudou para o Serro. Na cidade, Paulo Procópio começou a trabalhar com um grupo e foi desenvolvendo a capoeira.

*“Meu trabalho com capoeira aqui não é novo, nós tivemos uma primeira atuação na década de 90 e fizemos alguns alunos. Hoje o Júlio que coordena o grupo de capoeira regional aqui, ele começou aprendendo com a gente, só que hoje não pratico mais capoeira regional” (ENTREVISTADO PAULO PROCÓPIO).*

O Grupo Lúna Angoleiros do Cerrado - GIAC foi fundado em 2013, com a chegada em Milho Verde de um discípulo do mestre Primo, o professor Danilo, do grupo lúna de Belo Horizonte, eles formaram uma associação que é uma espécie de sequência do lúna de Belo Horizonte. Danilo já possuía uma Associação em Belo Horizonte chamada: Educação e Cultura. Após sua mudança para Milho Verde, ele mudou o nome e o endereço da associação para Milho Verde, passando a se chamar Associação Lúna Angoleiros do Cerrado- GIAC, com o objetivo de difundir e divulgar a capoeira no distrito.

O grupo está bem vinculado às tradições ensinadas pelo mestre Pastinha, como a questão da ancestralidade, da africanidade, dos ensinamentos passados de geração em geração. Com relação à música, muitas são da cultura negra, inclusive sendo algumas de domínio público que podem ser encontradas no samba de roda. Paulo explica que a música fala muito do momento o que está acontecendo:

“Não bata na criança, que a criança cresce”. Você está jogando com um menino e o mestre canta isso. Então tem várias coisas: --- “Dá no nego, dá no nego, você não dá, chora menino, chora menino, quer dizer tudo isso tá muito ligado ao que tá acontecendo no jogo” (ENTREVISTADO PAULO PROCÓPIO).

Sobre a organização da roda de capoeira, ele explica que o estilo adotado é a angola. A capoeira só forma roda quando está com a bateria completa, têm que ter o tambor e atabaque, os dois pandeiros, um ré e um agogô, três berimbaus: o viola, o médio e o gunga que geralmente ficam na mão do mestre ou instrutor.

*“A roda começa sempre com uma ladainha, todo mundo cantando a ladainha. E depois faz a louvação, no momento da louvação o tambor começa a tocar a ladainha e aí terminou a ladainha, vamos dizer assim, o mestre libera o jogo, os capoeiristas tão ali ajoelhados no pé do berimbau, e a partir daí o jogo é livre. Evidentemente que a coordenação é toda do mestre e aí o jogo segue e via de regra, o mestre dá uma parada na cantoria na roda chama os capoeiristas pra fazer a troca de instrumentos de forma que todo mundo possa jogar. E aí normalmente ele começa de novo, começa a ladainha e entra e o ritmo vai acelerando no final e vai jogando dois, três capoeiristas, encerra e troca de novo, até o adeus, adeus que festeja o final da roda” (ENTREVISTADO PAULO PROCÓPIO).*

A respeito do preconceito, ele afirma que ainda existe, por causa do mito da história que a capoeira tem origem na malandragem. Atualmente Paulo é monitor do grupo e desenvolve o trabalho de forma voluntária com adultos. Os treinos acontecem regularmente duas vezes por semana, as terças e quartas-feiras de 18h30m as 20h00m, no galpão do lúna, em Milho Verde. Além de Milho Verde, ele também trabalha com jovens da comunidade Quilombo do Baú.

Os incentivos financeiros que o grupo consegue ocorrem mediante a aprovação de projetos. Sobre o apoio da prefeitura, ele afirma que das vezes em que procurou o órgão sempre obteve ajuda, seja no transporte ou de outra forma.

Sobre a participação em eventos, o grupo já recebeu convites de órgãos públicos e privados. Todos os anos eles participam do Encontro Cultural de Milho Verde, já participaram da Comemoração de 80 anos do IPHAN, entre outros eventos.

O logotipo do grupo tem como base uma roda de capoeira que foi feita em frente à Igreja de Milho Verde, e embaixo tem a logo do lúna. O grupo segue o mestre Primo que mora em BH, mas vem regularmente ao Serro e também desenvolve trabalhos em Ouro Preto.

Para Paulo, a capoeira é praticamente um modo peculiar de vida, porque envolve a forma como você lida com as pessoas, tradições, o conhecimento dos limites, o respeito, o nível espiritual, enfim tudo. Segundo o entrevistado, a capoeira é uma mistura de arte, dança, técnica e luta; porque só consegue se praticar a capoeira se tiver domínio da técnica, e a técnica que você aprende é de luta, de resistência. Enquanto a arte é tudo nela, ou seja, está na dança, no toque, na música e no comportamento, é uma vivência.

As atividades do Grupo lúna Angoleiros do Cerrado - GIAC acontecem em diferentes espaços de Milho Verde e Serro. O trabalho do grupo desenvolve-se de forma rotativa, não ficando limitado apenas a sua atuação em Milho Verde. O contato do monitor Paulo Sérgio Torres Procópio é (38) 99967-5681. O entrevistado concedeu entrevista no dia 21/03/2019, na Secretaria de Turismo, no Centro do Serro.



Figura 9.135 – Entrevista Paulo Procópio a esquerda e cartaz do I Encontro de Capoeira Angola e Roda dos Saberes a direita.



Figura 9.136 – Grupo lúna Angoleiros do Cerrado em Milho Verde.  
(Fonte: Arquivo do grupo lúna.)

#### 9.7.5.5 Entrevistado: Flávio Augusto de Miranda Santos – Capoeira Serro

Flávio Augusto de Miranda Santos, 30 anos, Operador de Máquinas e Graduado como Monitor de Capoeira. Começou a praticar capoeira desde o ano de 2012. Sua motivação pela capoeira se deu ao conhecer a prática, que o tornou um apaixonado pela mesma.

Ao contar um pouco sobre o histórico do grupo, hierarquia e o funcionamento do seu trabalho, ele diz:

*“A Sede Central que é lá em Betim, o mestre Chocolate que coordena. E tem as filiais que estão em várias cidades. Dentro do Cais da Bahia como monitor e com a supervisão de um graduado a gente pode dar aula. Eu estou aqui na supervisão do mestre Pastor” (ENTREVISTADO FLÁVIO AUGUSTO).*

Flávio diz que sua história sempre se desenvolveu no Cais da Bahia, e que nunca passou por outro grupo. O estilo de capoeira praticado por ele é o regional, capoeira essa que vem da linhagem do Mestre Bimba. Para montar a roda, reúnem-se os alunos para o aquecimento posteriormente acontece o treino com os instrumentos e jogo na roda.

Perguntado como é controlada a vez de cada um na roda, Flávio conta que:

*“É a vez de um jogo de compra né? Entrou dois para jogar, corta, compra. É um jogo explosivo da capoeira regional” (ENTREVISTADO FLÁVIO AUGUSTO).*

O grupo, que conta com apenas sete integrantes, iniciou as atividades em fevereiro deste ano de 2019, período em que o graduado começou a passar o treino aos alunos. Os encontros do grupo acontecem todas as sextas à noite e aos sábados pela manhã, sempre no Clube.

Segundo o entrevistado, o grupo Cais da Bahia, criado pelo Mestre Chocolate, recebe esse nome em homenagem aos navios que chegavam ao porto do Cais e da Bahia. O grupo, cuja Sede situa-se no município de Betim – MG é registrado e possui um logotipo que é usado nas camisas dos praticantes. Existem também diversas filiais espalhadas por outras cidades.

As atividades do grupo são divulgadas por meio de Flyers, Facebook, Whatsapp e em cartazes. A população do Serro tem demonstrado interesse nas atividades.

O grupo ainda não recebeu incentivo da prefeitura, uma vez que as atividades foram iniciadas em fevereiro deste ano. As apresentações em eventos culturais públicos e privados acontecem tanto no Serro quanto em outras cidades, e até mesmo nas cidades que tem o Cais da Bahia.

Os tipos de músicas e ritmos que o grupo utiliza é o Ritmo São Bento Grande da Capoeira Regional. É um ritmo mais acelerado para o jogo continuar explosivo. Acompanham ainda instrumentos como berimbau, atabaque, pandeiro e agogô. Indagado sobre qual a contribuição que o grupo traz para manter a capoeira, Flávio diz:

*“A gente segue o mestre, que vem da linhagem dos mestres mais antigos. E a tradição vem passando de mestre para contramestre, professor, monitores e para os alunos também” (ENTREVISTADO FLÁVIO AUGUSTO).*

Flávio considera a capoeira uma espécie de luta, uma mistura de arte e técnica. Treina seus alunos para que eles possam ser monitores no futuro e enfatiza que a capoeira contribui para a amizade e convívio. “É como se fosse uma segunda família” conclui.

Por fim, ao ser perguntado sobre o que poderia ajudar na divulgação do grupo ou mesmo algo que o grupo estivesse precisando ele responde:

*“Tudo. Mas principalmente porque têm alunos carentes, apoio psicológico, o próprio abadã, transporte para visitar outras rodas, e conhecer outras cidades através da capoeira” (ENTREVISTADO FLÁVIO AUGUSTO).*

O entrevistado concedeu-nos entrevista em 23/03/2019, no Clube Ivituruí, local de treino do grupo, que fica na Rua Fernando Vasconcelos, n.º 142, no centro do Serro. O telefone para contato é (38) 9969-8609.



Figura 9.137 – Entrevista com Flávio Augusto.

#### 9.7.5.6 Entrevistado: Ramilton da Silva Araújo – Produtor de queijo

Ramilton da Silva Araújo tem 56 anos e é produtor rural no município do Serro. Ele inicia a entrevista contando que aprendeu a produzir queijo com o pai, sendo o aprendizado uma herança de família. Em seguida, ele resume como é o processo de produção de queijo:

*“Depois que você tira o leite, você põe o coalho e deixa alguns momentos. Depois de uma meia hora ... a quarenta minutos, você vai e corta a massa, deixa mais uns quinze minutos pra fazer o queijo. Depois você vira ele, unta ele, deixa ele na banca. Depois você vai tirando...” (ENTREVISTADO RAMILTON ARAÚJO).*

Segundo ele, o processo é rápido e conta com a utilização do “Pingo”.

Sobre o segredo do sabor do queijo do Serro, o Sr. Ramilton destaca que o queijo do Serro é gostoso, possui uma textura macia quando é colocado na boca, e que outros queijos artesanais das proximidades tem uma textura muito dura.

Questionado se essa diferença está no tipo de leite das vacas ele responde que isso depende do pasto, “porque se você põe as vacas num capim mais novo, o capim gordura, não sei se você já ouvi falar..., o leite é um, se você colocar na braquiária é outro.” No caso do senhor Ramilton, já foram utilizados os dois tipos de capim, ou seja, uma mistura.

Quanto ao quesito legislação do queijo Minas Artesanal, ele informou que no momento não está produzindo o queijo, porque está aguardando a liberação da fiscalização e que atualmente está atuando na criação de cavalos.

Perguntado sobre a quantidade produzida, preço, distribuição e faturamento, o sr. Ramilton explicou que na época de chuvas a produção é bem maior que na época da seca. O queijo artesanal vendido entre 12,00 e 14,00 reais é distribuído na região mesmo e o faturamento varia entre R\$ 1.500,00 a R\$ 2.000,00, dependendo da disponibilidade dos pastos e da época do ano. Complementa observando que é muito difícil ter inspeção ou fiscalização da qualidade.

No mês de maio, acontece no Serro, a Festa Agropecuária da qual ele participa, juntamente com outros produtores rurais. A festa Agropecuária conta com barraquinhas, leilões e outras atrações. Existe ainda o concurso para escolha do melhor queijo, no qual são reunidos diversos produtores e escolhidos os melhores queijos.

Por fim, ele esclarece que não produz mais queijo para vendas, porque o retorno financeiro não compensa, e que ele tem um casal de filhos que apenas estudam e não se envolvem com a produção

rural. O entrevistado pode ser encontrado na Fazenda Olhos d'Água, zona rural do Serro, seu telefone para contato é (38) 99963-1009. Ele concedeu-nos entrevista no dia 22 de março na Secretaria de Turismo no centro do Serro.



Figura 9.138 – Entrevista com Ramilton da Silva Araújo.

#### 9.7.5.7 Entrevistado: Wânio da Conceição Moreira – Sineiro Serro

Wânio da Conceição Moreira, aposentado, 69 anos, concedeu a entrevista em sua residência no centro do Serro e contou que começou a tocar o sino entre treze e quatorze anos de idade com José Olímpio, antigo sineiro do Serro, na igreja do Matozinhos. Além de José Olímpio, seu irmão Joaquim, conhecido como Charrua, também tocava.

Ele relembrou que na época antiga havia vários sineiros na cidade, hoje não tem ninguém, somente ele. Segundo o senhor Wânio, “na cidade tem um menino Bebeto que está tentando aprender, no entanto não vingou”. Ele chegou a dar um curso para formação de novos sineiros e conforme relatado, “mas o pessoal não quer saber”.

*“Dei o curso, com apoio da prefeitura durante dez dias e foram seis pessoas interessadas, mas eram crianças e não conseguiram tocar, pois os badalos dos sinos pesam aproximadamente 20 quilos. Para tocar os sinos tem que tocar o grosso com a mão direita e o fino com a esquerda, e os dois tem que ter sons e toques diferentes. A pessoa tem que ter uma coordenação e um ouvido muito bom. Os meninos não aguentavam tocar os sinos, fui tentar ensinar na igreja da Santa Rita, porque o badalo lá é menor e mais leve, mas só este Bebeto que conseguiu mais ou menos. Meu filho de 16 anos sabe uns dois toques, mas tem uns dez tipos diferentes. No mais, não tem ninguém interessado” (ENTREVISTADO WÂNIO MOREIRA).*

Ele relatou que se houvesse mais divulgação talvez tivessem mais interesse. “Hoje os meninos estão interessados em ter um celular bom, internet. As coisas antigas o povo não dá valor, não interessa. Mas se tiver um incentivo, talvez apareça alguém”.

Quando questionado sobre se poderia ensinar alguém a tocar o sino respondeu:

*“Seria um sonho pra mim, porque eu acho muito ruim acabar com a tradição uma coisa que a gente aprendeu com muito carinho. Eu gostaria sinceramente de ensinar e que alguém aprenda pra não deixar acabar, porque daqui um tempo não vai ter sineiro mais” (ENTREVISTADO WÂNIO MOREIRA).*

Ele toca o sino de forma voluntária, em qualquer uma das igrejas da cidade: Matriz de Nossa Senhora da Conceição; Nossa Senhora do Carmo; Senhor Bom Jesus de Matozinhos; Santa Rita; Nossa Senhora do Rosário; Capela de São Miguel. E recordou que:

*“Antigamente o meio de comunicação era o sino, se morria uma pessoa era o sino, se alguém importante morresse todos os sinos tocavam ao mesmo tempo. Chamava o povo pra igreja tudo era pelo sino” (ENTREVISTADO WÂNIO MOREIRA).*

Hoje na cidade só existe ele como sineiro, que só toca os sinos em épocas de festividades. Ele também nos informou que o sino da Igreja Nossa Senhora da Conceição está rachado e não toca mais.

Sobre o toque de Ângelus respondeu: *“Acabou, hoje só toca quando tem festa, por exemplo: Festa do Rosário, Festa do Divino e São Sebastião”*. Questionado sobre até quando o toque existiu, nos informou que já tem uns quinze a vinte anos que parou de tocar, pois foram morrendo os sineiros e acabou o interesse dos jovens de aprenderem e completou:

*“Antigamente os pais obrigavam a gente a aprender as coisas, nos obrigava a ir à igreja. Todo mundo tem tempo para tudo, mas não tem tempo pra Deus. Fica de três a quatro horas num show, mas não fica uma hora na igreja. Antigamente, rezávamos o terço, todo dia íamos à missa. Hoje não tem ninguém pra tocar”* (ENTREVISTADO WÂNIO MOREIRA).

Explicou que existe diferença do toque fúnebre quando se trata de homens, mulheres ou criança, o toque masculino e no sino maior mais agudo grosso, da mulher é mais grave fino e das crianças fino repicado. Explicou também que se tocava o sino quase todo dia, o primeiro toque avisando que tinha missa, o segundo toque chamando pra igreja e o terceiro na hora da missa. E que existe toque para chamado de missa, missas para procissão, toques para anunciar a morte de alguém, e toques festivos. E que no Serro, só tem dois sinos na maioria das igrejas, um mais fino e outro mais grosso.

Sobre a competição de toques entre sineiros nos relatou que no Serro não existe, mais já foi convidado para participar em São João Del Rei, mas não quis participar, pois afirmou que está ficando velho, mais caseiro, mais quieto. Porém explicou que existe o aplicativo: Sons do sino e que ele participou do projeto e além das entrevistas tem a gravação dos toques de sino que ele executa.

Relembrou que antigamente as pessoas se orientavam pelo toque dos sinos, mas agora só é usado nas festas. E confirmou o dito popular que diz: *“Quando o sino toca, Deus escuta a prece com mais atenção”*.

A respeito da torre na igreja do Rosário que foi desmanchada pelo IPHAN por descaracterizar o patrimônio e o sino foi colocado no piso da igreja, Wânio disse que: *“O sino foi roubado, já foi recuperado, mas agora está numa nova torre paralela à igreja, e agora lá tem três sinos, porque quando o sino estava sumido usou esses dois.”*

Esclareceu ainda que, no Serro, não existe o uso de equipamentos eletrônicos que reproduzem o som dos sinos.

Quando questionado sobre alguma lembrança especial ao tocar o sino respondeu:

*“Eu me lembro de tocar o sino quando o padre Joviano morreu lá no Santo Antônio do Itambé, fui lá tocar e por incrível que pareça foram duas ocasiões de tristeza: quando meu pai morreu eu também toquei o sino pra ele. E um momento de felicidade e alegria foi quando o Sino do Rosário chegou, eu toquei no outro sino pra anunciar a chegada dele”* (ENTREVISTADO WÂNIO MOREIRA).

O entrevistado pode ser encontrado no endereço: Travessa da Saudade n.º 302, perto da Igreja do Rosário. O telefone para contato é (38) 99801-2399 ou (38) 98806-0897.



Figura 9.139 – Entrevista com o sineiro Wânio.

#### 9.7.5.8 Entrevistado: Vavá – Sineiro do distrito de Milho Verde

Lourival de Jesus Santos, conhecido como Vavá, sineiro, 59 anos, trabalha com reciclagem e também é percussionista no grupo de Catopê e Caboclo. É uma figura muito conhecida no distrito. Para encontrá-lo é necessário procurar pelas ruas do distrito principalmente próximo a Pousada Milho Verde, onde costuma ficar. A entrevista foi realizada no bar do Rosário. O Senhor Vavá contou que aprendeu a tocar o sino com o marido da dona Geralda, o já falecido Senhor Geraldo Miúdo que era o antigo chefe da marujada.

Questionado sobre a possibilidade de ensinar alguém a tocar o sino, Vavá relatou: *“Hoje em dia, os jovens não querem aprender a tocar o sino porque acham que quem toca não casa”* se referindo a ele que não casou, mas completou: *“Acho que é mentira, pois aprendi com o Sr. Geraldo Miúdo que era casado”*. Mas afirma que ensina para quem quiser aprender.

Ele toca o sino de maneira voluntária e atualmente é o responsável pelo toque dos sinos em Milho Verde. Explicou que na quaresma não está tocando o sino, mas fora da quaresma, ainda toca nas festas ou para chamar as pessoas para a missa das 07h00m e das 18h00m e que, fora da quaresma não existe o toque Ângelus no distrito.

Senhor Vavá explicou que os toques dos sinos são diferentes. Quando morre uma pessoa, se for homem começa com o sino grosso, porque o homem tem a voz mais grossa; se for mulher começa com o toque mais fino pela voz mais fina; quando é criança o toque é repicado e só pode ser tocado, se a criança for batizada, senão for batizada não tem toque. Disse ainda que o toque do sino quando morre uma criança parece dizer: *“Não chora não, que eu vou para o céu.”* Quando o toque é para anunciar missa e festa o som é repicado.

No distrito existem duas igrejas: a Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Prazeres é a Igreja que possui dois sinos na torre lateral e também foi o local de batismo da Chica da Silva, e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, que possui dois sinos na torre central. O entrevistado pode ser encontrado na Pousada Milho Verde na Rua do Cruzeiroinho, n.º 350, Milho Verde- MG, ou perambulando pelas ruas do distrito.



Figura 9.140 – Entrevista com Vavá Sineiro e a Capela do Rosário em Milho Verde.

#### 9.7.5.9 Entrevistado: Alcides Antônio dos Santos do Grupo de Folia de Reis do Córrego da Prata no Serro

Alcides Antônio dos Santos, 72 anos, é o responsável pela Folia de Reis. Trabalhador rural começou a participar de grupos de folia quando tinha 18 anos tocando violão. Atualmente ele também toca caixa, sanfona, cavaquinho, canta como contralto afirma que só não consegue fazer a voz fina de quinta.

O grupo de folia sai no dia 05 para o dia 06 de janeiro, mas o grupo se reúne logo após o Natal para ensaiar. A folia simboliza a procura dos reis pelo menino Jesus e por isso tem a música que fala: *“Viajaram treze noites e descansaram doze dias.”*

O nome do grupo é Grupo Folia de Reis do Córrego da Prata e possui dois uniformes, um com camisa de manga comprida e outro com camisa cinza de malha. E na folia não existe a figura dos reis, ela é composta pelos tocadores de violão, caixa, sanfona, cavaquinho e os cantores. Eles saem de casa em casa na região e no asilo da cidade. Os instrumentos são dos próprios integrantes que se reúnem para comprar a sanfona.

Durante a entrevista, o Senhor Alcides relatou que o grupo não recebe nenhum apoio a não ser o transporte para ir tocar no asilo. Todos que participam fazem porque gostam e no grupo também participam jovens.

Esta folia é uma tradição de família, segundo seu Alcides, a folia começou com os membros da família no passado. Ele se lembra dos seus tios e avós dançando, por isso, começou e hoje, é o responsável. Hoje seu filho, João Paulo, também é membro.

A folia é muito bem aceita na região e há muitos anos que mais de cem pessoas acompanham o grupo. E no ano passado, o grupo se dividiu em dois, pois eram muitos. O grupo também atende convite de pessoas que querem a folia na sua casa e também da prefeitura. A apresentação no asilo é todo primeiro domingo após o dia 06 de janeiro. Para o Sr. Alcides participar da folia proporciona uma lembrança muito forte do nascimento do menino Jesus, uma tradição e devoção aos três reis magos.

O grupo, ainda toca na festa de São Sebastião, em 20 de janeiro e na festa do Divino Espírito Santo, em junho, 50 dias após a Páscoa, no Corpus Christi, ligadas as festividades da igreja Católica na região.

Sr. Alcides também desfila no grupo de congado como Marujo desde os 22 anos, tocando violão e agora está fazendo parte do comando, juntamente com o Sr. Joaquim. Mas relatou que só participa da festa do Serro, pois como mora na roça é difícil o transporte.

Para ele, participar dos Marujos e da Folia é uma vocação, além de fazer o que gosta, ele também está envolvido com a fé, não é só festa e espiritualidade, é fé.

Além da participação nos grupos, ele produz uma deliciosa geleia caseira, receita que aprendeu com uma moradora do Serro. Essa receita é de produção artesanal, sendo tradicional na região. Devido à dificuldade em conseguir o mocotó do boi, ele fabrica esporadicamente. Para fazer 08 geleias são necessários 04 mocotós, leite, rapadura e açúcar. *“A fabricação dá muito trabalho e não dá lucro”*, observa. O entrevistado pode ser encontrado no Córrego da Prata, na zona rural do Serro. O telefone para contato é (38) 99943-6092.



Figura 9.141 – Apresentação da folia no asilo.

Fonte: Arquivo do asilo da cidade.



Figura 9.142 – Vídeo com a apresentação da Folia (Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado) e a entrevista com Sr. Alcides.

#### 9.7.5.10 Entrevistado: Jadir Canela – Caixa de Assovio e Boi Balaio

Sr. Jadir Pereira da Fonseca, também conhecido por Jadir Canela, nasceu em 29/07/1935, tem 83 anos, é carpinteiro, e é uma figura importante na festa do Rosário do Serro, pois ele é o responsável pela Caixa de Assovio e pelo Boi Balaio há mais de quinze anos. Anteriormente o Sr. Jadir participava da festa como marujo, batendo os toquinhos e atualmente está com a caixa de assobio, a qual ele se refere com a flauta. Relembrou que hoje nos marujos muitas pessoas participam, porque antes na época dele eram só trinta pessoas. Na época de Geraldo Nazário eram só os adultos que desfilavam e hoje tem crianças e jovens. A marujada não é uma tradição familiar. Embora ele participe seus filhos não participam, só seus netos: Diego e Rodrigo.

A festa começa com a matina às 05h00m da manhã na porta da Igreja do Rosário, onde eles entram na igreja rezam o rosário e saem com a caixa de assobio, formadas por duas flautas ou pífanos, e duas caixas comandadas pelo Sr. Jadir Canela.

Segundo relatado eles são acompanhados por cerca de 300 a 400 pessoas dependendo do movimento da festa, eles vão cantando e agradecendo todo trajeto. Da igreja eles vão visitar 06 pessoas que são os festeiros do ano, os juizes e o rei e a rainha da festa “*liberando eles para iniciar a festa*” e passam no João Nepomuceno onde tem uma mesa de café da manhã para os participantes. O final do cortejo acontece no Hotel Dona Tuca por volta do meio dia, local em que por tradição se matam novilhos, porcos, e a carne é distribuída juntamente com cobertores para os mais pobres, pois a festa é em julho e faz muito frio nessa época do ano.

Toda a tradição da festa está descrita no estatuto da festa que pertence a Irmandade do Rosário (Cláudio) ou da Associação do Congado (Rubens).

O Boi Balaio saía na festa do Rosário no dia do Mastro, no sábado à tarde, quando os dançantes vão à paisana e o boi comandava a festa que segundo o Sr. Jair começou com o Sr. Geraldo Pacheco. O boi saiu pela cidade dançando juntamente com os carneirinhos da foto. O boi saiu pela última vez em 2012. Recentemente a tradição acabou, porque as pessoas não querem sair com os trajés.

Duas caixas marcam o início da festa, os integrantes usam o uniforme da Irmandade que é roupa social, gravata e chapéu de palha. Para a continuidade da tradição da caixa de assobio, o Sr. Jadir informou que está treinando seu neto Rodrigo, para ajudar o Robinho, tio dele, que já toca a flauta.

Para ele, fazer parte da festa é participar da sociedade, mas preocupa-se com o futuro da festa porque está ficando cansado e mais velho.

Ele aprendeu a tocar flauta com o Sr. Geraldo Nazário há cerca de vinte e cinco anos com uma flauta de cano PVC negra. E a caixa de assobio foi passada pelo Sr. Joaquim Gordura, Geraldo Valente, todos já falecidos. Este ano vão sair ele e Robson (Robinho) nas flautas; Evandro (do morro) e um dos meninos de Nelson nas caixas. No domingo da festa sai um cortejo com os festeiros, juizes, rei e rainha, todos eles saem debaixo de guarda-chuvas.

Para o agradecimento da mesa, eles cantam a música de São Benedito:

*“São Benedito sua casa cheia  
Senhor de cravo e a flor da laranjeira  
Lá vem São Benedito, lá vem saindo cá pra fora  
Receber o martírio rei da glória”  
(CÂNTICO SR. JADIR).*

E para Nossa Senhora na hora de entrar nas casas:

*“E nos valei Nossa senhora...  
Põe benção nesta festa...”  
(CÂNTICO SR. JADIR).*

Como carpinteiro é ele que faz os arcos dos Caboclos com a madeira tambu, e os adereços da Cruz do Rosário. Além de comandar a festa do Judas na Semana Santa.

No domingo de Páscoa acontece a Queima do Judas na Praça Adelardo Miranda, no pau de sebo (pedra de sabão moída com graxa), ficam dois seguranças do dinheiro do pau de sebo, um homem vestido de mulher (Joviano) puxando o cavalo do Judas, um quebra balão de balas com amendoim. Porém, faz três anos que isso não acontece por falta de incentivo. Ele afirmou que a pior parte é ter que pedir ajuda, pois ele vê pessoas negando e para ele na idade que está se sente decepcionado. O Sr. Jadir Canela pode ser encontrado no endereço: Rua Adelardo Miranda, no bairro Bota Vira, no Serro.



Figura 9.143 – Caixa de Assobio e Boi Balaio na Festa do Rosário do Serro.

(Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado)



Figura 9.144 – Entrevista com Sr. Jadir Canela.

#### 9.7.5.11 Entrevistados: Nelson Eugênio da Silva e Nelson Eugênio da Silva Júnior– Catopê Serro

A entrevista foi feita com todo grupo, onde os entrevistados foram: Sr. Nelson (pai Turunga) 61 anos, Nelson (filho - Bolacha) 30 anos, Leonardo (Lili), Anderson (Dico) 34 anos e Wellington (Bolota).

Os integrantes do grupo iniciaram suas participações com a idade aproximada de 04 anos. Sobre os temas hierarquia, organização e funcionamento da festa, Nelson Júnior relata que:

*“Na verdade, a festa é em julho, no primeiro domingo de julho. Tem os ensaios que começam antes. Um mês antes quando tem reunião com a turma, dá início ao ensaio. No ensaio é falado o horário de saída e o horário de chegada. Antes tem uma mesa que é uma reunião com a presidência da irmandade. Aí tem voto, que é uma eleição feita pelos irmãos do Rosário aqui da igreja pra decidir quem vai ser o rei e a rainha, juiz, juíza, do ano atual e quem vai pegar pro próximo ano. Através disso aí vem o Mastro. Antes tem a Cruz, tem a festa de Santa Cruz, depois é realizado o Mastro que é no sábado onde começa a festa. De sexta pra sábado tem a Matina, que é o início da festa, de sexta pra sábado. No caso, a matina começa às 5h00m da manhã de sábado que começa a festa. Aí a noite é o Mastro que dá início a festa. No sábado a gente sai sem a farda, já no domingo sai fardado” (ENTREVISTADO NELSON JUNIOR).*

Ainda completa falando sobre a importância do Grupo Catopê do Serro:

*“(..), é o mais importante da festa porque nós saímos às 5h00m da manhã e começamos a juntar o reinado, o rei e a rainha, fazem um encontro. Chega um certo horário tem a missa na igreja, depois da missa tem uma barraca festeira que tem um almoço que serve pros dançantes e de tarde outra missa. No caso, aí tem a procissão do Mastro” (ENTREVISTADO NELSON JUNIOR).*

O grupo possui em média 50 pessoas. O senhor Nelson (pai) ocupa a posição de Chefe, Nelson Júnior é o herdeiro da ocupação de chefe, Leandro, Anderson e Wellington são caixeiros. Vale informar que as funções dentro do grupo são: chefe, contra-chefe, caixeiro, dançantes e os primeiros da fila são chamados matinadores, sendo esses últimos os responsáveis por ordenar a fila. Os participantes são de vários lugares da região.

O Catopê do Serro não tem uma Sede para realizar os ensaios e/ou reuniões. Os ensaios acontecem em um galpão emprestado pela comunidade. Os demais assuntos e reuniões são tratados na residência do Nelson Júnior, onde o mesmo possui um Ateliê. Abaixo seguem fotos:



Figura 9.145 – Igrejinhas construídas com caixas de leite (Fonte: Ateliê Nelson Júnior).

Senhor Nelson conta sobre a história do grupo e como entrou no grupo dos Catopês:

*“Pra mim significa muita importância, muita fé. Porque meus pais, meus avós todos participavam. E eu cresci dentro do Catopê. Eu andava era carregado. Todas as viagens que nós fazíamos pra apresentar fora eu era carregado. Meu ex-sogro que é avô deles (os filhos), por parte da mãe deles me carregava e tudo. (...), o Geraldo Valente era um grande chefe da Caixa de Assovio também. A mesma idade, eu fico olhando foto deles e lembrando, que a mesma idade que eu entrei no Catopê eles (os filhos) entraram também. Então eu batia caixa, mas após os chefes irem morrendo, foi morrendo um, morrendo outro, morrendo um, morrendo outro, aí só sobrou só Geraldo Valente, Amantino e o Sr. Jadir Canela. Aí chegou uma época que teve um festeiro na rua debaixo, logo acima ali donde vocês viraram o carro, tinha um festeiro ali. Aí Geraldo Valente pegou e me entregou a caixa. Meu pai já tinha falecido. E o que comandava já tava bem decadente e pegou e falou comigo: oh Turunga! Porque eles me chamam de Zé Turunga, por conta do meu pai. Aí falou comigo: você tem a voz boa! Vai lá no meio lá e faz igual seu pai fazia! E puxa e puxa lá, põe pra ver. E eu acanhado (...). Aí eles ficaram empurrando, empurrando e aí eu animei. Animei entrei lá no meio e batendo na caixa e puxei uma conversa, puxei o verso: Ave Maria e tudo, tal e coisa. Daí, desse dia em diante e faltando uns três dias pra festa, eles me coroou como chefe. E através de mim, os outros foram se interessando, aí eu pus meu irmão, que é assim de família pra família né. Meu irmão passou muitos anos ao meu lado. Aí ele veio a falecer e ficou só eu. Aí aquilo me deu uma recaída, porque sozinho força muito. Minha mãe sempre ficou do meu lado, porque ela era a Rainha do Congo. Aí eu vi que chegou um ponto que andei sobrando de saúde e a gente não pode ser egoísta e eu pensei: eu tenho o prazer de ver esses meninos (filhos) com responsabilidade, eu vou passar pra eles, porque eu gosto muito. Aí eu passei pra ele (Nelson Júnior), mas sempre estou ao lado dele também. Sempre que tem alguma coisa que ele (Nelson Júnior) não sabe sou obrigado a passar pra ele. Mas não com egoísmo. Depois como compreendeu os companheiros. Os companheiros (irmãos) também o compreendem, porque hoje é diálogo, porque a gente tem que ter diálogo com as pessoas. Às vezes até saber também alguma diferença das pessoas né. E o que acontecem muito na dança, por causa de um trem à toa, evitar briga, uma confusão. Isso aí a gente tem que tá muito atento porque é muita gente né. Eu me sinto muito honrado dele ter aceitado e assumido. Só de estar do meu lado no grupo, só isso pra mim já é uma felicidade. Meu pai morreu em 1970 e eu conheci ele. Desse tempo pra cá, após meu pai morrer, foi morrendo os chefes e o último chefe mais velho, morreu aqui e eu tava em Belo Horizonte, e não pude nem ver ele. Eu tava largando serviço, tava no ponto do ônibus lá no Vagalume, lá na Olegário Maciel, pegando o ônibus pra ir pra casa quando o dono do Vagalume conversando comigo, falou que ele tinha morrido” (ENTREVISTADO SR. NELSON).*

Os entrevistados demonstram uma grande vontade em continuar as atividades e afirmam que somente Nossa Senhora do Rosário é a referência religiosa que eles têm, porque a festa é toda realizada em prol dela.

Os integrantes do grupo já se apresentaram várias vezes em outras festas que foram convidados, a exemplo das festas de Conceição do Mato Dentro, Diamantina, São Gonçalo, Ausente, Três Barras, Belo Horizonte, Contagem e Betim.

Gabriel, o neto do Sr. Nelson, integra o grupo desde muito pequeno, sendo ele o único da sua geração com vocação para dar continuidade às atividades.

Perguntados sobre a significação do Catopê para eles, o grupo de entrevistados manifestam com diversas colocações:

*“Assim, num modo de pensar, vamos dizer assim, é uma coisa que serve até pra refletir a mente da gente também né. Serve para demonstrar pras pessoas de fora, pros meninos de escola que estão começando agora que é um trabalho. Os professores perguntam... é bom também. A festa é a melhor coisa que tem. A tradição... essa coisa de festa é muito importante. Momento de ver os amigos que moram fora. Ver as pessoas, bater um papo” (GRUPO DE CATOPÊS).*

A música tem diversos significados na tradição e nas atividades dos Catopês, conforme descrito a seguir:

*“As letras das músicas são bonitas. Tem música de quando está saindo com a rainha da casa dela, pro juiz, na hora da despedida do café da manhã, pra cada um tem uma música. Tem música da entrada quando você chega à casa do festeiro” (FAMÍLIA DE CATOPÊS).*

O grupo tem diversas músicas de composição própria. Algumas delas foram transcritas no livro: Festa do Rosário do Serro, de Márcia Clementino Nunes, lançado em dezembro de 2018.

Quanto à possibilidade de saírem do grupo, são unânimes em expressarem que só saem se não estiverem aguentando mesmo, pois quando não participam, por algum motivo, sentem muita falta. Todavia, por ser uma tradição de família, têm ciência de que o abandono leva ao fim da tradição.

Questionado sobre o significado de estar no grupo, o Sr. Nelson afirma:

*“Pra mim significa muita coisa, porque eu tenho muita fé. Eu tenho um menino que é deficiente. E a irmã dele que mora em Betim, minha menina, ficou com ele doente muito tempo e sem descobrir que ele era deficiente. Aí o que aconteceu, após isso aí, eu fui pra casa pra não discutir, porque descobri que ele tava cego e não podia andar. Eu fiz um voto para Nossa Senhora do Rosário. Eu pedi a ela que se ele não tivesse a possibilidade de andar, pelo menos a visão. Fiz a foto dele e pus nos pés de Nossa Senhora do Rosário. Minha mulher levou ele nos pés de Nossa Senhora do Rosário e hoje agradeço a ela porque hoje ele enxerga. Eu tenho muita fé. Muita fé mesmo” (ENTREVISTADO SR. NELSON).*

Ainda de acordo com o grupo, a festa reflete a cultura africana e seus antepassados, de forma que o grupo do catopê representa o berço dessa cultura. Por fim, o grupo informa que recebe ajuda financeira para compra de materiais. A irmandade que faz o repasse para o grupo, após levantar as necessidades do mesmo, por meio de uma lista que consta todo o material indispensável. No momento da entrevista, o grupo não estava carente de nenhum material, porém quando a turma aumenta, eles precisam de sapatos e tecidos para confeccionar as roupas dos eventos. Os entrevistados e a família podem ser encontrados no Beco do Cesário. O telefone para contato com o entrevistado é (38) 99820-5285.



Figura 9.146 – Catopês do Serro.

As fotos mostradas anteriormente são algumas demonstrações da beleza histórica e cultural dessa manifestação de dança de congado e religiosa:

- A foto 1 mostra um participante com a vestimenta típica (Fonte: site <http://livrozilla.com/doc/129304/%E2%80%9Cserro--cidade-encantada-que-parou-no-tempo...%E2%80%9D-sylvio-de/>);
- A foto 2 é o Nelson Júnior com 4 anos de idade participando do grupo de catopês (Fonte: Arquivo Pessoal do entrevistado);
- A foto 3 é Festa de Nossa Senhora do Rosário - grupo de catopês (Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado);
- A foto 4 é uma estampa que representa a alegria da manifestação cultural através das cores e desenhos (Fonte: Página do Facebook sobre os catopês do Serro - <https://www.facebook.com/catopesdoserro/>);
- A foto 5 é o Grupo de catopês desfilando (Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado);
- A foto 6 é a entrevista com o Senhor Nelson e todos os membros da família que participam do catopê;
- A foto 7 mostra outro participante com a vestimenta típica (Fonte: Página do Facebook sobre os catopês do Serro - <https://www.facebook.com/catopesdoserro/>) e
- A foto 8 mostra o desfile dos catopês na festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos através do trio com trajes típicos (Fonte: site [http://www.descubraminas.com.br/Cultura/Pagina.aspx?cod\\_pgi=1754](http://www.descubraminas.com.br/Cultura/Pagina.aspx?cod_pgi=1754)).

#### 9.7.5.12 Entrevistado: Agnaldo de Oliveira Pereira (Naninho) do Grupo dos Caboclos – Serro.

Agnaldo de Oliveira Pereira, tem 35 anos, é pintor e filho de pai congadeiro. Iniciou no Grupo dos Caboclos como Caciquinho aos 14 anos de idade e atualmente é o Chefe dos Caboclos. A prática do congado é uma herança de família.

Segundo Agnaldo, o grupo que tem 300 anos de existência e tem como referência religiosa apenas Nossa Senhora do Rosário. O grupo não tem logotipo. Agnaldo também não sabe dizer quem fundou o Grupo dos Caboclos e se o mesmo tem registro na história do Congado.

Perguntado sobre o que grupo faz para manter e perpetuar a tradição do congado, Agnaldo diz que: “A gente está sempre correndo atrás das pessoas pra manter mesmo o grupo.” Afirma também que há um envolvimento dos jovens para perpetuar a tradição e que a guarda sempre se apresenta em Ouro Preto, Rio de Janeiro e nos distritos do Serro.

Agnaldo se emociona ao dizer que o Congado é tudo para ele. Despertando nele um sentimento de paixão, de tudo. Para ele, o congado não tem relação com a cultura africana ou com os antepassados.

O Grupo possui dançantes adultos e mirins, sendo que o grupo de adultos conta com 60 integrantes e o grupo mirim não foi informado, por desconhecimento do entrevistado.

Questionado como é a festa no Serro da qual o grupo participa, Agnaldo resume da seguinte forma: “A gente sai... tem cortejo de manhã pra missa das dez horas. Tem um cortejo pra procissão e na segunda-feira tem outro pra gente fazer as visitas nas casas dos festeiros.”

Na casa dos festeiros é ofertado lanche, almoço ou outros, conforme o horário da visita. Agnaldo ainda informa que muito antes dele ser chefe, o Grupo dos Caboclos era chefiado por José Rabelo. Insistindo na pergunta sobre o registro do grupo, ele diz: “*Em mãos, eu não tenho. Só se o presidente, o Rubens, tem.*”

Por último, ele informa que o grupo recebe incentivo da prefeitura para fazer a festa e reforça, apenas para a festa. O incentivo financeiro é repassado direto da prefeitura para o presidente, Sr. Rubens.

O entrevistado concedeu a entrevista no endereço: Rua Dr. Simão s/n o local é a sede do congado, próximo ao depósito da Loja Primavera. O telefone para contato é (38) 9883-0099.



Figura 9.147 – Da esquerda para direita: Multidão na porta da Igreja de Nossa Senhora do Rosário; Apresentação do grupo de caboclos e Embaixada dos caboclos e marujos na Festa do Rosário do Serro.

(Fonte: Arquivo pessoal do grupo de caboclos)



Figura 9.148 - Entrevista com Agnaldo de Oliveira chefe dos caboclos.

#### 9.7.5.13 Entrevistado: Joaquim da Silva e Jerlysson da Silva- Grupo Folclórico Marujada de Nossa Senhora do Rosário do Serro.

Joaquim da Silva possui 72 anos, é católico e aposentado, recebeu-nos em sua residência no dia 21 de março de 2019, na Rua Pouso Alto n.º 219, bairro Gama. Ele começou a dançar no congado em 1960, no grupo dos catopês, depois em julho de 1961 dançou com os marujos, e em agosto de 1961, em Sabinópolis, foi promovido a chefe dos marujos. Ele lembra que quando entrou quem comandava o grupo era José Fernandes Rabelo, apelidado de Zé Doutor. José Rabelo passou o comando para o Sr. Joaquim ainda em vida, tanto que o uniforme de Joaquim era igual ao do comandante.

Para conseguir dançar na festa do congado, o Sr. Joaquim relembra que teve que falar que era promessa, pois, na época, não era permitido à participação de pessoas brancas na marujada, apenas negras.

“No primeiro ano, nos catopês me deixaram dançar só um dia. Quando foi no outro ano, nos marujos deixaram eu dançar de novo porque eu falei que era doença e promessa para Nossa Senhora do Rosário. E com muito custo deixaram” (ENTREVISTADO Sr. JOAQUIM DA SILVA).

Depois disso, o Sr. Joaquim não parou mais, em 1961 o Manezinho do Morro, que era capitão de mar e guerra, passou o seu uniforme de capitão para o Sr. Joaquim o que causou muita confusão na época. Mesmo inconformado com a atitude de Manezinho do Morro, José Rabelo permitiu que ele assumisse o posto de capitão de mar e guerra.

A origem dos marujos do Serro, segundo o Sr. Joaquim, remonta há mais de 300 anos de existência, sendo considerado o grupo mais antigo da região. O uniforme da marujada antes era o saiote. A partir de 1935 que o uso do saiote foi abolido e passaram a usar calça branca, figurino presente até hoje. Os marujos representam a marinha e historicamente a esquadra portuguesa na luta contra os mouros. Por esse motivo, o uniforme da fila é igual ao da Marinha e os do comando são idênticos ao da esquadra portuguesa.

Os instrumentos dos marujos são: violas, violões, cavaquinhos, bandolins, banjos, agogôs, xique-xiques, pandeiros, reco-recos, castanholas e caixas de couro. São comandados por oito chefes: comandante geral; almirante; subcomandante; almirante-de-esquadra; vice-almirante, contra-almirante, capitão de mar e guerra; capitão-de-fragata; capitão-de-corveta e capitão-tenente.

Dentro da guarda existe uma hierarquia que é respeitada: tem almirante, capitão de mar e terra, que é o mesmo comando que tem na marinha, tem capitão de fragatas, capitão de cornetas, tenente e soldado. Primeiramente, todos entram como soldados e depois vão subindo de patente, assim como no comando da Marinha. São figuras importantes na marujada: o Calafatinho e o Mané Macimbaque são escolhidos pelo presidente da Associação ou da Irmandade.

A festa de Nossa Senhora do Rosário no Serro ocorre no primeiro final de semana de julho. Os ensaios para a festa começam em meados de junho. Ele explica que os ensaios servem não só para treinar a música e a dança, mas também para ensinar sobre comportamento.

*“O ensaio não é só pra ensinar as músicas, mas também o comportamento. Para as pessoas saberem se comportar, não ter que chamar atenção na frente dos outros” (ENTREVISTADO Sr. JOAQUIM DA SILVA).*

Além de saírem na festa, a guarda também sai no dia de Nossa Senhora do Rosário em 07 de outubro. Outra festa que participam é a de Santa Cruz no primeiro sábado de maio, mas nessa não usam trajes, vão à paisana.

De acordo com Joaquim, o grupo marujada do Serro foi registrado em cartório em 06/05/1997 e conta com 78 integrantes. Em março de 2002, foi registrada também a guarda feminina do grupo Folclórico com 54 integrantes. Essa guarda feminina desfila em grupo separado dos homens, para não ferir a tradição e o artigo n.º 06 da Associação dos Condados das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário do Serro que proíbe a participação como marujo do sexo feminino junto com o masculino.

Infelizmente devido aos custos financeiros, nem todos os integrantes desfilam na festa. A última verba recebida pelo grupo foi em 2008, pelo Ministério da Cultura. A prefeitura ajuda o grupo todo o ano com alguma coisa. “No ano passado, fizemos o desfile com 95 pessoas, porque não tivemos condições de ter mais gente. O presidente da associação do congado está lutando para nos ajudar” frisou Sr. Joaquim.

Para manter a tradição do grupo, existe a guarda mirim formada por crianças. No grupo de mirins também existe hierarquia e patentes que são seguidas. Jerlysson da Silva, filho do Sr. Joaquim e atual comandante da guarda, contou que começou a participar ainda criança no grupo dos mirins:

*“Eu comecei a participar com dois anos de idade, na época com dois anos de idade, você vai porque tão te incentivando. Quando eu comecei a entender mesmo as coisas, comecei entender o que era e a participar porque eu gostava, aí não larguei nunca mais. E pra mim é a melhor coisa, quando eu tô trabalhando igual eu tava em Conceição, eu já organizo as minhas coisas, já organizo minha folga. Já organizo tudo para na festa do Rosário eu poder participar” (ENTREVISTADO JERLYSSON DA SILVA).*

O grupo já se apresentou em diversas localidades por meio de convite como Montes Claros, Timóteo, Virginópolis, Belo Horizonte, Dom Joaquim, Conceição do Mato Dentro, São Gonçalo do Rio Abaixo, Rio das Pedras e Santo Antônio do Norte. Para participar de outros eventos, o grupo conta com o apoio no transporte, alimentação ou com os uniformes, por parte de quem convida.

O congado significa muito para o Sr. Joaquim. “É uma família, mexeu com um, mexeu com todos”, enfatiza. A festa de Nossa Senhora do Rosário no Serro é uma manifestação tradicional que todos os anos movimenta o turismo na cidade.

Sr. Joaquim nos contou que escreveu um relato histórico da marujada com tudo que apurou nos oito dias que ficou pesquisando na biblioteca estadual Luiz de Bessa, da Praça da Liberdade, em Belo Horizonte.

De acordo com o relato do Sr. Joaquim, o grupo da marujada do Serro é o mais antigo e tradicional da região, pois existe há dois séculos. Os primeiros uniformes eram boinas brancas e azuis, camisas coloridas e saiotes de várias cores da preferência dos marujos. Só os comandantes que usavam calças compridas e camisas de manga longa na cor branca e capacetes diferentes dos demais da fila. Esse tipo de traje foi usado até 1934. Em 1934, José Rabelo recebeu o comando da marujada de seu pai Sr. Jacinto Rabelo.

Na festa do Rosário, a marujada é a última ala a desfilar, sempre mais próxima da imagem de Nossa Senhora do Rosário, e ao Reinado do Congado, sendo considerada a “Guarda de Honra” de Nossa Senhora do Rosário. O entrevistado nos concedeu entrevista em sua casa no endereço: Rua Pouso Alto n.º 219, Bairro Gama. O salão sede da guarda fica dentro da própria casa do Sr. Joaquim, local que eles usam para ensaiar. O telefone de contato do entrevistado é: (38) 98814-4443.



Figura 9.149 – Da esquerda para direita: Grupo de Marujos, Cartaz Festa de Nossa Senhora do Rosário do Serro - MG 2018 e Festa de Nossa Senhora do Rosário julho de 2018.

(Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado)



Figura 9.150 – Entrevista com Sr. Joaquim e Jerlysson da Silva.

#### 9.7.5.14 Entrevistado: Dione Raimundo Fabiano – Marujada Milho Verde

Dione Raimundo Fabiano, 26 anos, aposentado devido a uma cirurgia cardíaca, nos contou que dança a Marujada, em Milho Verde, desde os 07 anos de idade. E completou “*Meu avô dançava, meu pai e meus dois irmãos dançam também. Seu Geraldo Miúdo que já faleceu que era um dos chefes, o filho dele Walmir é chefe, mas não dança*”. Ele é o atual chefe há cerca de sete anos, e relata que:

*“Estamos passando por situações muito complicadas, até mesmo críticas das pessoas que cobram muito da gente, mas ajudar que é bom ninguém ajuda. Sem incentivo, nenhum. Como a gente se mantém? Estávamos sem farda, sem roupa pra dançar e fomos convidados para uma festa em São Gonçalo do Rio das Pedras. Eu fui e me perguntaram quanto iria cobrar pra dançar e Dona Cleudinha fez 10 fardas, a prefeitura do Serro doou 25 pandeiros. O grupo eram em torno de 35 dançantes, na época, eles eram os chefes, eu era apenas um aprendiz, saiu uma verba de 85 mil reais e a verba não foi investida no grupo, não foi usada para compra de material, para dar acabamento ao galpão da associação que era pra está pronto pra receber as pessoas que vem de fora. Esta verba ficou entre eles (houve um desvio) e nisto acabou a Marujada, ficou muito tempo parada. Mas como meu avô gostava muito, há sete anos eu assumi como chefe e continuamos dançando, aprendi muito com o meu avô e seu Geraldo mesmo depois que aconteceu isto aí, e antes dele falecer me colocou como chefe acima do filho dele. Hoje somos em torno de 20 dançantes, dançamos porque amamos, por carinho, porque gosta de fazer, em questão de roupa e material estamos em falta. Agora vamos dançar em uma festa em Três Barras e o pessoal lá vai dar uma ajuda que vamos reinvestir no grupo” (ENTREVISTADO DIONE RAIMUNDO).*

Relatou que atualmente a associação da Marujada e do Catopê está parada. Geralmente quando vem verba volta, pois não há projetos, que a atual presidente é a dona Geralda, esposa do Sr. Geraldo Miúdo e pontuou:

*“Muda o presidente mais é uma burocracia danada, o que queremos é que quem assuma seja da marujada, porque perdemos a confiança. Pra você ver o nível já chegou gente aqui me oferecendo fazer projeto de 30 mil reais pra eles ficarem com 10 e eu com 20 sem fazer nada. Eu falei que não aceito, por que senão como fico no grupo? Isso acaba com a história. Agora eu estou passando pra um dos meus irmãos, para ser o contra chefe comigo que chama Lucas e os demais são dançantes” (ENTREVISTADO DIONE RAIMUNDO).*

A Marujada de Milho Verde não tem logotipo, entretanto existe há mais de 100 anos. Ela está registrada, mas sem atividade, Dione nos confidenciou que:

*“Teve uma mulher, uma tal de Vanessa que trabalhava na prefeitura do Serro e me falou que iria nos ajudar e fazer um projeto. Ela me pediu fotos, documentos, assinaturas participantes e nunca mais voltou. Isto já tem uns dois anos e não tocou mais no assunto, nem devolveu as fotos. Só que depois que ela veio aqui, com quinze dias ela comprou um carro pra ela, mas como se diz: --- Não se deve brincar com dinheiro de santo. Uma semana depois o carro bateu, capotou e acabou o carro. Só sabemos que o marido também era da associação do Serro e não sabemos mais nada” (ENTREVISTADO DIONE RAIMUNDO).*

O grupo se reúne durante a festa de Nossa Senhora do Rosário no final de setembro e vão cantando com os reis no sábado e domingo o dia inteiro, tem o café da manhã, o almoço e a janta. Também participam das festas de São Sebastião no dia 24 de janeiro, e antigamente da Festa do Cruzeirinho, que era em junho, mas a festa não existe desde 2014. Também são convidados para dançar em locais próximos como São Gonçalo do Rio das Pedras, Três Barras, Serro e região.

*“Ano passado fomos convidados para dançar, mais eles mandaram um tecido péssimo não dava pra fazer nada, devolvi pro Walmir não sei se ele devolveu. O tecido era pra fazer farda, mas não deu. Eu falei que sem a farda a gente não iria comparecer, sem a farda não tem condições, não vamos sair em Milho Verde pra passar vergonha no Serro, pois só temos dez fardas” (ENTREVISTADO DIONE RAIMUNDO).*

Relatou-nos que manter e perpetuar a tradição é difícil, pois não tem apoio, nem fardas, porém a cada dia chegam mais crianças que querem participar, porém nós não temos como atender. E enfatiza:

*“Mas lidar com criança é muito mais fácil que lidar com adultos, as crianças querem aprender. Os mais velhos depois que aconteceu este negócio da verba, desanimaram todos. Hoje entramos em acordo de fazer uma nova reunião e estou tentando puxar eles de volta, e mostrar que mudou, não existe este negócio de antigamente de eu sou o chefe, todos nós somos. É uma nova geração, tentando construir um novo legado” (ENTREVISTADO DIONE RAIMUNDO).*

Sobre o significado da Marujada em sua vida responde:

*“Pra mim é tudo, significa tudo. Aprendi que existe as diferenças entre os Catopês que representam os negros, os Marujos, os Brancos e os Caboclos, os índios, e que cada um tem seu papel na festa. E na hora da dança tem a resenha, a resenha é um tipo de canto que conta história de quem tirou Nossa Senhora do Rosário de dentro do rio. Antigamente, era muito difícil tinha rixa entre os grupos (Catopês, Marujos e Caboclos) um colocava veneno na comida do outro, por causa de briga. Mas hoje em dia é tranquilo. Mas os Catopês estão passando por dificuldades, porque só tem um chefe que sabe de tudo e não passa pra ninguém. Infelizmente se ele se for, vai acabar tudo. Ele não passa pra ninguém (nos grupos, a hierarquia é respeitada). Ele teve interesse de passar pra mim, no entanto, eu não posso aprender os Catopês, se eu sou da Marujada. Eu que sou da Marujada sei cantar mais que os dançantes deles do Catopê, uma situação difícil. E os Caboclinhos são as meninas de Nossa Senhora do Rosário que é mais recente, porém tem suas dificuldades. O congado é muito importante principalmente pra mim, devido minha condição do coração, ao esforço que não poderia fazer mais insisto com os meninos: --Vamos lá, nem era pra eu está aqui. Vamos lutar, vamos lutar. A parte da fé é o seguinte só de eu estar aqui contando é um milagre, nem era pra eu estar aqui. Estar ali representando pra Deus é tudo, congado é tudo pra nós, representa muita coisa, tradição muito antiga os familiares participavam” (ENTREVISTADO DIONE RAIMUNDO).*

Ao ser questionado sobre a participação do grupo e o significado da música, da fé e dos elementos da cultura africana, quais elementos são esses e que sentimentos despertam respondeu:

*“Antigamente eram só três chefes, hoje, todos nós que dançamos são chefes também, não importa a idade todos participam e lutam juntos. Quando eu estou lá no meio dos companheiros passando o que eu sei, quando estamos juntos cantando, isto mexe muito com a gente, relembra meu avô e a paz e imensa, não tem como comparar a fé, entrar na igreja cantando, recebendo aplausos, sendo parabenizado pela sociedade, mesmo com as críticas deles que eles têm o direito de falar. O pessoal mais velho tem direito de falar e isso pesa, a gente escuta beleza, nos retribuimos com nosso melhor que é dançar e cantar nós fazemos isto. Todos que estão dançando comigo, fazem porque gostam por amor, não por dinheiro. Em primeiro lugar não pensam nisso. Todos estão de parabéns. O que eu sei é que desde que sou chefe, tudo cai em cima de mim, as críticas vêm em cima de mim. Eles fizeram um vídeo este ano aí e colocaram na casa da dona Geralda lá. Ficamos um ano sem dançar, devido a perda do meu avô e de um dançante muito importante pra marujada na semana da festa, a marujada não saiu na festa de 2017. Teve as críticas nesta filmagem falando que os dançantes de hoje em dia não querem nada com nada, que antigamente era melhor, mas quem fala as críticas não sabe o que estamos passando no dia a dia, os ensaios, se temos um pandeiro, uma farda, um couro para a caixa se tem local pra ensaiar. Mas então respondemos as críticas deles com a melhor*

*apresentação dia 24 de janeiro agora. E todos saíram das casas deles e nos aplaudiram, filmaram, então respondemos as críticas fazendo o que a gente gosta. Não vamos entrar em conflito com o pessoal mais velho jamais, não compensa e eles pensam o que quiser. A Marujada antiga acabou agora é uma nova geração, mas quase todos são da minha família., Cada um tem seu lugar e pra cada música tem uma resposta, não é só música, tem um significado, uma espécie de rixa, cada um apresenta sua parte, cada um tem uma resposta adequada, só que poucos sabem e pensam que é só música. E a Marujada sem o Catopê não tem graça e vice-versa” (ENTREVISTADO DIONE RAIMUNDO).*

O entrevistado concedeu-nos entrevista em sua casa em Milho Verde. O telefone de contato é: (38) 98817-3964.



Figura 9.151 - Entrevista Dione, chefe dos Marujos de Milho Verde.

#### 9.7.5.15 Entrevistada: Aparecida do Rosário Ferreira Montemor, chefe da guarda de congado “Meninas do Rosário do Serro e Milho Verde”.

Entrevista realizada na casa da chefe do grupo em 20 de março de 2019, no Serro, com a Sra. Aparecida do Rosário Ferreira Montemor, 54 anos, dona de casa, chefe da guarda Meninas de Nossa Senhora do Rosário de Milho Verde e Serro, grupo dos caboclos, conhecida como “caboclinhas”. A manifestação ocorre na igreja de Nossa Senhora do Rosário no Serro e também na igreja de Nossa Senhora do Rosário em Milho Verde-MG.

Aparecida nos contou que começou no congado, em 2006, porque seu cunhado fundou um grupo de congado só com meninas da região, mas depois diante das dificuldades em saber lidar com as meninas, acabou largando. Então ela assumiu o grupo e manteve a tradição de trabalhar só com as meninas. Na chegada das meninas, nas celebrações elas entoam o cântico:

*“As meninas do Rosário chegam aqui nesta morada, vem trazendo a bandeira da poeira da estrada, O divino Espírito Santo veio em forma de um pombinho, quer entrar em sua morada abençoar os seus filhinhos” (TRECHO CANTADO POR DONA APARECIDA EM ENTREVISTA).*

Antes, ela explica que o grupo era conhecido como “Caboclinhas de Nossa Senhora do Rosário”, porque utilizavam penas nas vestimentas e arranjos. No entanto, como é alérgica as penas, ela decidiu tirar as penas e substituir por uso de chapéus e tiaras. As roupas e adereços são confeccionados e produzidos por ela mesma. Quanto a apoio e recursos financeiros, a guarda não recebe o apoio da prefeitura e vive de doações e da ajuda das pessoas da comunidade.

Até 2012, o grupo era conhecido como “Caboclinhas”, depois ela batizou como “Meninas de Nossa Senhora do Rosário do Serro e Milho Verde”. O nome do grupo faz referência a Nossa Senhora do Rosário, porque ela é a protetora e padroeira do Serro e de Milho Verde.

As integrantes do grupo são católicas. A maioria das letras cantadas durante as celebrações são feitas pela própria Dona Aparecida. Algumas são feitas por outras pessoas que colaboram como o trecho cantado abaixo, feito por Dona Cida de Milho Verde, para coroação das meninas:

*“Nossa Senhora do Rosário, virgem santa poderosa, livra todos do consumismo, do desemprego e do individualismo. Acabe mesmo com a fome, com os vícios, com o desemprego e com os desperdícios. Eu quero ver o meu mundo alegre sem violência e sem egoísmo. Eu quero ver as famílias unidas, o povo com fé e com humanismo. Nossas meninas vieram aqui te coroar, te festejar, te homenagear, aqui diante desse seu altar, oh mãe querida proteja este grupo, esta cidade, este país” (CÂNTICO DE COROAÇÃO A NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO).*

Além de cultuarem Nossa Senhora do Rosário, elas têm devoção por outros santos como: São Sebastião, Nossa Senhora de Fátima, Santa Luzia, Santo Expedito e tem músicas para todos os santos.

Indagada sobre o significado do congado, Dona Aparecida reflete sobre a manifestação:

*“Ixe maria estar ali é tudo, é uma força tão grande não sei explicar. Nossa Senhora do Rosário tem uma força tão grande, que se eu falar com você que ela me mostra as coisas antes de acontecerem. Teve uma vez que a gente tinha que ir a Sabinópolis e tinha que ir a Diamantina, só que meu coração não pedia pra ir pra Sabinópolis, e eu tô assim: -- Oh meu Deus, o que eu vou fazer. E eu não conseguia rezar, porque tem uma oração que a gente reza que se tiver que acontecer alguma coisa, se eu tropeçar nessa reza é porque vai acontecer. E eu rezava uma, duas e três vezes, e eu tropeçava na reza. Ai pedia Nossa Senhora do Rosário pra me ajudar, se tiver que acontecer uma coisa ruim não deixa eu ir, me desvia. E o pessoal de Diamantina queria que a gente fosse em Sabinópolis e eu tinha acertado de ir, e eu não quis ir para Sabinópolis e fui pra Diamantina. Você acredita que teve uma brigaiada lá neste dia, que até incendiar um ônibus eles incendiaram e teve até tiro no meio da festa. Imagina se eu estou com essas meninas lá? Foi um livramento. Então, ela tava me falando que alguma coisa ia acontecer nesse lugar, só que eles ficaram com raiva de mim e não me chamaram mais” (ENTREVISTADA APARECIDA DO ROSÁRIO).*

Para ela, o momento de maior felicidade da festividade é quando termina tudo e a trança está certa.

*“Eu não sei te explicar quando a gente termina, tem tudo no grupo, mas se errar a trança não fica feliz. A felicidade é quando termina a festa e tudo foi perfeito, não tem ninguém machucado, nem com raiva, ninguém triste. Ai sim é missão cumprida” (ENTREVISTADA APARECIDA DO ROSÁRIO).*

Atualmente o grupo está parado, devido a problemas de saúde e a falta de estrutura e incentivo para poder continuar. Dona Aparecida enfatizou que tem diabetes, seu marido é idoso e está doente, e que não tem mais estrutura para continuar. Antes, seu filho Diego participava como caixeiro principal, ela fazia a letra da música e ele tocava. Entretanto, no ano passado Diego teve depressão, e ela não teve como continuar.

*“Sem meu menino na caixa, porque ele conhece o toque só de olhar, sem apitar, só de fazer assim com o dedo ele já sabia qual que eu queria, porque os toques têm nomes: Toque São Sebastião, Nossa Senhora do Rosário tem três toques, tem do Santo Expedito. Não precisava nem de apitar, só de olhar. Eu olhava a imagem, olhava pra ele, ele já sabia qual era” (ENTREVISTADA APARECIDA DO ROSÁRIO).*

Aparecida revelou que pretendia voltar com o grupo assim que Diego melhorasse, no entanto, desenvolveu diabetes e desde então sente dificuldades para continuar. Ela ressalta que gostaria que tivesse alguém para poder passar toda a tradição e dar continuidade ao grupo.

*“Eu queria muito que alguém pegasse, que alguém fizesse, que chega uma hora que eu não vou aguentar. Essa parte da diabetes é muito ruim, na mesma hora que você tá bem, você começa a suar, você começa a tremer e dá um trem ruim” (ENTREVISTADA APARECIDA DO ROSÁRIO).*

Sobre a participação do grupo em outras localidades ela afirma que já participaram de festas em diversas localidades: Três Barras, Capivari, Diamantina, Sabinópolis e Alvorada. Ela destaca que as meninas são obedientes e treinadas, e o que ela combina com as meninas elas cumprem. No total são 44 meninas. No momento, ela pensa numa alternativa para continuar com o grupo, mas se apresentando só em locais

próximos: no Serro, Milho Verde e arredores. A entrevistada pode ser contatada pelo telefone: (38) 98809-6663.



Figura 9.152 – Dona Aparecida do Rosário na festa em Milho Verde.

(Fonte: Arquivo pessoal de Dona Aparecida)



Figura 9.153 – Dona Aparecida do Rosário em entrevista concedida para o estudo.

#### 9.7.6 Considerações Finais

Percebe-se que as manifestações dos grupos de congados no Serro possuem tradição e história que remontam há mais de 300 anos. Com a tradição passada de geração a geração desde cedo, as crianças passam a frequentar os ensaios do grupo e começam participando da guarda-mirim. E à medida que vão crescendo vão subindo de hierarquia nos grupos.

A festa do Rosário no Serro apresenta uma riqueza cultural muito grande que é representada pelas guardas que constituem a celebração: os catopês, os marujos e os caboclos. Os catopês representam os negros, os marujos, os brancos e os caboclos, os índios.

O evento mescla diversos rituais religiosos como novenas, missas e procissões com elementos folclóricos como: danças, músicas e desfiles de grupos. Os elementos indumentários são próprios de cada grupo: vestes, acessórios, cantos, músicas, cada grupo cria uma forma de representação que comunica e se apropria de narrativas dos antepassados que lhe é peculiar. Mas todos os rituais emergem da lenda de Nossa Senhora do Rosário sendo retirada das águas pelos escravos negros.

A festa do Rosário surgiu como possibilidade para os escravos, negros, expressarem sua cultura celebrando a devoção por Nossa Senhora do Rosário. Além de participarem da Festa de Nossa Senhora do Rosário do Serro, muitos grupos se apresentam também em outros locais próximos como Milho Verde, Três Barras, Diamantina, entre outros.

Com relação à participação nos grupos, a maioria foi categórica em querer continuar e preservar a tradição. Porém relatam que esbarram em dificuldades como a falta de recursos e o apoio financeiro para dar continuidade às festividades. Em Milho Verde, a situação do grupo de catopês, coordenado pelo Sr. Ivo corre risco de desaparecer porque o chefe dos catopês recusa-se a passar os ensinamentos para as gerações seguintes, fato relatado pelos entrevistados. Embora o Sr. Ivo não tenha nos concedido entrevista, essa informação nos foi confidenciada por outros entrevistados.

Atualmente o toque dos sinos é uma das manifestações que pode com o tempo acabar se extinguindo devido à falta de interesse de novos aprendizes para exercer a função, assim como a chegada de novas tecnologias que aos poucos vão substituindo antigos hábitos.

Quanto ao modo artesanal de fazer queijo, observa-se que o cuidado com a pastagem, a preparação da massa, o coalho e principalmente o pingo são considerados os grandes diferenciais do sabor especial e indiscutível do queijo do Serro. O queijo contribui com 60% da renda do município. Em média são produzidas cerca de 10 toneladas por dia. A Cooperativa de produtores do queijo do Serro reúne 70 produtores registrados no IMA- Instituto Mineiro de Agropecuária e é o maior coletivo de queijos artesanais do Brasil.

Para os entrevistados capoeiristas, a capoeira representa um modo de vida, um ensinamento, uma vivência. O trabalho dos grupos desenvolve-se de forma rotativa, ou seja, não fica limitado apenas a atuação no município, participando e apresentando-se também em outros eventos. Embora no Serro, não exista a presença de mestres de capoeira, a continuidade dos grupos ocorre por meio do trabalho de instrutores e monitores que atuam como professores. Nesse contexto social, a capoeira significa mais do que uma forma de lazer, mas um meio para que os jovens possam se livrar da violência e das drogas.

Nota-se que independentemente da operação do empreendimento, se não houver incentivo e interesse dos participantes, todas as manifestações correm o risco de acabar, pois estão intimamente ligadas a ação das pessoas que concretizam a manifestação. O desenvolvimento de um trabalho em parceria com a administração municipal com o objetivo de incentivar ações e apoiar projetos no sentido da transmissão do saber do ofício de sineiro e o modo de fazer queijo artesanal, além do fornecimento de subsídios como no transporte e despesas com trajas serviria para auxiliar na preservação do congado e da capoeira, seria interessante para estimular a participação do público serrano na manutenção de sua tradição e história.

Destaque para a inserção, como medida de mitigação, de Programa de Educação Ambiental, o qual deverá considerar de forma ampla este estímulo na manutenção de tradições e história da região.